

LEGENDS

# STAR WARS™

JAMES LUCENO

DARTH PLAGUEIS



The image features a black background filled with numerous small, white, star-like specks of varying sizes, creating a starfield effect. In the center of the image, the words "STAR WARS" are written in a bold, white, sans-serif font. The word "STAR" is positioned above "WARS", and a small trademark symbol (TM) is located at the end of "WARS".

**STAR  
WARS™**

JAMES LUCENO

# STAR WARS™

DARTH PLAGUEIS

TRADUÇÃO  
CAIO PEREIRA



*Para Howard Roffman, cuja inteligência,  
sagacidade crítica e orientação vigorosa  
ajudaram a moldar esta história.*

## NOTA DOS EDITORES

O universo de STAR WARS é infinitamente rico e criativo. Desde 1977, inúmeros planetas, raças alienígenas e personagens vêm despertando a imaginação de fãs do mundo inteiro. A ideia de expandir um universo ficcional, embora não seja nova, ganha novas proporções com STAR WARS. O livro *STAR WARS: from the adventures of Luke Skywalker*, novelização do Episódio IV da saga, foi lançado em 1976, antes mesmo da estreia do filme no cinema. E, antes do final da trilogia clássica, já existiam diversos quadrinhos e romances, que muitas vezes davam sinais dos caminhos a ser seguidos depois nas telas, ou mesmo, como no caso do livro *Splinter of the mind's eye*, de Alan Dean Foster, diferiam completamente da trajetória seguida nas continuações. Esse era apenas um prelúdio da força que o Universo Expandido de STAR WARS acumularia nas décadas seguintes.

Embora outras rarefeitas obras tenham sido lançadas no início dos anos 1980, dois marcos importantes deram impulso à saga, projetando-a ao atual ousado projeto transmídia: em 1987, veio o lançamento do RPG *STAR WARS: The Roleplaying Game*; em 1991, a publicação de *STAR WARS: Herdeiro do Império*, de Timothy Zahn. Enquanto a importância do RPG foi estabelecer novos cenários e trazer detalhes do universo de STAR WARS, o livro de Zahn fez história ao ser o primeiro com autorização oficial da Lucasfilm para abordar os acontecimentos posteriores ao Episódio VI. Os personagens e as histórias do livro foram aproveitados por toda uma nova geração de autores, que escreveram centenas de obras a fim de complementar cada vez mais esse universo e saciar a sede dos fãs, especialmente durante o intervalo de quinze anos entre os lançamentos das duas trilogias no cinema – e também depois.

Em 2014, a Lucasfilm lançou o novo conceito de STAR WARS, aplicável a filmes, HQs, livros, videogames e séries televisivas relacionados à franquia, formando um só cânone. Juntos, todos esses registros contam uma única história no universo de STAR WARS, complementando e continuando os filmes lançados no cinema entre 1977 e 2005, além de servirem como preparação para os tão esperados novos filmes, a começar com *STAR WARS: O despertar da Força* em 2015. Todas as obras publicadas antes de 2014 passam a ser classificadas como Legends: histórias que não serviram como base para o cânone estabelecido pela Lucasfilm para STAR WARS, mas cuja importância e cuja qualidade continuam sendo apreciadas.

Participando dessa nova e empolgante fase de STAR WARS, a Editora Aleph pretende lançar todos os romances adultos do novo cânone, bem como uma seleção dos títulos Legends mais relevantes. Convidamos os leitores a embarcar conosco nessa jornada rumo a uma galáxia muito, muito distante.

E trata-se de uma viagem que não tem ponto de partida nem direção definidos. Não importa por qual obra você decida começar, seja por uma das novas ou uma das Legends. Temos a certeza de que viverá uma grande aventura.

Que a Força esteja com você.

EDITORA ALEPH

## SUMÁRIO

Nota dos editores

Prólogo

Parte Um. Alistamento - 67-65 anos antes da Batalha de Yavin

Capítulo 1. O submundo

Capítulo 2. A paisagem interior

Capítulo 3. Lamuriosa

Capítulo 4. O significado da morte

Capítulo 5. Volta para casa

Capítulo 6. A lua do caçador

Capítulo 7. Onde sempre estiveram

Capítulo 8. Vítimas do próprio equipamento

Capítulo 9. Reservas virgens

Capítulo 10. O ciclo da violência

Capítulo 11. Avatar da mortalidade

Capítulo 12. Seduzido pelo lado sombrio da Força

Parte dois. Aprendiz do poder - 54–52 anos antes da Batalha de Yavin

Capítulo 13. Cavaleiros na tempestade

Capítulo 14. A forma da sombra

Capítulo 15. Porção de ser

Capítulo 16. Corajoso como o amor

Capítulo 17. Dias de vinho e indecência

Capítulo 18. Esquivar primoroso

Capítulo 19. Os testes

Capítulo 20. O Círculo Oblíquo

Capítulo 21. Posse

Parte três. Maestria - 34–32 anos antes da Batalha de Yavin

Capítulo 22. Seres comuns

Capítulo 23. Sob o sol da meia-noite

Capítulo 24. Sith'ari

Capítulo 25. O charme discreto da meritocracia

Capítulo 26. Sua natureza básica

Capítulo 27. Calibrações

Capítulo 28. Corrente de comando

Capítulo 29. A Força contra-ataca

Capítulo 30. Tirando o futuro do presente

Epílogo

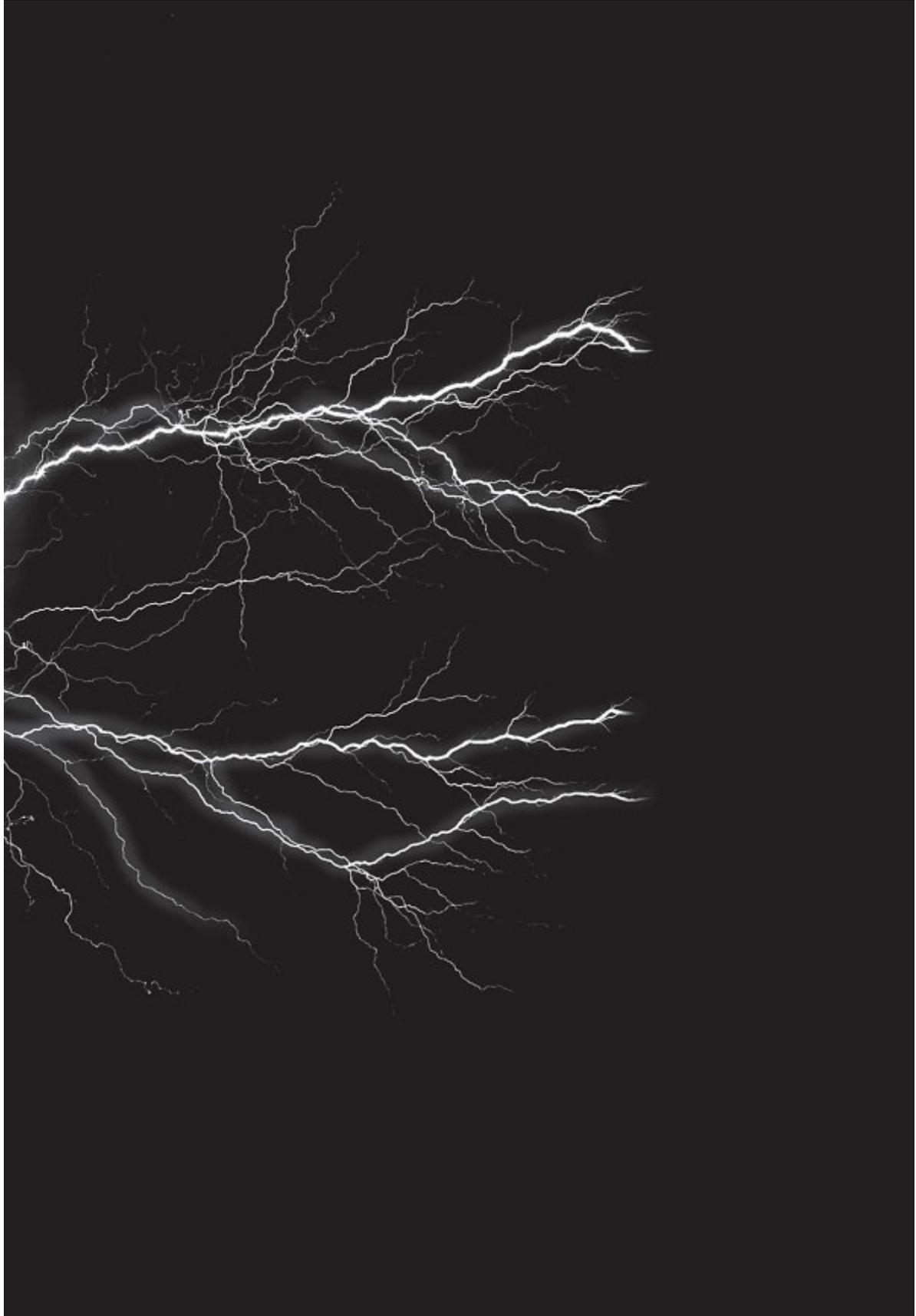
Entrevista com James Luceno

Créditos



HÁ MUITO TEMPO,  
NUMA GALÁXIA MUITO,  
MUITO DISTANTE...







PRÓLOGO

Um tremor percorreu o planeta.

Brotando da morte, ele se desenrolou numa poderosa onda, ao mesmo tempo enterrando-se profundamente dentro do cerne do mundo e irradiando por sua atmosfera sacarina para chacoalhar até as estrelas. No epicentro do terremoto, estava Sidious, uma mão elegante pousada na soleira polida de uma ampla superfície translúcida, um recipiente preenchido subitamente até quase explodir, a Força tão potente dentro de si que temia desaparecer dentro dela, para nunca mais retornar. O momento, entretanto, não constituía um fim, mas um verdadeiro começo, deveras postergado; representou menos uma transformação do que uma intensificação – uma alteração na gravidade.

Uma balbúrdia de vozes, perto e longe, do presente e de eternidades passadas, soterrava seus pensamentos. Erguidas em prece, as vozes proclamavam seu reinado e ovacionavam a inauguração de uma nova ordem. Com os olhos amarelos voltados para o céu da noite, ele viu as trêmulas estrelas arderem, e, bem no fundo de seu ser, sentiu o poder do lado sombrio ataçando-o.

Lentamente, quase relutante, Sidious retornou a si, recaindo o olhar nas mãos muito bem cuidadas. De volta ao presente, notou a respiração ofegante, enquanto atrás de si o local trabalhava para restaurar a ordem.

Exaustores zumbiam – requintadas tapeçarias nas paredes ondularam com a brisa convocada. Carpetes caros selaram suas fibras contra o espalhar de líquidos derramados. O droide hesitava, confuso, em óbvio conflito. Sidious deu meia-volta para assimilar o desarranjo: móveis antigos tombados, pinturas tortas, como se um tufão os tivesse varrido. E deitada ao chão jazia uma estátua de Yanjon, um dos quatro sábios de Dwartii que entregaram a lei.

Uma peça que Sidious secretamente cobiçava.

Também esparramado ali, Plagueis: os membros esguios abertos e alongados, a cabeça virada de lado. Vestido com requinte, como se fosse passear à noite pela cidade.

E morto.

Ou não?

A incerteza perpassou Sidious, a raiva voltou aos seus olhos. Um tremor causado por ele mesmo, ou vindo de um presságio?

Seria possível que o astuto Muun o tivesse enganado? Teria Plagueis descoberto a chave da imortalidade, e, por fim, sobrevivido? Não é preciso dizer que constituiria uma jogada tola para alguém tão sábio – para alguém que se comprometera a substituir o Grande Plano antes de mais nada. Teria Plagueis se enroscado numa teia por ele mesmo tecida, de ciúme e possessividade, vítima do próprio construir, das próprias fraquezas?

Se Sidious não estivesse tão preocupado com a própria segurança, talvez tivesse sentido pena de Plagueis.

Receoso de se aproximar do corpo de seu antigo mestre, ele conjurou a Força para rolar o velho Muun, deixando-o de costas. Desse ângulo, Plagueis assemelhava-se muito à figura que Sidious vira pela primeira vez, décadas antes: crânio liso, macio; nariz curvo, com a ponte achatada como se tivesse sido atingido por uma bola de choque e a ponta fina quase fincada no lábio superior; o queixo pontudo; olhos profundos quase transbordando de maldade – característica física raramente encontrada num Muun. Contudo, Plagueis nunca fora um Muun comum, ou um ser comum.

Sidious aproximou-se com cuidado, ainda o tocando com a Força. Inspeccionando com mais cautela, notou que a carne já acinzentada de Plagueis começava a amaciar, relaxando os traços.

Vagamente ciente da algazarra de exaustores e sons do mundo exterior infiltrando a suíte luxuosa, continuou a vigília; então, aliviado, levantou-se e

soltou o ar. Não era um truque de Sith. Não havia fingimento ali, mas, sim, uma morte que sucumbe em seu abraço gelado. O ser que o guiara ao poder já não existia mais.

Um prazer malicioso o fez estreitar os olhos.

O Muun poderia ter vivido mais cem anos sem mudar a aparência. Poderia ter vivido para sempre se obtivesse sucesso total em sua busca. Mas, no fim, – embora pudesse salvar os outros da morte –, falhara em salvar a si mesmo.

Uma sensação de suprema realização inflou o peito de Sidious, e seus pensamentos floresceram.

*Ora, ora, não foi nada ruim como pensei que seria...*

Raramente os eventos ocorrem conforme o imaginado. A ordem dos eventos futuros é transitória. Assim como o passado é reconfigurado pela memória seletiva, eventos futuros são, também, objetivos móveis. A pessoa pode apenas agir por instinto, agarrar-se a um perfeito momento de intuição e colocar-se em ação. Uma pulsada a mais do coração, e o universo teria se recomposto, e nenhuma imposição de vontade seria suficiente para obstruir as correntes. Pode-se apenas observar e reagir. A surpresa constitui o elemento ausente em qualquer tabela periódica. Um elemento-chave; o ingrediente faltando. O meio pelo qual a Força se diverte. Algo que lembra a todos os seres sencientes que alguns segredos nunca devem ser revelados.

Confiante de que a vontade do lado sombrio fora realizada, Sidious retornou ao vitral da suíte.

Apenas dois seres numa galáxia de incontáveis trilhões, e o que ocorrera na suíte afetaria a vida de todos. A galáxia já fora moldada pelo nascimento de um, e doravante seria reformulada pela morte do outro. Mas teria a alteração sido sentida e percebida em outro lugar? Estariam seus maiores inimigos cientes de que a Força fora alterada irrevogavelmente? Seria o bastante para

arrancá-los de seu espírito de justiça? Esperava que não. Por ora, o trabalho da vingança podia começar com seriedade.

Seus olhos procuraram e encontraram uma constelação ascendente de estrelas, uma de poder e consequência novos para o céu, embora prestes a ser sobrepujada pela primeira luz do amanhecer. Baixa no céu, sobre as planícies, visível apenas para aqueles que sabiam para onde e como olhar, anunciava um futuro ousado. Para alguns, as estrelas e os planetas pareciam mover-se como sempre, destinados a alinhar-se em configurações calculadas muito antes de nascerem. Mas, na verdade, os céus haviam sido perturbados, cutucados pela matéria sombria a fim de se organizarem em novos alinhamentos. Em sua boca, Sidious reconheceu o sabor pungente do sangue; no peito, sentiu o monstro levantando, emergindo de sombrias profundezas e torcendo sua aparência para algo tenebroso a poucos instantes de revelar-se ao mundo.

O lado sombrio o tomara como posse, e agora ele fazia o mesmo em retribuição.

Ofegante, não de exaustão, mas pela *inspiração* súbita de poder, ele abandonou o invólucro e permitiu ao monstro contorcer-se por seu corpo feito uma fera liberta de amplas pradarias.

Teria a Força já sido assim tão poderosa em alguém?

Sidious nunca soube como o mestre de Plagueis encontrara o fim. Teria morrido pelas mãos de Plagueis? Teria este também vivenciado similar exultação ao tornar-se um lorde Sith único? Teria a fera do último instante se erguido para espiar o mundo prestes a habitar, ciente de que seria liberta em breve?

Ele dirigiu o olhar para a grande elipse. As respostas estavam lá fora, codificadas na luz, viajando por espaço e tempo. Um fogo líquido o percorria; imagens de passado e futuro invadiam sua mente. Ele se abriu para a galáxia

reconfigurada como se procurasse remover uma a uma as cascas que representavam as décadas...



P A R T E U M  
ALISTAMENTO

67-65 ANOS ANTES DA  
BATALHA DE YAVIN



## CAPÍTULO 1

# O SUBMUNDO

Quarenta e sete anos-padrão antes do pungente reinado do imperador Palpatine, Bal'demnic não passava de um mundo embrionário no setor Auril da Orla Exterior, povoado por reptilianos sencientes que expressavam tão pouca tolerância com estrangeiros quanto uns com os outros. Décadas mais tarde, o planeta teria participação em eventos galácticos, sua parcela de notoriedade histórica, mas, nesses anos de formação que pressagiaram a derrocada inevitável da República para a decadência e a baderna, Bal'demnic era interessante apenas para exobiólogos e cartógrafos. Poderia talvez até ter escapado do olhar de Darth Plagueis, para quem planetas remotos possuíam um brilho especial, não fosse o mestre dele, Tenebrous, ter descoberto algo de especial sobre o local.

– Darth Bane apreciaria nossos esforços – dizia o mestre Sith para o aprendiz ao seu lado, perante a caverna cristalina que os fizera cruzar o espaço.

Um Bith, Tenebrous era tão alto e quase tão cadavericamente magro quanto Plagueis. A olhos humanos, a pele biliosa o faria parecer tão abatido quanto o pálido Muun, mas, na verdade, os dois seres gozavam de saúde robusta. Embora conversassem em língua básica, cada um era fluente no idioma do outro.

– Darth Bane em seus anos de juventude – disse Plagueis através da máscara de respiração. – Levando adiante os interesses dos ancestrais, digamos assim.

Por detrás da placa da própria máscara, os lábios franzidos de Tenebrous se torceram, desgostosos. O aparelho de respiração ficava absurdamente pequeno em sua exagerada cabeça dividida, e a convexidade da máscara fazia os discos

chatos que eram seus olhos desprovidos de pálpebras parecerem dois buracos superpostos naquele rosto franzido.

– Bane em seus anos iniciais – ele corrigiu.

Plagueis aceitou a censura gentil. Acompanhava Tenebrous como aprendiz pelo tanto de tempo que um humano em média vivia, e, entretanto, o mestre nunca deixava de apontar falhas.

– Que modo mais apropriado de fecharmos o círculo do que reencenar os esforços seminais do Sith'ari – continuou Tenebrous. – Vamos nos entremeando nas curvas e tramas da tapeçaria que ele confeccionou.

Plagueis manteve seus pensamentos para si. O devidamente batizado Darth Bane – seu nome remete à perdição –, que havia redefinido os Sith ao limitar a quantidade deles e operar às escondidas, tinha procurado o minério cortosis quando jovem em Apatros, muito antes de abraçar os princípios do lado sombrio. Nos milhares de anos passados desde sua morte, Bane fora endeusado; os poderes a ele atribuídos viraram lenda. E, de fato, não havia lugar mais apropriado para seus discípulos completarem o círculo, Plagueis disse a si mesmo, do que em profunda obscuridade, afundados numa escarpa que emparedava uma azulada extensão do Mar Norte de Bal'demnic.

Os dois Sith usavam trajes especiais que os protegiam do calor escaldante e da atmosfera nociva. A caverna era permeada por conjuntos de cristais enormes que lembravam lanças reluzentes apontados para todo lado como o baú de um ilusionista. Um evento sísmico recente tombara o terreno, esvaziando o labiríntico sistema de túneis de suas águas ricas em minerais, mas a câmara de magma que mantivera as águas fumegando por milhões de anos ainda aquecia o ar úmido a temperaturas excessivas demais para que Tenebrous e Plagueis suportassem sem equipamento. Um tredroide ficava à disposição, com a função de monitorar o progresso de uma sonda de mineração que fornecia amostras de uma rica veia de cortosis no fundo de um fosso. Um minério de fábula, alguns

diziam – graças à sua raridade, mas muito mais por sua habilidade intrínseca de diminuir a efetividade do sabre de luz Jedi. Por esse motivo, a Ordem Jedi dispendera grandes esforços para restringir a mineração e o refinamento do minério. Se não a perdição da existência da Ordem, o cortosis representava um tipo de irritação, uma afronta à reputação da arma e à sua temida invencibilidade.

Foi graças a Tenebrous que os Sith descobriram as reservas generosas em Bal'demnic antes dos Jedi, que, por meio do acordo com o Senado da República, haviam tomado para si todas as descobertas, do mesmo modo que fizeram com cristais de Adegan e jovens sensíveis à Força de todas as espécies. Contudo, Tenebrous e as gerações de mestres Sith que o precederam possuíam dados secretos coletados de uma vasta rede de informantes dos quais tanto o Senado quanto os Jedis nada sabiam, inclusive equipes de mineração e fabricantes de armas.

– Com base nos dados que estou recebendo – entoou o tredroide –, 82% do minério pode ser purificado em blindagem em grau adequado para armamento.

Plagueis fitou Tenebrous, que devolveu um aceno de satisfação.

– A porcentagem confirma o que me disseram para esperar.

– Quem disse, mestre?

– Não faz diferença – respondeu Tenebrous.

Dispersos por todo o túnel superaquecido, havia pedaços quebrados de brocas, gaseificadores dispensados e máscaras de filtragem entupidas, tudo abandonado pela equipe de exploração que cavara o fosso muitos meses-padrão antes. Da ampla boca do fosso, chegavam os dados repetitivos das bombas hidráulicas da sonda do droide. Plagueis sabia que isso era música para os órgãos auditivos de Tenebrous.

– Não pode contar seus planos para esta descoberta?

– No devido tempo, Darth Plagueis. – Tenebrous deu-lhe as costas para dirigir-se ao tredroide. – Instrua a sonda para avaliar as propriedades da segunda leva.

Plagueis estudou a tela afixada na cabeça chata do droide. Ela mostrava um mapa dos movimentos da sonda e uma análise gráfica de seus escâneres penetrantes, que alcançavam sem problema os limites superiores da câmara de magma.

– A sonda está realizando uma análise – atualizou-os o tredroide.

Com os sons recíprocos das bombas hidráulicas da sonda ecoando na caverna de cristal, Tenebrous começou a circular o fosso, para parar subitamente quando a escavação foi interrompida.

– Por que parou? – ele perguntou antes que Plagueis o fizesse.

A resposta do droide foi imediata.

– A unidade M2 informa que descobriu um bolsão de gás logo abaixo do novo furo. – O droide parou, depois acrescentou: – Sinto informar, senhores, que o gás é uma variante extremamente comburentes de letano. A unidade M2 prevê que o calor gerado pelas bombas hidráulicas causará uma explosão de magnitude significativa.

A desconfiança se tornou evidente na voz de Tenebrous.

– O relatório original não mencionava letano.

O droide virou o rosto para o Sith.

– Disso eu não sei, senhor. Mas a unidade M2 insiste bastante. Ademais, minha própria programação confirma o fato de que não é incomum encontrar bolsões de letano nas proximidades de uma camada de cortosis.

– Questione a sonda sobre a possibilidade de escavar ao redor do bolsão – disse Plagueis.

– A unidade M2 recomenda empregar exatamente essa estratégia, senhor. Devo ordenar a ela que prossiga?

Plagueis fitou Tenebrous, que assentiu.

– Mande a sonda prosseguir – ordenou Plagueis. Quando o martelar recomeçou, ele fixou o olhar na tela para monitorar o progresso da sonda. –

Mande a sonda parar – disse ele, passado apenas um momento.

– Por que interfere? – perguntou Tenebrous, avançando.

Plagueis apontou para a tela.

– O mapa indica uma concentração ainda maior de letano na área que está sendo perfurada.

– Está correto, senhor – disse o droide, com aparente desdém. – Ordenarei à unidade que pare toda a atividade.

O martelar, entretanto, continuava.

– Droide – Plagueis ralhou –, a sonda recebeu a sua ordem?

– Não, senhor. O M2 não está respondendo.

Tenebrous ficou tenso e quase bateu a cabeça num dos imensos cristais da caverna.

– Ela ainda está ao alcance?

– Sim, senhor.

– Então faça um diagnóstico da comunicação.

– Já fiz, senhor, e todos os sistemas estão em ordem. A impossibilidade de a unidade responder... – O droide se calou por um instante, e depois recomeçou:

– A recusa da unidade em responder parece ser deliberada.

– Desative-a – disse Tenebrous. – Agora.

O martelar foi diminuindo e finalmente cessou, mas não por muito tempo.

– A unidade M2 ignorou meu comando.

– Impossível – disse Tenebrous.

– Claramente, não, senhor. Na verdade, é muito provável que a unidade esteja executando uma programação profunda que não foi vista antes.

Plagueis fitou Tenebrous.

– Quem adquiriu a sonda?

– Agora não é hora para perguntas. A sonda está prestes a romper o bolsão.

Correndo para o corrimão do fosso circular, os dois Sith removeram as luvas e apontaram os longos dedos desprotegidos para a pegajosa escuridão. Instantaneamente, filamentos de energia elétrica azul desprenderam-se das pontas dos dedos, chovendo para dentro do buraco. Piscando e roçando o fundo, os poderosos raios reluziram para o interior do corredor lateral que a sonda escavava. Estalidos escaparam da abertura muito depois de os Sith cessarem seus poderes.

Então, os movimentos repetitivos das bombas recomeçaram.

– É o minério – disse Tenebrous. – Há resistência demais aqui.

Plagueis sabia o que precisava ser feito.

– Vou lá embaixo – disse, e estava prestes a saltar para o fosso quando Tenebrous o conteve.

– Isso pode esperar. Vamos voltar à gruta.

Plagueis hesitou, depois assentiu.

– Como quiser, mestre.

Tenebrous voltou-se para o droide:

– Continue tentando desativar a unidade.

– Sim, senhor. Para fazer isso, contudo, precisarei permanecer aqui.

– E daí? – perguntou Tenebrous, inclinando a cabeça.

– Caso eu fracasse em meus esforços, a explosão iminente certamente resultará na minha destruição.

Plagueis compreendeu.

– Você foi muito útil, droide.

– Obrigado, senhor.

Tenebrous franziu o cenho.

– Você gasta suas palavras.

Quase derrubado pela rapidez da partida de Tenebrous, Plagueis teve de convocar a Força do fundo de si para acompanhá-lo. Refazendo o trajeto inclinado que seguiram a partir da gruta onde a aeronave os aguardava, voaram pelo túnel adornado de cristais pelo qual passaram antes. Plagueis se preocupava com a poderosa explosão talvez prestes a acontecer, mas ficou intrigado pela quase desenfreada fuga do mestre para a superfície. No passado, Tenebrous raramente demonstrara sinais de desconforto, muito menos de medo; assim, que perigo ele pressentira que o impulsionara a tamanho descuido? E quando, no passado, fugiram de perigo de qualquer espécie? Salvaguardados pelos poderes do lado sombrio, os Sith quase não temiam a morte porque eram, na verdade, aliados dela. Plagueis ampliou sua percepção na tentativa de identificar a causa do receio de Tenebrous, mas a Força estava em silêncio.

Dez metros à frente dele, o Bith desviara de um escabroso afloramento. A pressa, contudo, o fizera subir rápido demais e seu ombro raspou na rocha áspera, rasgando um pedaço do seu traje.

– Mestre, permita-me tomar a dianteira – disse Plagueis quando alcançou Tenebrous. Não era muito mais ágil que o Bith, mas enxergava melhor no escuro e tinha senso mais apurado de direção, bem acima do que a Força revelava.

Com o orgulho mais ferido do que o ombro, Tenebrous recusou a oferta.

– Restrinja-se ao seu lugar.

Recobrando o equilíbrio e a compostura, o mestre disparou adiante. Contudo, numa bifurcação do túnel, escolheu a direção errada.

– Por aqui, mestre – Plagueis chamou do outro corredor, mas parou de tentar assumir a liderança.

Perto da superfície, os túneis se abriam em cavernas do tamanho de catedrais, alisadas e ampliadas pela água da chuva que ainda caía em certas

estações do longo ano de Bal'demnic. Em piscinas de água parada, nadavam diversas espécies de peixe. Acima, morcegos voavam, em pânico, dos ninhos alocados no teto pontilhado. Uma luz natural que despontava à distância incentivou os dois Sith a se apressar para a gruta, mas, ainda assim, não foram rápidos o suficiente.

A explosão de gás os alcançou no momento em que entravam na cavidade iluminada no topo da escarpa. Dos fundos do túnel, ressoou um berro eletrônico agudo, e, ao mesmo tempo, quase como se o sistema de cavernas tentasse respirar, um vento rascante passou por uma perfuração no teto arqueado da gruta, pelo qual a aeronave entrara. Seguiu-se uma detonação abafada, porém de tremer o solo; depois veio a turva bola de fogo, a exalação ardente do labirinto. Virando-se para o túnel pelo qual tinham acabado de passar e lutando para manter-se de pé, Tenebrous conjurou um escudo de Força com um brandir dos braços, o qual encontrou a bola de fogo e a conteve. Em meio ao tumulto, milhares de morcegos em chamas voaram em espirais feito faíscas sopradas pelo vento.

A poucos metros dali, Plagueis, jogado de bruços no chão pela intensidade do jorro de vapor, ergueu a cabeça a tempo de ver a porção inferior do teto abobadado começando a desprender nacos enormes de rocha. Diretamente abaixo dos pedaços que caíam, encontrava-se a aeronave da dupla.

– Mestre! – disse ele, levantando-se ligeiramente com os braços erguidos na tentativa de segurar as rochas em pleno ar.

Com os braços ainda erguidos em posição de conjurar a Força, Tenebrous girou para dar apoio a Plagueis em seu intento. Atrás dele, as chamas finais da bola de fogo surgiam da boca do túnel para lambe-lhe as costas, mergulhando-o mais fundo na gruta.

A caverna continuava a chacoalhar sob os pés deles, enviando ondas de choque para o teto comprometido. Rachaduras se espalhavam, desenhando

uma teia, a partir da entrada, e acionando colapsos por toda a gruta. Plagueis escutou um barulho de rasgo vindo de cima e viu uma fissura ziguezaguear pelo teto, descascando camada após camada de pedra em seu caminho até a parede curva da gruta.

Agora, entretanto, era Tenebrous quem se encontrava logo abaixo do desabamento.

Nesse instante, Plagueis compreendeu o perigo que Tenebrous previra anteriormente: sua própria morte.

Pelas mãos de Plagueis.

Enquanto Tenebrous preocupava-se em manter no alto as placas que ameaçavam esmagar a aeronave, Plagueis rapidamente se reorientou, apontando as mãos para as placas que ameaçavam cair em cima do mestre e, com um movimento dos dois braços para baixo, derrubou-as tão rapidamente e com tanto impulso que Tenebrous foi enterrado quase antes de entender o que o atingira.

Com poeira de pedra girando ao redor de si, Plagueis fincou-se no lugar enquanto as placas soterravam a espaçonave também. Mas ele não se importou. O sucesso em derrubar o teto em cima de Tenebrous era prova suficiente de que o Bith se tornara relaxado e, portanto, dispensável. Do contrário, teria adivinhado a verdadeira fonte do perigo que pressentira, e seria Plagueis esmagado no chão da gruta, com a cabeça rachada feito um ovo e a cavidade peitoral fincada pela ponta afiada de uma estalactite que caía.

A pressa para juntar-se a Tenebrous chegou com tanta empolgação quanto dúvida.

– Mestre – disse ele, agachando-se e removendo os respiradores de ambos. Suas mãos tatearam as pedras, retirando parte do peso esmagador. Contudo, o único pulmão de Tenebrous fora perfurado, e o sangue prendia-lhe a garganta.

Rasgos dispersos nas mangas do traje de proteção revelavam marcas esotéricas e tatuagens.

– Pare, aprendiz – Tenebrous esforçou-se para dizer. – Vai precisar de toda a sua força.

– Posso trazer ajuda. Há tempo...

– Estou morrendo, Darth Plagueis. Só há tempo para isso.

Plagueis não desviava os olhos dos do Bith.

– Eu fiz tudo o que pude, mestre.

Tenebrous interrompeu-o mais uma vez:

– Ser forte na Força é uma coisa. Mas acreditar-se todo-poderoso é um convite à catástrofe. Lembre-se de que, mesmo no plano etéreo que habitamos, o imprevisto pode ocorrer. – Uma tosse gaguejante silenciou o Sith por um momento. – Melhor isso, talvez, do que perecer sob a sua mão.

*Como teria satisfeito a Darth Bane, pensou Plagueis.*

– Quem forneceu a sonda de mineração, mestre?

– Subtexto – disse Tenebrous com a voz fraca. – Mineradora Subtexto.

Plagueis assentiu.

– Vou vingá-lo.

Tenebrous inclinou ligeiramente a cabeça.

– É mesmo?

– Claro.

O Bith não expressou se acreditara na promessa, e, em vez disso, falou:

– Você está fadado a trazer o imperativo dos Sith à fruição, Plagueis. Cabe a você subjugar a Ordem Jedi e salvar os demais sencientes da galáxia de si mesmos.

*Finalmente, pensou Plagueis consigo, o manto foi passado.*

– Mas preciso avisá-lo... – Tenebrous começou a dizer, mas ficou em silêncio de repente.

– Avisar-me o quê, mestre?

Os olhos negros de Tenebrous reluziram uma luz amarelada e a mão livre agarrou o colarinho do traje de proteção de Plagueis.

– Você!

Plagueis arrancou a mão fina do Bith do tecido e abriu um sorriso maldoso.

– Sim, mestre, sua morte foi ação minha. Você mesmo disse que a perpetuação com propósito é o caminho para a vitória; dito e feito. Morra sabendo que foi o último de nossa antiga ordem, a alardeada Regra de Dois, e que a nova ordem começa agora e permanecerá, por mil anos, sob o meu controle.

Tenebrous cuspiu saliva e sangue.

– Então, pela última vez, eu o chamo de aprendiz. E o aplaudo pelo uso habilidoso de surpresa e distração. Pelo visto, eu estava errado ao achar que você não teria estômago para isso.

– O lado sombrio me guiou, Tenebrous. Você sentiu, mas sua falta de fé em mim anuviou seus pensamentos.

O Bith assentiu.

– Mesmo antes de chegarmos a Bal'demnic.

– E, entretanto, viemos.

– Porque era nosso destino. – Tenebrous fez uma pausa, depois falou com renovada urgência: – Mas espere! A nave...

– Esmagada, como você.

Tenebrous fincou sua raiva em Plagueis.

– Você arriscou tudo para me destruir! O futuro todo dos Sith! Meus instintos sobre você estavam corretos!

Plagueis afastou-se do outro com indiferença, mas, na verdade, preenchido por uma fúria gelada.

– Encontrarei um jeito de voltar para casa, Tenebrous, assim como você.

E, com um movimento rápido da mão esquerda, quebrou o pescoço do Bith.

Tenebrous ficou paralisado e inconsciente, mas ainda não estava morto. Não interessava a Plagueis salvá-lo – mesmo se possível –, mas estava curioso para observar o comportamento dos midi-chlorians do Bith conforme a vida dele se extinguia. Para os Jedi, as organelas celulares eram simbiotes, contudo Plagueis as considerava intrusas que geravam interferência e obstruíam a habilidade de um ser contatar a Força diretamente. Após anos de experimentação e meditação direcionada, Plagueis aguçara a habilidade de perceber as ações dos midi-chlorians, embora ainda não os pudesse controlar.

Manipulá-los, digamos, para prolongar a vida de Tenebrous.

Observando o Bith por intermédio da Força, ele percebeu que os midi-chlorians já começavam a morrer e a se esvaír, assim como os neurônios que compunham o sublime cérebro de Tenebrous e as células musculares que faziam bater seu coração até então capaz. Um equívoco comum pregava que os midi-chlorians eram partículas que carregavam a Força, quando, na verdade, funcionavam mais como tradutores, interlocutores da vontade da Força. Plagueis considerava sua antiga fascinação pelas organelas tão natural quanto fora a fixação de Tenebrous em modelar o futuro. Enquanto a inteligência dos Bith girava em torno da matemática e da computação, a vontade de lucrar motivava a dos Muun. Como tal, Plagueis enxergava sua aliança com a Força semelhante a um investimento que poderia, com o esforço adequado, ser maximizado para gerar grandes retornos. Verdade também que, segundo a psicologia e a tradição dos Muun, ao longo das décadas, ele escondera seus sucessos e jamais trouxera Tenebrous para seus assuntos secretos.

Os midi-chlorians moribundos do Bith piscavam até apagar, como luzes lentamente exauridas de sua fonte de energia, e, ainda assim, Plagueis podia sentir Tenebrous junto à Força. Algum dia, ele conseguiria impor sua vontade

sobre os midi-chlorians, a fim de mantê-los unidos. Mas tais especulações teriam de ficar para outro momento, pois então Tenebrous e tudo o que ele fora em vida estavam ao alcance de Plagueis.

Ele imaginou se os Jedi seriam consumidos de modo similar. Mesmo em vida, será que os midi-chlorians se comportavam num Jedi como o faziam num devoto do lado sombrio? Seriam as organelas tonificadas por impulsos diferentes, movidas a agir por desejos distintos? Ele encontrara muitos Jedi durante sua longa vida, mas nunca tentara estudar algum do mesmo jeito que fazia ali com Tenebrous, por receio de revelar o poder de sua aliança com o lado sombrio. Isso também teria de mudar.

Tenebrous morreu enquanto seu discípulo o observava.

Na época de Bane, um Sith precisava se proteger de uma possível tentativa de transferência de essência da parte do morto – um salto para a consciência do Sith que sobrevivera –, mas esses tempos haviam ficado no passado e não eram mais relevantes; o fato é que os ensinamentos foram sabotados, e a técnica, perdida. O último Sith que possuía o conhecimento fora inexplicavelmente atraído para o lado luminoso e morto, levando consigo o processo secreto...



## CAPÍTULO 2

### A PAISAGEM INTERIOR

Plagueis não sabia ao certo quanto tempo ficara ao lado de Tenebrous. Tempo bastante, contudo, para que as pernas tremessem quando se levantou e parte da poeira da explosão baixasse. Somente ao dar alguns passos para trás, reparou que o evento não o deixara ileso. Em algum momento, provavelmente quando estava focado na morte, uma pedra ou outro projétil amassara-lhe uma grande área da lombar, e a túnica fina que usava por debaixo do traje de proteção estava saturada de sangue.

Apesar da poeira flutuando ao redor, Plagueis inalou profundamente, causando uma pontada de dor nas costelas e tossindo sangue no ar quente. Conjurando a Força, anestesiou um pouco da dor e obrigou o corpo a conter os danos o máximo que podia. Quando o ferimento não mais o preocupava, avaliou a gruta, ainda abaixado no lugar, dando uma volta completa. Espalhados pelo solo duro, morcegos feridos gorjeavam em sofrimento, rastejando em círculos. Muito acima dele, um raio de luz solar oblíquo, pintado de partículas de poeira, entrava pelo grande óculo do domo – resultado de um colapso anterior. Perto do monte de pedras que o desabamento empilhara no chão da gruta, estava a pequena, mas preciosa, nave de Tenebrous – design do próprio Rugess Nome –, asas de liga e nariz esnobe apontando para fora do feioso mausoléu que a explosão construía. E finalmente, a poucos metros dela, jazia Tenebrous, igualmente enterrado.

Aproximando-se da nave, Plagueis avaliou os danos infligidos ao escudo defletor e ao equipamento de navegação, dutos de resfriamento, sensores e antenas. Tenebrous certamente seria capaz de reparar alguns dos componentes,

mas Plagueis estava fora de seu ambiente; faltavam-lhe não somente as habilidades motoras aguçadas do Bith, mas também o conhecimento acerca dos sistemas do veículo. Embora única, uma maravilha da engenharia, a nave não podia ser associada a Tenebrous, uma vez que tanto o registro quanto o título eram falsificados. Talvez o sinalizador de resgate ainda estivesse funcionando, mas Plagueis relutava em ativá-lo. Chegaram a Bal'demnic furtivamente, e ele pretendia sair do mesmo modo.

Mas como?

Mais uma vez, olhou com dificuldade para a luz que jorrava pela abertura. Nem mesmo seu poder na Força bastaria para carregá-lo do chão e atravessá-lo pelo grande olho aberto. Nada além de um jetpack serviria, e não havia nenhum na nave. Plagueis passou os olhos da abertura para as paredes curvas da gruta. Supôs que poderia escalar pelo interior arqueado do domo e alcançar o óculo, porém notou um caminho melhor.

E mais: um modo de realizar duas tarefas de uma só vez.

Num ponto entre a nave e a pilha logo abaixo da abertura, ele se imergiu na Força e, com gestos muito similares aos que ele e Tenebrous usaram ao tentar conter o colapso, começou a levitar placas da nave e acrescentá-las ao monte de destroços, parando somente quando já havia exposto a escotilha da nave e sentiu que poderia saltar pela abertura do topo da pilha aumentada.

Quando tentou abrir a escotilha, contudo, viu que ela não cederia. Por fim, conseguiu entrar na cabine do piloto, danificando o tampo de transparência com uma série de golpes por meio da Força. Depois de se esgueirar dentro da nave feito uma minhoca, pegou sua bagagem, que continha um comlink, o sabre de luz, uma muda de roupas, entre outros itens. Levou também o comlink e o sabre de luz de Tenebrous, certificando-se de apagar a memória do navicomputador. Uma vez fora da nave, livrou-se do traje de proteção e da túnica suja de sangue, trocando-os por calças pretas, uma camisa, botas leves e

sobretudo com capuz. Fixou os dois sabres no cinto, ativou o comlink e pediu um mapa de Bal'demnic. Com poucos satélites em órbita, o planeta não possuía nada similar a um sistema de posicionamento global, mas o mapa mostrou a Plagueis todas as informações necessárias sobre as proximidades.

O Munn deu uma última olhada ao redor. Não era de se esperar que um aborígene tivesse motivo para investigar a gruta e era ainda menos provável que outro visitante interestelar encontrasse o lugar; mesmo assim, ele passou um momento avaliando a cena objetivamente.

Uma nave espacial parcialmente esmagada, mas cara e boa para recuperar. O corpo decomposto de um Bith viajante. Os resquícios de uma explosão...

A cena contava um acidente infeliz numa galáxia cheia de acidentes.

Satisfeito, Plagueis saltou para o topo da pilha, depois pelo teto, ganhando o que ainda restava do dia.

O calor radiante de Bal'demnic bateu-lhe na pele exposta, e uma brisa persistente chegada do mar agitou-lhe o manto. Até onde os olhos enxergavam a oeste e ao sul, havia apenas uma expansão de mar azul que se encaracolava, esbranquiçada, onde tocava o litoral. Morros irregulares e desnudos desapareciam em meio à neblina. Plagueis imaginou um tempo em que florestas cobriam a paisagem, antes de os Kon'me aborígenes derrubarem as árvores para conseguir material de construção e lenha. Agora, a pouca vegetação restante confinava-se nos desfiladeiros íngremes que separavam os montes amarronzados. Uma beleza melancólica. Talvez, pensou ele, houvesse mais motivos para recomendar o planeta além de suas reservas de cortosis.

Residente de Muunilinst durante boa parte de sua vida adulta, Plagueis estava acostumado a planetas com oceanos. Mas, ao contrário da maioria dos Muuns, também era habituado aos remotos, de baixa tecnologia, tendo passado a infância e a adolescência numa hóstia de planetas e luas similares.

Com aquele hemisfério de Bal'demnic rapidamente rotacionando para a noite, o vento ganhava força e a temperatura baixava. O mapa que ele chamara pelo comlink mostrava que o espaçoporto principal do planeta localizava-se poucas centenas de quilômetros ao sul. Tenebrous intencionalmente desviara do porto quando pousaram, entrando, em vez de pelo mar, pela calota de gelo ao norte. Plagueis calculou que poderia cobrir a distância ao espaçoporto até a noite do dia seguinte, o que lhe daria uma semana-padrão para retornar a Muunilinst a tempo de ser o anfitrião do Encontro em Sojourn. Mas sabia também que a rota o levaria por áreas habitadas por Kon'me plebeus e da elite; então, resolveu viajar à noite para evitar contato com os sábios reptilianos, muito barulhentos e xenofóbicos. Não havia motivos para deixar defuntos por onde passara.

Apertando o manto em torno da cintura, começou a se mover, lentamente no início, depois ganhando velocidade, até que, para qualquer ser que o visse, ele não passasse de um borrão brilhante; um demônio de poeira errante percorrendo o terreno sem árvores. Não havia corrido muito quando avistou uma trilha rudimentar, com algumas marcas de pegadas de aborígenes, e parou para estudá-las. Kon'me descalços de classe mais baixa deixaram as pegadas, provavelmente pescadores cujas moradias de telhado de palha adornavam o litoral. Plagueis supôs o tamanho e o peso dos reptilianos responsáveis pelos rastros e estimou o tempo que transcorrera desde que passaram por ali. Levantou-se, escaneou os morros pardos e depois farejou o vento, desejando ser imbuído de pelo menos uma lasca da habilidade olfativa de Tenebrous. Mais à frente, estava fadado a encontrar também Kon'me de elite, ou pelo menos suas moradas incrustadas nos penhascos.

Chegou a noite, e o Sith retomou seu caminho. O oceano reluzia, prateado, sob a luz das estrelas, e as flores noturnas perfumavam o ar úmido com aromas penetrantes. Predadores de muitos tamanhos foram caçados à

extinção nas porções ao nordeste da ilha, mas as fendas profundas ofereciam morada para incontáveis variedades de insetos vorazes que voaram em nuvens para cima de Plagueis conforme ele abria caminho por entre os densos arbustos. Baixar a temperatura corporal e diminuir a frequência cardíaca para alterar a mistura de gases que exalava não foi o suficiente para dissuadir os insetos; então, após um tempo, ele cessou todos os esforços para afugentá-los e rendeu-se à sede de sangue deles, que lhe sugaram livremente o rosto, o pescoço e as mãos.

*Que devorem o velho Plagueis, pensou.*

Na floresta sombria daquele mundo remoto, com um vento salgado assoviando por entre as árvores e um som distante de ondas como de tambores, o Muun alçaria voo a partir do submundo no qual morara o Sith. Acordado de um milênio de sono proposital, o poder do lado sombrio renasceria, e ele, Plagueis, conduziria o plano por tempos forjado até a completude.

Pela noite ele correu e foi abrigar-se dentro de uma caverna rasa quando a névoa matinal começou a desprender-se das fendas. Ainda nas primeiras horas da manhã, os aborígenes de escamas azuis já saíam, deixando as cabanas para lançar redes na rebentação ou com barcos a remo nos recifes de corais ou ilhas próximas. O melhor que pescassem seria levado para os montes a fim de encher a barriga dos ricos, a quem cabia a responsabilidade pelo futuro político e econômico de Bal'demnic. As vozes guturais dos nativos invadiram a caverna que mais parecia uma tumba para Plagueis, permitindo-lhe entender algumas palavras do que era dito.

Procurou dormir, mas o sono lhe escapava, e ele deplorou o fato de ainda precisar dormir. Tenebrous nunca dormia; poucos Bith dormiam.

Acordado naquele calor opressivo, o Sith recordou-se dos eventos do dia anterior, ainda um tanto atônito com relação ao que fizera. A Força lhe sussurrara: *Chegou o seu momento. Assuma seu posto no lado sombrio. Aja agora e*

*acabe logo com isso.* Contudo, a Força somente o aconselhara; jamais ditara as ações dele nem lhe guiara as mãos. O que ele fez foi por conta própria. Tinha ciência, devido às viagens que realizara com ou sem Tenebrous, de que não era o único praticante do lado sombrio da galáxia – tampouco o único Sith, estando a galáxia cheia de pretensiosos –, mas tornara-se, então, o único lorde Sith que descendia da linhagem de Bane. Um *verdadeiro* Sith, e essa súbita compreensão atçou o poder cru guardado dentro dele.

Entretanto...

Quando expandiu a energia da Força, Plagueis detectou a presença de algo ou algum ser de poder quase igual ao seu. Seria o lado sombrio em si, ou um mero vestígio de sua incerteza? Lera as lendas de Bane; como fora perseguido pelas presenças, as reminiscências daqueles que matara com o intuito de livrar a Ordem Sith das lutas internas e retorná-la a uma hegemonia genuína ao instituir a Regra de Dois: um mestre a personificar o poder; um aprendiz a ambicioná-lo. Pelo que ouvira dizer, Bane nunca fora assombrado pelos espíritos de lordes Sith mortos gerações antes, cujas tumbas e presbitérios ele profanara na busca fervorosa por holocrons e outros aparelhos antigos que oferecessem sabedoria e direção.

Seria o espírito de Tenebrous a fonte do poder que ele sentira? Haveria um período breve de sobrevivência após a morte durante o qual um verdadeiro Sith continuaria a influenciar o mundo dos vivos?

Era como se a massa da galáxia tivesse descido sobre ele, como se um ser inferior o erguesse pelos ombros. Plagueis, aninhado em sua tumba clandestina, sentiu-se tão leve quanto se flutuasse no espaço.

Sobreviveria a qualquer um que o desafiasse.

Horas mais tarde, quando as vozes silenciaram e o frenesi alimentar dos insetos recomeçou, a dor retirou Plagueis de um sono atormentado. A túnica

aderira à sua pele inchada feito uma bandagem apertada, mas o sangue vazara do ferimento e encharcara todo o manto.

Deslizando silenciosamente noite adentro, mancou até suprimir a dor, e depois se pôs a correr; pontinhos de suor evaporavam de sua cabeça nua e o manto escuro brandia atrás dele feito uma bandeira. Esfomeado, pensou em assaltar uma das moradias locais e alimentar-se dos ovos de alguma Kon'me de classe baixa, ou talvez do sangue do parceiro dela. Contudo, conteve esses impulsos terríficos, esse apetite pela destruição, saciando-se, em vez disso, com morcegos e restos de peixes podres que as ondas trouxeram à margem. Correndo ao longo da praia de areia negra, Plagueis passou a metros das moradas construídas com blocos de recifes fossilizados, mas avistou apenas um aborígene, que, quando saiu nu de sua cabana para aliviar-se, pareceu ver uma aparição. Ou talvez achasse hilariante a figura de Plagueis metido em manto e botas. Nos montes mais acima da praia, luzes artificiais reluziam, anunciando as casas da elite e a proximidade do espaçoporto, cujo brilho ambiente iluminava uma ampla área do litoral sul.

Com seu destino muito perto, cada onda chegada do oceano reverberava dentro dele, conjurando uma maré sem precedentes de energia sombria. Os filamentos entrelaçados do tempo se afrouxaram, e ele pôde vislumbrar um lampejo do futuro de Bal'demnic. Imersos numa guerra de muitos *fronts*, uma guerra galáctica, em parte devido aos seus ricos depósitos de cortosis, mas mais como peões num jogo intrincado, os subservientes Kon'me viraram-se contra aqueles que tinham sido seus mestres por eras...

Perdido na visão, Plagueis quase não reparou que um paredão imenso aparecia na curva da praia. Pedras pontudas compunham uma baía ampla e calma, e atrás da parede uma cidade escalava um círculo de morros sem florestas. Havia Kon'me de ambas as classes por ali, mas misturados a eles também encontravam-se seres de outros mundos, de muitas espécies, a maioria

de sistemas estelares vizinhos, ainda que alguns fossem de áreas tão distantes quanto o Núcleo. O espaçoporto ocupava a periferia da cidade, mais ao sul, composto de conjuntos de prédios modulares, armazéns pré-fabricados e hangares, com áreas de pouso iluminadas para aeronaves de carga e passageiros. Para um ser não acostumado a mundos isolados, passear pelo espaçoporto seria como viajar no tempo, mas Plagueis sentiu-se em casa entre os hotéis em cubículos, tapcafs mal iluminados e cantinas esquálidas, onde o entretenimento era caro e a vida, barata. Ajeitando o capuz do manto por cima da cabeça, Plagueis se resguardou às sombras, uma vez que somente sua altura já bastava para chamar atenção. Com a segurança afrouxada, pôde circular por entre os veículos no solo sem dificuldade. Ignorou as naves menores que viajavam entre sistemas em favor dos cargueiros compridos, e, ainda assim, apenas os que pareciam estar em boa condição. Muunilinst localizava-se a muitos saltos hiperespaciais dali, e apenas uma nave com capacidade de salto adequada poderia transportá-lo sem muito atraso.

Depois de uma hora procurando, encontrou uma que lhe agradava. Produto da engenharia do Núcleo, o cargueiro devia ter pelo menos uns cem anos de idade, mas fora bem mantido e modernizado com conjuntos de sensores e entradas subespaciais. O fato de não ser lendário sugeria que o capitão não se interessava em fazer a nave ganhar nome. Mais comprida do que larga, a LS-447-3 tinha cauda estreita em formato de pá, cabine acoplada e amplas portas de compartimento de carga que lhe permitiam transportar muita coisa. Com o número de registro anotado no comlink, Plagueis direcionou-se ao prédio da administração do espaçoporto. Àquela hora da noite, a estrutura dilapidada encontrava-se totalmente deserta, a não ser por dois guardas Kon'me de pescoço largo que dormiam em serviço. Afrouxando um pouco a faixa do manto para ter acesso rápido aos sabres de luz, Plagueis passou por eles e desapareceu pelas portas principais. A luz fraca das salas desocupadas vazava

para os corredores escuros. No segundo andar, encontrou o escritório de registros, que levava à maior das áreas de pouso e, mais à frente, à silenciosa baía.

Um computador considerado relíquia vinte anos antes ocupava uma mesa na sala de um oficial inferior. Plagueis colocou seu comlink ao lado da máquina e, no instante seguinte, já invadira a rede de controle do espaçoporto. Ao pesquisar o cargueiro, descobriu que ele, de fato, tinha nome – *Lamuriosa* –, e viera de Ord Mantell. Programada para partir na manhã seguinte, a nave, com a tripulação de oito, incluindo um droide, deveria passar por diversos planetas no setor Auril, transportando um carregamento de frutos do mar frescos. Segundo a documentação, a carga já passara pela alfândega e estava guardada num hangar refrigerado, aguardando ser levada ao cargueiro. A boa notícia era que o destino final da *Lamuriosa* seria Ithor, na outra ponta da Via Hydiana. Uma passada por Muunilinst, portanto, não custaria um grande desvio à tripulação.

Plagueis abriu uma foto da capitã do cargueiro, cujo nome era Ellin Lah. Abrindo-se totalmente à Força, ele estudou a imagem por um bom tempo; depois, soltando o ar lentamente, levantou-se, apagou todas as provas da invasão tecnológica e devolveu o comlink ao bolso interno do manto.

*A Lamuriosa* estivera ali esperando por ele.



### CAPÍTULO 3

## LAMURIOSA

Os instintos de Plagueis sobre Bal'demnic estavam corretos. A beleza rústica do planeta era do tipo que instigava o lado hedonista da natureza humana e algum dia atrairia os mais bem-afortunados da espécie a aquecer-se na luz cálida do amanhecer, tocar suas areias pristinas, nadar nas águas animadas e deleitar-se com os peixes saborosos que preenchem os vastos oceanos. Mas, naqueles dias, os humanos eram ainda muito poucos nessa parte da Orla Exterior, e a maioria dos visitantes de Bal'demnic chovia do Espaço Hutt ou dos cantos mais remotos da Rota Comercial Perlemiana. A capitã Ellin Lah era uma Togruta, e seu imediato, um Zabrak chamado Maa Kaap. O piloto da *Lamuriosa* era um Balosar; o navegador, um Dresselliano; e os três membros da tripulação, um Klatooiano, um Kaleesh e um Aqualish, da raça Quara. Todos quase humanos, para usar o termo mais frequente na época no Núcleo, quando o chauvinismo fora elevado a uma forma de arte. O único não senciente era um droide bípede cheio de adereços chamado 11-4D, batizado com seu número de modelo.

Bal'demnic representava apenas um de seus covis planetários. Sempre vistos em Vestral, Sikkem IV ou Carlix's Folly, eram todos similares, dado que a capitã Lah e seus colegas de viagem raramente frequentavam mais dos planetas além do que se encontrava num raio de cinco quilômetros do espaçoporto principal, e seu contato com os aborígenes limitava-se aos funcionários dos espaçoportos, mercadores, informantes e profissionais do prazer.

O negócio que praticavam era precário, pois, num tempo em que piratas viviam nas rotas comerciais intersistemas, a sinalização no hiperespaço era

escassa e distante, e um lapso de julgamento podia resultar em desastre. Além de o preço do combustível ser exorbitante, funcionários públicos corruptos tinham de ser subornados, e as taxas de importação viviam sujeitas a mudanças sem aviso prévio. Nos carregamentos de alimentos, os atrasos podiam resultar na perda do frescor que os tornava desejáveis, ou, pior, em tudo estragando de vez. Os perigos eram diversos; os ganhos, poucos. Era preciso amar o trabalho, ou talvez fugir – fugir da lei, de si mesmo ou sabe-se lá de quem.

Como consequência de entornar muito goró local e desperdiçar na jogatina muitos créditos duramente ganhados – e talvez para compensar por toda a libertinagem –, a preocupação com relação à próxima viagem emergiu na superfície feito um balão inflado preso sob a água, depois solto.

– Nada de fiscalização desta vez – Lah avisou à tripulação de modo gentil, conforme cruzavam a área de pouso na direção da aeronave.

O fato de ela utilizar o mesmo eufemismo que Blir’ usara para minimizar o impacto da quase catástrofe que ele mesmo causara fez todos rirem – exceto o Balosar, que baixou a cabeça, envergonhado, enquanto suas duas anteninhas escureciam.

– A gente entende, capitã – disse Maa Kaap. – Nada de missões inoportunas...

– Erros sem concerto – exclamou o Kaleesh, PePe Rossh.

– Erros imbecis – completou Doo Zuto, cujas presas curvadas para dentro gritavam por uma boa escovação.

A capitã concedeu um instante a mais de divertimento à equipe.

– Falo sério – disse ao chegarem perto da rampa de acesso baixada da *Lamuriosa*. – Vou repetir: esta nave opera em democracia. Sou a capitã apenas por ter talento em identificar quem é bom em algo. – Ela fitou Blir’. – Por acaso eu falo a você como se deve pilotar? – Depois para Semasalli. – Alguma vez questioneei sua decisão sobre um ponto de salto?

– Não, capitã – responderam os dois, como se por hábito.

– Então, falo simplesmente como membro do que espero que seja uma equipe competente, não como comandante. – Ela soltou o ar de um jeito que sacudiu o trio de caudas listradas que saíam de sua nuca. – Ou tiramos lucro dessa viagem, ou teremos que pensar em falar com os Hutts para pegar outro empréstimo.

Mesmo Wandau, que tivera de lidar mais vezes com diversos Hutts do que todos os outros, lamentou essa possibilidade.

– Isso aí – disse Lah ao Klatooiniano. – E que nenhum de vocês se engane achando que podemos arranjar um empréstimo honesto. Porque nenhum banco que se preze vai aceitar a *Lamuriosa* como garantia.

Maa Kaap e Blir’ trocaram olhares rápidos antes de Zabrak dizer:

– Desculpe falar isso, capitã, mas você não parecia muito preocupada com créditos ontem à noite...

– Veja lá o que vai dizer – Lah disparou contra o imediato, contendo muito mal um sorriso.

– Achei que você estava prontinha pra dar a nave àquele mocinho – disse PePe, unindo-se à gozação.

Lah fez um gesto, negando a acusação.

– Eu só estava brincando com ele.

– *Brincar* é a palavra certa – disse Maa Kaap. – Visto que ele ainda era jovem o bastante pra brincar.

A capitã levou as mãos aos quadris.

– Posso ser muito convincente quando quero.

– Ah, e foi mesmo – disse Zuto, reacendendo um riso coletivo que os acompanhou até a cabine principal da *Lamuriosa*, onde 11-4D os esperava.

– Tudo em ordem? – Lah perguntou ao droide.

O robô ergueu três de seus apêndices num gesto muito próximo a uma saudação.

- Em ordem, capitã.
- Toda a carga está a bordo e contada?
- A bordo e contada, capitã.
- Checou as leituras térmicas?
- Em cada compartimento, capitã.

Ela devolveu um aceno satisfeito.

- Bom, tudo certo, então.

A tripulação se separou, cada um com suas funções a realizar. Blir' e Semasalli se dirigiram à cabine de pilotagem; Zuto, Wandau e PePe se responsabilizaram por checar se o carregamento fora adequadamente acondicionado; Maa Kaap e 11-4D foram fechar a nave; e a capitã Lah foi pedir liberação ao controle aéreo do espaçoporto de Bal'demnic.

Sem mais delongas, a nave deixou o planeta aquecido para trás e saltou do éter frio para as alturas do hiperespaço. Lah ainda estava sentada junto ao console de comunicação quando Blir' a contactou por rádio, da cabine.

- Precisamos de sua opinião sobre algo.
- Desde quando? – questionou ela.
- É sério.

A jovem seguiu adiante, e mal havia entrado na cabine quando Semasalli indicou um intruso piscando na tela que mostrava o status da nave. Uma plaquinha de metal abaixo do ponto dizia COMPARTIMENTO DE CARGA 4 AMBIENTE.

– Quente pra caramba ou frio pra caramba? – Lah perguntou ao Dresselliano.

- Frio pra caramba.

Lah cutucou o pontinho com o indicador, mas ele continuou a piscar.

– Engraçado, geralmente isso dá certo. – Ela estudou o cenho franzido de Semasalli. – O que você acha?

Ele fungou e passou a mão pela cabeça nua, profundamente plissada, que ecoava a aparência do cérebro bagunçado que continha.

– Bom, pode ser o termostato do compartimento.

– Ou?

– Ou algum dos contêineres da nave pode ter se aberto.

– Sozinho?

– Talvez durante o salto – disse Blir’, da cadeira do piloto.

– Tá, então vamos lá checar. – A capitã passou os olhos de Blir’ para Semasalli e sacudiu a cabeça, confusa. – Tem algo que não estão me dizendo?

Blir’ respondeu pelos dois:

– Lembra o Zabrak com quem Maa estava conversando na cantina?

– Que cantina? – questionou Lah, acrescentando, em seguida: – Sim, lembro. Estava pedindo carona.

Semasalli assentiu.

– Tinha sido chutado para fora de um cargueiro. Não falou por quê, mas Maa achou que era uma fria e disse que a gente não podia levá-lo junto.

Lah seguiu as pistas que lhe davam e compreendeu.

– Acham que temos um passageiro clandestino.

– Achamos que sim – disse o Dresselliano.

– Por isso queriam que fôssemos checar antes de partir.

– Exato.

Lah enrugou o rosto quase tanto quanto o de Semasalli.

– A nave nos informaria se alguém tivesse interferido no sistema anti-intrusos.

– A não ser que ele tenha entrado com a carga – afirmou Blir’.

– Dentro dos contêineres, é isso?

Blir' assentiu.

– Então ele deve estar duro feito pedra a uma hora dessas. – Lah voltou-se para Semasalli. – O compartimento quatro tem câmara de vigilância?

– Na tela – respondeu Semasalli, girando a cadeira para fitar a tela de status.

Lah pousou as palmas das mãos no console e inclinou-se para a tela enquanto o Dresselliano acessava imagens granuladas do compartimento. Finalmente, a câmara remota encontrou o que os piratas procuravam: um contêiner aberto, imerso em nuvens de gás refrigerador, com o carregamento de carnes caras já descongelando.

– Filho duma... – Lah começou, quando a imagem seguinte do compartimento a deixou aturdida, boquiaberta, em silêncio.

Blir' hesitou muito antes de perguntar:

– É o que eu estou pensando?

Lah engoliu em seco e reencontrou a voz.

– Bom, com certeza não é o Zabrak.

Plagueis estava sentado em cima de um dos menores contêineres quando a escotilha começou a girar. Totalmente acordado desde o salto dado pela *Lamuriosa* ao hiperespaço, permanecera imóvel durante as várias sondagens feitas pela tripulação, e agora baixara o capuz do manto leve e ensanguentado. Quando a escotilha se abriu, ele se viu cara a cara com a capitã Togruta da nave, junto de um musculoso Zabrak; um sarapintado Klatooiano alto como um Muun normal; um Aqualish da variedade de dois olhos; e um Kaleesh escarlata de pele escamosa, cujo rosto lembrava os dos morcegos que Plagueis consumira em Bal'demnic, e que emitia uma miscelânea de potentes feromônios. Os cinco portavam armas de raio, mas somente a do Klatooiano estava apontada para Plagueis, pronta para disparar.

– Você não consta da documentação de embarque, estranho – disse a capitã Lah ao adentrar o compartimento, soltando pequenas nuvens de vapor junto às palavras.

Plagueis ergueu as mãos num gesto inocente.

– Confesso que subi a bordo clandestinamente, capitã.

Lah aproximou-se com cautela, apontando para o contêiner aberto a alguns metros dali.

– Como você sobreviveu ali dentro?

Plagueis imitou o aceno feito por ela.

– Aquelas criaturas marinhas formam uma cama confortável.

O Zabrak adiantou-se, com o crânio íngreme franzido de raiva.

– Essas criaturas são o nosso pão, Muun. E agora não valem um crédito sequer.

Plagueis encarou-o.

– Peço desculpas por estragar parte da sua carga.

– O resfriamento – disse Lah, num tom mais firme. – Como sobreviveu a ele?

– Nós, Muuns, temos três corações – respondeu Plagueis, cruzando as pernas. – Dois deles estão sob controle voluntário, então fui capaz de manter meu sangue circulando e minha temperatura corporal perto da normal.

Parado perto do contêiner aberto, o Quara disse:

– Por falar em sangue, você deixou vaziar um pouco aqui.

Plagueis viu que algumas das criaturas marinhas estavam cobertas de sangue congelado.

– Resultado de um acidente infeliz. Mas obrigado por notar.

Lah passou os olhos do contêiner para Plagueis.

– Temos um droide médico. Vou mandá-lo verificar seu ferimento.

– Seria muita gentileza sua, capitã.

– Você está muito distante do Corredor Braxant – disse o Kaleesh. – E é a última espécie que esperávamos encontrar escondida num contêiner de um cargueiro.

Plagueis fez um gesto com a cabeça, concordando.

– Imagino que sim.

– O espaçoporto de Kon'meas tem voos comerciais para Bimmisaari – completou o Zabrak. – Não deu pra esperar ou ficou sem crédito?

– Para ser honesto, eu preferi evitar as rotas espaciais comuns.

Lah e o Zabrak trocaram olhares desconfiados.

– Você é um fugitivo? – ela perguntou. – Procurado?

Plagueis negou.

– Contudo, valorizo muito a minha privacidade.

– Pode valorizar – disse o Quara. – Mas tem que admitir... – ele apontou para os frutos do mar sujos de sangue – ... isso afeta bastante a sua credibilidade.

– O que o trouxe a Bal'demnic, Muun? – perguntou o Klatooiniano antes que Plagueis pudesse falar.

– Não tenho liberdade para divulgar a natureza das minhas atividades.

– Investe no Clá Bancário – disse o Klatooiniano, zombando. – Ou é advogado. É o que todos os Muuns fazem, capitã.

Lah avaliou Plagueis.

– Ele está certo?

Plagueis deu de ombros.

– Nem todos nós somos banqueiros ou advogados. Do mesmo modo que nem todos os Togrutas são pacifistas.

– Seria bom pra você se fosse *mesmo* um mago das finanças – disse o Zabrak –, pra evitar ser ejetado da nossa nave.

Plagueis manteve o olhar pousado em Lah.

– Capitã, entendo que você e sua tripulação tenham muitas dúvidas com relação a mim. Mas talvez, em prol da simplicidade, nós dois pudéssemos conversar em particular por um instante. – Quando Lah hesitou, Plagueis acrescentou: – Estritamente com o intuito de facilitar um acordo.

A capitã olhou para os demais, depois fechou a cara e assentiu.

– Não vou demorar – ela disse ao Zabrak conforme ele saía do compartimento. – Mas, mesmo assim, fique de olho no vídeo.

O Zabrak lançou um olhar pontiagudo para Plagueis quando falou:

– Se demorarem, logo voltaremos.

Plagueis esperou até ficar sozinho com Lah.

– Obrigado, capitã.

Ela fechou a cara.

– Chega desse falatório polido. Quem é você e por que não saiu de Bal'demnic na nave que o levou pra lá?

Plagueis soltou um suspiro dispendioso.

– Antes de entrarmos nisso, sugiro que avaliemos a situação presente sem rodeios. Entrei clandestinamente no seu veículo na esperança de conseguir transporte rápido para Muunilinst. – Falando em língua básica, Plagueis pronunciou a palavra com o segundo *n* mudo. – Felizmente para nós dois, tenho condições de compensá-la generosamente pela carona e claro que vou cobrir o custo de qualquer carga preciosa que tenha arruinado. Você só precisa estipular um valor razoável, e o acordo será concluído. Asseguro-lhe, capitã, que sou um Muun de palavra.

A Togruta estreitou o olhar, desconfiada.

– Deixando de lado a sua identidade, por ora... digo, as coisas importantes... sua estada a bordo é questão que preciso levar à minha equipe.

Plagueis piscou, em genuína confusão.

– Não sei bem se entendo. Você é a capitã da *Lamuriosa*, não é?

– Somos todos iguais a bordo desta nave – disse Lah. – Não tomo decisões importantes sem pelo menos escutar um por um, caso essas decisões envolvam a carga que transportamos ou onde as entregamos. E, enquanto você tenta decidir se me considera nobre ou simplesmente uma tola, deixe-me acrescentar que não dou a mínima para o que acha dessa organização. Como você disse: a situação é esta.

Plagueis sorriu sem mostrar os dentes.

– Nesse caso, capitã, aguardarei o resultado da assembleia.

Lah relaxou um pouco.

– Enquanto isso, você terá que esperar aqui mesmo.

Plagueis aceitou facilmente as condições.

– Demore quanto precisar. Quanto mais perto estamos de Ithor, mais perto estou de casa.

Essas palavras congelaram a capitã.

– Como sabe que estamos indo para Ithor?

– Do mesmo modo que sei que seu nome é Ellin Lah. – Saboreando a confusão da outra, Plagueis acrescentou: – Não sou telepata, capitã Lah. Depois de escolher sua nave entre as outras na pista, invadi a rede do espaçoporto de Bal'demnic.

Ela pendeu a cabeça num misto de interesse e apreensão.

– Por que a *Lamuriosa*, então?

Plagueis fungou.

– Não aposto, capitã, a não ser que as chances de vitória estejam do meu lado.

Ela bufou.

– Isso não é apostar.

Na cabine principal, 11-4D monitorara a conversa dos membros da tripulação desde que retornaram do compartimento de cargas quatro. O droide, o que a *Lamuriosa* tinha de mais similar a um médico, era responsável por cuidar da saúde da tripulação e por isso se acostumara a espiar conversas sempre que possível, em todo lugar. Criando perfis individuais baseados em frequência cardíaca e taxa de respiração, temperatura e linguagem corporal, expressão facial e vocalização, o droide entendeu que a descoberta de um invasor Muun a bordo da nave elevara de modo significativo o nível de estresse de Maa Kaap.

– Quando foi que você viu um Muun fazer isso? – perguntou o Zabrak.

– Quando foi que você viu um Muun na vida, e ponto? – Wandau questionou, no mesmo sentido.

– Tudo bem, então, quando foi que se ouviu falar de um Muun fazendo isso?

Antes que Maa Kaap ou qualquer outro pudesse responder, a capitã entrou na cabine, claramente confusa, mas tentando ao máximo disfarçar. 11-4D notou o fluxo sanguíneo aumentado nas caudas da cabeça dela, seus órgãos sensoriais, e uma mudança na pigmentação – uma resposta dos Togrutas à tensão nervosa que às vezes induzia camuflagem mimética involuntária.

– Então – disse Maa Kaap, levantando-se.

Os membros da equipe escutaram com atenção conforme a capitã Lah resumiu a pequena conversa com o Muun clandestino, que se recusara a fornecer detalhes pessoais, incluindo o nome. Nem oferecera também explicação sobre sua presença em Bal'demnic, nem divulgara o motivo por trás de querer partir às pressas. E o mais importante: não revelara nada sobre a causa ou natureza do ferimento. Em vez disso, mantivera-se em torno de arranjar um trato para ser levado a Muunilinst, planeta no distante Corredor Braxant e quartel-general corporativo do Clã Bancário Intergaláctico.

– O que a sua intuição diz sobre isso, capitã? – perguntou PePe, agitando as orelhas pontudas, curioso.

A capitã Lah olhou para o corredor que levava ao compartimento de carga 4.

– O cara é liso feito sabão e acostumado a conseguir o que quer. Mas ou o levamos de volta a Bal'demnic, colocando nosso carregamento em risco, ou o largamos na primeira parada e deixamos que outra pessoa cuide dele.

– Ou simplesmente o jogamos fora agora mesmo – disse Wandau.

Lah discordou.

– Não sabemos se ele não falou pra ninguém em Bal'demnic que ia invadir uma nave. E, se falou, o sumiço dele pode nos colocar numa baita enrascada.

– O que vai ser, então? – pressionou Maa Kaap.

Lah parecia ainda um pouco em dúvida.

– Acho que devemos nos livrar dele assim que possível.

Wandau e Zuto trocaram olhares.

– Você não quer nem pensar num preço a pagar pela viagem?

– Nunca estive no Corredor Braxant – disse a capitã. – Algum de vocês já? Todos balançaram a cabeça em negação.

– Ele está disposto a cobrir o valor da carga estragada? – perguntou PePe.

– Disse que sim.

– Então talvez devamos levá-lo a Ithor – prosseguiu o Kaleesh. – Se ele se mostrar um passageiro que colabora, podemos até pensar em levá-lo até Muunilinst. Com certeza não vai fazer mal conhecer esse canto do espaço.

– Não sei não... – Lah mordeu o lábio inferior.

– Vou mais um passo ainda adiante – disse Zuto, avançando o focinho bigodudo. – Ora, esse Muun pode ser uma bolada que caiu bem no nosso colo. Vocês não estavam dizendo que nenhum banco nunca nos daria empréstimo

com a *Lamuriosa*? Bom, Muunilinst é o banco, e esse Muun pode oferecer toda a garantia de que precisarmos.

– Nossa recompensa por anos de vida honesta – acrescentou PePe.

Lah fitou ambos.

– Estão dizendo o quê? Devemos prendê-lo e pedir resgate?

Zuto retraiu as presas e deu de ombros.

– Não precisa usar esse termo.

– Esqueça – disse Lah. – Nunca fiz isso. Bom, talvez uma vez, mas não vamos fazer de novo.

– Concordo – afirmou Maa Kaap.

Wandau assentiu com a cabeça.

– Eu também.

PePe retraiu-se um pouco.

– Tá bem, eu só estava pensando alto.

– E tem outra coisa – disse Maa Kaap. Erguendo sua grande cabeça, apontou para 11-4D. – Conte à capitã o que estava nos contando.

O droide passou para onde os membros da equipe estavam reunidos e girou a cabeça para Lah.

– Capitã, eu apenas apontei que os Muuns não costumam viajar em companhia sem que haja grande motivação para tanto. Na verdade, a maioria dos Muuns reluta em deixar Muunilinst por qualquer motivo que não seja para fazer negócios.

– É exatamente isso que eu quis dizer com a garantia – interrompeu PePe.

– Deve haver algum motivo financeiro pra ele ter passado por Bal'demnic.

Algum grande negócio rolando, em que podemos tentar entrar. Um projeto de construção, talvez.

– Deixe o 4D terminar – disse Maa Kaap.

Lah fitou o droide.

– Prossiga.

– Ainda será determinado no que o Muun estava envolvido. Suponhamos, contudo, que a natureza de seus negócios possa gerar impacto negativo em Bal'demnic. Caso se espalhem rumores de que a tripulação da *Lamuriosa* deu apoio à partida ilegal do Muun, o que será da reputação da nave junto ao setor Auril? Talvez você queira incluir esse valor nos cálculos referentes a um combinado para cobrar pela viagem.

Maa Kaap cruzou os braços em frente ao peito imenso.

– Esse clandestino está disposto a nos arranjar pro resto da vida, caso nossos serviços não sejam mais requisitados neste setor?

– E quanto ao que os Muuns podem fazer conosco se nós *não* o aceitarmos? – questionou Zuto. – Eles alcançam uma galáxia inteira.

Wandau riu, mas sem alegria.

– O que vão fazer? Rebaixar nossos portfólios? Congelar nossas ações? Arruinar nossa classificação de crédito? As únicas coisas que temos de valor são esta nave e a nossa reputação por fazermos o que dizemos que vamos fazer.

– Quase sempre – Maa Kaap disse baixinho.

PePe bateu as mãos nas coxas.

– Isso retoma o que eu disse sobre pedir muito mais do que ele pode considerar um preço justo. Esses tipos do Clá Bancário são todos uns mãos-fechadas. Mas nós temos um Muun vivo, e não importa quem ele é ou quem finge ser, garanto que vale mais de dez anos de venda de meattails e octópodes.

Maa Kaap quebrou o curto silêncio:

– Capitã?

– Não fui balançada por nada disso – disse ela, após um momento. – Quero me livrar dele.

Um olhar confuso surgiu no rosto de Zuto.

– Acha que ele é perigoso?

PePe riu da ideia.

– A maioria dos Muuns é covarde. Eles usam créditos como armas.

Lah respirou fundo demoradamente.

– Perguntaram o que diziam os meus instintos. É isso.

– Tenho uma ideia – disse Maa Kaap. – Meio que um acordo. Saímos do hiperespaço e nos comunicamos com as autoridades de Bal'demnic. Se esse Muun for procurado, seja qual for o motivo, devolvemos, seja carga ou não. Se não for, pensamos num valor para levá-lo até Ithor, e não além. – Ele fitou Lah.  
– Está disposta a levar essa proposta pra ele, capitã?

Lah respondeu como se as palavras tivessem acabado de encontrar as ideias.

– Tá certo. Isso parece uma boa.

Contudo, ela permaneceu sentada.

– Você, há, quer apoio? – perguntou Wandau depois de passado mais um longo momento.

– Não, não – respondeu ela, finalmente se levantando.

*Eu sou a capitã*, 11-4D quase pôde ouvir Lah dizendo a si mesma. Focando seus fotorreceptores, o droide observou a mão direita dela se mover discretamente até a arma presa no quadril. Com um movimento do dedão, ela acionou a arma.

– Vamos ter que mantê-lo aqui no gelo por um pouco mais de tempo – disse Lah quando entrou no compartimento de carga. Plagueis não se movera do contêiner que lhe servia de assento, mas o manto estava aberto e as mãos descansavam em cima dos joelhos.

– Isso significa que você falhou em conseguir um consenso?

– Eu não diria tanto – respondeu Lah. – Resolvemos que precisamos saber quem você é antes de concordarmos em levá-lo. E, já que você está relutante em dizer, vamos checar junto a Bal'demnic.

Plagueis assumiu uma expressão tola de desapontamento.

– Capitã, eu já disse tudo o que você precisa saber.

A *Lamuriosa* deu uma leve sacudida.

– Estamos saindo do hiperespaço – disse Lah.

Em sua mente, Plagueis ouviu as palavras de Darth Tenebrous. *Para nós que habitamos a Força, a vida normal é pouco mais que fingimento. Nossas únicas atitudes de significado são aquelas que realizamos a serviço do lado sombrio.*

– Não posso permitir isso, capitã.

Lah fechou a cara.

– Receio que terá que permitir.

Plagueis estivera ciente desde o início da conversa que a arma estava acionada, e agora ela levava a mão até lá. Caninos afiados brilharam na boca entreaberta da capitã. Ele acreditara mesmo que poderia arranjar um acordo com os membros imaturos e de pavio curto da tripulação da *Lamuriosa*? Os destinos deles foram selados no instante em que Plagueis avistou a nave na área de pouso. A possibilidade de alcançar qualquer outra conclusão não passava de ficção. Desde aquele primeiro momento, todos estiveram fadados a sofrer uma série inevitável de eventos. A Força os unira em conflito. Até mesmo Lah devia ter percebido.

Plagueis disse:

– Não, capitã.

Mas até ali o aviso eram apenas palavras.



## CAPÍTULO 4

# O SIGNIFICADO DA MORTE

A *Lamuriosa* tinha acabado de retornar ao espaço real quando os sensores de áudio do 11-4D registraram sons incomuns vindo da popa: um clique de ativação, um sibilo prolongado de energia, um longo corte, uma exalação entrecortada de ar. Os sons foram seguidos por um jorro súbito de calor do corredor que levava aos compartimentos de carga e que poderia ter sido interpretado como uma lufada de ar. Somente ao ajustar a taxa de entrada de seus fotorreceptores o droide pôde identificar o borrão que entrou na cabine como um Muun vestido de manto com capuz, calças e botas que iam até o joelho.

Maa Kaap, PePe, Wandau e Zuto viraram-se ao mesmo tempo quando o Muun parou, desafiando toda a inércia, a alguns metros de onde os quatro se sentavam. Preso à mão direita dele, estava um aparelho de energia de lâmina avermelhada que o banco de dados do droide reconheceu como um sabre de luz – arma usada quase exclusivamente por membros da Ordem Jedi. E, entretanto, esse dado gerou um momento de admiração. Os Jedi eram conhecidos como guardiões da paz e cumpridores da justiça, mas o comportamento do Muun – a posição dos longos membros, a prostração feral do queixo protuberante, o brilho amarelado nos olhos – indicava tudo, menos paz. Quanto à justiça, 11-4D não conseguia captar nenhum exemplo de algo que os quatro membros da tripulação pudessem ter feito que gerasse ofensa merecedora de punição capital.

Com o sabre de luz zumbindo, pendurado na mão esquerda, o Muun permaneceu em silêncio, deixando sua postura falar por sua nefasta intenção.

Por sua vez, os membros da tripulação, percebendo que eram equivocadamente acusados, levantaram-se com rapidez, ao mesmo tempo levando as mãos às armas amarradas a seus quadris e coxas. O fato de o Muun ter permitido tal ação rendeu mais um mistério para 11-4D – até que ele por fim compreendeu que o invasor estava meramente cortejando o combate.

O droide imaginou o que a capitã Lah pudera ter dito ou feito para incitar tamanha ira no Muun. Ele recapitulou a memória dela acionando a arma. Teria ela resolvido que os problemas que o Muun representava para a *Lamuriosa* seriam mais bem solucionados se o matasse, apenas por enganar-se totalmente com relação a ele? Entretanto, tornou-se aparente que o Muun acreditava que toda a nave era cúmplice das ações da capitã e decidira distribuir retribuições das mais cruéis. 11-4D supôs que isso o incluiria, e imediatamente iniciou uma série de rotinas redundantes que gravariam e estocariam dados, no intuito de fornecer registro do que estava para acontecer.

O quadro de cara a cara na cabine durou apenas um momento, pois Wandau, que servira como guarda-costas de um Hutt famoso, pôs-se em ação, sacando e disparando a arma ao mesmo tempo que se apressou a esconder-se atrás de uma saliência. Um átimo de segundo antes, Maa Kaap ergueu a arma e atirou uma saraivada contínua de raios de energia contra o Muun. No mesmo instante, Zuto e PePe, agachados no deque, partiram para a frente na tentativa de flanquear o oponente e colocá-lo no centro de um tiroteio fatal.

Da passagem que levava à cabine frontal, chegaram os passos rápidos do piloto, Bliir', e do navegador Dresselliano da nave, Semasalli. 11-4D sabia que os dois monitoravam as imagens das câmeras do compartimento de carga e achou provável que tivessem testemunhado a sentença conferida pelo Muun à capitã Lah.

A reação de Plagueis perante a barragem de raios que convergiu sobre ele demandou quase mais poder de processamento do que o droide dispunha.

Empregando uma combinação de movimentos corporais, com o sabre de luz e a mão nua, o ágil senciente esquivou-se, defletiu ou devolveu cada raio disparado contra ele. Lentamente cedendo energia, os raios acertaram os deques e as placas, disparando alarmes, acionando um botão de iluminação de emergência e soltando cascatas de espuma supressora de fogo dos aerossóis do teto. Pouco depois de o Balosar e o Dresselliano entrarem na cabine, escotilhas selaram os corredores, impedindo que qualquer um escapasse do confronto. Somente a habilidade de 11-4D de calcular trajetórias e reagir simultaneamente ao perigo o impediu de encontrar-se no caminho de algum dos numerosos ricochetes.

De olho em Blir' e Semasalli, o Muun brandiu o sabre de luz num amplo arco que arrancou os palpos e parte da cabeça do Balosar, bem como quase todo o enrugado ombro esquerdo do Dresselliano, anuviando o ar já agitado com sangue esverdeado. Conforme os alarmes continuavam a berrar e a espuma jorrava, Blir' curvou-se e caiu de cara no deque escorregadio, enquanto Semasalli, guinchando de dor, caiu de lado, levando a mão futilmente ao membro decepado.

O sabre de luz mal saíra da mão de Plagueis quando Wandau voou de onde se escondia para atacar o Muun, atirando com sua arma tão incessantemente quanto Maa Kaap o fazia. Dessa vez, contudo, o Muun apenas estendeu a mão direita e *absorveu* os disparos. Viajando pelo comprimento do braço e pelo peito estreito, a energia pareceu brotar da mão que esperava pelo retorno da arma que girava na forma de um fio de energia azul que sibilou daqueles dedos compridos, agarrando Wandau por inteiro e erguendo-o para o teto da cabine antes de largá-lo no deque ensopado num montinho, como se os ossos tivessem virado poeira.

Sob a luz vermelha que piscava, os olhos de Maa Kaap acompanharam a subida e a queda de seu camarada fraturado. Com a arma esgotada, o Zabrak

sacou uma vibroadaga da bainha no cinto e lançou-se contra o Muun, querendo usar a imensa mão direita para apertar o pescoço espigado dele.

Plagueis pegou o sabre de luz, mas, em vez de posicioná-lo para se defender de Maa Kaap, dançou e girou, esquivando-se da vibroadaga, e começou a desviar dos chutes e socos do Zabrak, até que um chute alto no tórax arremessou Maa Kaap para o outro lado da cabine, onde ele colidiu contra a parede. As entradas de áudio de 11-4D registraram quando a espinha dorsal do Zabrak se partiu, assim como as artérias pulmonares.

Então Zuto e PePe mergulharam sobre o Muun, vindos um de cada lado, e conseguiram segurá-lo por um instante. O inimigo, entretanto, parecia ter virado pedra. O Kaleesh e o Quara atacaram com dentes e garras, mas nada surtia efeito. E, quando o Muun se cansou, posicionou o sabre de luz bem à sua frente e girou ali no meio, ceifando as presas de PePe e o focinho bigodudo e chato de Zuto. Os sensores olfativos de 11-4D detectaram o jorrar de feromônios sinalizando a morte do Kaleesh. Zuto, por outro lado – embora gorgolejasse sangue e gemesse de dor –, talvez pudesse ser salvo se tratado a tempo.

Endireitando-se da posição com as pernas mais abertas em que se encontrava, o Muun desativou o sabre de luz e avaliou os seres que acabara de matar e os que havia mutilado com fria exatidão. Seus olhos amarelos pousaram sobre 11-4D, mas apenas por um instante; depois, fixou o sabre de luz no cinto e correu para a vítima mais próxima, Doo Zuto. Agachou ao lado deste e fitou atentamente o corpo do Quara, que se contorcia, mas o droide não entendia exatamente para quê. Os inchados olhos marinhos de Zuto pareciam implorar ao atacante que o ajudasse, mas o Muun nada fez para estancar o jorrar de sangue nem ofereceu qualquer paliativo.

Ele permaneceu ao lado do Quara por alguns momentos, depois passou rapidamente para Maa Kaap, de cujo peito esmagado borbulhava sangue a cada

respirar superficial. Novamente, o Muun percorreu a vítima com os olhos, do rosto tatuado até os pés imensos. De olhos fechados, o Muun adotou uma postura que sugeria intensa concentração ou meditação, e Maa Kaap retornou à consciência, tomado pelo pânico. 11-4D sintonizou-se à pulsação do Zabrak e considerou-a regular – mas apenas por um momento. Logo o ritmo cardíaco de Maa Kaap se tornou entrecortado, e os pulmões começaram a soltar lufadas de ar.

Pouco depois, estava morto.

O Muun pareceu frustrado, e o desapontamento cresceu quando descobriu que Blir' também morrera. Ele perdeu poucos segundos avaliando Semasalli antes de seguir para Wandau, que estava consciente, embora obviamente paralisado da cintura para baixo.

– Você desonra sua herança e sua arma, Jedi – Wandau conseguiu dizer. – Poderia ter usado... a Força para nos obrigar a agir como queria. Não somente já vi, mas também passei por isso.

O rosto do Muun se retraiu em desgosto.

– Se você tem tão pouca força de vontade – disse ele na linguagem da espécie de Wandau –, então não serve para mim, Klatooiano. – E pôs fim ao sofrimento de Wandau com um estalo dos dedos.

Aos poucos, a espuma que brotava do teto foi parando, e os alarmes silenciaram. Terminadas as inspeções, o Muun levantou-se e virou-se lentamente para o droide.

– A que nome você responde?

– 11-4D, senhor.

– Sabe pilotar esta nave, 11-4D?

– Sim, senhor. – O droide fez uma pausa e depois perguntou: – Quer que eu realoque os sobreviventes ao setor médico ou me livre de todos os corpos?

O Muun analisou seu trabalho.

– Deixe-os. – Ele removeu o manto sujo e pendurou numa cadeira, revelando um segundo sabre de luz afixado no cinto. – A capitã Lah comentou que você tem habilidades médicas.

– Tenho, senhor.

Dando as costas para 11-4D, o Muun retirou a túnica manchada de sangue de sua lombar distendida.

– É capaz de consertar isso?

O droide ajustou o foco de seus fotorreceptores e sensores olfativos.

– O ferimento mostra sinais de infecção e putrefação, senhor, mas posso consertar.

Plagueis baixou a túnica e retirou um comlink de um bolso interno do manto. Ativou o aparelho e passou um instante inserindo dados nele, então virou a tela para que 11-4D pudesse ler.

– Ajuste o curso para essas coordenadas, depois venha me ver nos aposentos do capitão.

– Mais alguma coisa, senhor?

– Prepare comida e bebida. Estou faminto.

Com a *Lamuriosa* viajando pelo hiperespaço, Plagueis jazia inclinado na cama da capitã com um emplastro de bacta cobrindo o ferimento das costas, contemplando os resultados de suas tentativas de prolongar a vida dos membros da tripulação que tinham sobrevivido à altercação. Mesmo quando bem-sucedido em efetuar reparos a vasos sanguíneos e órgãos danificados, os resultados foram temporários, visto que ele não havia sido capaz de influenciar ou pedir aos midi-chlorians que ajudassem. Conjurar a Força para remendar artérias rompidas, músculo rasgado ou osso quebrado não era mais difícil do que levitar placas ou pedras. Contudo, tais remodelações surtiam pouco efeito

na casca etérea de um ser, que era essencialmente o domínio dos midi-chlorians, apesar de sua presença física nas células vivas.

Entre a tripulação da nave, a Togruta, capitã Lah, fora a mais forte na Força, mas estava além do alcance quando Plagueis se aproximou dela. Não fosse pelo descuido do Muun, em parte por conta da fadiga e da perda de sangue, e pelos reflexos rápidos feito relâmpago da capitã, o sabre de luz poderia ter simplesmente fincado o pescoço dela e a coluna cervical. Mas Lah girou no momento do impacto, e a lâmina vermelha acabou decapitando-a. O Zabrak também tinha uma contagem de midi-chlorians um pouco mais alta do que o normal, mas não o bastante para torná-lo sensível à Força. Como foi diferente observar o comportamento dos midi-chlorians do Zabrak comparado aos de Darth Tenebrous, somente dois dias antes!

Os Jedi realizavam, por rotina, exames de sangue para verificar a contagem de midi-chlorians em possíveis aprendizes, mas Plagueis já não precisava de medidas tão rudimentares. Não somente podia sentir a potência da Força em outro, como também perceber os midi-chlorians que tornavam único um ser da Força. Foram as capacidades do lado sombrio que permitiram a gerações de Sith localizar e iniciar recrutas. A dispersão de midi-chlorians no momento da morte física era, por falta de termo melhor, inexorável. Análogo à fadada confrontação com a tripulação da *Lamuriosa*, o momento da morte parecia estar de algum modo fixado no tempo e no espaço. De acordo com sua educação de Sith, visto que a capitã Lah e os outros já estavam, em certo sentido, mortos desde o instante em que Plagueis deitou olhos no cargueiro, seguiu-se que os midi-chlorians que residiam em suposta simbiose com eles tinham começado a se preparar para serem agrupados no reservatório de energia vital que era a Força muito antes de Plagueis invadir a nave. As tentativas dele de salvá-los – a fim de prolongar o estado de simbiose – podiam ser comparadas a usar uma esponja para conter um rio furioso. E, entretanto,

os lordes Sith de antigamente, dizia-se, eram capazes de alimentar-se das energias liberadas durante a morte para estender as próprias vidas, bem como as vidas de outros. Infelizmente, bem como a técnica de transferência de essência, esse antigo conhecimento fora perdido.

Sentindo a nave reverter para o espaço real, Plagueis levantou-se da cama, vestiu-se e caminhou adiante, desviando os pés dos corpos espalhados na cabine principal, pelas placas do deque cobertas de fluido supressor de fogo e poças escuras de sangue, e por corredores que cheiravam a morte. Um dos membros da tripulação, o Dresselliano que perdera um braço, continuava vivo, mas em coma.

Na cabine do piloto, o droide encontrava-se imóvel junto ao console de controle. Atrás do visor de transparação, estrelas infinitas flutuavam.

– Senhor, estamos nos aproximando das coordenadas fornecidas pelo seu comlink – disse o droide, sem se virar.

Plagueis ajeitou-se na cadeira do piloto, que mal acomodava seu corpo comprido.

– Como veio parar a bordo da *Lamuriosa*, droide?

– Anteriormente eu oferecia serviços numa instalação médica de Obroa-skai.

– Em que área?

– Pesquisa, além de realizar uma ampla variedade de cirurgias em seres de diversas espécies.

Plagueis fitou o droide.

– Daí seus diversos apêndices.

– Sim, senhor. Mas os que uso no momento foram retroajustados quando me tornei propriedade da capitã Lah, para que pudesse servir melhor às necessidades da *Lamuriosa*.

– E como se tornou propriedade da capitã?

– Acredito, senhor, que fui concedido à capitã Lah no lugar de pagamentos devidos à entrega de certa mercadoria. Creio também que a troca deveria ser temporária...

– Mas a capitã Lah resolveu ficar com você.

– Sim, senhor. Ela resolveu ficar comigo. Sinto muito por ter de dizer que não consigo explicar os motivos dela e nunca me ocorreu perguntar.

Plagueis assentiu.

– Essa é uma boa qualidade num droide.

– Eu compreendo o que diz, senhor.

– Diga-me, droide, qual é a possível consequência de níveis baixos de teloxina num Pau'na?

11-4D nem hesitou.

– Uma possível consequência seria uma elevação da taxa de oxidação, levando ao crescimento de um bócio exoftálmico, que por sua vez afetaria a produção de roamina dos lobos anteriores da glândula lutiária.

– E?

– Um resultado pode ser gigantismo, muito além do normal para um Pau'na.

– E então?

– Os gânglios conectores que formam o sistema nervoso autônomo e controlam a secreção glandular podem induzir uma aceleração nos músculos circulares do esfíncter do trato digestivo, resultando em xerofalmia.

– Então também faz diagnósticos.

– Com menor capacidade, senhor.

Atrás do vidro, tornando-se cada vez maior contra a imagem ao fundo de um monstruoso planeta com anéis, uma estação espacial girava, fixa em órbita, perto de uma lua cheia de crateras. Uma mistura de módulos redondos interconectados, a estação possuía dois braços longos e robustos aos quais naves

de diversos tamanhos se grudavam. Plagueis inseriu dados na tela de seu comlink e o pôs à vista para 11-4D.

– Transmita esse código pelo comunicador.

O droide obedeceu e esperou no comunicador enquanto os enunciadores da cabine estalaram, ganhando vida.

– Cargueiro não identificado, Demolição e Remoção do Espaço Profundo está recebendo seu pedido. Dê-nos um momento para autenticar a sua transmissão.

– Vamos esperar enquanto vocês autenticam – disse Plagueis.

– Cargueiro, está liberado para aportar – a voz retornou um momento depois.

– Eu piloto – avisou Plagueis, inclinando-se à frente para pegar o manche.

Como precaução, a estação os dirigiu a um ancoradouro na porção final do maior dos dois braços.

– Você vai me acompanhar até o deque de pouso – Plagueis disse ao droide quando desligou a nave. – Levante a rampa de acesso e ative o sistema anti-intrusos. Ninguém deve subir a bordo da *Lamuriosa* a não ser que eu permita.

– Entendido, senhor.

Aguardando no sombrio deque de pouso estavam uma Nikto e um jovem Dug castanho-avermelhado, ancorados por um diversificado contingente de seres armados. Baixando o capuz do manto quando se aproximou, Plagueis viu a Nikto ficar tensa e sinalizar aos que estavam atrás dela que abandonassem o local imediatamente.

– Magistrado Damask – ela começou, em língua básica –, eu não fui informada...

Plagueis a cortou:

– Isso não é uma visita social.

– Claro, magistrado. Entretanto, gostaria que eu avisasse ao chefe Cabra a sua visita?

– Ele está na estação?

– Não, senhor. Mas pode ser chamado por comunicador.

– Não será necessário – disse Plagueis. – Eu mesmo o contatarei.

– Como quiser, magistrado. Que serviços a estação pode oferecer?

Plagueis acenou com indiferença para o cargueiro ancorado.

– Essa nave deve ser selada e descartada.

– Sem recuperar nada? – questionou o Dug.

Plagueis fitou-o.

– Eu disse selada e descartada. Quer que eu repita mais uma vez?

O Dug mostrou os dentes.

– Sabe com quem está falando, Muun?

Plagueis passou os olhos para a Nikto.

– Quem é esse filhote inexperiente?

– Filhote? – repetiu o Dug antes que a Nikto pudesse intervir.

– O descendente mais novo do chefe Cabra, magistrado – ela disse rapidamente, contendo o Dug ao estender o braço esquerdo. – Ele não quis desrespeitá-lo.

Plagueis tornou a fitar o Dug.

– Como se chama, filhote?

As pernas traseiras do Dug contraíram-se para saltar, mas a Nikto virou-se com rapidez e meteu um tapa no focinho enrugado dele, as narinas esgarçadas, enquanto lhe espremia a traqueia com a outra.

– Responda! – ela berrou para aquele rosto que rugia. – E com todo o respeito!

O Dug cedeu e choramingou, embora certamente muito mais de humilhação do que de dor.

– Darnada – guinchou, finalmente.

– Darnada – Plagueis repetiu antes de dirigir-se à Nikto. – Talvez o pequeno Darnada deva ser amordaçado para não oferecer perigo aos parceiros de negócios do pai.

– A imprudência dele é reflexo da inexperiência, magistrado – a Nikto disse, desculpando-se abjetamente. Ela lançou um olhar ameaçador a Darnada antes de prosseguir. – Acredite que suas ordens com relação à nave serão cumpridas por completo, magistrado.

– Precisarei também de uma muda de roupa e uma nave abastecida com piloto.

– Podemos oferecer ao piloto o destino de antemão?

– Muunilinst.

– Claro, magistrado. E quais são as suas instruções para com o droide?

– Instruções?

– O droide deve ser descartado junto à nave?

Plagueis olhou para trás e viu 11-4D.

– Quanto de sua memória pode ser apagada sem prejudicar seus protocolos médicos?

– Sou modular em design – respondeu o droide. – Meu estoque de memórias pode ser apagado por inteiro ou segundo quaisquer parâmetros que você estabelecer.

Plagueis considerou.

– Permaneça junto à nave até ela ser liquefeita. Vou querer um registro completo em áudio e vídeo.

11-4D ergueu o apêndice do lado direito num gesto de aquiescência.

– A seu serviço, magistrado Damask.



## CAPÍTULO 5

# VOLTA PARA CASA

Aqueles que tiveram a felicidade de visitar Muunilinst nas décadas precedentes às Guerras Clônicas costumavam comentar que o planeta fora abençoado com os mais belos céus da galáxia. Para manter esse reino azul prístino – a fim de impedir que fosse maculado por naves de carga, transportadores ou naves de pouso –, os Muuns erigiram o mais caro skyhook de seu topo fora do Núcleo. Tão eficiente quanto luxurioso, o skyhook, conhecido afetuosamente como Funil Financeiro, ligava a cidade orbital de Alto Porto à capital planetária, Harnaidan, que funcionava como nervo central do Clá Bancário Intergaláctico. Embora a majestosa torre parecesse representar o grande apreço dos Muuns pela estética e pela ecologia, seu verdadeiro propósito era impedir que visitantes deitassem pés em Muunilinst, então salvaguardando a riqueza de recursos do planeta e mantendo secreto o luxuoso estilo de vida dos que haviam ascendido ao topo da cadeia alimentar.

De seu canto remoto da Orla Exterior, Muunilinst exercia influência por todo o espaço conhecido e até meio caminho da estrela satélite mais próxima na galáxia. Datado da fundação da República, o Clá Bancário fundara governos, apoiara assentamentos e financiara incontáveis associações de comércio, corporações de trocas e cartéis de exportação. Num sentido bastante real, o CBI ditava a vazante e o fluxo da riqueza do Núcleo para a Orla Exterior. Raramente um prédio era erguido em Coruscant sem a aprovação do Clá Bancário; raramente uma nave deixava os jardins de Kuat ou Bilbringi ou Fondor sem o CBI ter fechado um negócio; e raramente ocorria uma eleição em Corellia ou Commenor sem os Muuns serem consultados.

Conseguiram tudo isso com meticulosa serenidade que desmentia o trabalho frenético de suas mentes matemáticas. Salvo quando a questão era coletar dívidas em atraso, os Muuns, num primeiro encontro, pareciam ser uma espécie impassível e leniente, talvez até arrogante, com uma natureza ascética que combinava muito com seus corpos magros e era refletida na arquitetura simples, mas harmoniosa, das suas cidades.

Tão pálido quanto os próprios Muuns, o Centro Espacial de Alto Porto incorporava os elementos de design de que eles mais gostavam: interiores abobadados, janelas em arco, colunas compridas e frisos e entablamentos sem adornos. Entre esses blocos de construção de pedra falsa, grandes grupos de Muuns se moviam cuidadosamente e se misturavam com propósito tranquilo, embora direcionado, mantendo o clamor conversacional que deixava alguns visitantes admirados por ser remanescente da linguagem falada de máquinas pensantes. Ajudando-os, havia droides de toda variedade e empregados que vinham de planetas próximos como Bescane, Jaemus, Entralla e outros. Em qualquer dia, um visitante podia ver enviados de Yagai, Gravlex Med ou Kalee, junto com Hutts de Drixo ou gente de Progga. Contudo, o que mais se via, em impressionante quantidade, eram os membros do Clá Bancário – financiadores, contadores, advogados – vestidos com o típico traje fiduciário de Palo: calças verdes bem ajustadas e botas, túnicas verdes de gola redonda e mantos verdes de ombros largos. Alguns eram acompanhados por grupos de soldados atarracados, de pele escura e nariz chato, do planeta Iotra, ostentando berrante armadura corporal e portando armas cerimoniais.

Nesse dia, cortando o mar verdejante feito uma criatura predatória do mar, veio um conjunto de Muuns em forma de seta, todos usando manto preto e capuz, protegidos por um contingente de guerreiros Echani de cabelos loiros cujos olhos prateados miravam todos os cantos, vigilantes, e cujos trajes metálicos mascaravam a translucidez da pele. Na ponta do grupo, marchava

um Muun mais idoso, com cavanhaque e ombros curvados, que seguia diretamente para a estação de controle de Alto Porto, onde Hego Damask – como Plagueis era conhecido por todos, exceto pelo falecido Darth Tenebrous – e 11-4D aguardavam, entre um contingente de seguranças.

– Viemos assim que a Imigração do Alto Porto nos notificou – disse Larsh Hill. – Se você nos tivesse contatado da Demolição do Espaço Profundo, poderíamos ter enviado uma nave, em vez de deixá-lo à mercê da hospitalidade especial do chefe Cabra.

– Parece que ninguém acredita que eu seja capaz de encontrar o caminho de casa – retrucou Damask.

O rosto comprido de Hill enrugou-se.

– Não entendo.

– Não tem importância. Basta dizer que despachar uma nave apenas resultaria em mais atraso.

Como Hill e seu cortejo de meia dúzia, a cabeça pelada de Damask estava sob um capuz apertado, e a bainha de seu manto preto varria o piso polido.

– Esperávamos que você chegasse dois dias atrás – disse Hill, com uma nota de exasperação.

– Eventos de natureza imprevista me impediram de retornar mais cedo.

– Uma jornada bem-sucedida, contudo, suponho.

– Supõe corretamente.

Hill relaxou um pouco.

– Não devemos nos tardar aqui mais do que o necessário. O transporte nos aguarda.

Ao gesto de Hill, os Muuns de manto preto começaram a virar na direção dos turboelevadores do skyhook; quatro dos guerreiros de traje prateado quedaram para o lado de Damask e do droide, que vinha andando logo atrás.

– Está mancando – disse Hill, urgente, num tom mais baixo. – Está ferido?

– Melhorando – respondeu Damask. – Não comente mais nada.

– Podemos postergar o Encontro...

– Não. Ocorrerá conforme agendado.

– Fico aliviado – afirmou Hill –, visto que muitos dos seus convidados já estão em trânsito para Sojourn.

O grupo se encontrava a meio caminho dos turboelevadores quando uma facção de oficiais do Clã Bancário deliberadamente passou na frente deles, fazendo-os parar. O óbvio líder da facção, um Muun de meia-idade, separou-se dos demais e veio à frente.

– Magistrado Damask – disse. – Que surpresa encontrá-lo aqui, em meio à plebe.

Damask adotou um sorriso curto.

– Tirando você, claro, presidente Tonith.

Tonith ficou tenso.

– Estamos só de passagem.

– Nós também – informou Damask, avançando na direção de Hill e dos demais.

– Andou viajando, magistrado?

– Viagem de negócios, presidente.

– Claro. – Foi a vez de Tonith abrir um sorriso medíocre. – Mas, nesse caso, talvez você não tenha ouvido que o Senado está prestes a criar zonas de comércio livre adicionais nos territórios da Orla Exterior. Apesar do que entendo terem sido esforços consideráveis da sua parte em prol do contrário, os cartéis de exportação enfrentam o perigo de serem rompidos, e, mesmo que não aconteça, certamente terão de lidar com feroz competição das companhias de *startup*. Tanto planetas do Núcleo quanto da Orla Exterior devem se beneficiar muito desse arranjo, não concorda?

Damask inclinou a cabeça numa reverência, mostrando ter compreendido.

– Não ouvi nada disso, magistrado. A quem podemos agradecer por balançar os liberais para adotar essa emenda?

– Entre outros, a Ordem Jedi teve muito sucesso no lobby.

– Então deve ser para o melhor.

– Supomos que sim – disse Tonith lentamente. – Exceto pelo fato de que, em troca, a Federação do Comércio agora terá total privilégio de voto no Senado.

– Ah, bem. Mitigações desse tipo ou outro sempre aparecem nas questões do Senado.

Tonith inclinou-se ligeiramente para Damask.

– Mas obrigado por sugerir que investíssemos na exportação para a Orla Exterior e na rota Permeliana. Os resultados foram ótimos.

– Sempre que puder servir, presidente.

Tonith endireitou-se.

– Seu pai de clá ficaria orgulhoso.

Damask fitou Tonith bem nos olhos.

– Aceito isso como elogio.

– O que mais poderia ser, magistrado?

Quando os membros do Clá Bancário seguiram e o grupo de Damask retomou seu caminho, Damask fitou Hill.

– Algum dia, vamos derrubar os Toniths de seu poleiro majestoso.

Hill sorriu com os olhos.

– Espero estar vivo para presenciar esse dia. E só para você saber, Hego, seu pai teria *mesmo* se orgulhado. Não dê ouvidos ao sarcasmo do presidente Tonith.

– Você sabe do que está falando.

Chegando aos turboelevadores do skyhook, Hill acenava a todos os demais, com exceção de Damask, que fossem a outro elevador, quando Plagueis disse:

– O droide vem conosco.

Hill avaliou 11-4D quando os três entraram no turboelevador.

– Nova aquisição?

– Na verdade, foi mais um prêmio – respondeu Damask.

Hill não quis mais informações.

– Vai para a sua residência ou para Aborah?

– Direto para a ilha. O droide me acompanhará.

– Farei os arranjos necessários.

Damask baixou a voz para perguntar:

– Estamos seguros aqui?

– Completamente.

Damask virou o rosto para fixar o Muun mais alto e mais velho.

– Rugess Nome está morto.

– O Bith? – perguntou Hill, atônito. – Como? Quando?

– Não tem importância – disse Damask, recordando-se. – Futuramente, os bens de Nome passarão para nós, mas isso não vai acontecer tão cedo, visto que é improvável que o corpo dele seja encontrado.

Hill nem pensou em pedir mais detalhes.

– Deixemos passar um ano-padrão. Depois pediremos às cortes de homologação que tomem uma decisão, pelo menos quanto aos ativos que são, por contrato, nossos. Em todo caso, você é o executor, não é?

Damask assentiu.

– Acabaremos liquidando boa parte dos bens. Mas há diversas... antiguidades curiosas que planejo reter. Preparei um inventário. Entrementes, quero que você se familiarize com um mundo chamado Bal'demnic. Quando o fizer, deverá adquirir direito de mineração para toda a península nordeste da principal porção de terra. Compre o máximo de propriedades que puder, desde a costa até os planaltos centrais. Providenciarei as coordenadas específicas.

Uma dúvida enrugou os traços severos de Hill.

– Vamos nos aventurar na mineração, agora?

– No momento certo. Use intermediários que não sejam associados a nós.

Receio que terá de ir até o topo para garantir o que precisamos. Será difícil negociar com os aborígenes, mas estou confiante de que podem ser persuadidos. Pechinche com vontade, mas no final não contenha os gastos.

– Bal'demnic é tão importante assim?

– Creio que sim – afirmou Damask.

Descendo rapidamente, o turboelevador do skyhook perfurou camadas de nuvens de um branco puro, revelando um panorama curvo de oceano verde-claro, planícies beges e florestas verdejantes. E, diretamente abaixo, a vista que se dizia ser de tirar o fôlego: a cidade de Harnaidan, permeada por estruturas neoclássicas tão altas quanto os pináculos vulcânicos que as circundavam, a residência de 50 milhões de Muuns que viviam numa paisagem urbana que era uma ordenada obra de arte e design. Para alguns, representava a antítese da maioria das capitais planetárias: o contrário de Coruscant e de Denon.

– O que se pode esperar do encontro? – Damask perguntou, dando as costas à vista.

– Gardulla requisitou uma audiência.

– Não estou acostumado a me sentar com os Hutts.

– Ela pede a você que ajude a mediar a disputa.

– Com quem?

– O clã Desilijic.

Damask assentiu.

– Faz um tempo que isso vem se alongando. Que mais?

– Representantes de Yinchorr estarão lá.

– Ótimo. Os holotransmissores têm seus limites.

– Membros da Federação do Comércio e do Protetorado Gran também participarão.

Damask bufou.

– Não é possível agradar a nenhum dos dois. – Ficou pensativo, depois prosseguiu: – Tem outro probleminha que temos que resolver. Mande um convite pessoal aos proprietários da Mineradora Subtexto.

Hill coçou o queixo peludo.

– Não me lembro de ter feito negócios com eles. Isso tem alguma relação com Bal'demnic?

Damask ignorou a pergunta.

– Durante um tempo, eles deram conselhos a Nome. Certifique-se de que entendam que operamos em total confidencialidade.

– Se o Bith era parceiro deles, devem ser muito bem recomendados.

– É de se supor. – Damask deu as costas a Hill para admirar a vista uma vez mais. – Mas, na verdade, não vejo muito futuro para eles.

Ao contrário de tantos mundos que haviam sido pesquisados e dominados pelas espécies do Núcleo, Muunilinst criara seu próprio ramo de sencientes. Fazendeiros e pescadores, os Muuns antigos não sabiam quão favorável era seu planeta até que as viagens interestelares tornaram-se lugar-comum, e os metais preciosos, a espinha dorsal da economia galáctica. Caso esses milênios iniciais de expansão não tivessem sido uma época de paz, os Muuns poderiam ter perdido suas posses para o poderio militar; mas, por fim, eles resistiram a todas as tentativas de exploração e tornaram-se mestres de seu destino. Entretanto, o que um dia fora uma bênção econômica acabou se tornando um fardo. Assim que os Muuns entenderam o valor do que até então ignoravam, agarraram-se a suas riquezas com feroz tenacidade e desenvolveram uma ligação quase agorafóbica com seu planeta natal.

Em meio aos oceanos rasos de Muunilinst, a mesma atividade vulcânica que fertilizara as vastas planícies vomitara novos metais preciosos e material oceânico suficientes para fornecer combustível ao crescimento de impérios. Montanhas empilhadas em cima de respiradouros da crosta planetária constituíam depósitos de extraordinária riqueza. Envoltas por águas cálidas lotadas de mariscos, vermes e flora bioluminescente, essas “chaminés”, como eram conhecidas, tornaram-se a fonte e o cofre financeiro dos mais poderosos e prósperos clãs de Muunilinst.

Mais remota que outras, Aborah, que fora a província do clã de Damask por diversas gerações, era permeada pelas chaminés dormentes cujos picos cônicos densamente florestados erguiam-se por entre as águas calmas do mar do oeste. Um labirinto de tubos de lava interconectados enraizava-se nas profundezas da ilha montanhosa; quedas d’água mergulhavam das alturas; e árvores de incenso perfumavam o ar salgado dos vales mais baixos. Transportado por deslizador até a torre norte de Aborah, Plagueis levou 11-4D pelos corredores e pelas cavernas que constituíam seu local de sacrossanta solidão.

Acenando para os muitos droides que estavam a postos para receber a dupla em Aborah, Plagueis disse:

– Você acabará se sentindo em casa aqui, como eu.

– Certamente, magistrado Damask – disse 11-4D, registrando com os fotorreceptores uma dezena de tipos diferentes de droides numa só olhada. Memodroides, droides de energia GNK, até mesmo um protótipo de droide cirurgião Ubrikkiano.

– Logo vamos recolocar seus apêndices originais, para você poder trabalhar bem.

– Mal posso esperar, magistrado.

O passeio começou pelos quartos periféricos, equipados com mobília e objetos de arte da maior qualidade, reunidos de todos os setores da galáxia. Mas Plagueis não era consumista como um Neimoidiano nem de ostentar como um Hutt; e assim os quartos ornamentados rapidamente cederam espaço a salas de bancos de dados lotadas de receptores de áudio e vídeo e projetores HoloNet; depois, seguiram para galerias tomadas até as bordas de documentos e tomos antigos, gravados em materiais que iam de pergaminho de casca de árvore, passando por flimsiplast até cristal de registro e holocron. Dizia-se que os Muuns abominavam literatura e odiavam manter registro de qualquer coisa além de notificações de empréstimo, tabelas atuariais e escrituras legais, e, entretanto, Plagueis era guardião de uma das melhores bibliotecas que se podia encontrar fora de Obroa-skai ou do Templo Jedi, em Coruscant. Ali, devidamente arrumados, catalogados e estocados em caixas climatizadas, havia uma coleção de tratados e comentários acumulados ao longo de séculos pelos Sith e seus agentes em geral involuntários. Histórias antigas dos Rakata e dos Vjun; textos devotados aos seguidores de Palawa, à Academia Chatos e à Ordem de Dai Bendu; arquivos que um dia pertenceram à Casa Malreaux; anais dos feiticeiros de Tund e da rainha Amanoa, de Onderon; estudos biológicos dos ysalimiri e vronskrs de Myrkr, e dos taozins de Va'art. Algumas espécies antigas, como os Wookiees, os Hutts, os Falleen e os Toudarianos, possuíam galerias exclusivas.

Mais ao fundo na montanha, ficavam os laboratórios onde o verdadeiro trabalho de Plagueis acontecia. Confinadas em jaulas, campos de estase, biorreatores e tanques de bacta, havia formas de vida trazidas a Muunilinst de toda a galáxia – muitas vindas dos mundos mais remotos da galáxia. Algumas eram criaturas de instinto; outras, semissencientes. Algumas foram reconhecidas imediatamente por 11-4D; outras pareciam criaturas confeccionadas com partes emprestadas. Algumas acabavam de nascer ou sair

de ovos, e outras pareciam prestes a morrer. Muitas delas eram sujeitos de experimentos recorrentes do que parecia ser vivisseccção ou cruzamento interespécies, e outras estavam em clara animação suspensa. 11-4D notou que muitos dos animais usavam tubos que os ligavam a máquinas de monitoramento biométrico, enquanto outros eram cuidados diretamente por droides especializados. Em outros pontos da montanha oca, havia salas fechadas aquecidas por luz artificial, tomadas por misturas de gases rarefeitos e flora luxuriante. E, ainda mais a fundo, havia centros de testes cheios de máquinas complexas e unidades de resfriamento devotadas ao armazenamento de componentes químicos, alcaloides derivados de plantas e animais, amostras de sangue e tecido, além de órgãos de uma hóstia de espécies.

Plagueis instruiu 11-4D a perambular sozinho pelas galerias e laboratórios, e depois reportar-se de volta.

Horas mais tarde, o droide retornou e disse:

– Percebi que você está envolvido com pesquisas relacionadas à durabilidade e à hibridização de espécimes. Mas devo confessar que não conheço muitos dos exemplos de fauna e flora que você reuniu, assim como poucos dos documentos arcanos da biblioteca. Os dados estão disponíveis para transferência?

– Uma parte, sim – disse Plagueis. – O restante deve ser escaneado.

– Tarefa que demandará anos-padrão, magistrado.

– Estou ciente. Embora haja certa urgência, não temos pressa.

– Eu entendo, senhor. Há dados específicos que quer que eu assimile primeiro?

Do bolso interno do paletó, Plagueis retirou um cristal de registro.

– Comece com isto. É uma história dos Sith.

11-4D passou alguns instantes pesquisando em sua memória.

– Encontrei diversas listagens sob esse título. Uma define os Sith como uma seita antiga devotada ao estudo da Força. Similar à Jedi, mas guiada por princípios diferentes.

– Por ora, isso já basta – disse Plagueis.

– Magistrado Damask, se posso ser ousado para perguntar: qual é nosso objetivo, afinal?

– O objetivo é estender minha vida o máximo possível. Sobrepujar a morte.

O droide fixou Plagueis com os fotorreceptores.

– Devo acessar dados acerca de “elixires da vida” e “fontes da juventude”, magistrado. Mas todos os seres vivos um dia morrem, não?

– Até agora, 11-4D.

O droide pensou muito.

– Tenho experiência com cirurgia para substituição de órgãos, genoterapia telomérica e suspensão em carbono. Mas nada além.

Plagueis fez uma expressão quase zombeteira.

– Então ainda tem muito a aprender.

Com 11-4D mergulhado em seu modo de processamento, Plagueis drenou um tubo de seu próprio sangue e o sujeitou à análise. Apesar da recente amplificação de seus poderes, ele sentia que sua contagem de midi-chlorians não aumentara desde os eventos ocorridos em Bal'demnic, e a análise da amostra de sangue confirmou a suspeita. As pesquisas há muito tinham estabelecido que transfusões de sangue de indivíduos sensíveis à Força não conferiam os poderes desta a quem as recebia, embora sangue com alta contagem de midi-chlorians pudesse garantir força e resiliência temporárias. Experimentos com transfusão absoluta apresentaram resultados horríveis para os receptores, sugerindo a alguns que a Força cobrava muito dos que se

atreviam a mexer com ela. Os midi-chlorians de um indivíduo pareciam saber a quem pertenciam e não respondiam mais quando fora de seu dedicado veículo.

Embora essas partículas parecessem resistir à manipulação do tipo que pudesse pôr em perigo o equilíbrio da Força, elas permaneciam passivas, até condescendentes, no caso de um ser de vontade fraca ser manipulado por um firme na Força. Talvez isso explicasse por que costumava ser mais fácil conjurá-la para curar alguém em vez de a si mesmo. Estender a vida, então, poderia girar em torno de algo simples como ser capaz de induzir os midi-chlorians a criar novas células; a se subdividir sob comando, aumentando seus números às dezenas de milhares para curar ou substituir células danificadas, velhas ou metastáticas. Era necessário induzir os midi-chlorians a servir às necessidades do corpo; a conjurar força quando necessário; a superar injúrias físicas ou impedir que as células atingissem a senescência.

Se alguém acreditasse nas histórias transmitidas oralmente ou por holocron, os Sith antigos tinham aprendido a fazer isso. Mas teriam Sith como Naga Sadow e Exar Kun sido realmente mais poderosos, ou apenas se beneficiaram do fato de o lado sombrio ser mais proeminente nessas eras passadas? Alguns comentaristas alegavam que a habilidade de sobrepujar a morte fora restrita aos que possuíam talento para a feitiçaria e a alquimia e que o uso de tais práticas na verdade datava de antes da chegada dos Jedi sombrios exilados em Korriban. Contudo, a feitiçaria era empregada menos para estender a vida do que para criar ilusões, conjurar feras e devolver os mortos à vida. Adeptos poderosos, dizia-se, eram capazes de saturar a atmosfera dos planetas com energia do lado sombrio, fazer estrelas explodirem ou induzir paralisia em multidões, como aparentemente fizera Exar Kun para selecionar os membros do Senado da República. Outros adeptos usavam a feitiçaria apenas como um modo de entender melhor os antigos feitiços e segredos dos Sith.

Darth Bane referira-se à feitiçaria com uma das mais puras expressões do lado sombrio da Força, e, entretanto, não fora capaz de lidar com essas energias com nem metade da habilidade de sua aprendiz, Zannah. Os discípulos de Bane, contudo, acreditavam que ele fizera experimentos com uma técnica de ainda maior significado: a da transferência de essência, que aprendera após adquirir e destrinchar o holocron de Darth Andeddu, e que envolvia a relocação da consciência de um indivíduo para dentro de outro corpo ou, em alguns casos, um talismã, templo ou sarcófago. Foi assim que os mais poderosos dos antigos lordes Sith sobreviveram à morte para caçar e assombrar quem se infiltrava em suas tumbas.

Mas nada disso envolvia sobrevivência *corpórea*.

Plagueis não se interessava em tornar-se uma presença sem corpo ambulante, presa entre mundos e incapaz de afetar o reino material exceto pelas ações de seres de mente fraca que pudesse incentivar, coagir ou forçar a agir. Nem buscava inserir sua mente dentro do corpo de outro, fosse num aprendiz, como se dizia que Bane tentara fazer, fosse num clone criado em suspensão. Nada além da imortalidade de seu corpo e mente poderia bastar.

*Viver para sempre.*

Infelizmente, ele conseguiu compilar muito pouco dos textos, cristais e holocrons estocados na biblioteca. Conhecimento crucial fora perdido durante o breve reinado de Darth Gravid, e muitos dos elementos mais importantes do treinamento Sith desde então foram passados de mestres a aprendizes em sessões das quais não se tem registro. Mais recentemente, Darth Tenebrous tivera muito pouco a dizer sobre a morte.

Sozinho em um dos centros de testes, cercado por seus experimentos – essas coisas, Plagueis podia dizer que amava –, a enormidade do que ocorrera em Bal'demnic subitamente se erguera perante ele feito um monólito de proporções imensuráveis. Pela primeira vez, pôde sentir a Força do lado

sombrio não como uma mera brisa de apoio, afofando as velas de um barco do prazer, mas como um furacão ávido por lançar uma tempestade de destruição sobre a República em ruínas e a insolente Ordem Jedi. Uma tempestade abrangente que destruiria tudo de antiquado e corrupto e pavimentaria o caminho para uma nova ordem na qual os Sith seriam devolvidos a seu lugar de direito como regentes da galáxia, perante quem todas as diversas espécies se curvariam, não somente por obediência e medo, mas por gratidão em função de terem sido resgatados da beira do precipício.

A tarefa que se apresentava a Plagueis era ao mesmo tempo revigorante e assustadora, e no centro daquela tempestade em ciclone ele podia escutar as vozes distantes de todos aqueles que deitaram o alicerce para o imperativo dos Sith – o Grande Plano; aqueles que deram vida ao furacão com seu ar e suas vidas: Darth Bane e Zannah, e ao longo das gerações que incluíram Cognus, Vectivus, Ramage e Tenebrous. Cem anos antes, o mestre de Tenebrous, Twi'lek, abrira uma pequena fenda no tecido da Força, permitindo que o lado sombrio fosse sentido pela Ordem Jedi pela primeira vez em mais de oitocentos anos. Foi ali que ocorreu a inauguração, o começo da vingança dos Sith. E chegara o momento de aumentar essa fenda e torná-la um buraco enorme, um ferimento gigantesco, para dentro do qual a República e a Ordem Jedi seriam arrastadas, para o seu mal.



## CAPÍTULO 6

# A LUA DO CAÇADOR

Uma brisa vespertina trouxe o aroma de sangue fresco. Guinchos de agonia e morte perfuravam ramos de neblina enroscados nos galhos nodosos das árvores. Os relatos das armas – antigas e novas, de projéteis e energia – reverberavam da escarpa que emparedava o antigo forte a oeste, atrás do qual o satélite do sistema começava a desaparecer. Como uma estátua fantástica empoleirada num local para adoração, estava o magistrado Hego Damask no baluarte mais alto, o manto negro ondulando, sintonizado aos sons da matança. E perante o clamor dos grupos de seres que retornavam de suas respectivas caçadas, sangue de todas as cores e consistências espirrava com violência primitiva, vozes erguidas em canções antigas ou cânticos guturais, as carcaças estripadas da caça presas a liteiras antigravidade, prontas para tostar sobre fogueiras que ardiam no pátio central do forte, ou para serem preservadas por habilidosos taxidermistas. Veermoks, nexus, mongworst; dragões krayt, acklays, reeks. O que preferissem.

Um aceno ao planeta que a criara, a lua era conhecida como Sojourn, nome sussurrado por aqueles que a conheciam pouco e mesmo pelos que a visitavam repetidas vezes ao longo dos séculos. O sistema podia ser encontrado nos registros, mas somente se o indivíduo soubesse onde procurar e como decifrar os dados que revelavam a localização.

Lá, a cada ano-padrão, Damask e os doze Muuns que compunham as Empresas Damask presidiam um encontro de seres influentes de toda a galáxia. Além de poucos conhecerem seus nomes, eles eram praticamente invisíveis para as massas e podiam mover-se por entre elas incógnitos, embora fossem

responsáveis – não em pequena medida – por eventos que moldavam a história da galáxia. Eram transportados para Sojourn em segredo, a bordo de naves desenhadas por Rugess Nome e de propriedade de Hego Damask. Ninguém vinha sem ser convidado, visto que correria risco de destruição imediata. O que partilhavam, no dia a dia, era a crença de Damask de que o lucro financeiro importava mais do que a notoriedade, a política ou a moralidade vulgar.

Fundada gerações antes por membros do Clá Bancário Intergaláctico, Sojourn caracterizava-se inicialmente como um local de descanso para a clientela mais rica do clá. Uma gratificação para os de privilégio mais exaltado. Mais tarde, sob a administração de outro Damask – o pai biológico de Hego –, após ter se aposentado da presidência do CBI, a lua tornara-se outra coisa: um local para onde apenas os atores mais importantes eram trazidos a fim de trocar ideias. Foi em Sojourn que se determinou o crédito galáctico padrão, que primeiro se propusera a chancelaria de Eixer Valorum e que fora reorganizada a composição da Diretoria da Federação do Comércio. Depois, sob Hego Damask, Sojourn tornou-se outra coisa de novo. Não mais um *resort* ou posto de reuniões, mas um experimento acerca do pensamento inovador, da alquimia social. Um local para conspirar e planejar estratégias e retirar o curso da história galáctica das mãos do acaso. O contingente de guardas solares Echani de Damask passara a dominar o que antes era responsabilidade dos guerreiros Lotranos. Com muito esforço, mudas de árvore greel escarlate foram surrupiadas de Pii III e plantadas no solo modificado de Sojourn. As florestas foram infestadas de animais clonados e criaturas exóticas; o antigo forte transformou-se numa espécie de alojamento, com os mais importantes convidados de Damask residindo em abrigos deliberadamente rudes, com nomes como Ninho, Caverna, Esconderijo e Escarpa – tudo para encorajar uma mentalidade que acabaria em parcerias incomuns.

Damask permaneceu no parapeito até que a luz abrandou e a escuridão arrastou-se por cima da paisagem arborizada. No grande pátio abaixo, as chamas da fogueira subiam, e os odores da carne chamuscada pesavam no ar. Vinhos e outros intoxicantes fluíam livremente; fêmeas Twi'lek e Theelin entretinham; e a multidão começou a entrar em desordem. Cada grupo devia exibir e cortar sua caça; molhar com sangue membros e demais apêndices. Nem todos os seres comiam carne, mas mesmo os que subsistiam à base de grãos e demais plantas eram atraídos à libertinagem. À meia-noite, os maiores da República seriam zombados em sátiras, e senadores proeminentes – salvo os presentes – seriam sujeitados ao ridículo. O fato de as cerimônias e os símbolos dos Sith serem incorporados às cerimônias e à arquitetura do forte era segredo apenas de Damask.

Sentindo a chegada de Larsh Hill e dois outros Muuns, ele deixou o parapeito.

– A Hutt está esperando desde que anoiteceu – disse Hill.

– É o preço de encontrar-se comigo – Damask devolveu.

Hill olhou-o, pesaroso.

– Se ela não soubesse tanto, já teria ido embora.

O magistrado seguiu o trio por um comprido lance de degraus de pedra, até uma grande área de recepção aquecida por tapetes coloridos, carpetes e uma lareira enorme. Gardulla Besadii, a Anciã, senhora do crime e notória jogadora, flutuou em direção a um palanque apropriado para suas robustas proporções, assistida por uma *entourage* que incluía seu mordomo Rodiano, seguranças e afins. Os próprios guardas de Damask correram para acompanhar todos, exceto a Hutt, até uma sala de espera. Larsh Hill e os outros dois Muuns de capa preta permaneceram ao lado de Damask.

Enrolada em cima de sua poderosa cauda, Gardulla estendeu os braços nus e robustos para o fogo.

– Estava admirando suas acompanhantes, magistrados – disse ela. –  
Principalmente as cantoras Theelin. Talvez pudesse me ajudar a encontrar uma.

– Temos uma Twi'lek que fornece as fêmeas – Damask informou de sua cadeira. – Terá que falar com ela.

Gardulla notou a rispidez na voz do outro.

– Passemos aos negócios, então.

Damask acenou como se pedisse desculpa.

– Uma agenda cheia me concede pouco tempo para os agrados.

Desacostumada com conversas francas, a Hutt franziu o cenho, e, em seguida, disse:

– Planejo tomar Tatooine, magistrado, e vim solicitar seu apoio.

– Um mundo árido no setor Arkanis da Orla Exterior – Hill acrescentou baixinho, de detrás da cadeira.

– Por *apoio*, presumo que estejamos falando de créditos – disse Damask.

Gardulla reposicionou-se na liteira.

– Estou ciente de que você não aprova as especiarias e os escravos, mas há lucros para angariar em Tatooine por outros modos.

– Nada de fazenda de umidade, então.

Gardulla fitou-o, furiosa.

– Faz-me rir.

Damask acenou, negligente.

– Só provoquei, Gardulla. Conheço pouco sobre Tatooine; sei que o planeta herdou uma catástrofe ecológica no passado e que seus vastos desertos agora sustentam uma população de vagabundos, patifes e seres infelizes de toda espécie. Ouvi dizer que nada dá certo em Tatooine e que os seres que lá vivem envelhecem prematuramente.

Damask sabia também que os antigos Sith tiveram um posto em Tatooine, mas guardou a informação para si.

– Felizmente, a longevidade ocorre de modo natural na minha espécie – disse Gardulla. – Mas não procuro inimigos de outro tipo, magistrado. Inimigos que não desejam nada além de me ver mais cedo na sepultura.

– O clã Desilijic.

– São eles o motivo exato pelo qual quero me retirar de Nal Hutta e me afastar de seres como Jabba Desilijic Tiure e os demais. Com sua assistência financeira, posso fazer isso. Sei que você tem amizade com Hutts em sua vizinhança planetária.

– É verdade que Drixo e Progga se deram bem em Comra – afirmou Damask –, mas o sucesso deles veio com alto custo. O que oferece em retorno para o nosso investimento?

Uma luz brilhou nos olhos escuros e oblíquos da Hutt.

– Uma pista de corrida de pods que vai fazer as de Malastare e a sua de Muunilinst parecerem amadoras. Além disso, o renascimento de uma corrida anual que trará dezenas de milhares de jogadores a Tatooine e encherá meus cofres até transbordar. – Ela fez uma pausa e acrescentou: – E estou disposta a aceitá-lo como sócio.

– Um sócio silencioso – Damask emendou.

Ela assentiu.

– Como quiser.

Damask esticou os dedos compridos e levou as mãos ao queixo proeminente.

– Além de uma porcentagem dos lucros, quero que arranje para que o chefe Cabra opere livremente em Nar Shaddaa.

Gardulla adotou um olhar incrédulo.

– O chefe do crime Dug?

– Você sabe quem é – disse Hill num tom seco.

A Hutt encrespou-se.

– Não posso prometer nada, magistrado. O Sol Negro está profundamente entremeadado em Nar Shaddaa, e os Vigos preparam Alexi Garyn para assumir o controle da organização. Talvez não apreciem ou permitam...

– São esses os termos, Gardulla – Damask a cortou. – Arranje um jeito de permitir que Cabra se acomode junto ao Sol Negro e daremos apoio quando você for tomar Tatooine. – Ele acenou para o pátio da fortaleza. – Esta noite mesmo posso conseguir um encontro com oficiais representantes do Banco de Aargau, que adiantarão a quantia que precisar de créditos.

Após um longo momento de silêncio, Gardulla assentiu.

– Aceito seus termos, magistrado Damask. Não ficará desapontado.

Quando a Hutt deixou a sala sobre sua liteira antigravitacional, os membros da Guarda Solar trouxeram um grupo de altos reptilianos sencientes que andavam sobre duas pernas grossas e cujas pontas dos focinhos largos curvavam para baixo. O contato anterior de Damask com os Yinchorri fora limitado ao holoprojetor; agora ele inclinava-se à frente em puro interesse conforme o orador da turma apresentava-se, em língua básica péssima, como Qayhuk – secretário do Conselho dos Anciãos – para então se lançar imediatamente numa diatribe, denunciando o Senado por recusar-se a admitir Yinchorr na República. Com belicoso encorajamento da parte de seus camaradas, Qayhuk seguiu dizendo a punhos cerrados que, embora seu mundo natal tivesse sido visitado centenas de anos antes pela República, Yinchorr continuara um planeta sem privilégios, deixado de lado, ainda que merecesse tratamento muito melhor.

– Ou alguém pagará com sangue pela constante injustiça – avisou o secretário.

Larsh Hill esperou até ter certeza de que Qayhuk havia terminado para comentar baixinho:

– Acho que nem o Senado está preparado para eles.

Encarando Qayhuk nos olhos e acenando, Damask disse:

– Você não tem interesse algum em ver Yinchorr com uma cadeira no Senado.

Qayhuk se ressentiu.

– E por que outro motivo eu teria vindo até aqui?

– Você não tem interesse algum em ver Yinchorr com uma cadeira no Senado – Plagueis repetiu.

Qayhuk fitou os irmãos de pele verde, depois olhou para Hill.

– O magistrado Damask está surdo ou doente?

Hill voltou-se para Damask, preocupado, mas nada disse.

Damask escondeu sua admiração. Segundo os rumores, pelo visto os Yinchorri eram mesmo *resistentes* à sugestão da Força! Mas como era possível que os midi-chlorians, num ser de inteligência relativamente baixa, pudessem erigir tão impenetrável parede contra a influência de um Sith? Seria algum tipo de mecanismo de sobrevivência – o jeito de os midi-chlorians protegerem a consciência de seus hospedeiros recusando-se a serem manipulados? Seria necessário possuir um desses seres para descobrir o segredo.

– Talvez estejamos dispostos a ajudá-lo a fazer lobby em busca de representação no Senado – disse Plagueis finalmente –, mas o processo requereria anos ou até décadas-padrão, e não estou convencido de que você tenha paciência para tanto.

As narinas largas de Qayhuk se abriram.

– O que é uma década se tivemos paciência por um século? Não somos sencientes? Ou teremos que *abraçar* as condições além de aceitá-las?

Damask negou:

– Ninguém está pedindo a vocês que aplaudam o combinado.

A expressão de Qayhuk suavizou-se um pouco.

– Então temos um acordo?

– Faremos um contrato – informou Damask. – Entrementes, quero alguma garantia de que poderei contar com você para um favor pessoal caso surja a necessidade.

Qayhuk fitou-o.

– Um favor pessoal? De que tipo?

Damask mostrou as palmas das mãos.

– Do tipo que eu requisitar, secretário.

O Yinchorri e os companheiros trocaram olhares duvidosos, mas Qayhuk acabou consentindo.

– Feito, magistrado.

– Um favor? – Hill perguntou enquanto os Yinchorri eram escoltados para fora.

– Nada mais do que um teste – Damask respondeu.

Os seguintes a serem admitidos para audiência eram dois Gran; o maior da dupla, um senador da República chamado Pax Teem, representava o Protetorado Gran. Teem mal se sentara quando falou:

– Diga-me, magistrado Damask, que não entrou em acordo com Gardulla.

– Nossos negócios com os Hutts – informou Hill – não são menos confidenciais do que nossos negócios com você, senador Teem.

O trio de olhos assustadiços do Gran escancarou de raiva.

– Há rumores de que Gardulla planeja renovar a pista de corrida em Tatooine e entrar em competição direta com Malastare.

Damask fitou-o, inexpressivo.

– Certamente você não veio até aqui para me ver falar de rumores.

Teem ergueu o queixo largo.

– Promessas foram feitas, magistrado.

– E cumpridas – disse Damask; depois, em tom mais calmo, acrescentou: – Como forma de compensar pelas perdas em lucros advindos das corridas de

pod, o custo das exportações de combustível de Malastare podia ser elevado.

O Gran ruminou.

– Isso soa mais como possibilidade do que como garantia.

Damask deu de ombros.

– Trataremos disso com o comitê de direcionamento. Mas, por ora, considere-o como ponto de início da discussão. – Reclinando-se na cadeira, ele avaliou Teem antes de dizer: – O que mais o incomoda, senador?

– O favoritismo que você demonstra para com a Federação do Comércio.

– Nós apenas os ajudamos a garantir representação total no Senado – respondeu Hill.

Teem ficou estridente.

– A diretoria estava se saindo perfeitamente bem por conta própria, sem representação total. E em troca de quê? Ceder parte do monopólio de exportação que detinham na Orla Exterior?

– O que é justo é justo – disse Hill secamente.

Teem lançou-lhe um olhar contundente.

– Não tem nada de justo. Vocês estão interessados apenas em forçar a diretoria a fazer o que vocês querem em Coruscant. – Abruptamente, ele levantou-se e cerrou os dentes quadrados. – Além disso, um aumento da taxa sobre o combustível em Malastare vai dar mais lucros às Empresas Damask e à Federação do Comércio do que a mim!

O Gran deu as costas aos Muuns e começou a pisar forte em direção à porta, deixando o amo agitado e, por um instante, muito confuso, até que também se levantou e saiu às pressas.

Hill estava boquiaberto.

– Ele não pode...

– Deixe-o ir – disse Damask.

O Muun mais velho comprimiu os lábios, já muito finos.

– Se quisermos nos beneficiar do poder que eles exercem sobre o Senado, precisaremos encontrar um jeito de acalmá-los, Hego.

– Discordo – disse Damask. – Precisamos encontrar um jeito de mostrar a Teem que ele é dispensável.

Quando os guardas introduziram o quarteto de Gossam que gerenciava a Mineradora Subtexto, a ira do magistrado subira-lhe tão alto na garganta que ele quase sentia o gosto dela. Típico de sua espécie diminuta, os três sáurios possuíam pernas articuladas ao reverso, cabeça em formato de peixe e pescoços compridos que Damask sabia poder quebrar com apenas dois dedos – e talvez o fizesse, visto o modo como tinham traído Tenebrous.

– Ficamos admirados ao receber seu convite, magistrado – disse o oficial chefe de operações da Subtexto. – Não fazíamos ideia de que éramos captados por seus escâneres.

Damask sorriu por educação.

– Ficamos de olho em eventos galácticos. Acredito que apreciaram nossa comida e entretenimento.

– Mais do que imagina, magistrado – afirmou o chefe Gossam com uma risada significativa. – Ou talvez mais do que queiramos admitir.

Damask forçou uma risada similar.

– Mais do que eu imagino... Essa foi muito boa. – Ele parou de rir para acrescentar: – Permita-nos mostrar como executamos alguns dos trabalhos internos do Encontro.

Os Gossam se entreolharam, surpresos, antes de o líder dizer:

– Ficaremos honrados.

Damask levantou-se e fez um aceno a quatro dos guardas solares, que passaram para o lado dos Gossam enquanto ele, Hill e dois outros Muuns guiavam os convidados até um conjunto de carros turboelevadores.

– Toda a ação acontece lá embaixo – informou Damask, colocando o carro em movimento com um aceno da mão.

Em silêncio, desceram dois andares, e, quando as portas do carro abriram-se, revelaram um saguão cavernoso subterrâneo. Bem no centro do espaço mal iluminado, havia diversas plataformas grandes e quadradas que podiam ser erguidas por meio de postes hidráulicos, operados por times separados de Ugnights suados, de narizes protuberantes que fungavam muito. Uma das plataformas, carregada com uma pilha de sobras de metal, estava descendo, ao som de roucas ovações e aplausos fervorosos que entravam por uma abertura no teto alto. Presa por algemas e correntes numa plataforma adjacente, debatia-se uma fera do tamanho de um bantha, que sibilava, rosnava e mostrava as presas.

– Estamos diretamente embaixo do pátio central – Damask explicou conforme elevava a plataforma que transportava a fera. – Cada carga simboliza um aspecto detestável da República: práticas que todos nós desejamos ver abandonadas.

Nesse momento, a plataforma fora elevada ao nível do pátio. A multidão aquietou-se por um instante; depois, simultaneamente, com descargas maciças de energia, sublevou-se em ovação mais uma vez.

– Essas descargas foram canhões de laser fazendo seu trabalho – Damask disse alto o bastante para ser ouvido enquanto a plataforma descia novamente, entrando em vistas, revelando que o que antes era a besta agora não passava de uma casca de tendões e ossos fumacenta, de cheiro horrível. Ele abriu um sorriso sinistro para os Gossam. – É tudo teatro, entendem? Entretenimento para as massas.

– Obviamente, agrada muito às multidões, magistrado – disse um dos Gossam, engolindo algumas das palavras.

Damask abriu os braços finos.

– Então vocês precisam participar. – Aproximando-se, acenou com o queixo para uma das plataformas vazias, ao lado da qual os guardas solares haviam se posicionado. – Subam a bordo.

Os sáurios o fitaram.

– Andem – disse Damask, dessa vez sem humor. – Subam a bordo.

Dois dos guardas apontaram suas armas de raios.

O Gossam chefe olhou de um Muun para outro, o terror escancarando-lhe os olhos.

– Fizemos alguma coisa que o ofendeu, magistrado?

– Boa pergunta – disse Damask. – Fizeram?

O Gossam chefe não falou até que todos já estivessem na plataforma.

– Como exatamente fomos notados por vocês?

– Um amigo mútuo chamou nossa atenção para vocês – disse Damask. – Um Bith chamado Rugess Nome. Recentemente, você forneceu um laudo de análise e uma sonda de mineração a ele.

A plataforma começou a erguer-se, e os Gossam estenderam os longos pescoços, em sinal de medo.

– Podemos resolver tudo! – um deles disse, num tom de súplica.

Damask fitou o teto.

– Então seja rápido. Os canhões de laser atiram automaticamente.

– Plasma! – aquele mesmo guinchou. – Um reservatório virgem de plasma! Suficiente para fornecer energia para milhares de planetas!

Damask acenou a um dos Ugnaughts que parasse de erguer a plataforma.

– Onde? Em que mundo?

– Naboo – disse o Gossam; depois mais alto: – Naboo!

Hill elaborou, embora fosse desnecessário:

– Um planeta eremita na Orla Média, capital do setor Chommell. Relativamente perto de Tatooine, por sinal. Já foi fornecedor dos veermoks que

clonamos para usar como caça nas florestas de greel.

Damask permitiu ao outro que terminasse e olhou para os Gossam.

– Quem os contratou para conduzir a análise de mineração?

– Uma facção oposta à monarquia, magistrado.

– Juramos que é verdade – acrescentou outro.

– Esse Naboo é governado por um rei? – perguntou Damask.

– Isso, um rei – respondeu o Gossam chefe. – Seus detratores querem ver o planeta aberto ao comércio galáctico.

Damask afastou-se da plataforma. Pensava em torturar os Gossam a fim de descobrir quem os contratara para sabotar Tenebrous em Bal'demnic, mas resolvera deixar para outro dia, visto que se sabia que o Bith tinha muitos adversários. Virando-se finalmente, ele ordenou ao Uгнаught que devolvesse a plataforma ao chão.

– Esse reservatório de plasma é tão enorme quanto você alega? – perguntou.

– Único entre os mundos conhecidos – disse o líder, aliviado, em pé junto de seus camaradas, todos tremendo perante o olhar intimidante de Damask.

Este os avaliou em silêncio, depois se virou para o comandante dos guardas solares.

– Transporte-os para o mundo mais remoto que puder encontrar no Braço Tingel e certifique-se de que permaneçam lá até que eu precise deles de novo.

Deixando os colegas Muuns descansando, Damask subiu a rampa leste do forte para ver as estrelas. Estava cansado como todos os outros, mas insatisfeito demais com os resultados do Encontro para achar conforto no sono. Dada a chance de que um reservatório virgem de plasma fosse de interesse da liderança descontente da Federação do Comércio – e ignorando por ora o efeito que isso poderia causar na exportação de energia de Malastare –, ele ordenara a Hill e

aos demais que descobrissem tudo o que pudessem sobre o planeta Naboo e seu monarca isolacionista.

Uma vez que já haviam lidado com os Gossam da Mineradora Subtexto, Damask e os Muuns devotaram o restante da noite para se encontrarem com membros do que consideravam seu comitê de direcionamento, composto por políticos selecionados, lobistas e industriais; financiadores representantes de Sestina, Aargau e do Banco do Núcleo; membros da elite da Ordem do Círculo Oblíquo e da Diretoria da Federação do Comércio; e projetores de aeronaves talentosos, como Narro Sienar, que Plagueis planejava apoiar na ambição de tornar-se chefe de operações da Santhe/Sienar Tecnologia. O comitê encontrava-se periodicamente, embora poucas vezes em Sojourn, para garantir a consagração suave da legislação amigável às corporações, fixar o preço de commodities como gás tibanna, transparço e combustível de aeronaves, além de manter senadores alocados em Coruscant com a função de diplomatas de carreira, como modo de distanciá-los do que realmente acontecia fora do Núcleo.

Nem todos concordavam que a estratégia dos Muuns de “restrição tática” era o melhor método de manter a República em desequilíbrio e assim conseguir manipulá-la. Contudo, Damask insistira que seu objetivo comum, a oligarquia, acabaria sendo implementado, mesmo se conseguido como resultado de ações e eventos que poucos observariam, e dos quais alguns membros jamais ouviriam falar.

A luz das estrelas reluzia nos cascos das últimas aeronaves a partir. Damask confortou-se ao saber que os convidados acreditavam que participariam de algo grande e secreto e que haviam sido encorajados a executar campanhas que na superfície poderiam ter parecido motivadas por autointeresse, mas representavam, na verdade, pedacinhos dos negócios dos Sith.

Movimentos da sinfonia que era o Grande Plano...

Alarmes familiares quebraram o silêncio da manhã.

Damask estreitou os olhos e varreu as florestas circundantes em busca de sinais de perturbação. Encontrava-se no parapeito mais ao sul quando dois guardas solares subiram apressados a escada para falar com ele.

– Magistrado, o perímetro leste foi rompido – um deles relatou.

Além das paredes do forte, luzes erguiam-se e drones começavam a vagar por entre os topos das árvores. Ocasionalmente, uma das feras importadas perambulava pelas zonas de segurança, acionando alarmes, mas nenhuma das câmeras de vigilância mostrava evidência de intrusão.

– É possível que um dos nossos convidados tenha prolongado a visita – disse o segundo guarda solar. Ele parou para escutar uma mensagem que chegava aos fones de ouvido do capacete. – Acho que temos algo. – Ele fitou Damask. – Você vai ficar bem, magistrado, ou quer que esperemos com você?

– Vão – disse-lhes. – Mas mantenham-me informado.

Ampliando suas sensações, Damask começou a escanear novamente a floresta. Havia alguém lá fora, mas não na área em que os guardas procuravam. Por meio da Força, ele atentou para o som de movimento entre as árvores. Teriam os Gran infiltrado um assassino? Se sim, teriam encontrado algum esperto o bastante para despistar os guardas solares, fazendo-os perseguir uma ilusão? Damask e os outros Muuns deviam ser os alvos, mas, em vez de mover-se *na direção* do forte, o intruso estava, na verdade, afastando-se dele.

Ele passou mais um instante apenas escutando; então, como um espectro, desceu três degraus de pedra e saiu pelo antigo portão, ganhando a floresta que amanhecia, e abriu a capa ao pôr-se a correr, a mão esquerda alerta no cabo do sabre de luz. Deixando suas pousadas noturnas aos montes e chiando de incômodo, as criaturas que acordavam cedo avisavam aos demais que um caçador estava à solta. Do tipo mais perigoso, Damask teria acrescentado: um caçador de sencientes. Em momentos, Plagueis se encontrava em meio a

grandes e antigas árvores greel, fora do perímetro de segurança, quando sentiu algo que o fez parar em meio à corrida. Imóvel, ele se recolheu na intenção de verificar o que sentira.

Um usuário da Força!

*Um espião Jedi*, pensou.

Tinham tentando repetidas vezes penetrar as defesas de Sojourn durante Encontros anteriores. Mas, a não ser que um deles tivesse chegado numa nave projetada e construída por Darth Tenebrous, era impossível alcançar a superfície sem ser detectado. E, entretanto, alguém obviamente conseguira fazer o trajeto oposto. Tirando a mão do cabo do sabre de luz, Damask minimizou sua presença na Força, entregando sua eminência e desaparecendo no mundo material. Depois começou a adentrar ainda mais a floresta, costurando seu caminho entre as árvores, permitindo ao Jedi persegui-lo enquanto se repreendia por ter agido tão impulsivamente. Se caísse numa cilada, não poderia lutar e correr o risco de mostrar-se como um Sith. Devia ter deixado que os guardas solares lidassem com o intruso.

Mas por que um Jedi se daria o trabalho de ativar os sensores do perímetro apenas com o intuito de recuar para além do alcance destes? Eles não cometiam erros do tipo. E certamente o indivíduo que estava lá fora, quem quer que fosse, não teria esperado que um Muun respondesse, uma vez que sabia que os Muuns não cometem erros do tipo. Então, do que é que ele estava atrás?

Adiante, Damask ouviu o sibilar e o zumbir característicos de um sabre de luz e viu a lâmina da arma brilhando em meio à névoa. Emergindo de detrás de uma árvore de tronco grosso, o portador brandia a arma na mão direita, direcionada para o solo esponjoso.

Uma lâmina vermelha em madeira vermelha.

Instantaneamente, conjurou seu sabre de luz para a mão esquerda, acionando a lâmina assim que a figura se revelou por completo: um cabeçudo

alto, magro, de pele rosada e grandes olhos sem pálpebras...

Um Bith!

*Tenebrous?*

Ele vacilou por um momento. Não, não era possível. Mas quem seria, então? Filho de Tenebrous, talvez... alguma cria forjada a partir do material genético dele num laboratório, visto que a espécie se reproduzia somente de acordo com os ditames de um serviço de pareamento de computador. Seria esse o motivo pelo qual Tenebrous se recusara a falar sobre midi-chlorians ou sobre maneiras de estender a vida? Por já ter encontrado um jeito de criar um sucessor sensível à Força?

– Sabia que conseguiria atrair você pra cá, Darth Plagueis – disse o Bith.

Plagueis largou todo o fingimento e encarou o outro de igual para igual.

– Você é bem treinado. Senti a Força em você, mas não o lado sombrio.

– Agradeço a Darth Tenebrous por isso.

– Ele o fez à imagem dele. É um produto da ciência dos Bith.

O Bith deu uma risada rouca.

– Você é um velho bobo. Ele me encontrou e me treinou.

Plagueis lembrou-se do aviso que Tenebrous quase lhe dera antes de morrer.

– Ele o tomou como aprendiz?

– Sou Darth Venamis.

– Darth? – Plagueis repetiu com desgosto. – Isso nós veremos.

– Sua morte vai legitimar o título, Plagueis.

Plagueis pendeu a cabeça de lado.

– Seu mestre deixou-lhe a ordem de me matar?

O Bith assentiu.

– Agora mesmo ele espera pelo meu retorno.

– Espere... – disse Plagueis. Por mais aturdido que estivesse por descobrir que Tenebrous treinara um segundo aprendiz, ele tinha uma surpresa na manga para Venamis. Inalando, falou: – Tenebrous está morto.

A confusão se tornou evidente no olhar de Venamis.

– Isso é o que você deseja.

Plagueis ergueu o sabre de luz ao lado do corpo, paralelo ao chão.

– E digo mais: ele morreu pelas minhas mãos.

– Impossível.

Plagueis riu com gosto.

– Quão poderoso você pode ser se nem conseguiu sentir a morte do próprio mestre? E agora seus pensamentos voam para todo canto.

Venamis ergueu o sabre de luz por cima do ombro.

– Ao matar você, vou vingá-lo e me tornar o lorde Sith que ele sabia que você nunca poderia ser.

– O Sith que *queria* que eu fosse – Plagueis corrigiu. – Mas chega disso. Você veio até aqui me desafiar. Faça valer a pena.

Venamis avançou.

Para Plagueis, duelos de sabre de luz eram muito tediosos, cheios de emoção desperdiçada e acrobacias desnecessárias. Tenebrous, contudo, que considerava Plagueis um mestre na arte, sempre apreciara uma boa luta e havia certamente transmitido tal entusiasmo ao outro aprendiz. Assim, tão cedo as lâminas de suas armas colidiram, Venamis começou a trazer a luta para o oponente de modos inesperados, contorcendo o corpo surpreendentemente flexível, jogando o sabre de luz de uma mão à outra, misturando trejeitos. Em certo ponto, saltou para um galho de greel sobressalente e, quando Plagueis o cortou com um golpe de Força, o Bith ficou suspenso no ar – feito banal em si – e continuou a luta, como se estivesse em nível mais alto. Para o azar do Muun, Tenebrous tornara Venamis um *expert* no estilo de Plagueis, e então o

Bith conseguia não somente antecipar, mas contra-atacar todo movimento daquele.

Sem aviso prévio, Venamis penetrou as defesas do oponente, rasgando a lateral do pescoço de Plagueis.

A contenda os levou para trás e para a frente por entre as árvores, cruzando estreitos cursos d'água, até em cima de uma pilha de rochas que constituía as ruínas de um antigo posto de vigilância. Plagueis parou um instante para pensar se alguém do forte observava os resultados da disputa, que, de longe, devia se assemelhar a relâmpagos coruscando por debaixo das copas das árvores.

Percebendo que a luta poderia durar para sempre, Plagueis retirou-se de seu corpo e começou a trabalhar seu ser material feito uma marionete, não mais na ofensiva, instigando ataques, mas meramente respondendo aos avanços e ataques de Venamis. Aos poucos, o Bith entendeu que algo havia mudado – o que até o momento fora uma luta até a morte subitamente parecia um exercício de treinamento. Exasperado, redobrou os esforços, lutando com mais afinco, mais desespero, colocando mais poder em cada manobra ou golpe, mas vacilando, no final, na precisão.

No ápice dos ataques de Venamis, Plagueis retornou para dentro de si com tanta fúria que seu sabre de luz tornou-se um mastro cegante. Um movimento para cima com as duas mãos disparado do meio das pernas pegou Venamis de surpresa. A lâmina não foi fundo o bastante para perfurar o pulmão do Bith, mas chamuscou-o do peito ao queixo. Quando a grande cabeça rachada do Bith foi lançada para trás, recuando, Plagueis trouxe o sabre de luz para baixo, arrancando a arma de Venamis de sua mão, quase lhe cortando os compridos dedos.

Com um gesto da outra mão, Venamis conjurou o sabre de luz, mas Plagueis foi um átimo de segundo mais rápido, e o cabo voou para sua mão.

Sentindo uma tempestade de raios de Força avolumando-se no Bith, ele cruzou as duas lâminas em frente ao corpo e disse:

– Ceda!

Venamis congelou, permitindo que a tempestade nascente desvanecesse, e caiu de joelhos para render-se, com a luz de seu satélite reluzindo nas costas, vinda do meio das árvores.

– Eu me rendo, Darth Plagueis. Aceito que devo ser seu aprendiz.

Plagueis desativou a lâmina de Venamis e prendeu-a ao cinto.

– Presume demais, Venamis. Perto de você, eu precisaria sempre ficar alerta.

Venamis ergueu o rosto.

– É verdade, mestre? Darth Tenebrous está morto?

– Morto, e merecidamente. – Ele deu um passo para perto de Venamis. – O futuro dos Sith não mais depende de proeza física, mas de astúcia política. Os novos Sith reinarão menos pela força bruta que pela instilação do *medo*.

– E o que será de mim, mestre? – Venamis perguntou.

Plagueis estudou-o, férreo. Após uma rápida olhada ao redor, arrancou uma florzinha amarela em forma de chifre de uma vinha pendente e jogou-a no chão em frente a Venamis.

– Consuma-a.

O olhar de Venamis passou da flor para Plagueis, e o pressentimento mostrou-se óbvio no rosto do Bith.

– Conheço essa planta. Vai me envenenar.

– Vai – Plagueis disse com um tom totalmente sem simpatia. – Mas garantirei que você não morra.



## CAPÍTULO 7

### ONDE SEMPRE ESTIVERAM

Nas profundezas de Aborah, Venamis foi pendurado num tanque de bacta, com sensores sem fio fixados no peito largo, no pescoço e no crânio rachado e sem cabelos.

– Talvez você seja o presente mais importante que Tenebrous já me deu – Plagueis disse, observando o corpo do Bith sacudir-se no espesso líquido terapêutico.

– O cérebro dele continua a se recuperar dos efeitos dos alcaloides da flor do coma – comentou 11-4D do outro lado do laboratório. – Sua condição física, contudo, permanece estável.

Plagueis mantinha os olhos em Venamis. O ferimento que o sabre de luz lhe infligira no pescoço já tinha sarado, mas a cicatriz macia permanecia como uma lembrança de sua mortalidade.

– Que bom, porque não estou interessado na mente dele.

Para acenar, os novos apêndices do droide fizeram um movimento de corte cirúrgico.

A análise do sangue revelara uma contagem alta de midi-chlorians, o que para Plagueis significava mais um indício de que um ser podia ter grande potencial na Força e mesmo assim ser inepto. Ele se perguntava: teria sido Venamis quem ele sentira por meio da Força após o assassinato de Tenebrous? Um Jedi certamente seria um sujeito experimental mais interessante, mas um adepto do lado sombrio talvez coubesse melhor nos propósitos dele. E, em pouco tempo, o tanque de bacta adjacente receberia também um Yinchorr resistente à Força.

Imediatamente após a contenda em Sojourn, Plagueis ordenara a membros da Guarda Solar que localizassem a aeronave que permitira a Venamis infiltrar-se na Lua dos Caçadores, e, em seguida, que levassem a nave e o Bith envenenado para Aborah. Larsh Hill e os outros Muuns foram informados de que um intruso havia sido capturado e descartado, mas nada além disso. Uma investigação conduzida na nave rendera dados que poderiam ter surpreendido Darth Tenebrous, que a fornecera. Pelo visto, muito antes de confrontar Plagueis ou de saber do destino de seu mestre, o próprio Venamis estivera procurando por aprendizes em potencial. Plagueis não pôde deixar de se impressionar, embora se sentisse ressentido. O jovem Bith teria se dado bem na era de Bane. Agora, contudo, era um anacronismo, e, por extensão, Tenebrous também o fora.

Tenebrous ter procurado o jovem não foi choque algum para Plagueis. Este e o Bith tinham chegado a um impasse décadas antes com relação à execução do imperativo Sith. Produto de uma das mais antigas civilizações da galáxia, Tenebrous acreditava que a vitória poderia ser atingida pela junção dos poderes do lado sombrio com a ciência *expert* dos Bith. Com a ajuda de sofisticados computadores e fórmulas de previsão do futuro, os diversos seres da galáxia seriam dominados e a Ordem Jedi gradualmente minguarda e desapareceria. Tenebrous tentara persuadir Plagueis de que a Força não se aventurava em jogos de azar com a galáxia; e que, enquanto fosse possível prever a ascendência do lado sombrio, sua insurgência não poderia ser influenciada nem apressada pelos Sith.

Os Muuns acreditavam em fórmulas e cálculos com tanto afincamento quanto os Bith, mas Plagueis não era um fatalista. Convencido de que as brilhantes equações de Tenebrous não levavam em conta um fator importante, ele argumentava que eventos futuros – fossem preditos por máquinas ou por visões – eram em geral nebulosos e incertos. Mais importante, fora criado para

acreditar na eliminação dos competidores, e via os Jedi como tal. A Ordem não representava apenas uma corporação rival que poderia ser secretamente adquirida; tinha de ser minada, derrubada e desmantelada. Desenraizada. Ele supusera que, com o tempo, poderia convencer Tenebrous, mas seu antigo mestre obviamente o considerara inapto para vestir o manto de Sith sucessor e fora procurar outro. Os desejos irrestritos dos sencientes eram uma bênção para os Sith, pois geravam uma abundância de seres zelosos e audaciosos que podiam ser usados para levar a causa adiante. Plagueis fora instruído a ficar sempre de olho em seres adequados, assim como Tenebrous estivera quando descobriu Venamis. Talvez o antigo mestre considerasse benéfico o ataque furtivo, independente dos resultados. Se Venamis tivesse vencido, seria merecedor do manto; e, se não, Plagueis talvez viesse a aceitar a verdadeira natureza da relação entre mestre e aprendiz.

Uma história antiga que para ele nunca fizera muito sentido.

Contudo, explicara o comportamento esquisito de Tenebrous nos meses e semanas anteriores aos eventos de Bal'demnic. Seria impossível saber desde quando o ataque de Venamis estivera sendo planejado, mas Tenebrous, dado todo o seu distanciamento e frieza, havia se preocupado amplamente com a decisão. Em Bal'demnic, ficara distraído, e essa desatenção custou-lhe a vida. Mas, naqueles momentos finais, antes de compreender totalmente o papel que Plagueis executara, estivera prestes a revelar a existência de Venamis. No momento, fazia pouca diferença e, na verdade, Plagueis considerava desprezível o vacilo do Bith.

Como Plagueis, Tenebrous obviamente abraçara o fato de que a Regra de Dois de Darth Bane expirara. De qualquer modo, poucos e preciosos lordes Sith a tinham honrado, e por bom motivo, como Plagueis pensava. Os objetivos do Grande Plano eram a vingança e a reaquisição do poder galáctico. Mas, enquanto a maioria dos lordes Sith desde Bane ajudou, cada um à sua

maneira, a enfraquecer a República, seus esforços se deveram menos a egoísmo e respeito à Regra do que à fraqueza e incompetência. Todos deveriam ter se motivado a livrar-se do imperativo de Bane, entretanto cada um foi vítima de caprichos individuais e excentricidades, e então fracassaram em executar vingança contra a Ordem Jedi. Plagueis compreendia. Ele nunca se disporia a aguardar ou dedicar seu reino meramente para posicionar um lorde Sith subsequente para ser o bem-sucedido. Nem teria se alegrado em permanecer sob a sombra de Tenebrous como aprendiz caso o Bith tivesse realmente triunfado onde outros fracassaram.

Como, com toda a sua sabedoria, Tenebrous falhara em compreender que *Plagueis* era a manifestação da milenar fome de vingança? Como o Bith falhara em perceber que o destino o chamara?

Num momento raro de elogio, o Bith chegara a dizer isso.

*Do mesmo modo como forças tectônicas fazem uma pedra mergulhar num rio, desviando-se para sempre do curso, eventos fazem surgir indivíduos que, adentrando a corrente da Força, alteram a maré da história. Você é um deles.*

Plagueis deveria acreditar, então, que Tenebrous também considerava Venamis um desses indivíduos?

Se sim, seria uma humilhação.

Os dados descobertos na aeronave de Venamis falharam em esclarecer a idade que ele tinha quando Tenebrous o encontrara, nem revelaram nada sobre seu treinamento. Além disso, modos fixos de se treinar um aprendiz eram coisa do passado. Doutrina era algo para os Jedi. Enquanto os Jedi cortejavam o poder, os Sith o desejavam; enquanto os Jedi acreditavam que sabiam a verdade, os Sith a possuíam. Dominados pelo lado sombrio, eles acabavam *tornando-se* seu conhecimento.

Durante os quinhentos anos anteriores, os Sith da linhagem de Bane evitaram selecionar crianças como aprendizes, considerando mais vantajoso

descobrir seres já endurecidos ou machucados pela vida.

Plagueis, no entanto, fora uma exceção.

Muunilinst não acompanhara quando, na loucura que foi a Terceira Grande Expansão, planetas do Núcleo e da Orla Interior expandiram-se para abordar e dominar muitos dos planetas pesquisados e disponibilizados pelo Ato de Colonização e pela Emenda de Concessão Planetária. A razão era simples: embora os Muuns tivessem não apenas riqueza maior do que aquelas com as quais muitas espécies podiam sonhar, mas também acesso a aeronaves da mais alta qualidade, não estavam dispostos a deixar seus postos em Muunilinst sem proteção. Também não se interessavam em colonizar por colonizar – em espalhar suas sementes –, porque, quanto mais Muuns houvesse na galáxia, menos riqueza haveria para circular.

Em certo ponto, contudo, a autarquia e o isolacionismo cederam ao desejo de fazerem-se essenciais à galáxia, e os Muuns começaram a fundar assentamentos estabelecidos por outros mundos, ou por grupos independentes, frequentemente autoexilados. Então, colônias na ponta do Corredor Braxant se tornaram dependentes do apoio de Muunilinst, realizando empréstimos com a promessa da descoberta de veios ricos de minérios e metais preciosos. Quando, contudo, os supostos tesouros não se materializaram ou os mercados ficaram saturados, resultando em preços mais baixos, as populações cansadas desses assentamentos encontraram-se miseravelmente endividadas para com Muunilinst e foram forçadas a aceitar controle direto dos Muuns.

Foi assim, então, que o pai de clã de Plagueis, Caar Damask, tornou-se administrador do planeta de tesouros Mygeeto.

Localizado na própria vizinhança estelar de Muunilinst, com solo fértil para a geração de cristais Adegan de baixo nível, nova e artesianos, Mygeeto – *Gem*, como era conhecido na antiga língua dos Muun – era também um dos

mundos menos hospitaleiros que os Muuns tinham adquirido. Cativo de neve e gelo, o planeta ostentava poucas formas de vida nativas e era constantemente assolado por tempestades que moldavam sua superfície em esporões de cristal do tamanho de montanhas. Apesar disso, e com muitos gastos, os Muuns conseguiram construir umas poucas cidades autossustentáveis e cofres de armazenagem, alimentando-os com energia vinda dos próprios cristais. Mesmo nas melhores condições, era um desafio se aproximar de Mygeeto, devido a seu anel de asteroides; mas estes se tornaram impedimentos secundários assim que o Clã Bancário Intergaláctico assumiu controle das operações de mineração nos bancos de gelo e geleiras. E inclusive os Jedi foram proibidos de visitá-lo sem autorização prévia.

Já membro de longa participação no CBI, o velho Damask aceitara o cargo como favor pessoal ao Alto Oficial de Muunilinst, Mal Tonith, porém mais na esperança de fazer avançar uma carreira encalhada que o mantinha confinado à administração intermediária. Não reconhecido por sua genialidade, e bravo com isso, Damask deixara sua primeira esposa e colegas de clã para trás e tentara construir, se não uma vida, pelo menos uma carreira no remoto planeta gelado. O sucesso na supervisão das operações de mineração veio rapidamente, mas a alegria, qualquer que fosse, provou-se ilusória até a chegada – dez anos depois – de uma Muun de casta mais baixa que primeiro se tornou assistente dele, depois sua segunda esposa, e em seguida deu à luz um filho que chamaram de Hego, em homenagem ao pai de clã de Caar.

A criação do jovem numa cidade coberta num ambiente perpetuamente congelado foi, de muitas maneiras, a antítese da infância típica de um Muun, e, ainda assim, Hego conseguiu não somente sobreviver, mas prosperar. A mãe desenvolveu o que uns consideravam um interesse doentio pelo desenvolvimento do filho, registrando cada detalhe e encorajando-o a partilhar até mesmo os pensamentos mais furtivos com ela. Interessava-se especialmente

em observar a interação dele com os colegas – de diversas espécies –, que ela nunca deixava de providenciar, interrogando-o após cada sessão sobre seus sentimentos acerca desse ou daquele jovem. Até mesmo Caar encontrou tempo suficiente, em meio à agenda puxada, para ser um pai apaixonado.

Hego não tinha nem cinco anos de idade quando começou a sentir que havia algo de diferente. Não somente era mais astuto que os colegas, mas geralmente conseguia manipulá-los, gerando tanto riso, quando queria, quanto lágrimas; tanto conforto quanto ansiedade. Aprendera a ler intenções e linguagem corporal. Quando reparava que alguém não gostava dele, fazia de tudo para ser generoso, e, quando sentia que alguém gostava demais, acabava fazendo de tudo para ser difícil, na intenção de testar os limites do relacionamento. Adivinhava truques e peças, e, às vezes, deixava-se bancar a vítima, o logrado, por receio de levantar suspeitas indesejadas ou ser forçado a revelar muito sobre seus talentos secretos.

Conforme as habilidades se desenvolveram, as outras crianças passaram a ser joguetes em vez de amigos, mas sem menos divertimento por parte de Hego. Certa tarde, um jovem Muun do qual ele passara a não mais gostar o empurrou na intenção de ser o primeiro a chegar à escada que levava ao pátio inferior da casa dos Damask. Hego agarrou o colega pelo braço e disse:

– Se você está com tanta pressa pra chegar lá embaixo, então pule pela janela.

Com os olhos fixos nos do colega, Hego repetiu a sugestão, e a vítima a tomou para si. Houve muitas perguntas depois que o corpo do jovem foi descoberto no pátio, mas Hego escondeu a verdade de todos, menos da mãe. Ela o fez repetir a explicação com ainda mais detalhes, até que finalmente disse:

– Há muito tempo eu suspeito que você tem o dom que seu pai e eu possuímos, e agora sei que é verdade. É um poder estranho e maravilhoso, Hego, e você o tem em abundância. Seu pai e eu passamos a vida mantendo

nossos dons em segredo muito bem guardado, e quero que me dê sua palavra de que por ora você só falará sobre isso comigo e com seu pai. Mais tarde, na vida, esse poder servirá muito bem a você, mas agora deve permanecer em segredo.

Tendo vivido uma vida sub-reptícia por tantos anos, Hego achava que manter um segredo junto aos pais era algo completamente natural.

Ninguém o responsabilizou pelo ocorrido com o colega, mas, pouco depois, os amigos começaram a se afastar um após o outro. Pior, o pai se tornou distante também – mesmo quando Hego se viu entrando cada vez mais para o mundo de Caar. Ele achava que o pai mentia sobre ter o poder, ou que passara a pensar em Hego como uma espécie de monstro. Entretanto, ele observava o pai empregando os poderes sobrenaturais de persuasão e manipulação nos negócios.

Como Muunilinst, Mygeeto recebia muitos visitantes importantes, e às vezes ocorria a Hego que, em vez de ele poder ir explorar a galáxia, era esta que vinha até ele. Em diversas ocasiões, o pai se encontrava com cavaleiros Jedi e padawans que vinham em busca de cristais de Adegan, usados pela Ordem Jedi para construir sabres de luz de treinamento. Hego já aprendera, havia muito, a aperfeiçoar a habilidade de mascarar seus poderes da percepção dos outros. Mesmo sem revelar sua verdadeira natureza aos Jedi, ele conseguia sentir neles um tipo de poder similar, embora devotado a propósitos opostos aos dele. Desde muito cedo, aprendera que jamais poderia ser como um deles e começou a detestar as visitas, por motivos que não entendia. Ainda mais curioso, Hego acabou sentindo um poder mais próximo do seu num visitante Bith chamado Rugess Nome. Ele não era Jedi, mas um proprietário de aeronaves que chegara num veículo luminoso projetado por ele mesmo. Muito antes, contudo, Hego começara a suspeitar que a mãe constituía o motivo das visitas frequentes de Nome. E a suspeita de haver algo entre os dois incitou

sentimentos de raiva e ciúme no jovem Hego, além de um tipo de abatimento conflituoso no pai.

O menino estava resolvido a usar seu poder para acabar com essa intolerável situação quando, durante uma das visitas de Nome, Hego foi chamado ao escritório do pai, onde Caar, a mãe e o Bith esperavam por ele. Sem olhar para a esposa, Caar disse:

– Você é sangue do nosso sangue, Hego, mas não podemos mais criá-lo como nosso filho.

Hego olhou para o pai e a mãe várias vezes em crescente sofrimento, temendo as palavras que Caar acrescentaria um instante depois. Acenando para Nome, ele disse:

– Na verdade, de modos que você acabará entendendo, você pertence a ele.

Uma década depois, Hego descobriria que, embora Caar tivesse, de fato, feito o melhor que podia para manter suas habilidades da Força em segredo, ele chamara a atenção de Nome quando os dois se conheceram no Centro Espacial do Alto Porto. Anos se passariam antes que Nome encontrasse a mãe de Hego, a qual ele recrutara não como aprendiz – pois ela não era tão forte assim na Força –, mas como a discípula cuja tarefa seria envolver Caar num romance e carregar o fruto da sedução: uma criança que a ciência de Nome e dos Bith previra que nasceria muito poderosa na Força. Os pais de Hego haviam guardado o segredo até que seu poder começara a se revelar. E então um trato fora feito: Hego, em troca da realização do desejo de toda uma vida de Caar Damask de ser aceito no escalão mais alto do Clã Bancário Intergaláctico.

Cinco anos após a revelação no escritório, Caar foi chamado para ir para Muunilinst e tornar-se diretor da tesouraria do CBI. A mãe de Hego desapareceu e nunca mais foi vista por marido nem filho. Assim, iniciou-se o aprendizado de Hego com o lorde Sith Darth Tenebrous.

Além de ser amplamente respeitado enquanto sábio engenheiro e projetor de aeronaves, Rugess Nome guiava uma organização obscura que, ao longo de décadas, reunira informações acerca dos negócios de quase todo criminoso, ladrão, pirata e potencial terrorista que deixara uma marca na galáxia. Com o jovem Hego posando de contador de Nome, os dois Sith disfarçados viajaram muito, em geral conspirando com os seres mais notáveis da galáxia e facilitando a anarquia sempre que possível.

*Nós, os Sith, somos uma oposição invisível, Tenebrous dissera ao jovem aprendiz. Uma ameaça fantasma. Enquanto os Sith antigos usavam armaduras, nós usamos capas. Mas a Força age por meio de nós todos ainda com mais poder em nossa invisibilidade. No momento, quanto mais disfarçados permanecermos, mais influência exerceremos. Nossa vingança será alcançada não pelo subjugo, mas pelo contágio.*

Como Tenebrous explicara, os Jedi emergiram fortes da guerra de um milênio antes, e, embora Darth Bane e os lordes Sith subsequentes dessem seu melhor para perturbar a República renascida, trabalharam em desvantagem. Então, no fim, foi decidido que os Sith deveriam esconder-se, acumulando riqueza e conhecimento e protegendo contatos e alianças com grupos que um dia formariam a base de uma oposição espalhada pela galáxia contra a República e a respeitada Ordem que a servia. Todos os relatos indicavam que esses primeiros séculos foram desafiadores, presenciando o retorno dos Jedi a sua posição eminente. Mas os Sith conseguiram estudar a Ordem de longe sem os Jedi terem noção alguma de que possuíam adversários.

O rasgo que o mestre Twi'lek de Tenebrous abriu no tecido da Força fora sentido pelos Jedi, e a Ordem já começava a mostrar sinais de circunspeção e enfraquecimento. A República também fora minada, similarmente, ao encorajar corrupção no Senado e desrespeito às leis nos sistemas da Orla Exterior, que se tornara o lixão do Núcleo.

Com os excluídos da galáxia convertidos à causa, seria preciso então reunir os poderosos, com Darth Plagueis como líder, manipulando as ações de uns poucos mais importantes para controlar o comportamento de trilhões de seres.



## CAPÍTULO 8

# VÍTIMAS DO PRÓPRIO EQUIPAMENTO

Ao treinar Venamis, Tenebrous obviamente acreditara estar protegendo o Grande Plano; assim como Venamis, ao ficar de olho num punhado de candidatos sensíveis à Força que ele, e talvez Tenebrous, tinham descoberto. Contudo, restava a Plagueis fazer algo acerca desses possíveis competidores, senão por outro motivo, para eliminar a possibilidade de outro ataque surpresa.

Os bancos de dados da nave de Venamis continham informações sobre seis seres, mas uma investigação subsequente realizada por 11-4D revelou que um morrera de causas naturais, outro fora executado e um terceiro morrera numa luta de bar. Dois dos três restantes não tinham nome, mas Plagueis e 11-4D conseguiram aprender tanto sobre eles quanto Venamis após romper o complexo código que o Bith usava para guardar os dados. Como os candidatos de Venamis não foram notados pelos Jedi representava um grande mistério, mas não valia a pena solucioná-lo. Plagueis apenas precisava determinar se constituíam uma ameaça – para ele ou para o Grande Plano.

Raramente os Muuns eram vistos bebendo Reserva de Rywen aos goles em tapcafs exclusivos, provando especiarias refinadas em clubes privados ou desafiando as casas em maratonas de campeonatos de sabacc. Os programas de celebridades da HoloNet nunca os mostravam com dançarinas Twi'lek entre os braços esguios nem se aventurando em florestas, mares ou trilhas montanhosas puramente por esporte ou diversão.

Contudo, Plagueis estava prestes a romper essa tradição, agora que o primeiro dos potenciais candidatos de Venamis fora encontrado num cassino na cidade de Lianna, no coração do remoto grupo Tion.

Com o papo chacoalhando, olhos límpidos refletindo preocupação e ladeado por guarda-costas Nikto, o rechonchudo gerente Sullustano do Cassino Colisores cruzou às pressas o saguão acarpetado na direção da mesa de jogo onde Plagueis e 11-4D aguardavam. Um par de braços de utilidade variada – um deles guardava uma arma de laser – substituía os apêndices cirúrgicos normais do droide, e Plagueis vestia o que a maioria dos seres julgaria ser um traje do Clã Bancário, embora de corte diferente e um verde mais pálido.

– Bem-vindo, senhor, bem-vindo – o gerente começou a dizer, todo afobado. – O Colisores fica honrado em tê-lo como cliente, embora, se me permite dizer, você tenha sido o primeiro habitante de Muunilinst que usou a entrada pública do cassino. A entrada privada...

Plagueis ergueu a mão para interromper o gerente.

– Não vim aqui a negócios do banco.

O Sullustano admirou-se.

– Então isso não é uma auditoria surpresa?

– Vim aqui tratar de um assunto pessoal.

O gerente pigarreou e se endireitou.

– Então poderíamos começar pelo seu nome.

– Sou Hego Damask.

A papada do Sullustano começou a chacoalhar de novo.

– Magistrado Damask? Das Empresas Damask?

Plagueis assentiu.

– Perdoe-me por não reconhecê-lo, senhor. Não fosse a sua generosidade, o Colisores estaria falido. E digo mais: Lianna não seria o centro que é hoje, orgulho do grupo Tion.

Plagueis sorriu, satisfeito.

– Então, se pudermos passar para o seu escritório...

– Claro, claro. – O Sullustano fez sinal aos guardas para que formassem uma falange, depois acenou, cortês, a fim de que Plagueis e 11-4D o acompanhassem. – Depois do senhor. Por favor.

Um turboelevador os carregou diretamente até um grande escritório que levava à principal sala de jogos do cassino, lotada de cidadãos de espécies das Orlas Exterior e Média, sentados em mesas e perante máquinas individuais, ou amontoados em volta de rodas da fortuna e demais máquinas de jogos. O gerente apontou uma poltrona muito acolchoada para Plagueis e ajeitou-se numa mesa de tampo de vidro. 11-4D parou, quieto, ao lado de Plagueis.

– Você mencionou algo sobre uma questão particular, magistrado Damask. Plagueis entrelaçou os dedos.

– É de meu conhecimento que o Colisores teve um grande ganhador uma semana atrás.

O Sullustano sacudiu de leve a cabeça, pesaroso.

– As más notícias voam, pelo visto. Mas, sim, ele quase papou tudo. Uma rodada fabulosa de sorte.

– Tem certeza de que foi sorte?

O Sullustano refletiu sobre a pergunta.

– Acho que entendo aonde quer chegar, então me permita explicar. As espécies que sabemos que têm habilidades telepáticas são proibidas de jogar no Colisores, como ocorre na maioria dos cassinos. Além disso, sempre operamos sob a crença de que 99% dos seres poderosos na Força pertencem à Ordem Jedi, e os Jedi não jogam. Quanto à porcentagem restante, os que podem ficar num meio-termo, digamos... bom, a maioria deve estar por aí fazendo boas ações ou presa em monastérios contemplando os mistérios do universo.

– E os outros?

O Sullustano plantou os cotovelos na mesa e inclinou-se para a frente.

– Nessas raras ocasiões, e eu enfatizo *raras*, quando suspeitamos que uma criatura estivesse usando a Força, requisitamos que se sujeitassem a um exame de sangue.

– Já desmascarou um usuário da Força?

– Nenhuma vez ao longo dos vinte anos em que venho administrando esta instalação. Claro, a gente escuta histórias neste ramo. Por exemplo, há uma sobre um cassino de Denon que empregou um Iktotchi sensível à Força como cooler, uma pessoa capaz de interromper uma rodada de vitórias do jogador. Mas suspeito que seja uma história verdadeira. Aqui no Colisores, nos baseamos nos métodos-padrão para termos certeza de que as chances sempre pendam para o nosso lado. Mas, mesmo assim, vez por outra alguém abre uma exceção à regra. – Ele parou por um momento. – Mas admito que não vejo uma rodada de vitórias como essa há muitos anos. Talvez levemos meses para nos recuperar.

– Vocês pediram exame de sangue?

– Na verdade, pedimos, magistrado Damask. Mas nosso analista residente disse que o sangue do ganhador não continha... bem, seja lá o que conteria se o jogador fosse usuário da Força. Confesso que conheço muito pouco da química envolvida.

– Eu mesmo gostaria de entender mais – disse Plagueis. – Por acaso você tem uma foto do ganhador?

O gerente franziu o cenho.

– Não quero invadir, mas posso perguntar por que isso interessa a você pessoalmente?

Plagueis fungou.

– Tem relação com a receita.

O Sullustano animou-se.

– Então, que seja.

Seus dedinhos voaram por sobre o console da mesa, e em segundos uma imagem de um Weequay apareceu numa tela na parede.

Plagueis ficou desapontado e admirado ao mesmo tempo. Os dados da nave de Venamis tinham identificado o candidato em potencial como um Quarren. O ser de Mon Calamari vinha usando a Força para invadir os cofres dos cassinos numa dúzia de mundos, de Coruscant a Taris, de Nar Shaddaa a Carratos. Aparentemente, o Weequay que ganhara uma bolada no Colisores apenas tivera sorte. Plagueis estava prestes a dizer isso a 11-4D quando um intercom chiou e o gerente inseriu um transmissor em sua orelha enorme.

– De novo, não! – disse. – Tudo bem, mande uma equipe de segurança ficar de olho nele.

Plagueis esperou pela explicação.

– Outra rodada de vitórias – disse o Sullustano. – Dessa vez foi um Kubaz!

Plagueis levantou-se.

– Gostaria de acompanhar a equipe de segurança até o local. Não vou interferir. Só estou curioso com relação aos métodos para detectar os trapaceiros.

– Claro – disse o gerente, distraído. – Talvez perceba algo que deixamos passar.

Plagueis chegou ao turboelevador no mesmo instante em que dois Bothanos se aproximaram vestidos com traje de executivo. Permaneceu junto deles conforme seguiam pelo térreo, no salão de jogos, até uma das mesas de colisores do cassino. Os jogadores atraídos pela ação amontoavam-se em três fileiras em volta da mesa, tornando impossível captar mais do que um filete do Kubaz sortudo, até que Plagueis e os Bothanos alcançaram o crupiê. Enfurnado entre fêmeas de diversas espécies que tentavam, sem sucesso, ganhar sua atenção, o insetívoro de nariz comprido e pele escura estava sentado de frente para o crupiê, atrás de diversas torres altas de fichas de crédito. O jogo se

chamava colisor porque os jogadores apostavam nos tipos e nos caminhos espiralados de partículas subatômicas de alta energia criadas como resultado de colisões ocorridas dentro da mesa aceleradora e nos disparos randômicos de eletromagnetos circundantes desviados. Graças à natureza imprevisível das colisões, a casa tinha pouca vantagem – caso os aceleradores não fossem fraudados –, mas o Kubaz estava tendo sucesso por apostar apenas nos caminhos das partículas, não em suas categorias.

Com o acelerador da mesa zumbindo ao ligar, e o Kubaz deslizando algumas de suas fichas sobre a grade de apostas, Plagueis expandiu-se cuidadosamente com a Força, sentindo intensa concentração da parte do Kubaz, e então um assomo extraordinário de energia psíquica. O Kubaz usava a Força – não para desviar as partículas para determinados caminhos, mas para confundir os eletromagnetos e reduzir significativamente o número de caminhos que as partículas criadas tomavam.

A multidão reunida aplaudiu e ovacionou a nova vitória, e o crupiê empurrou mais uma pilha de fichas de crédito pela mesa, somando-as aos milhões de créditos que o Kubaz já ganhara. Na tentativa de enxergar mais a fundo no Kubaz, Plagueis abriu-se novamente à Força e percebeu com rapidez que o Kubaz tinha sentido a intrusão. Levantando-se da cadeira tão subitamente que as fêmeas dos dois lados quase caíram para trás, ele pediu ao crupiê que sacasse seu dinheiro. Sem olhar ao redor, aceitou a nota de valores sacáveis e correu na direção do bar mais próximo. A equipe de Bothanos seguranças foi logo atrás, após prometer avisar Plagueis caso o Kubaz tentasse deixar o cassino.

De volta ao escritório elevado, onde 11-4D ainda esperava ao lado da cadeira e o gerente Sullustano se recobrava de um acesso de suadouro, Plagueis perguntou se o Colisores mantinha uma base de dados dos jogadores que haviam erigido uma reputação por invadir cofres de cassinos, não somente em

Lianna, mas em outros mundos nos quais a jogatina era passatempo popular. Na tela da parede, momentos depois, passaram imagens de machos e fêmeas de Ongree, Askajians, Zabrak, Togrutas, Kel Dors, Gotals e Niktos. Até mesmo um metamorfo Clawdite.

– Esses são os mais notáveis – o gerente explicava quando a imagem de um Neimoidiano apareceu na tela. – Os que a Autoridade dos Jogos suspeita terem desenvolvido métodos infalíveis de trapacear. Qualquer um que aparecer no Colisores será impedido de entrar.

Plagueis estudou as imagens finais e voltou-se para o Sullustano.

– Você nos foi muito útil. Não vamos mais tomar seu tempo.

O turboelevador tinha acabado de levar Plagueis e 11-4D ao andar do cassino quando o Munn perguntou ao droide se ele notara algo que valesse a pena comentar sobre o conjunto de ganhadores.

– Acho interessante que todos são, digamos, bípedes muunoides com quase a mesma estrutura física e quase idênticos em altura. Um ponto oito metro, para ser preciso. – 11-4D olhou para Plagueis. – É possível que sejam o mesmo ser?

Plagueis sorriu, satisfeito.

– Talvez um Clawdite?

– Eu estava prestes a sugerir isso. Contudo, entendo que os metamorfos reptomamíferos Zolanos raramente conseguem se camuflar como outras espécies por muito tempo sem sentir intenso desconforto. Além do mais, um dos indivíduos da série era um Clawdite.

Pouco se sabia da espécie reclusa de telepatas de Laomon, exceto por serem capazes de imitar uma ampla variedade de espécies sencientes. Os mais habilidosos, dizia-se, eram capazes de disfarçar-se como árvores e até pedras. Uma poderosa Shi'ido chamada Belia Darzu fora uma lorde Sith na era pré-

Bane e criara exércitos de tecnobestas controlados por meio da energia do lado sombrio.

– Isso explicaria os resultados negativos dos exames de sangue – dizia 11-4D.

Plagueis concordou.

– Suspeito que esse Shi'ido usuário da Força tenha aprendido a alterar o próprio sangue. Ou talvez ele tenha apenas nublado a mente do analista, induzindo-o a ignorar a contagem de midi-chlorians encontrada.

Tinham acabado de ganhar a área de jogos quando um dos Bothanos veio correndo.

– Magistrado Damask, acabei de ser informado de que o Kubaz está saindo.

– Ele pediu que transferissem o que ganhou para uma conta?

O Bothano balançou a cabeça num gesto negativo.

– Ele preferiu uma nota fiscal. Muitos fazem isso, querendo proteger a privacidade.

Plagueis agradeceu e voltou-se para o droide.

– Rápido, 4D. Antes que ele ganhe muita vantagem sobre nós.

Os dois saíram para a reluzente ecumenópole, onde arranha-céus e torres elevavam-se em torno deles; as calçadas estavam apinhadas de seres de todo canto da Rota Comercial Perlemiana, e o céu era tomado pelo tráfego. Além disso, em quase todo ponto que olhavam, viam o nome Santhe – acima das entradas nos prédios, em propagandas que passavam em telas gigantes, em brasões colados nas laterais de naves e airspeeders. Essa proeminente família praticamente dominava Lianna e mantivera, ao longo de trinta anos, controle, por interesse, sobre uma das principais empresas da cidade: a Sienar Tecnologias, da qual alguns representantes foram convidados para o Encontro em Sojourn.

Mantendo distância razoável, Plagueis e 11-4D seguiram o Kubaz de calçada em calçada lotada, depois por sobre uma das pontes ornadas que cobriam o rio Lona Cranith e levavam à cidade irmã de Lianna, Lola Curich. Passaram pelo quartel-general da Sociedade Histórica da Aliança Tion, a Fronde's Airspeeders, um bar chamado Thorip Norr... Durante todo o percurso, o Kubaz olhava para trás, até que começou a apertar o passo quando se aproximou de uma entrada de um túnel para pedestres.

– O Shi'ido comporta-se como se soubesse que está sendo seguido – disse 11-4D, com os fotorreceptores fixos na perseguição.

– Ele vai tentar nos despistar no túnel. É melhor esperarmos por ele na saída. – Plagueis parou para olhar ao redor. – Por aqui, 4D.

A dupla passou correndo por entre os prédios cortados pelo túnel para depois emergir justamente onde a passagem para pedestres desembocava, numa praça pública frontada por restaurantes e butiques. 11-4D aguçou os fotorreceptores e os focou na boca do túnel.

– Baseado na taxa de velocidade com a qual o Shi'ido caminhava quando entrou no túnel, ele já devia ter saído.

– E, de fato, saiu – disse Plagueis. – Preste atenção no Askajiano robusto que está passando pela Colher de Auródio.

Os fotorreceptores do droide deram um pequeno giro.

– O Shi'ido trocou de pele dentro do túnel.

– Suspeitei que fosse fazer isso.

– Eu o faria se tivesse uma habilidade comparável à Força, magistrado.

Os dois retomaram sua vigilância clandestina, seguindo agora o Askajiano, que os conduziu por um trajeto retorcido por Lola Curich que acabou num quiosque automatizado do Clá Bancário Intergaláctico junto de uma filial da PetVac. Plagueis mandou 11-4D fornecer dados sobre as atividades do metamorfo.

– Ele depositou a nota fiscal – disse o droide. – Mas não consigo fornecer o número da conta. Até mesmo minhas imagens de macrovisão têm seus limites.

Plagueis fez um gesto demonstrando indiferença.

– Não tem problema.

Os dois esperaram até que o Shi'ido saísse do quiosque e entraram na loja. Com a ajuda dos códigos do CBI que Plagueis forneceu, 11-4D logo adquiriu não somente o número da conta, mas também a identidade do titular.

– Kerred Santhe Segundo – informou o droide.

Plagueis ficou sem fala por um instante. Santhe herdara domínio da maior porção da Santhe/Sienar Tecnologias do pai – que se destacava por ter sido o primeiro assassinado por Plagueis sob a tutela de Darth Tenebrous. Mas o fato de um industrial tão rico como Santhe precisar de dinheiro ganhado em jogo fazia muito pouco sentido. A não ser que, por algum motivo, o Shi'ido estivesse em dívida com Santhe. Poderia essa conexão confusa com Tenebrous explicar como o metamorfo conseguira a atenção de Venamis?

– Quão bons são seus conhecimentos sobre a fisiologia dos Shi'idos? – Plagueis perguntou a 11-4D.

– Sujeitos dessa espécie participaram de estudos de longevidade conduzidos em Obroa-skai. Eles possuem fisiologia e anatomia muito flexíveis, com tendões e ligamentos reconfiguráveis, além de ossos finos, mas densos, que lhes permitem suportar sua massa carnosa e as extensas reservas de fluidos corporais.

– Seus sensores são capazes de determinar quando um Shi'ido está prestes a mudar de forma?

– Se o Shi'ido estiver próximo, sim.

– Então não temos tempo a perder.

Alcançaram a presa quando entrava na praça pública, passaram por ela e apressaram-se a entrar no túnel de pedestres antes dela. Cem metros à frente,

flagraram-se numa extensão desocupada e mal iluminada que Plagueis supôs que o Shi'ido usaria para se transformar e permaneceram esperando.

O Shi'ido não o desapontou. E, no instante em que começou a se transformar – de Askajiano para algo que devia ser um Ongree ou um Gotal –, 11-4D ativou a arma de laser escondida no braço direito e atirou um raio espesso na base do cérebro do Shi'ido.

A monstruosa mistura intermediária de espécies soltou um grito atormentado e desabou no chão do túnel, contorcendo-se de dor. Agindo com rapidez, 11-4D o arrastou para o escuro, onde Plagueis posicionou-se atrás do crânio grotescamente protuberante do metamorfo, dos ombros tortos e das costas arqueadas.

– Por que você transferiu seus fundos para Kerred Santhe? – Plagueis perguntou.

A boca retorcida do Shi'ido esforçou-se para formar uma resposta.

– Você trabalha para a Autoridade de Jogos?

– Só nos seus sonhos. Vou repetir: por que Kerred Santhe?

– Dívida de jogo – balbuciou o Shi'ido, deitando baba no chão. – Ele está devendo para uns Vigos do Sol Negro e outros agiotas.

– Santhe é um dos seres mais ricos da galáxia – Plagueis pressionou. – Por que precisaria colocar *você* para roubar cassinos daqui até Coruscant?

– Ele tem *milhões* em dívidas. Não parou de beber e jogar desde que o pai foi assassinado.

*Brilhantemente* assassinado, pensou Plagueis.

– Ainda assim, o Sol Negro nunca o atacaria.

O Shi'ido usuário da Força dobrou o pescoço grumoso na tentativa de fitar seu inquisidor.

– Ele sabe disso. Mas os Vigos estão ameaçando vir a público com essa informação. Um escândalo poderia persuadir a diretoria da Santhe/Sienar a

tirá-lo do cargo de presidente de operações e colocar Narro Sienar como substituto.

Plagueis riu um pouco, por surpresa, mas também satisfação.

– E deviam mesmo, metamorfo. – Ele se levantou e começou a se afastar. –

Você foi muito útil. Está livre, pode ir.

– Não pode me largar aqui assim – implorou o Shi'ido.

Plagueis parou e retornou para a vítima.

– Se você estivesse financiando terrorismo ou comprando armas, talvez eu permitisse que continuasse saqueando os cassinos. Mas, ao engordar os cofres do Sol Negro e proteger a reputação de um inimigo dos meus amigos, você se tornou meu inimigo também. – Ele baixou a voz para um rosnado ameaçador: – Considere isto: você tem uma última chance de usar seus talentos na Força para se dar bem antes que a sua cara horrenda se torne peça central dos bancos de dados de trapaceiros em toda parte que tiver jogos de azar. Sugiro que use o dinheiro que ganhou sabiamente para construir uma vida nova num lugar onde a Autoridade de Jogos não possa encontrá-lo, senão eu irei atrás de você.

Dizia-se que o planeta Saleucami era o destaque de seu sistema basicamente por ser o único, entre meia dúzia de mundos desolados e sem ar, capaz de portar vida. Seus próprios destaques não eram, como se poderia suspeitar, as áreas do planeta ainda não vitimizadas por bombardeios de meteoros, mas na verdade algumas das crateras que a incessante tempestade celestial deixara para trás. Isso porque lá as colisões de meteoros conjuraram águas subterrâneas ricas em minerais para a superfície árida, transformando as crateras em lagos termais e as redondezas em oásis de flores.

Bípedes de pele azul e olhos amarelos de um canto remoto do Núcleo foram os primeiros a colonizar Saleucami, que significava “oásis” na língua deles, visto que o mundo estava entre os que eles visitaram durante a longa

jornada de Wroona. Desde então, chegaram grupos grandes de Weequay, Gran e Twi'leks, fugindo de conflitos ou em busca de isolamento, e começaram a cultivar o solo sem cor para conseguir umidade, subsistindo da plantação de raízes sem gosto que murchavam no calor do meio-dia e viravam pedras de gelo à noite. Por fim, o planeta recebeu uma cidade e um espaçoporto, construído nas sombras de uma das caldeiras nutridas por energia geotérmica.

Os imigrantes mais recentes eram de tipo diferente: seres jovens de mundos distantes, como Glee Anselm e Arkania, vestidos em farrapos e trazendo suas posses nas costas. Andarilhos e batedores chegavam em transportes surrados e cargueiros velhos que atendiam aos sistemas da Orla Exterior. Embora houvesse o triplo de fêmeas, machos e fêmeas eram distinguidos pelo que alguns consideravam ser um olhar inquieto, e outros, cara de perdido. No começo, os colonos nativos não sabiam o que fazer com esses andarilhos inúteis, mas gradualmente toda uma indústria cresceu para atender a sua necessidade simples, se não peculiar, de abrigo, comida e transporte na superfície para as terras abandonadas, onde a iluminação os aguardava, concedida pelas mãos imensas de um ser que os rumores alegavam ter poderes proféticos.

Entre eles, naquele dia, estava um Muun usando capa simples com capuz e botas muito gastas. Embora normalmente a mera visão de um Muun pudesse gerar rumores de que Saleucami estava prestes a ser adquirida pelo Clá Bancário Intergaláctico, a horda de jovens junto à qual o Muun andava mal lhe dava atenção. Ainda mais por conter, entre seus números, Ryn e Fosh e outras espécies exóticas, e mais ainda por Saleucami ser vista como pouco mais que um degrau para um mundo maior.

Plagueis deixara 11-4D em Sy Myrth e completara a jornada num cargueiro na esperança de permanecer o mais discreto possível. Dados acerca da profetisa eram escassos, embora Venamis tivesse notado que ela nascera na Orla

Interior e chegara a Saleucami apenas três anos antes. Os colonos de Saleucami estavam dispostos a tolerar a presença dela, assim como a dos seguidores que ela atraía, contanto que confinassem seus comboios nas terras abandonadas.

Apertado entre outros quarenta num speeder bus, Plagueis deixou seu olhar varrer um horizonte desolado de montanhas vulcânicas e as paredes lisas das crateras. Num céu, sem nuvens, de um púrpura pálido, uma luz cegante piscava intermitentemente, e a monotonia da viagem de cinco horas era aliviada apenas por um ocasional assentamento ou uma solitária fazenda de umidade.

O fim da jornada foi um lago termal relativamente pequeno, de cujas beiradas brotava uma leva comunal de barracas e abrigos improvisados, ocupada pelos veteranos sonhadores de comboios anteriores.

Os Seletos, esse era o nome deles.

Saído do speeder bus, Plagueis juntou-se à multidão de recém-chegados numa trilha estreita que dava num anfiteatro natural, onde pedaços de meteorito ofereciam lugar para um ou outro se sentar. Os demais se acomodavam em cima das mochilas ou se espalhavam no solo irregular. Pouco depois, o som do choramingar de motores anunciou a chegada de uma caravana de landspeeder híbridos, muitos em ótimas condições, embora cobertos de poeira e roubados de sua cor pela luz forte. Quase todos no anfiteatro levantaram-se, e uma onda de ansiedade rolou pela multidão, passando para o fervor, até que uma Iktotchi saiu de um dos veículos, cercada por discípulos com tão pouca roupa quanto ela.

Plagueis não pôde pensar num ser mais adequado para Saleucami e para o status de *cult*: uma bípede careca com chifres curvados para baixo e testa proeminente, pele endurecida para suportar os ventos selvagens de sua terra natal e um semblante dissimulado que desmentia uma natureza emotiva. Porém, mais importante, possuidora de provada habilidade precognitiva.

Sozinha, ela subiu numa placa de pedra que era o palco do anfiteatro e, assim que a multidão aquietou-se, começou a falar em voz solene:

– Eu vi a escuridão que se aproxima e os seres que visitarão a galáxia. – Ela parou um pouco para deixar que a plateia sentisse suas palavras. – Eu testemunhei o colapso da República e contemplei a Ordem Jedi entrando em tumulto. – Ela apontou um dedo para as montanhas distantes. – No horizonte, assoma-se uma guerra que cobrirá toda a galáxia... um conflito entre máquinas de aço e máquinas de carne, e a subsequente morte de dezenas de milhões de inocentes.

A profetisa andava pela placa quase como se falasse sozinha.

– Vejo mundos subjogados e mundos destruídos, e do caos uma nova ordem nascendo, escorada por armas ferozes de tipos que não se veem há mais de mil anos. Uma galáxia colocada sob o jugo de um déspota cruel que serve às forças da entropia. E por fim eu vi que somente os que forem endurecidos por essa verdade inequívoca sobreviverão. – Ela analisou a plateia. – Somente aqueles entre vocês que estiverem dispostos a se virar contra os outros e a lucrar com os infortúnios deles.

A multidão sentou-se em aturdido silêncio. Dizia-se que os Iktotchi perdiam um pouco de suas habilidades precognitivas quanto mais distante viajavam de sua terra natal, mas nem sempre era assim. E certamente que não, Plagueis disse a si mesmo, no caso de uma Iktotchi muito sensível à Força. Não era de se estranhar que Venamis estivera de olho nela.

– Fui enviada para mudar suas crenças mais adoradas de um futuro bonito e para ajudá-los a fazer guerra contra as boas intenções e a enganação das ideias puras; a ensiná-los a aceitar o fato de que, mesmo em meio a essa aparentemente abençoada era, esse piscar de olhos na história senciente, nossos instintos mais básicos nos dominam. Fui enviada para avisá-los de que a Força

em si se tornará como que uma tendência passageira entre os que se enganam, uma ilusão antiquada que será fumaça nas chamas renovadoras da nova era.

Ela fez outra pausa, e, quando tornou a falar, parte da acidez tinha deixado sua voz:

– Essa galáxia reorganizada precisará de seres que não tenham medo de ser arrogantes, egoístas e motivados a sobreviver a qualquer custo. Aqui, sob a minha liderança, vocês aprenderão a deixar para trás seus eus antigos e a encontrar a força para se relançarem como seres de hiperaço, por meio de ações que nunca acreditariam ser capazes de realizar. Eu sou o piloto que os levará ao seu futuro.

Ela abriu os braços para a multidão.

– Olhem, cada um de vocês, para os que estão à esquerda e à direita, e aos que estão à frente e atrás...

Plagueis agiu conforme instruído, encontrando olhares inocentes e irritados, olhares assustados e caras de confusão.

– ... e pense neles como degraus para sua escalada futura – disse a Iktotchi. Ela mostrou as mãos. – O toque das minhas mãos fará uma corrente fluir por vocês; ela acionará o interruptor que dará início à sua jornada de transformação. Venham a mim se quiserem ser selecionados.

Muitos da multidão se levantaram e começaram a avançar para o palco, tirando outros do caminho, lutando para serem os primeiros a alcançá-la. Plagueis não teve pressa e achou um lugar no final da fila tortuosa. Embora a ideia de ter um exército pronto de adeptos do lado sombrio disponível para ele tivesse até certo apelo, a Iktotchi espalhava uma mensagem que fora fatal aos Sith de antigamente, os que precederam a reforma de Bane, e permitira batalhas mortíferas para induzir a Ordem ao esquecimento. A mensagem apropriada deveria ser para que todos abandonassem a necessidade de sentir-se

em controle de seus próprios destinos e aceitassem a iluminada liderança de uns poucos seletos.

O satélite de Saleucami estava baixo no céu quando Plagueis alcançou a placa de pedra e parou de frente à Iktotchi. As suas grandes mãos seguraram as dele, e ela apertou-lhe os dedos grossos em torno das palmas estreitas.

– Um Muun de riqueza e bom gosto. O primeiro que veio me procurar – disse ela.

– Você foi escolhida – Plagueis disse.

Ela o encarava, e uma fagulha súbita de incerteza apareceu em seus olhos, como se Plagueis travasse chifres com os dela.

– Como?

– Você foi escolhida. Embora nem saiba. Então, eu precisava encontrá-la pessoalmente.

Ela continuou encarando-o.

– Não foi por isso que você veio aqui.

– Ah, foi por isso, sim – informou Plagueis.

Ela tentou soltar as mãos, mas Plagueis as segurava com muita força.

– Não é por isso que *você* está aqui – disse ela, alterando a ênfase. – Você veste a escuridão do futuro. Eu é que estava à sua procura; eu é que deveria ser sua serva.

– Infelizmente, não – Plagueis sussurrou. – Sua mensagem é prematura e perigosa à minha causa.

– Então, deixe-me desfazê-la! Deixe-me obedecer a você.

– Você está prestes a fazer isso.

Um fogo acendeu-lhe os olhos, e o corpo se tornou rígido quando Plagueis começou a passar uma corrente elétrica para dentro dela. Os membros tremiam, o sangue fervilhava. As mãos ficaram quentes e estavam prestes a pegar fogo quando ele finalmente sentiu a luz apagar nela, até que a Iktotchi

começou a enrugar junto a ele. De soslaio, Plagueis viu um dos discípulos Twi'lek correr em sua direção, e então largou as mãos dela abruptamente e afastou-se daquele corpo espasmódico.

– O que aconteceu? – perguntou o Twi'lek, enquanto chegavam outros discípulos para socorrer a Iktotchi. – O que você fez com ela?

Plagueis acenou para acalmá-lo.

– Não fiz nada – respondeu num tom monótono e profundo. – Ela desmaiou.

O Twi'lek piscou e virou-se para os camaradas.

– Ele não fez nada. Ela desmaiou.

– Ela não está respirando! – exclamou um deles.

– Ajude-a – Plagueis disse no mesmo tom.

– Ajude-a – repetiu o Twi'lek. – Ajude-a!

Plagueis afastou-se da placa e começou a andar contra a súbita maré de seres frenéticos na direção de um dos speeder buses. A noite caía rapidamente. Atrás dele, soavam gritos de descrença que ecoaram pelo anfiteatro. O pânico avultava-se. Seres brandiam as mãos, agitavam as antenas e outros apêndices, andando em círculos, murmurando para si mesmos.

Ele foi o único que subiu a bordo do speeder bus. Aqueles com os quais ele chegara e os Seletos que tinham construído abrigos ao redor dos lagos corriam para a escuridão, como se determinados a perder-se nas terras abandonadas.

Numa espaçonave similar em design à que levara Tenebrous e Plagueis a Bal'demnic – uma nave de Rugess Nome –, Plagueis e 11-4D viajaram ao mundo de Bedlam, localizado na Orla Média, perto do pulsar argenteo de mesmo nome. Um ponto de vazamento no espaço real e parque de diversões de supostos seres transdimensionais, o fenômeno luminoso cósmico compunha, na opinião de Plagueis, o cenário perfeito para o sanatório no qual o último

dos potenciais aprendizes de Venamis – um Nautolano – estivera confinado fazia cinco anos.

Guardas Gamorreanos uniformizados os encontraram nas imensas portas de entrada da Instituição Bedlam para Criminosos Dementes e os levaram até a sala do superintendente, onde foram recebidos por um Ithoriano que escutou com atenção, embora com claro desdém, o propósito da visita surpresa de Plagueis.

– Naat Lare foi apontado como beneficiário num testamento?

Plagueis assentiu.

– Uma pequena herança. Como executor-chefe, tenho procurado por ele faz algum tempo.

A cabeça de dois lobos do Ithoriano girou de um lado ao outro e os dedos compridos de pontas bulbosas desenhavam uma tatuagem no tampo da mesa.

– Sinto informar que ele não está mais conosco.

– Morreu?

– É bem possível. Mas o que quis dizer é que ele desapareceu.

– Quando?

– Faz dois meses.

– Por que ele foi confinado inicialmente em Bedlam? – Plagueis perguntou.

– Foi condenado por autoridades de Glee Anselm, mas acabou sentenciado a cumprir pena aqui, onde poderíamos tomar conta dele.

– Qual foi o crime?

– Crimes, para ser mais exato. Ele tem uma longa história de práticas sadomasoquistas, geralmente executadas em pequenos animais. Piromania, crimes vulgares e uso de tóxicos. Tipicamente vemos isso em seres que sofreram abuso ou tiveram uma infância instável, mas Naat Lare possuía uma família que o amava e é muito inteligente, apesar de ter sido expulso de inúmeras escolas.

Plagueis considerou com cautela a pergunta seguinte.

– Ele é perigoso?

O Ithoriano tamborilou mais uma vez os dedos de espátula antes de responder.

– Por receio de violar a privacidade do paciente, eu diria que ele é *potencialmente* perigoso, visto que tem... digamos, *talentos* que transcendem o ordinário.

– Esses talentos foram usados na fuga?

– Talvez. Embora achemos que ele tenha recebido ajuda.

– De quem?

– Um médico Bith que se interessou pelo caso dele.

Plagueis recostou-se na cadeira. *Venamis?*

– Você contatou esse médico?

– Tentamos, mas a informação que ele nos forneceu acerca do trabalho e local de residência era fraudulenta.

– Então ele nem devia ser mesmo médico.

O Ithoriano pipocou a cabeça presa àquele pescoço curvo.

– Uma pena. Imagino que o Bith deve ter sido o cúmplice.

– Faz ideia de para onde Naat Lare foi após sumir?

– Supondo que ele deixou Bedlam sozinho, as possibilidades são limitadas, dada a escassez de espaçonaves que nos atendem. A primeira parada teria ocorrido em Felucia, Caluula ou Abraxin. Notificamos as autoridades desses mundos. Infelizmente, não temos fundos para conduzir uma busca mais extensa.

Plagueis lançou um olhar cheio de sentido para 11-4D e levantou-se da cadeira.

– Sua cooperação nos foi muito útil, superintendente.

– Em todo caso, estamos confiantes de que os Jedi o localizarão – acrescentou o Ithoriano quando Plagueis e o droide estavam prestes a sair da sala.

Plagueis deu meia-volta.

– Os Jedi?

– Devido aos dons peculiares de Naat Lare, nos sentimos obrigados a contatar a Ordem assim que descobrimos que ele tinha sumido. Eles consentiram graciosamente em nos ajudar na busca. – O Ithoriano fez uma pausa. – Eu poderia contatar você se surgir alguma novidade...

Plagueis sorriu.

– Deixarei meu contato com o seu assistente.

Acompanhado de 11-4D, retornou à nave em silêncio. Enquanto a rampa de embarque baixava, Plagueis falou:

– Seres como Naat Lare não ficam escondidos por muito tempo. Pesquise na HoloNet e em outras fontes de notícias por eventos recentes nesses três mundos que o superintendente mencionou e me conte todos os relatos que chamarem a sua atenção.

A nave mal saíra da atmosfera de Bedlam quando 11-4D reportou-se à cabine de pilotagem.

– Tem uma porção em Abraxin, magistrado – começou o droide. – Enterrada entre histórias de ocorrências bizarras ou intrigantes. Relatos de fantasmas do pântano mortos nos charcos ao redor de um assentamento de Barabels no continente sul.

Grandes criaturas bípedes não sencientes, os fantasmas do pântano caçavam aos bandos e eram famosos por usar a Força para induzir a presa às áreas mais abertas.

– Os mais supersticiosos entre os Barabels acreditam que o Mal de Barabel seja responsável pela onda de mortes.

Plagueis bateu as palmas das mãos nas coxas.

– Nosso Nautolano passou da tortura de animais domésticos ao assassinato de criaturas com afinidade com a Força. E estou certo de que os Jedi chegarão à mesma conclusão.

– Se já não o fizeram, senhor.

Plagueis acariciou o queixo, refletindo.

– Esse tem mais do que um pezinho no lado sombrio. Não é de admirar que Venamis o visitava. Coloque o navicomputador para traçar a rota em direção a Abraxin, 4D. Vamos voltar ao Grupo Tion.

Um dia-padrão depois, os dois pousaram perto da área onde ocorreram as mortes de fantasmas do pântano. Propositalmente, o assentamento Barabel ficava distante dos espaçoportos do planeta, na beirada sinistra de um amplo pântano, cujas margens curvas eram emparedadas por troncos densos de árvores de raiz aquática. Numa porção de terra mais elevada, uns poucos prédios pré-forma erguiam-se em meio a montes de casinhas de teto de palha e pau a pique ligadas umas às outras por passarelas que costuravam por entre o gramado da época de seca. Os nativos reptilianos escamosos usavam roupa apenas para não ficarem completamente nus, e um cheiro nojento e adocicado de vegetação apodrecendo pairava no ar abafado. Abraxin tinha sido forte no lado sombrio durante a vida de Bane, quando fora alinhada com a Irmandade da Escuridão do lorde Kaan, mas Plagueis sentia que o poder havia esvanecido significativamente nos séculos que se passaram.

Ele e 11-4D não tinham andado nem um quilômetro a partir da nave quando encontraram um grupo de Barabels arrastando um quarteto de fantasmas do pântano chacinados da água cor de sopa de legumes. As fedidas carcaças dos bípedes haviam sido cortadas e esfaqueadas e tinham perdido os olhos vermelhos sob o trabalho delicado de uma vibroadaga. À primeira vista, a pessoa acharia que as criaturas haviam sido decapitadas também, com as

cabeças pequenas afundadas entre os ombros tensionados. Plagueis julgou que os Barabels não cheiravam melhor do que as criaturas assassinadas, mas sabiam língua básica o bastante para responder às perguntas que ele realizou sobre a leva recente de mortes.

– Membros do mesmo bando de caça, esses quatro – explicou um dos reptilianos –, e feito em uma só noite.

Outro, cujo rabo seccionado começava a crescer de novo, acrescentou:

– É o Mal. – Com a mão cheia de garras, ele apontou para os buracos negros onde estiveram os olhos de uma das criaturas imóveis. – Só mesmo o Mal tiraria os olhos.

Seguindo pelo caminho sombreado que levava ao assentamento, Plagueis tirou o manto e dobrou-o por cima do antebraço. Uma curva na trilha revelou que ele não era o único visitante vestido inadequadamente para o clima. Adiante, dois Jedi paramentados com os mantos marrons tradicionais da Ordem barganhavam com um Barabel o preço de aluguel de um skimmer aquático. Plagueis ancorou-se no plano material quando o mais novo dos Jedi, um Zabrak, virou um pouco para vê-lo passar junto de 11-4D.

Plagueis respondeu à olhada do Jedi com um aceno de cabeça e continuou andando, desviando do caminho somente quando chegaram perto de um pequeno prédio comercial, do qual o par de Jedi e o piloto Barabel de skimmer ainda podiam ser observados. Conhecedor do idioma, Plagueis escutou o que conversavam os mercadores, sentados atrás de bandejas de peixe fresco, pássaros e insetos que o pântano fornecia. As mortes dos fantasmas do pântano atormentavam a cabeça de todos, assim como a superstição com relação ao Mal. Contudo, a chegada dos Jedi era vista como um bom presságio, já que veneravam a Ordem por ter ajudado a resolver uma disputa de clãs em Barab I quase um milênio antes.

Plagueis levou 11-4D até a entrada do mercado e instruiu-o a focalizar os fotorreceptores nos Jedi, ocupados negociando com o piloto de skimmer. Ele, então, permitiu-se conjurar profundamente a Força.

– Ambos reagiram – disse o droide. – O Cereano olhou para o mercado, mas não focou você.

– Apenas porque ele está de antenas atentas para um Nautolano, e não um Muun.

Pouco depois, enquanto Plagueis e 11-4D zanzavam pelo assentamento, alguém os chamou numa língua básica com sotaque do Núcleo.

– Parece que somos os únicos estrangeiros na cidade.

A voz pertencia ao esguio Cereano, que emergira de um restaurante com uma jarra de líquido. Seguindo-o, o Zabrak pousou duas canecas numa mesa banhada por um círculo de sombra.

– Junte-se a nós, por favor – disse o Cereano, acenando com sua alta cabeça cônica para a cadeira vazia da mesa.

Plagueis foi até a mesa, mas recusou a cadeira.

– Cerveja produzida aqui mesmo – disse o Zabrak, servindo o líquido da jarra. – Mas vi uma garrafa de xerez de Abraxin lá dentro, se você preferir.

– Obrigado, mas não quero nada agora – respondeu Plagueis. – Talvez depois do trabalho.

O Cereano apontou para o próprio peito.

– Sou o mestre Ni-Cada. E esse é o padawan Lo Bukk. O que o traz a Abraxin, cidadão...

– Microempréstimos – Plagueis cortou antes de precisar fornecer seu nome. – O Clá Bancário está pensando em abrir uma filial do Banco de Aargau aqui, como um modo de ancorar a economia local.

Os Jedi trocaram olhares enigmáticos por cima das bordas das canecas.

– E o que traz os Jedi a Abraxin, mestre Ni-Cada? Não creio que sejam os mariscos.

– Estamos investigando as mortes recentes de fantasmas do pântano – disse o Zabrak, talvez antes que o mestre o pudesse impedir.

– Ah, claro. Meu droide e eu vimos os corpos de quatro das pobres criaturas quando entramos no assentamento.

O Cereano fez uma expressão solene.

– Esse tal de Mal vai acabar amanhã mesmo.

Plagueis adotou uma expressão de satisfeita surpresa.

– Que boa notícia. Não há coisa pior que superstição para atrapalhar a economia. Apreciem suas bebidas, cidadãos.

11-4D esperou até que ele e Plagueis estivessem bem distantes dos Jedi para falar:

– Vamos embora de Abraxin, magistrado?

Plagueis negou:

– Não antes de eu encontrar o Nautolano. Não tenho escolha; terei que atraí-lo para fora do esconderijo.

– Mas, se você conjurar a Força, vai acabar atraindo também os Jedi.

– Creio que vai valer a pena correr esse risco.

Passaram a tarde escutando conversas sobre os locais onde ocorreram as mortes e concluíram que Naat Lare, sabendo disso ou não, estivera seguindo um padrão. No escuro, num canto do assentamento, num ponto junto à margem lotada de mosquitos do sombrio pântano, a uns seis quilômetros do mercado, Plagueis despiu-se das calças, da túnica e do chapéu e entrou nu na água escura. Com um respirador aquata preso entre os dentes, o Muun imergiu para o fundo. Lá, agachado no lodo, abriu-se totalmente à Força e conjurou o Nautolano, cuja Força e sentido olfativo poderiam indicar que a mãe de todos os fantasmas do pântano estava fácil de matar. Uma Nautolana tatuada

chamada Dossa fora considerada, certa vez, digna de servir ao lorde Sith Exar Kun; sabe-se lá que dons Naat Lare poderia ter.

Emergindo entre as raízes e a estridulação de insetos, Plagueis saltou para a margem lamacenta, vestiu-se e empoleirou-se, à luz das estrelas, nas raízes escorregadias de uma árvore de folhas grandes. Pouco depois, sentiu um eco na Força e notou pequenas ondas na água um pouco distantes dali. Sob a luz fraca, um conjunto azul-esverdeado de tranças emergiu na superfície, seguido por um par de olhos marrons sem pálpebras. Então o anfíbio senciente de Glee Anselm apareceu, retirando-se para a margem como uma fera desenvolvida, fixando sua atenção em Plagueis.

Ao mesmo tempo, Plagueis ouviu o som de um skimmer aquático aproximando-se rapidamente dos confins do pântano e sentiu a presença dos dois Jedi.

– Você não é Venamis – disse Naat Lare em língua básica, com uma das mãos pousada no cabo de uma vibroadaga presa à coxa musculosa.

– Ele ajudou você a fugir de Bedlam e o mandou para cá como parte do treinamento.

Naat Lare apertou ainda mais o cabo da arma.

– Quem é você?

Plagueis levantou-se.

– Sou o mestre de Venamis.

O Nautolano pareceu confuso, mas apenas por um momento. Depois fez uma reverência, baixando o joelho na lama.

– Senhor – disse, baixando também a cabeça.

O som do skimmer foi aumentando, chegando por uma curva do pântano.

– Dois Jedi o rastrearam.

Naat Lare virou a cabeça cheia de tranças ao ouvir o barulho do skimmer.

Plagueis começou a recuar para as sombras e para a natureza mundana.

– Prove que tem valor para mim e para Venamis, matando-os.

– Sim, meu senhor.

O Nautolano ficou de pé e mergulhou nas águas cobertas de lodo.

Imerso entre as folhas das árvores, Plagueis aguardou. O motor do skimmer caiu em silêncio; então, a água agitou-se e gritos de alarme e disparos súbitos de luz emergiram na escuridão.

– Mestre!

Um som áspero gutural ecoou, seguido por um grito de dor.

– Para trás, padawan.

– Mestre, é...

Outro grito, esse mais agudo.

– Não! Não!

O zumbido de um bravo sabre de luz, um urro de dor, e algo pesado atingiu a água.

– Ele está vivo? Ele está vivo?

Alguém gemeu.

– Espere...

Ondas chegaram até a margem cheia de raízes, perto de onde Plagueis se escondera.

– Mestre?

– Está feito. Está morto.



## CAPÍTULO 9

# RESERVAS VIRGENS

Por mais de cinquenta anos, as Empresas Damask ocuparam uma das torres mais magníficas de Harnaidan. Embora não tão elevada ou massiva quanto as que pertenciam ao Clã Bancário Intergaláctico e suas numerosas subsidiárias, o edifício possuía a vantagem de ser construído perto do maior dos lagos naturalmente aquecidos da cidade, incorporado à propriedade como um *spa* exclusivo. A sala da diretoria da companhia tinha vista para o lago e as fontes quentes que o cercavam de uma sacada no ducentésimo andar, onde Hego Damask, Larsh Hill e os oficiais e executivos principais das Empresas Damask encontravam-se duas vezes por semana para reuniões. Nesse dia, uma holopresença de um quarto ser do tamanho natural apresentava-se no centro da imensa holomesa circular da sala, dirigindo-se em língua básica aos Muuns reunidos, discorrendo sobre o distante planeta Naboo.

Um humano de média estatura, o orador tinha cabelos castanho-escuros penteados para trás de uma testa íngreme, barba grossa e comprida com bigode e brilhantes olhos azuis colocados de modo simétrico num rosto comum. Vestia muitas camadas de roupas bem coloridas, que incluíam um colete bordado com caligrafia Futhork e um manto de brocado que ia até os joelhos, revelando botas de couro altas, brilhantes, de sola baixa. O nome dele era Ars Veruna, e, embora não tivesse cargo no governo monárquico de Naboo, falava em nome de quem no momento pretendia tomar o trono, Bon Tapalo, e muito provavelmente seria nomeado governador da cidade de Theed caso Tapalo fosse eleito.

– Nossa campanha foi atrasada em função de alegações recentes dos líderes de algumas das casas reais – Veruna dizia aos Muuns reunidos. – Algo tem de ser feito para recuperar o impulso, e rápido. Contra-alegações levadas a público por um benfeitor desconhecido conseguiram desfazer o dano inicial das notas que os nobres soltaram na imprensa, mas uma nova desconfiança tomou o eleitorado, fortificando a posição de nossos oponentes na província.

– Cancelar áudio – um dos Muuns dissera para os receptores do holossistema. Tranquilo por saber que a conversa em torno da mesa fora colocada no mudo, ele prosseguiu. – Todos em Naboo são tão hirsutos e exageradamente vestidos como esse Veruna?

Larsh Hill respondeu:

– São tradicionalistas, na moda e na política. O jeito de se vestir e adornar o rosto é homenagem às regalias da rainha Elsinore den Tasia de Grizmaltt, que enviara um bando de humanos em expedição ao planeta cerca de quatro mil anos atrás, e da qual alguns Naboo alegam ser ancestrais diretos.

– Eles não são, afinal, peludos como Wookiees – disse outro.

Hill grunhiu, concordando.

– Além de humanos, Naboo ampara uma espécie anfíbia sem pelos conhecida como os Gungans. Talvez sejam aborígenes, talvez não, mas, em todo caso, não se encontram em lugar de representar o planeta em acordos galácticos.

Sentado de costas para a paisagem além da janela na parede, Plagueis estudava a imagem holoprojetada de Veruna. Geralmente, odiava políticos por suas pretensões e crença mal informada de que riqueza e influência conferiam poder verdadeiro. Mas os políticos eram um mal necessário, e, em todo caso, Veruna ardia de ambição e ganância, o que significava que, se necessário, poderia ser manipulado.

As missões em Lianna, Saleucami e Abraxin ainda estavam frescas em sua mente. Num nível filosófico, compreendia por que as gerações de lordes Sith que o precederam treinaram aprendizes, para quem legaram seu conhecimento do lado sombrio da Força antecipando um possível desafio por superioridade. Mas, com o Grande Plano culminando, não fazia sentido desafiar ou matar seres de poder igual a não ser que representassem uma ameaça para o destino pessoal de Plagueis. A linha Sith continuaria por meio dele e de mais ninguém. Daí a necessidade de ter um parceiro em vez de um subalterno; um consorte para ajudar a executar os estágios finais do imperativo. Fazia muito tempo que ele acreditava que o lado sombrio forneceria esse indivíduo quando chegasse o momento certo.

Plagueis não imaginara que precisaria voltar sua atenção tão subitamente a Naboo, mas, com a Federação do Comércio ainda resmungando pelo apoio dele para as zonas de comércio livre da Orla Exterior e os Gran temendo perder os lucros com a corrida de pods para Gardulla, a Hutt, havia amplos motivos para começar o trabalho. Mais importante, Plagueis há muito procurava por um planeta que as Empresas Damask e os membros do comitê de direcionamento pudessem usar como base de operações. A possibilidade de ter um futuro rei que os atendesse era um bônus, e até mesmo atores improváveis como o chefe Cabra poderiam lucrar, caso os Muuns tomassem Naboo.

Foi durante a ausência deste de Muunilinst que Larsh Hill e alguns dos outros fizeram propostas para o grupo que competia pelo trono de Naboo. Em troca de apoio financeiro e logístico na futura eleição, as Empresas Damask requisitaram direito exclusivo para transportar plasma do reservatório ainda virgem que o Grupo Mineração Subtexto recentemente descobrira bem abaixo do planalto que sustentava a capital, Theed. Nem todo Naboo, contudo, era a favor de envolver o planeta no tipo de comércio que resultaria de tornar plasma

disponível, e um quadro dos nobres colocou seu apoio no principal rival de Tapalo pela monarquia.

Reativando a transmissão de áudio, Plagueis perguntou:

– Qual foi a natureza das alegações feitas pelas casas reais?

– Primeiro, vazaram dados sobre a avaliação de mineração que fizemos – informou Veruna –, mas a revelação fracassou em ter o efeito pretendido, porque diversos membros do eleitorado são a favor de abrir Naboo para o comércio galáctico. Então, quando souberam de nossas conversas iniciais com as Empresas Damask, os nobres nos acusaram de vender Naboo a quem desse o maior lance para, e eu cito, “um cartel obscuro estrangeiro de criminosos cruéis”. – O humano parou por um momento. – Você deve entender, magistrado, que nosso mundo ainda precisa superar um longo histórico de proibição de influência exterior. As casas reais compreendem que o comércio é uma questão delicada e estão agora aconselhando Naboo a começar o transporte de plasma para outros mundos. Mas, francamente, não temos fundos nem *expertise* para tornar isso realidade.

– Como os nobres ficaram sabendo das propostas que lhe fizemos? – perguntou Plagueis.

– Não conseguimos determinar a fonte – disse Veruna.

Plagueis desligou o áudio da sala e voltou-se para Hill.

– Precisamos supor que alguém muito próximo à nossa empresa pode ter sido responsável por esse “vazamento”.

Hill e alguns dos demais assentiram, concordando.

– As casas reais precisam ser informadas de que um salto para o comércio de transportes transgalácticos não é aconselhável – disse Plagueis quando reativou o áudio. – Naboo precisará de financiamento, suporte logístico e talvez até legislação da República, e é precisamente nessas áreas que as Empresas Damask podem atuar como intermediário. O financiamento viria do

Clá Bancário Intergaláctico, e demais conglomerados seriam envolvidos para ajudar Naboo a extrair o plasma e na construção de um espaçoporto de tamanho suficiente para receber as naves necessárias para o transporte.

Veruna coçou a barba cônica.

– Bon Tapalo certamente vai querer mencionar essas questões ao eleitorado.

Plagueis gostou do que ouviu.

– Você mencionou certas contra-alegações divulgadas por um desconhecido.

– Sim, e confesso que nos surpreendemos tanto com a informação como os demais. Parece que o nosso grupo não foi o primeiro a procurar conselho e apoio de estrangeiros. Cerca de sessenta anos-padrão atrás, no auge da guerra entre os Nabooos e os Gungans, nosso monarca foi morto, e agora tem sido dito que alguns membros das mesmas casas reais que se opunham a Tapalo fizeram um pacto secreto com um grupo de mercenários para intervir na guerra caso os Naboo sofram mais contratemplos. Felizmente, o conflito foi resolvido sem a necessidade de ajuda exterior. Na verdade, como resultado desse conflito, a monarquia passou a ser eleita, em vez de hereditária.

– Você disse que a informação foi uma surpresa – continuou Plagueis.

Veruna assentiu.

– A informação só pode ter sido fornecida por uma fonte pertencente à oposição.

Coube agora a Larsh colocar o áudio no mudo.

– Veruna tem razão. Conseguimos rastrear a liberação da informação até o filho mais novo de um dos nobres. Na esperança de evitar um escândalo que poderia dividir o eleitorado, o chefe da casa real perpetuou uma mentira, afirmando que foi o grupo de Tapalo que conseguiu a informação e a levou a

público, quando, na verdade, somente alguém com acesso aos arquivos da família poderia tê-la descoberto.

Muito interessado, Plagueis perguntou:

– Qual é o nome do parente real?

– Palpatine.

– E do filho?

– Só isso. Ele usa apenas essa alcunha.

Plagueis recostou-se na cadeira para ponderar e falou:

– Talvez tenhamos encontrado um aliado em potencial, alguém disposto a nos manter informados dos planos reais para a eleição.

– Um agente – disse Hill. – Um infiltrado, digamos.

Plagueis cancelou a função mudo.

– Queremos visitar Naboo para discutir essas questões face a face.

Veruna ficou claramente surpreso.

– Uma aparição pública de vocês nos permitiria refutar toda alegação de colusão secreta.

– Então todos nós temos algo a ganhar.

Veruna fez uma reverência longa.

– Será uma grande honra para nós recebê-lo, magistrado Damask.

Mais tarde seria dito tanto por Naboo quanto por Gungans que ninguém se lembrava de um inverno mais frio ao seu mundo do que o que seguiu a visita de Hego Damask, num outono. Os rios e até mesmo as cataratas abaixo de Theed congelaram; as planícies e altas florestas foram cobertas por três metros de neve; tremores sísmicos sacudiram as Montanhas Gallo e a Terra dos Lagos, Regiões Sagradas e a cidade submersa de Otoh Gunga; e muitas das saídas dos túneis aquáticos que perpassavam o planeta ficaram bloqueadas por gelo.

Tapalo e Veruna insistiram em mandar uma das naves típicas de Naboo para transportar os Muuns de Muunilinst, e a reluzente Nubiana pousou no espaçoporto de Theed, uma pequena instalação que teria de ser aumentada em vinte vezes se Naboo esperava um dia se tornar atuante no comércio galáctico. A cidade em si pareceu a Plagueis o verdadeiro oposto de Harnaidan; enquanto a capital de Muunilinst era vertical, angular e austera, Theed era baixa, convexa e condensada, dominada por rotundas coroadas com domos de verdete ou telhados chatos e torres segmentadas amparadas por arcos. Um rio e diversos afluentes cruzavam o local, cobertos por pontes de filigrana, e mergulhavam numa série de cascatas de uma escarpa para planícies verdejantes abaixo.

Um cortejo de air skimmers levou os Muuns em seus mantos negros por ruas mais aptas ao tráfego de pedestres para o pátio interior de um antigo palácio, onde o pretendente ao trono Bon Tapalo, Veruna e muitos outros conselheiros humanos e aspirantes a ministros de ambos os sexos estavam a postos para recebê-los. Envolto por seda brilhante e empoleirado em botas de salto alto, Tapalo, um homem barbudo de cabelos loiros, já se portava feito regente – embora um de segundo mundo –, permanecendo sentado quando Hego Damask e o restante dos Muuns foram apresentados e flanqueado por guardas que usavam saias como uniforme e empunhavam armas de raios *vintage*. Veruna, por outro lado, imediatamente se adiantou para acompanhar Damask conforme os Muuns foram levados até o edifício central do complexo.

– Como eu disse quando nos falamos semanas atrás, magistrado Damask, ficamos honrados com a sua visita.

– E como eu disse então: todos nós temos algo a ganhar. – Damask virou-se muito pouco para fitar o outro. – Principalmente você, imagino.

Veruna apontou para si, não entendendo.

– Eu...

– Agora, não – Damask disse suavemente. – Quando chegar a hora, você e eu conversaremos em particular.

Sob um amplo arco e através de um saguão de pedra polida, eles seguiram em bando, chegando finalmente a um segundo patiozinho onde havia muitas mesas arrumadas, algumas transbordando comida e bebida, sendo a maior reservada para os Muuns. Assim que se sentaram, surgiram empregados servindo as comidas, incluindo diversas carnes que os Muuns recusaram polidamente. A prática de comer enquanto faziam negócios era algo que Damask, em segredo, detestava, mas passara a tolerar por lidar com humanos.

Por muitos anos, detestara a companhia dos humanos também. Bárbaros comedores de carne que eram, constituíam uma espécie muito evoluída. Dada a inteligência nata e as faculdades perspicazes, mereciam ser tratados com a mesma deferência que os Muuns recebiam. Entretanto, muitas das espécies sapientes da galáxia consideravam-se iguais aos humanos, que eram os únicos culpados por isso. Ao contrário dos Muuns, os humanos não tinham escrúpulos de se rebaixarem ao nível dos seres menos avançados – os de cabeça lenta, judiados, necessitados, dignos de pena –, fingindo crer na igualdade e demonstrando disposição para trabalhar e suar junto deles. Em vez de celebrar sua superioridade, frequentemente se permitiam ser arrastados para a mediocridade. Um Muun nunca aceitaria um cargo como piloto de espaçonave ou ladrão nem como diplomata de carreira ou político a não ser que fosse requerido a fazê-lo pelo bem maior dos Muuns em geral. Os humanos, no entanto, podiam ser encontrados em toda ocupação. Mas o que os tornava especialmente intrigantes era sua aparente vontade de espalhar-se para os cantos mais distantes da galáxia, sem qualquer senso de controle ou planejamento, a todo custo, e usando mundo atrás de mundo em sua busca insaciável, como se sua diáspora do Núcleo refletisse algum tipo de imperativo da espécie. Mais importante, a Força parecia não apenas permitir essa

disseminação desgovernada, mas também apoiá-la. Nas mãos dos humanos, suspeitava Damask, jazia o futuro profano da galáxia.

O vinho das flores de Naboo ainda era servido quando os Muuns começaram sua apresentação ao grupo de Tapalo, empregando o holoprojetor do pátio para oferecer uma visualização virtual do que Theed e outras cidades arredores poderiam se tornar em dez anos. O financiamento do CBI seria alocado para a exploração do reservatório de plasma abaixo do planalto. Ao mesmo tempo, a Construções e Montagens da Orla Exterior – uma das empresas de Cabra – construiria uma enorme refinaria no local que até então era apenas gramado, acima da Cascata Verdugo, protegendo a tecnologia dentro de uma estrutura de três domos de design neoclássico. Os Muuns detalharam como seria possível estabilizar as paredes do morro e redirecionar os afluentes do rio Solleu sem perturbar a arquitetura existente ou a rede de túneis subterrâneos de Theed. Abaixo dos morros, a Federação do Comércio aumentaria o espaçoporto de Theed, construindo uma imensa plataforma de pouso que acompanharia a curvatura natural da escarpa, além de abrir um segundo porto comercial em Spinnaker.

Quando a apresentação terminou, Tapalo pareceu aturdido.

– Evidente que vocês pensaram muito nisso – disse ele a Larsh Hill –, mas existe lugar nos seus planos para as firmas de Naboo?

– A última coisa que queremos é que esses projetos sejam vistos como sinais de ocupação estrangeira – respondeu Hill. – Nossos parceiros querem trabalhar junto da Engenharia de Plasma de Naboo e da Corporação de Engenharia de Veículos Espaciais de Theed para garantir que as melhorias sejam vistas como uma empreitada cooperativa. Quando terminarmos a fase de construção, a refinaria e os espaçoportos ficarão sob seu total controle.

Parte da cor retornou ao rosto de Tapalo.

– A oposição afirma que Naboo se endividará para sempre com o Clá Bancário e a Federação do Comércio.

– Somente até que o plasma comece a fluir – disse Damask. – Entendo sua preocupação. Mas a pergunta que precisam fazer a si mesmos é se podem ganhar a coroa sem a nossa ajuda.

Conversas separadas sublevaram-se em cada mesa.

– Suponho que sim, magistrado – disse Tapalo, pedindo silêncio com um gesto. – Mas talvez seja melhor correr o risco de perder do que ascender ao trono em desonra.

– Desonra? – Hill repetiu, incrédulo e ofendido. – Será que cruzamos a galáxia para sermos insultados?

– Espere – disse Veruna, levantando-se e pedindo calma com as mãos. – Não queremos insultar as Empresas Damask. – Ele se voltou para Tapalo e sua equipe seleta de ministros e conselheiros. – Sim, precisamos ter em mente as preocupações do eleitorado presente, mas não devemos permitir que vozes temerosas de poucos atrapalhem nossa chance de adentrar a comunidade galáctica e elevar o perfil de todo o setor Chommell. Sugiro que atuemos com ousadia. Para evitar que nos vejam como submissos, sugiro que usemos essa visita sem precedentes das Empresas Damask para anunciar publicamente que nós, e somente nós, somos capazes de entrar em acordo com o Clá Bancário e outros que permitirão a Naboo reestruturar sua dívida, alcançar status de mundo favorecido junto ao Núcleo e fazer cortes nos impostos, além de baixar taxas de juros e gerar oportunidades de emprego infinitas, tanto dentro quando fora do planeta. – Ele cerrou os punhos para dar mais ênfase. – Devemos agarrar esta chance antes que ela desapareça.

Lentamente, Tapalo e os outros começaram a assentir, concordando.

– Tem algo a acrescentar, magistrado Damask? – Tapalo por fim perguntou.

Damask abriu os braços.

– Apenas que não poderíamos ter defendido nossa proposta melhor do que o futuro governador de Theed já fez.

– Bravo, bravo – disse um dos conselheiros de Tapalo, erguendo seu cálice de vinho num brinde a Veruna.

O restante o acompanhou e bebeu.

E Damask pensou: *Um dia, muito em breve, Veruna será o rei de Naboo.*

O plano era os Muuns passarem a noite em Theed e retomarem as conversações pela manhã. Enquanto Hill e os outros eram levados a suas acomodações, Plagueis pediu licença e foi a pé para o prédio da universidade, do lado oposto da cidade. A rota levou-o por parques arborizados, por duas pontes, por torres e obeliscos, e pelo coração da Praça do Palácio, com seu par de arcos de triunfo. Coroada pela estátua de uma figura humana, o canteiro central da universidade localizava-se atrás de um dos afluentes do Solleu, dominando um recinto de edifícios imponentes e locais públicos. Plagueis identificou o centro de estudantes e foi à mesa de registros, na qual trabalhava uma fêmea jovem de belos cabelos que o fitou diretamente conforme ele se aproximou.

– Estou à procura de um aluno chamado Palpatine – informou em língua básica.

– Eu conheço – disse ela, assentindo.

– Sabe onde eu poderia encontrá-lo agora? Ele está em aula?

Ela soltou uma bufada.

– Ele vem e vai. Acho que o vi no Bloco do Programa Juvenil.

– Acha?

– Acho que era ele.

*Humanos*, pensou Plagueis.

– Pode me apontar o caminho?

A resposta da moça foi um mapa de flimsi que Plagueis usou para costurar a rota ao longo do *campus* até o quartel-general do Programa de Jovens Legisladores – uma organização que supervisionava o currículo de serviço público obrigatório de Naboo. Jovens de ambos os sexos passavam correndo por ele, alguns mal o notavam, outros se aproximavam para vê-lo mais de perto. Diversas vezes, ele perguntou por Palpatine e conseguiu refinar a busca até uma praça em frente às colunas da biblioteca, onde acabou reconhecendo Palpatine devido aos holos que Hill fornecera; o homem, que andava apressado pela praça em companhia de um humano com quase o dobro da idade dele, tinha cabelos pretos e usava calças, botas baixas e uma blusa larga que fechava na gola. De altura mediana, possuía cabelos ruivos ondulados, nariz proeminente e um rosto estreito que os humanos provavelmente consideravam amigável. As costas eram muito retas; os braços, compridos em relação ao tamanho do tronco, e ele se movia com graça e tranquilidade.

Por certo tempo, Plagueis observou-o de longe; aproximou-se somente quando Palpatine separou-se do homem mais velho. Palpatine não notou Plagueis até este se encontrar bem próximo a ele, e, quando o fez, ficou eriçado e começou a andar na direção oposta.

– Jovem humano – chamou Plagueis, apressando o passo. – Um momento do seu tempo. – Quando Palpatine não deu atenção ao Muun, este esticou mais as passadas e chamou: – Palpatine!

Parando com relutância, Palpatine olhou para trás.

– Como sabe o meu nome?

– Sei mais de você do que apenas o nome – respondeu Plagueis, parando junto ao rapaz.

Interesse e cautela misturavam-se nos olhos azuis de Palpatine.

– Normalmente eu abro exceção para pessoas que alegam saber algo de mim, mas já que sei algo sobre você também, vou me impedir.

*De fazer o quê?*, pensou Plagueis.

– O que sabe sobre mim?

Palpatine exalou, um tanto impaciente.

– Você é Hego Damask. O presidente, não, o “magistrado” das Empresas Damask. Meu pai disse que você vinha a Naboo encontrar-se com Bon Tapalo. Seu grupo está ancorando a candidatura dele ao trono.

– Seu pai disse que talvez eu viesse encontrar você também?

– Por que diria isso? E o que exatamente você quer comigo?

– Acredito que temos algo em comum.

– Duvido muito.

– Quem sabe isso seja um motivo ainda melhor para nos conhecermos.

Palpatine olhou ao redor, como se procurasse uma saída.

– Quem era o homem com quem você falava há pouco? – perguntou Plagueis.

Palpatine começou a dizer algo, mas cortou-se e recomeçou a andar.

– Meu mentor no programa de jovens. Chama-se Vidar Kim. É assessor da senadora da República de Naboo e certamente vai sucedê-la. – O rapaz olhou feio para Plagueis. – E não apoia Tapalo.

Plagueis pesou a resposta.

– Está interessado em política além da sua participação no Programa de Jovens Legisladores?

– Não sei bem o que quero fazer depois da faculdade.

– Mas tem interesse em política.

– Não falei isso. Disse que não sei bem o que quero.

Plagueis assentiu e fitou o prédio da biblioteca.

– Não conheço nada de Theed. Que acha de me mostrar o lugar?

Palpatine deixou o queixo cair um pouco.

– Olha, eu...

– Só uma volta.

Jogando conversa fora, os dois caminharam ao longo do rio na direção da sala de concertos e do monumento à rainha Yram, depois cruzaram uma passarela e começaram a virar em direção ao complexo do palácio. Apesar de fornecer a Plagueis holos de Palpatine, Larsh Hill não tinha conseguido oferecer muita informação acerca do passado do jovem. Embora não possuísse renome, o pai de Palpatine era um membro rico e influente da realeza, com a reputação de advogar em prol da contínua independência e do isolamento de Naboo. Pensava-se que o nome da família era antigo entre famílias com gerações na nobreza, ou talvez tivesse sido emprestado de uma região antiga de Naboo.

– Theed é uma bela cidade – Plagueis comentou quando emergiram de uma alameda estreita para a Praça do Palácio.

– Pra quem gosta de museus – disse Palpatine, distraído.

– Não tem interesse em arte?

Palpatine olhou o outro de soslaio.

– Aprecio arte. Mas gosto mais do minimalismo.

– Em tudo?

– Queria que Theed não fosse tão apinhada. Queria que o inverno fosse mais ameno. Queria que nosso rei tivesse menos conselheiros e ministros.

– Essa fala parece uma afirmação de político.

– É apenas a minha opinião.

– Uma coisa não exclui a outra.

Palpatine parou subitamente.

– O que está tentando arrancar de mim?

Plagueis indicou um banco ali perto. Quando Palpatine finalmente cedeu e se sentou, o Muun disse:

– Chegou aos meus ouvidos que você foi responsável pela publicação de alguns dados que ajudaram a campanha de Tapalo.

Genuína surpresa abriu-se no rosto de Palpatine.

– Como...?

Plagueis ergueu a mão.

– Isso não importa agora. Importa que você fez isso contra o que seria a vontade do seu pai, seu mentor e alguns dos outros nobres.

– Está pensando em divulgar?

Plagueis estudou a expressão de Palpatine.

– O que aconteceria se eu divulgasse?

– Pra começar, meu pai me mataria.

– Literalmente?

Palpatine exalou com intensidade.

– Ele me deseritaria.

– É verdade, então. Você e seu pai encontram-se em lados opostos nas questões que animam as eleições prestes a ocorrer.

Palpatine baixou o olhar para o chão.

– Seria estranho demais nos vermos do mesmo lado em qualquer questão.

– Ele tornou a fitar Plagueis. – Quero ver Naboo deixar o passado para trás. Quero que pertençamos à galáxia. É errado querer cumprir um papel importante na história da República?

Plagueis balançou a cabeça em negação.

– Governos vêm e vão.

– Você tem uma ideia melhor de como governar a galáxia?

Plagueis permitiu-se rir.

– Sou somente um velho Muun que não sabe de nada.

Enxergando através dele, Palpatine bufou.

– Quantos anos você tem?

– Em anos humanos, eu teria bem mais que cem.

Palpatine assoviou.

– Invejo você.

– Por quê?

– Todas as coisas que fez e ainda pode fazer.

– O que você faria?

– Tudo – respondeu Palpatine.

Eles se levantaram do banco e começaram a andar em direção ao complexo da universidade. Plagueis submergiu-se profundamente na Força para estudar Palpatine, mas não conseguiu visualizar muita coisa. Humanos eram difíceis de ler nos casos mais fáceis, e o conflito tomava a mente de Palpatine. *Tanta coisa acontecendo nesse pequeno cérebro*, Plagueis disse a si mesmo. Toda uma corrente emocional e autointeresse. Tão contrária aos intelectos previsíveis e focados dos sencientes da Orla Exterior, principalmente os de pensamento unificado.

Palpatine parou ao lado de uma landspeeder de cores vivas e asas triplas com nariz pontudo e motor repulsor que parecia poderoso o bastante para erguer um droide carregador.

– Esse veículo é seu? – Plagueis perguntou.

O orgulho brilhou nos olhos de Palpatine.

– Um protótipo de patrulha classe Flash. Participo de corridas.

– E costuma vencer?

– Por que mais eu iria querer correr?

Depois de subir no speeder, Palpatine centrou-se nos controles.

– Tenho algo perfeito para adornar seu retrovisor – disse Plagueis. Do bolso do peito, ele pescou uma moeda de auródio puro pendurada numa corrente e pousou-a na palma da mão de Palpatine. – É uma antiguidade.

O jovem humano apreciou o presente.

– Nunca vi nada igual.

– É sua.

Palpatine fitou o Muun com desconfiança.

– Quem sabe um dia você não resolve ser bancário – disse Plagueis.

Palpatine riu de modo relaxado.

– Improvável, magistrado Damask.

– Suponho que existam jeitos melhores de ganhar créditos.

Palpatine negou.

– Os créditos não me interessam.

– Estou começando a imaginar o que lhe interessa.

Palpatine conteve as palavras que ia dizer.

– Palpatine, gostaria de saber o que acha de trabalhar conosco. Digo, nas Empresas Damask.

As sobrancelhas grossas de Palpatine uniram-se.

– Em que função?

– Sendo bastante brusco, como uma espécie de espião. – O Muun prosseguiu antes que Palpatine pudesse falar: – Não direi que você e eu queremos as mesmas coisas para Naboo, porque claramente, e sem ofender seus sentimentos para com a arquitetura, você gosta do seu mundo. Meu grupo, contudo, está menos interessado no governo de Naboo do que em seu plasma e o que conseguirá no mercado aberto.

Para Palpatine, a verdade plena parecia algo novo.

– Se você tivesse fraseado isso de modo um pouco diferente, eu teria rejeitado a oferta de imediato.

– Então você aceita? Está disposto a nos manter informados sobre quaisquer maquinacões políticas que o grupo do seu pai possa estar planejando?

– Só se puder me reportar diretamente a você.

Plagueis tentou de novo enxergar o rapaz por meio da Força.

– É isso que deseja?

Palpatine assentiu, muito sério.

– É, sim.

– Então que seja. Você se reportará exclusivamente a mim – disse Plagueis.

– Providenciarei para que os arranjos necessários sejam feitos.

Ele se afastou do speeder, enquanto Palpatine ligava o motor. O rapaz ficou em silêncio por um instante.

– Eu podia levá-lo pra dar uma volta amanhã – disse, finalmente, por cima do resmungo do motor. – Se tiver tempo, claro. Mostrar mais de Theed e dos arredores.

– Só se prometer não correr demais.

Palpatine abriu um sorriso maldoso.

– Só rápido o bastante pra ficar interessante.



## CAPÍTULO 10

# O CICLO DA VIOLÊNCIA

Voando um metro acima do chão, o ágil speeder de Palpatine plainou pelas planícies abaixo do planalto de Theed, deixando compridos rastros curvos na grama alta. O dia estava claro e bonito; o ar cálido zumbia com insetos, polvilhado de pólen.

– Emocionante – disse Plagueis, sentado no lado do passageiro, quando Palpatine tirou um pouco o pé do acelerador.

– Quem sabe eu vire piloto profissional.

– Os Naboo talvez esperem mais do filho mais velho da Casa Palpatine.

– Eu ignoro as expectativas dos outros – disse Palpatine, sem olhar para Plagueis.

– O speeder foi presente do seu pai?

Palpatine então o fitou.

– Um suborno, mas que eu aceitei.

– Ele aprova você correr?

Palpatine soltou um resmungo rouco.

– Meu pai não anda de speeder comigo faz anos.

– Ele não sabe o que está perdendo.

– Não tem nada a ver com os meus talentos. – Palpatine virou-se um pouco no lugar. – Quando eu era mais novo, causei a morte de dois pedestres. Na época, meu pai ameaçou nunca mais me deixar voar, mas acabou cedendo.

– O que o fez mudar de ideia?

Palpatine virou-se de frente.

– Eu enchi o saco dele.

– Desculpe – disse Plagueis. – Não sabia.

Embora, na verdade, soubesse, sim. Com a ajuda de 11-4D, ele descobrira que o passado atribulado de Palpatine o fizera quicar de uma escola particular para outra, com incidentes seguidos de crimes leves e delitos que teriam levado um cidadão comum a uma instituição corretiva. Repetidas vezes, o pai, que partilhava com o filho a inclinação para a violência, usara sua influência para resgatar Palpatine e evitar o espectro dos escândalos familiares. Para Plagueis, contudo, as transgressões do jovem representavam apenas maior indicação de sua excepcionalidade. Lá estava um jovem que já emergira para além da moralidade comum e tinha se considerado único o bastante para criar um código individual de ética.

Palpatine apontou para a linha das árvores ao longe.

– Tem umas ruínas antigas ali, mas é território Gungan.

– Já lidou com eles?

– Pessoalmente, não. Mas já vi os que vêm a Moenia vender produtos.

– O que pensa deles?

– Além do fato de serem primitivos de língua grudenta e orelhas pontudas?

– Sim, além disso.

Palpatine deu de ombros.

– Não dou a mínima para eles, contanto que fiquem em suas cidades submersas e túneis aquáticos.

– Que fiquem fora do caminho.

– Exatamente. Os humanos merecem ter vantagem por aqui.

Plagueis não pôde conter um sorriso.

– Existem muitos mundos na galáxia em que a questão de quem tem a vantagem, atualmente, encontra-se em disputa.

– Isso é porque a maioria dos seres tem medo de tomar o controle. Pense no que o Senado da República poderia alcançar sob a liderança de um

indivíduo forte.

– Já pensei nisso, Palpatine.

– O que o Senado faz em resposta a cada crise? Despacha os Jedi para restaurar a ordem e continua sem tocar nas raízes do problema.

Plagueis divertia-se com a ignorância juvenil do rapaz.

– Os Jedi poderiam controlar a República se quisessem – disse após um instante. – Creio que devíamos ser gratos pelo fato de a Ordem se dedicar à paz.

Palpatine discordou.

– Não enxergo assim. Acho que os Jedi se dedicaram a limitar a mudança. Eles esperam que o Senado lhes diga quando e onde intervir, e o que consertar, quando na verdade poderiam usar a Força para impor sua vontade em toda a galáxia se quisessem. Eu teria mais respeito por eles se fizessem isso.

– Você concede respeito ao seu pai quando ele tenta impor a vontade dele sobre você?

Palpatine apertou a pegada no manche.

– Isso é diferente. Eu não o respeito por ele não ter metade da inteligência que pensa possuir. Se ele admitisse as próprias fraquezas, eu poderia pelo menos sentir pena dele.

Fazendo o speeder parar subitamente, o rapaz virou-se mais uma vez para Plagueis, o rosto vermelho de raiva. Entre eles, balançava, presa ao retrovisor, a moeda que Plagueis lhe dera.

*Muito em breve eu dominarei esse humano*, Plagueis pensou.

– A Casa Palpatine tem dinheiro – prosseguiu o jovem –, mas não chega perto de algumas das outras casas e perde muito em influência junto ao rei e ao eleitorado, apesar das tentativas do meu pai de assumir uma posição de liderança com os nobres. Ele não tem a perspicácia política necessária para elevar nossa Casa a uma posição digna de verdade, não tem também noção

para reconhecer que chegou a hora de Naboo explorar seus recursos sem igual e unir-se à galáxia moderna. Em vez disso, ele e os comparsas, em total e absoluta inaptidão política, querem nos manter presos ao passado.

– Sua mãe partilha dos seus pontos de vista?

Palpatine riu forçosamente.

– Só porque não tem pontos de vista próprios; só porque meu pai a tornou subserviente a ele... como fez com meus irmãos e irmãs bem comportados, que me tratam como um intruso e, no entanto, pro meu pai, representam tudo que nunca serei.

Plagueis refletiu sobre os comentários em silêncio.

– E, no entanto, você honra a sua casa, usando o nome dela.

Palpatine suavizou a expressão.

– Por um tempo, pensei em adotar o nome que veio pela minha mãe. Não rejeitei a dinastia na qual nasci. Rejeitei o nome que me foi *dado*. Mas não pelos motivos grandiosos que alguns pensam. Na verdade, justamente o oposto. Tenho certeza de que você, entre todos os seres, entende muito bem.

Lá estava, mais uma vez, pensou Plagueis: a cadência sedutora; o uso da lisonja, do charme, da autossupressão, como os ataques de florete num duelo. A necessidade de ser visto como sincero, modesto, simpático. Um jovem sem desejo nenhum de entrar na política, e, no entanto, *nascido* para ela.

Tenebrous dissera-lhe desde o início que a República, com a ajuda dos Sith, continuaria a descender para a corrupção e a desordem e que chegaria a época em que ela teria de contar com as forças de um líder iluminado, capaz de salvar as massas mais simplórias de serem governadas por suas paixões desregradas, seus ciúmes e desejos. Perante um inimigo comum, real ou manufaturado, deixariam de lado todas as suas diferenças e abraçariam a liderança de qualquer um que promettesse um futuro melhor. Poderia esse Palpatine, com a ajuda de Plagueis, tornar-se aquele que traria tal transformação?

Novamente, ele tentou enxergar mais a fundo dentro de Palpatine, mas sem sucesso. As paredes psíquicas que o jovem erguera eram impenetráveis, o que tornava o rapaz algo, de fato, raro. Teria Palpatine de algum modo aprendido a cercar a Força dentro de si, como Plagueis fizera ao esconder seus poderes, quando mais novo?

– Claro que entendo – disse este, por fim.

– Mas... quando você era jovem, questionava suas motivações, principalmente quando iam contra as de todo mundo?

Plagueis sustentou o olhar desafiador.

– Nunca me perguntei por que isso ou por que aquilo, e se isso ou e se aquilo. Eu simplesmente respondia à minha própria determinação.

Palpatine recostou-se no assento do speeder, como se um peso enorme tivesse sido retirado de suas costas.

– Requer-se que alguns de nós façam o que os outros não podem – Plagueis acrescentou em tom conspiratório.

Sem mais palavra, Palpatine concordou.

Plagueis não precisava ir mais a fundo nos possíveis traumas que erigiram a natureza secreta e astuta de Palpatine. Precisaria apenas saber: *Esse jovem humano possui a Força?*

Dois dias-padrão depois, em Malastare – um mundo de terreno variado que ocupava posição de destaque na Via Hydiana –, nem mesmo o estalar ensurdecedor e o cheiro nauseante dos speeders de corrida bastavam para distrair Plagueis de seus pensamentos sobre Palpatine. As Empresas Damask requisitaram um encontro com o senador Pax Teem, e o líder do Protetorado Gran conseguiu lugares exclusivos para os Muuns assistirem à Corrida Memorial de Phoebos. Eles chegaram direto de Naboo na expectativa de

discutir questões de negócios, mas os Grans, Dugs, Xi Chars e quase todos na cidade de Pixelito estavam mais interessados em esportes e jogos.

– Já escolheu um vencedor, magistrado? – Pax Teem perguntou depois que dois veículos passaram raspando pela arquibancada.

Perdido em seus pensamentos sobre Naboo, Plagueis respondeu:

– Acredito que sim.

As conversas com Palpatine pareciam ter aberto uma espécie de comporta emocional no humano. Os Muuns mal haviam deixado Naboo para trás quando o primeiro de diversos holocomunicados foi enviado por Palpatine, acerca dos mais recentes planos dos nobres para atrapalhar a candidatura de Bon Tapalo à monarquia. Plagueis escutara com atenção, mas, na verdade, Palpatine tinha muito pouco de precioso a oferecer. Desde a publicação da informação acerca das atitudes dos nobres durante o conflito com os Gungans, o pai de Palpatine vinha conduzindo seus encontros entre quatro paredes na residência da família e proibira o filho até de discutir sobre as futuras eleições. A campanha de Tapalo, ao contrário, ia de vento em popa, resultado do anúncio de um negócio iminente com o Clá Bancário Intergaláctico. A urgência das transmissões de Palpatine sugeria que ele formara uma ligação com Plagueis e o procurava não apenas como funcionário secreto, mas também como possível conselheiro. Em Hego Damask, Palpatine via a riqueza e o poder que havia muito queria trazer à Casa Palpatine. Confiando que o jovem humano continuaria útil muito depois de realizarem-se os planos das Empresas Damask para Naboo, Plagueis não fez nada que desencorajasse a ligação.

– Por que é que nunca vemos humanos competindo nas corridas? – perguntou ele a Teem após um instante.

O Gran acenou, distraído, com a mão de seis dedos.

– Eles não têm talento. O favorito a vencer hoje é o Dug nos controles da moto azul.

Plagueis rastreou o veículo por um momento. Nas barracas abaixo dele, milhares de Dugs – prostrados sobre os quatro membros, ou nos traseiros, ou sustentados apenas pelos braços – latiam, encorajando.

Plagueis achava a gravidade pesada de Malastare ofensiva, e os Grans ainda mais. Eles tinham chegado ao planeta mil anos antes, como colonos, e colocaram-se a massacrar os Dugs nativos até se submeterem. O protetorado desde então crescera e sobrepujara o mundo natal dos Gran, Kinyen, representando uma força poderosa dentro do Senado da República, com ampla influência nas Orlas Média e Exterior.

Sentado ao lado de Plagueis, Larsh Hill inclinou-se à frente para dirigir-se a Pax Teem.

– Talvez Gardulla consiga incentivar humanos a participar das corridas na pista que vai renovar em Tatooine.

Teem rosnou, irritado.

– Então é verdade: vocês apoiam a Hutt.

– São apenas negócios – disse Hill.

Teem, entretanto, não ficou satisfeito.

– É este o propósito da sua visita: reabrir feridas que ainda não curaram?

– Sim – Plagueis respondeu, secamente.

O trio de olhos de Teem girou para ele.

– Eu não...

– Não se ofenda – Hill interrompeu.

Teem fingiu não entender.

– De quem você ouviu sobre nossos interesses em Naboo? – perguntou Plagueis.

O Gran fitou seus camaradas, mas não encontrou apoio no silêncio abrupto.

– De quem? – Plagueis repetiu.

Um som grave de resignação escapou de Teem.

– Fomos abordados pela Mineradora Subtexto, logo após o desaparecimento sem explicação de alguns dos membros deles... os que encontrei em Sojourn, suspeito eu.

– Estavam todos em perfeita saúde quando deixaram o Encontro – disse Hill.

Teem concordou.

– Estou certo disso.

– Por que a Subtexto os abordou? – perguntou Plagueis.

Teem hesitou, depois respondeu:

– Para nos informar de que vocês estavam envolvidos num negócio com plasma.

– Acreditando que vocês tentariam subverter nossos esforços, tornando-os públicos – disse Hill.

O Gran bufou.

– Primeiro você faz um trato com Gardulla, favorecendo Tatooine em detrimento de Malastare, e agora o plasma de Naboo chama a sua atenção, apesar da oferta de aumentar o custo da energia exportada de Malastare. Então, por que não devíamos ter alertados seus oponentes de Naboo, se vocês fizeram o mesmo?

Plagueis esperou que o outro terminasse e que um grupo de pilotos de pod passasse; depois, fixou os olhos nos Gran reunidos.

– Vocês vão se prejudicar se tentarem nos sabotar. O Protetorado poderia ter lucrado com Naboo, como vai acontecer à Federação do Comércio, mas agora não mais.

Pax Teem bateu com o imenso pé no piso do camarote privado.

– Recusamo-nos a ser rebaixados! Torno a lembrá-lo, magistrado, de que promessas foram feitas.

Plagueis sorriu internamente. Era verdade que Tenebrous tivera planos para os Gran. Em certa época, Pax Teem fora destacado como alguém que os Sith poderiam colocar na chancelaria e manipular de longe a fim de cometer erros que deixariam a República de joelhos. Contudo, Plagueis começara a explorar outras opções.

– Temos muitos aliados e comparsas no Senado – Teem dizia, às baforadas.  
– Podemos esmagar qualquer lei que queiram passar ou fazer seus projetos de lei e contratos sem licitação ficarem em processo por anos. Colocaremos um dos nossos na chancelaria. Negaremos direitos de transporte à Federação do Comércio em Kinyen e por toda a Espinha Comercial. Vamos virar os Dugs contra os Muuns. – Ele encarou Plagueis. – Você nunca vai conseguir o que quer, *magistrado*.

– Pelo contrário – retrucou Plagueis, enquanto ele e os outros Muuns se levantavam. – Eu já tenho o que quero.

Um urro crescente sublevou-se das barracas quando um piloto Toong ultrapassou o Dug favorito.

Plagueis virou-se para Hill quando deixavam o camarote privado.

– Mande o guarda solar pegar os mineradores que prendemos no Braço Tingel. Execute-os e jogue os corpos nos portões do quartel-general da Mineradora Subtexto, em Corellia.

Uma nave recentemente cunhada da classe capital devolveu Plagueis e Hill a Naboo. Manufaturado por Hoersch-Kessel e Gwori, o veículo tinha a forma de um pod alongado com barriga plana. Uma asa lateral cortava o casco convexo na traseira, na qual se alojavam fileiras de poderosos transceptores de hiperonda. A bordo, junto aos principais executivos das Empresas Damask, estavam diversos membros de alto escalão do Clá Bancário, inclusive o sobrinho do presidente Tonith, todos com a indumentária completa do CBI.

Um mês se passara desde a primeira visita de Plagueis. Nesse ínterim ele e Palpatine tinham se falado por holograma em diversas ocasiões. As informações que o humano fornecia, embora escassas, permitiram a Plagueis e Hill manter-se um passo à frente dos caluniadores de Bon Tapalo, e como resultado ele continuou a apreciar uma pequena vantagem junto ao eleitorado.

Os grupos de Muuns aproximavam-se das estações de imigração do espaçoporto de Naboo quando foram interceptados por um contingente de seguranças armados, que usavam calças de couro, botas altas e chapéus com aba. Levados até uma sala de espera equipada com pouco mais que bancos e lavabos, os Muuns aguardaram por mais de uma hora até que dois Guardas Palacianos entraram, perguntando qual deles era Hego Damask.

Após se identificar e garantir a Larsh Hill que não havia por que se preocupar, Plagueis acompanhou os guardas para fora do terminal e entrou num speeder Gian de nariz redondo que os aguardava. Um guarda uniformizado sentado aos controles ordenou a Plagueis que se sentasse no banco traseiro do speeder sem capota, onde um dos membros da equipe que o trouxera juntou-se a ele. O Muun não fazia ideia de para onde era levado, mas recusou-se a dar aos guardas a satisfação de dizer que logo ele descobriria, ou qualquer coisa do gênero. Em vez disso, permaneceu sentado em silêncio no estofado, tomando cuidado para não demonstrar nem um lampejo de surpresa quando o piloto começou a manobrar o speeder para longe de Theed, adentrando o amplo terreno verdejante no qual Plagueis passara com Palpatine.

– Pode se acomodar – disse o guarda sentado ao lado. – Vamos viajar por umas duas horas.

Plagueis concordou e permitiu-se adentrar um transe leve, preparando-se para o que o esperava no local ao qual se dirigiam. Gradualmente, as planícies ondulantes começaram a erguer-se, e um grupo de montanhas apareceu,

contrastando com o céu azul brilhante de Naboo. O speeder passou pelo amplo vale de um rio e cruzou morros com rica folhagem, onde hordas de shaaks de perna curta pastavam e brincavam. Quando ganharam altitude, o rio se tornou estreito e veloz, alimentado por quedas d'água e lagos cristalinos. Nuvens de um branco puro começavam a se formar nos topos dos picos mais altos quando o speeder aos poucos perdeu velocidade no terreno comprido de uma clareira e veio parar em frente de uma casa majestosa construída no estilo de Theed, com abóbadas gordas e torres graciosas. Dois dos guardas o acompanharam por uma escadaria larga de pedra, até um foyer frio e escuro. Abandonado ali, Plagueis zanzou por pinturas na parede e estátuas sobre pedestais até o outro lado do foyer, onde janelas de topo curvo que iam até o teto davam vistas a uma varanda e um grande lago adiante. Sentada a uma mesa estava uma humana de porte aristocrático, de meia-idade, e um rapaz amuado da idade de Palpatine, talvez mais novo, ocupados com o que parecia ser um assunto muito sério. Tocada por uma brisa que veio das encostas das montanhas, a superfície da água brilhou feito gemas de Mygeeto. Quando Plagueis deu as costas para o lago, sua atenção foi tomada por uma tapeçaria representando o mesmo elmo de família que ele observara no bolso da jaqueta de Palpatine e mostrando um trio de criaturas: veermok, aiwha e zalaaca.

Plagueis reparou que alguém se aproximava por trás dele, mas não se mexeu.

– Belo trabalho, não acha? – perguntou uma grave voz humana em língua básica.

Plagueis virou-se para ver um homem alto de porte patricio parado à entrada de uma sala maior.

– A vista também é linda – disse Plagueis, acenando amplamente para o lago.

Vestido de modo casual, embora com muito bom gosto, o homem de cabelos grisalhos avançou para dentro do foyer.

– Fico muito feliz por ter aceitado o convite para uma visita, magistrado Damask.

– A presença de guardas armados sugeria que eu não tinha escolha, Cosinga Palpatine.

– A intenção era protegê-lo, magistrado.

– Não achava que Naboo fosse um mundo perigoso.

– É, para alguns – disse Palpatine pai. – Mas, agora que está aqui, deixe-me mostrar a casa.

O passeio os levou por uma dúzia de cômodos adornados com carpetes plumosos e peças de arte. A pedraria predominava, mas a mobília fora construída com a madeira mais valorizada da galáxia. Quando chegaram à varanda abaixo, a mulher e o jovem não estavam por ali, mas a brisa aumentara e uma tempestade se anunciava. Cosinga Palpatine indicou uma ilha ao longe, e a casa imponente que se erguia na margem.

– Aquela é Varykino – explicou. – Um galardão da Terra dos Lagos. Pertenceu ao poeta Omar Berenko, e agora é ocupada pela família Naberrie. – Ele fitou Plagueis. – Talvez você conheça a obra-prima de Berenko, *A defesa de Naboo*.

– Infelizmente, não.

– Vou enviar-lhe uma tradução.

– Uma cópia do texto original bastaria. Sou fluente no seu idioma.

Testando o outro, Cosinga Palpatine transferiu o assunto para Naboo ao dizer:

– Sim, fiquei sabendo que você se tornou quase um *expert* em política Naboo.

Antes que Plagueis pudesse responder, o outro acenou em frente a um sensor que conjurou três empregados até a varanda, cada um portando uma bandeja de comida e bebida.

Plagueis exalou o ar, cansado. *Mais comida*, pensou ele; *mais estimulação olfativa para narizes humanos*.

Sentaram-se de frente um para o outro, na mesma mesa ocupada anteriormente pela mulher e o rapaz, e ficaram em silêncio enquanto os empregados serviam a refeição.

– Frutas frescas, legumes e farináceos – disse Palpatine, acenando para os pratos. – Nada de shaak nem outras carnes.

Plagueis forçou um sorriso.

– Quem sabe você queira estudar a língua Muun em seguida.

O anfitrião franziu o cenho, depois se recostou na cadeira, permitindo que os empregados empilhassem comida nos pratos de ambos. Ele não comeu até que os serviçais saíssem e parou após algumas garfadas, baixando os utensílios de modo decidido.

– Deixe-me contar uma história sobre Bon Tapalo e Ars Veruna – começou ele, radiante, para Plagueis. – Setenta anos atrás, umas duas décadas depois de nosso próprio conflito com eles, os Gungans se viram metidos numa guerra, lutando para sobreviver contra um exército de mercenários. Felizmente, os Gungans venceram, não sem muitas mortes e sem perder algumas de suas cidades-pântano. Muito pouco foi publicado acerca da causa da guerra ou sobre de onde tinham vindo os mercenários, mas estou disposto a contar-lhe um dos segredos mais obscuros de Naboo, na esperança de que você aprenda algo com isso. O motivo da guerra era o plasma, e as Casas que mais contribuíram para financiar o exército de mercenários foram a Casa Tapalo e a Casa Veruna. Quando meu avô tomou conhecimento disso, desafiou o pai de Tapalo a um duelo de honra e acabou morrendo pelos ferimentos causados pela

espada de Tapalo. – O homem gesticulou para um gramado que envolvia a varanda. – O duelo aconteceu logo ali.

Plagueis fitou o local.

– Quão romântico e humano.

O belo rosto de Cosinga Palpatine ruborizou.

– Talvez você não tenha entendido o porquê da história, magistrado.

Tapalo, Veruna e o restante daquele grupo de brutamontes estavam interessados apenas em poder e dinheiro, independente do que isso custasse a Naboo. A descoberta de um reservatório de plasma abaixo de Theed foi a pior coisa que poderia ter acontecido. E agora eles pretendem explorá-lo totalmente, com o apoio de seres influentes como você. É por isso que Tapalo não pode ser rei.

Plagueis fingiu pensar no caso, depois disse:

– Parece-me que o eleitorado discorda de você.

Palpatine anuiu:

– Por enquanto. Mas temos planos para colocar o eleitorado na linha.

Começando com um anúncio de que o trato que Tapalo fez com o Clá Bancário não funcionou.

– Eu não sabia disso – Plagueis disse com indiferença.

Palpatine ficou ainda mais bravo ao falar:

– Por que acha que impedimos seu grupo de entrar em Theed? Ainda temos poder suficiente para impedir que botem os pés em Naboo. E preste atenção no restante, magistrado. O Senado da República foi informado da tentativa de Muunilinst de interferir e desestabilizar a soberania do nosso mundo. – Como Plagueis não respondeu, o humano acrescentou: – Os Naboo têm uma lenda sobre seis portões impenetráveis que contêm o caos. A Casa Palpatine é um desses portões, Damask.

– E nós, Muuns, representamos o caos – disse Plagueis, sem fazer soar como pergunta.

Palpatine inclinou-se à frente e falou em tom mais calmo:

– Não nos opomos a ver Naboo aderir à comunidade galáctica quando chegar a hora certa. Mas não agora, não desse jeito. As promessas de Tapalo sobre cortes nos impostos e comércio com o Núcleo... Essas são as mesmas táticas que a República emprega para seduzir mundos primitivos e forçá-los a entregar seus recursos. – Ele sacudiu a cabeça, dominado pela raiva novamente. – Os Naboo admiram os filósofos, não os bancários e corretores. A eleição de Tapalo ao trono levaria a uma catástrofe.

– *A defesa de Naboo* – disse Plagueis. – O poema que mencionou.

– Que tem ele?

– O que aconteceu com o autor, Berenko?

Os olhos de Cosinga Palpatine estreitaram até quase se fecharem.

– Foi levado por assaltantes e nunca mais visto. – O humano ergueu-se um pouco da cadeira e acrescentou: – Está me ameaçando, aqui, na minha própria casa?

Plagueis fez um gesto tranquilizador.

– Achei que estávamos discutindo história. Só quis saber o que pode acontecer se você não conseguir... restringir o caos, e se Tapalo vencer, apesar de seus melhores esforços.

– Eu já disse que isso não vai acontecer. E entenda o motivo: você vai dizer aos seus amigos do Clã Bancário e da Federação do Comércio que perdeu interesse em Naboo. Que encontrou companhia melhor entre os Hutts, os escravocratas e vendedores de especiarias da Orla Exterior. – O humano fez uma pausa. – Está muito longe de Muunilinst, magistrado Damask. Sugiro com veemência que retorne à sua nave e deixe o setor Chommell o mais rápido

e discretamente possível, para que ninguém seja vítima de um evento desagradável.

Plagueis fitava o lago.

– Entendo o que quer dizer, Cosinga Palpatine – disse, sem olhar para o homem.

– E mais uma coisa – disse Palpatine, encorajado. – Não sei bem por que você se interessou tanto em meu filho, e ele em você, mas não quero que tenha mais nada com ele.

Plagueis virou-se para o humano.

– Seu filho tem grande potencial.

– Potencial que não quero ver estragado por alguém da sua laia. Em todo caso, estamos retirando-o do seu alcance.

– Eu acreditava que os Naboo fossem um povo aberto. Mas, enfim, os Gungans provavelmente não pensam assim também.

Palpatine levantou-se bruscamente.

– Basta. Guarda! – exclamou. Quando três homens entraram correndo, ordenou: – Tire-o da minha frente.



## CAPÍTULO 11

### AVATAR DA MORTALIDADE

O planeta Chandrila promovia um retiro de um mês para os membros do Programa de Jovens Legisladores. Uma vez por ano, jovens seres de uma hóstia de mundos chegavam para participar de encenações de julgamentos do Senado dentro da cidade de Hanna e nos arredores, e para visitar os diversos projetos agrícolas de Chandrila, as florestas, os recifes de corais e os parques arborizados. Foi no Parque Gladean – uma reserva de caça fora da Hanna costeira – que Plagueis fez uma visita não anunciada ao jovem Palpatine. Contudo, o Munn foi pego de surpresa.

– Eu sabia que você viria, magistrado – disse o rapaz quando Plagueis e 11-4D apareceram detrás de uma das janelas da reserva.

– Sabia como?

– Só sabia.

– E com que frequência essas suas premonições estão certas?

– Quase sempre.

– Curioso – comentou 11-4D enquanto Palpatine corria para pedir licença a dois amigos.

Plagueis reconheceu o mais velho como o mentor de Palpatine no programa de jovens, Vidar Kim, e reparou que a fêmea de graciosos cabelos negros era amante de Kim. Ao final da animada explanação de Palpatine, Kim virou o rosto para lançar um olhar desaprovador a Plagueis, antes de partir com a companheira.

– Seu mentor não gosta muito de mim – afirmou o Muun, quando o rapaz retornou.

Palpatine discordou.

– Ele nem conhece você.

Semanas-padrão haviam se passado sem comunicação alguma entre os dois. Julgando pelo humor de Palpatine, ele nada sabia do encontro forçado na Terra dos Lagos, e, mesmo assim, estava agitado, possivelmente em reação a algo que Cosinga fizera para monitorar ou frustrar as holotransmissões exteriores do filho. Com o agente secreto das Empresas Damask silenciado, os nobres tinham ganhado terreno. Apesar de Tapalo negar que o trato com o Clá Bancário se dissolvera, o impedimento imposto aos Muuns plantara sementes de dúvida entre os eleitores, e a briga pelo trono se tornava mais quente a cada dia que se passava. Pior: o interesse do Clá Bancário em Naboo começava a desvanecer.

– Esse encontro terá de ser muito breve – Plagueis disse a Palpatine enquanto os dois caminhavam por uma passarela elevada que conectava a janela a um dos rústicos alojamentos do parque. – O seu pai pode ter despachado equipes de segurança.

Palpatine achou a ideia ridícula.

– Ele está monitorando minhas comunicações extramundo; por isso você não recebeu mais nada de mim. Mas sabe que é melhor não colocar ninguém pra me vigiar.

– Você o subestima, Palpatine – disse Plagueis, parando no meio da passarela. – Eu falei com ele na Convergência.

Palpatine ficou boquiaberto.

– A casa do lago? Quando? Como...

Plagueis fez um gesto tranquilizador e explicou em detalhes o que ocorrera. Concluindo, disse:

– Ele ameaçou, também, tirá-lo do meu alcance.

Enquanto Plagueis falava, Palpatine traçava círculos na estreita passarela, sacudindo a cabeça de raiva, os punhos cerrados.

– Ele não pode fazer isso! – rosnou o rapaz. – Não tem o direito! Não vou permitir!

Plagueis pôde quase sentir fisicamente a fúria de Palpatine. Botões de flores que cresciam ao longo das laterais da passarela dobraram-se para dentro, e seus polinizadores começaram a zumbir de agitação. 4D reagiu também, balançando no lugar, como se preso por um poderoso eletromagneto. Era de se duvidar que o humano nascera de pais de carne e osso, quando, na verdade, parecia ter brotado na própria natureza. Seria a Força tão poderosa nele que havia se escondido *sozinha*?

Palpatine parou subitamente e virou-se para Plagueis.

– Você tem que me ajudar!

– Como posso ajudá-lo? – Plagueis perguntou. – Ele é seu pai.

– Me diga o que fazer! Me diga o que você faria!

Plagueis colocou a mão no ombro do rapaz e começou a andar lentamente.

– Você poderia usar o incidente como modo de emancipar-se.

Palpatine franziu o cenho.

– Naboo não honra essa prática. Vou depender dele até fazer 21 anos.

– As legalidades da emancipação não me interessam e não deviam interessar-lhe. Falo de *libertar-se*... de completar o ato de recriação que começou quando rejeitou o nome que lhe deram.

– Quer dizer, desobedecê-lo?

– Se estiver disposto a ir tão longe. E sem pensar nas consequências.

– Eu queria...

– A insegurança é o primeiro passo para a autodeterminação – disse Plagueis. – A coragem vem em seguida.

Palpatine sacudiu a cabeça, como se tentasse clarear as ideias.

– O que posso fazer?

– O que quer fazer, Palpatine? Se a escolha fosse sua, apenas sua.

O jovem hesitou.

– Não quero viver como vivem os seres comuns.

Plagueis fitou-o.

– Considera-se excepcional?

Palpatine pareceu embaraçado com a pergunta.

– Só quis dizer que queria levar uma vida diferente.

– Não se desculpe pelos seus desejos. Diferente em que sentido?

Palpatine desviou o olhar.

– Por que está se contendo? Se é para sonhar, que sonhe alto. – Plagueis fez uma pausa, depois acrescentou: – Você insinuou que não tem interesse algum em política. É verdade?

Palpatine firmou os lábios.

– Não totalmente.

Plagueis parou no meio da passarela.

– Até onde vai o seu interesse? A que posição aspira? Senador da República? Monarca de Naboo? Chanceler supremo da República?

Palpatine fitou o outro.

– Você pensaria menos de mim se eu dissesse.

– Agora está subestimando a mim, como fez seu pai.

Palpatine respirou fundo e continuou:

– Quero ser uma força de mudança. – Sua expressão endureceu. – Quero *reinar*.

*Isso!*, pensou Plagueis. *Ele admite! E quem melhor do que um humano para usar a máscara do poder enquanto um lorde Sith reina em segredo?*

– Se isso não puder acontecer, se você não puder reinar, o que será, então?

Palpatine rangia os dentes.

– Se não tiver poder, não quero *nada*.

Plagueis sorriu.

– Creio que já disse que estou disposto a ser seu aliado nessa busca.

Numa perda súbita de palavras, Palpatine apenas fitou o outro; depois conseguiu dizer:

– O que espera de mim em retorno?

– Nada além de que você se comprometa com o intento de libertar-se. Que se conceda a licença para fazer tudo que for necessário para realizar suas ambições, seja qual for o risco que correr seu bem-estar e esperando totalmente a solidão que virá.

Os dois ainda não haviam chegado ao alojamento quando Plagueis os guiou para um gazebo que ocupava o centro de um luxurioso jardim.

– Quero contar uma coisa do meu passado a você – começou ele. – Nasci e fui criado não em Muunilinst, mas num mundo chamado Mygeeto, e não pela primeira esposa do meu pai, mas uma segunda, algo que os Muuns chamam de parceiro códice. Então eu era um jovem adulto quando meu pai finalmente retornou a Muunilinst e tive o primeiro contato com o planeta no qual minha espécie se criara. Graças aos regulamentos de Muunilinst acerca do crescimento populacional, nenhum Muun com menos influência que a do meu pai conseguiria importar uma cria não nativa, muito menos de clá híbrido. E, no entanto, os membros da família do meu pai me consideraram um invasor, alguém sem legalidade adequada ou o aprumo social que vem com os que nascem e crescem em Muunilinst. Pois se tem algo que os Muuns odeiam mais do que desperdício é a não conformidade, e eu a tinha aos montes. Eram cidadãos exemplares, meus queridos irmãos e irmãs: insulares, autocientes, idênticos nas ideias, frugais ao extremo, dados à fofoca, e me irritava profundamente ter sido aceito pelos oprimidos da galáxia apenas para ser rejeitado por esse bando de paroquianos egoístas. Para piorar ainda mais a

insatisfação deles, foram forçados a aceitar que eu era um membro totalmente ligado ao clã e tinha direito à mesma porção da vasta riqueza do meu pai. Mas como acontece com todos os membros de clãs de elite, eu precisava me mostrar digno do status preparando previsões financeiras bem-sucedidas e permitindo ser julgado pelo governante eleito. Passei nos testes e desafios, mas, pouco depois, meu pai ficou doente. Em seu leito de morte, pedi conselho acerca da minha delicada situação, e ele me instruiu a fazer o que fosse preciso, visto que minha própria sobrevivência estava em perigo. Ele disse que mentes menores precisavam de direcionamento e punição ocasional e que eu não devia hesitar em usar quaisquer meios necessários para proteger meus interesses; que eu devia isso a mim, à minha espécie, à própria vida.

Plagueis fez uma pausa.

– A causa da morte prematura dele foi determinada como uma rara anormalidade genética que afetou o coração terciário, algo que todos os meus irmãos haviam herdado, mas eu, tendo nascido de mãe diferente, não. Em pânico perante a chance de morrer cedo, meus irmãos lançaram-se em busca galáctica pelos melhores geneticistas que os créditos podiam pagar, e, por fim, um se destacou, alegando conhecer um procedimento de cura. Então, todos foram tratados, inclusive minha mãe de clã, confiando plenamente que haviam se esquivado da maldição da família e poderiam logo retornar à sua paixão principal: manter-me legalmente excluído da família.

Ele fitou Palpatine.

– Mal sabiam eles que *eu* tinha contratado o geneticista, e que os tratamentos por ele fornecidos eram tão falsos quanto suas credenciais. Então, como esperado, eles começaram a adoecer e morrer, um por um, enquanto eu observava de longe, regozijando, até me divertindo ao fingir tristeza nos funerais e indiferença nos rituais de alocação que transferiam porções das

riquezas acumuladas por eles para mim. No final, sobrevivi a todos e herdei tudo.

Feita a junção de fato com ficção, Plagueis levantou-se e dobrou os braços finos em frente ao peito. Por sua vez, Palpatine baixou os olhos para o piso de madeira do gazebo. Plagueis detectou o zumbido baixinho dos fotorreceptores de 11-4D focando o rapaz.

– Você acha que eu sou um monstro – disse, para pôr fim a um momento longo de silêncio.

Palpatine ergueu o rosto e disse:

– Assim você me subestima, magistrado.

O espaçoporto da cidade de Hanna estava caótico, disparando espaçonaves que retornavam jovens do programa de estágio para seus mundos próximos e distantes. Na cabine central de passageiros da nave *Jafan III* de Naboo, Palpatine e um rapaz de Keren comparavam as anotações de suas experiências durante a semana anterior. Caminhando para se tornarem amigos próximos apesar das diferenças políticas, a dupla discutia as eleições iminentes de Naboo quando um comissário de bordo os interrompeu para dizer que Palpatine deveria retornar imediatamente para o terminal do espaçoporto. O comissário não sabia quem requisitara a presença dele nem por que o fizera, mas, assim que o rapaz adentrou a passarela de conexão, ele reconheceu a pose soturna de um dos seguranças que o pai contratara recentemente.

– Palpatine não vai voltar a bordo – o guarda informou ao comissário.

Confuso, Palpatine quis saber por que fora removido da nave.

– Seu pai está aqui – avisou o guarda depois que o comissário retornou à aeronave. Ele apontou, pela janela de transparência da passarela para o outro lado do campo, onde se encontrava uma lustrosa espaçonave rotulada com o brasão da Casa Palpatine.

O rapaz piscou, surpreso.

– Quando ele chegou?

– Faz uma hora. Sua mãe e seus irmãos também estão a bordo.

– Eles não comentaram nada sobre vir aqui.

– Não sei dizer – afirmou o guarda. – Você já passou pela alfândega de Chandrila, então podemos ir diretamente para a nave.

Palpatine encarou o guarda.

– Está só cumprindo ordens, certo?

Imperturbável, o guarda deu de ombros; ombros muito largos, por sinal.

– É meu emprego, garoto. Não há muito o que fazer.

Rendendo-se ao inevitável, mas irritado com a mudança súbita de planos, Palpatine acompanhou o guarda por um labirinto de passarelas similares até uma que dava na espaçonave da família. Palpatine pai esperava na entrada.

– Por que não fui informado disso de antemão? – perguntou Palpatine.

O pai acenou para que o guarda selasse a escotilha.

– Sua mãe e seus irmãos estão lá no fundo. Vou me unir a vocês assim que fizermos o salto.

O homem deu a volta em Palpatine e passou para a cabine do piloto. O rapaz voltou-se para a escotilha e pensou em sair enquanto ainda podia, mas acabou pensando bem e foi para os fundos da aeronave, embora não para o compartimento principal, e sim um menor, que abrigava os comunicadores. Preso a uma cadeira, Palpatine suportou a decolagem e o salto para o hiperespaço. Quando a nave entrou no espaço entre planetas, ele se soltou e começou a zanzar de um lado para o outro na cabine e continuava andando quando o pai entrou, alguns minutos depois.

– Estamos indo para o Chommell Menor.

Palpatine parou para fitar o pai.

– Pelos próximos tempos, você vai morar com a família Greejatus. As roupas e demais itens que pensamos que você gostaria de levar consigo já estão a bordo. – Como Palpatine não disse nada, o pai continuou: – Você e Janus se deram bem da última vez que os visitamos. Uma mudança de paisagem fará bem.

– Você decidiu tudo isso sem me consultar? – Palpatine conseguiu, enfim, perguntar. – E quanto às minhas aulas na faculdade? E quanto às minhas obrigações com o programa de jovens?

– Foi tudo arranjado. Você pode se juntar a Janus no programa de Chommell Menor.

– Vejo que o ódio dos Greejatus pelos não humanos vai bem com suas convicções.

– Tirando todo aquele chauvinismo, aprovo-os muito mais do que aos seus amigos atuais.

Palpatine começou a balançar a cabeça.

– Não. Não.

O tom do pai se tornou mais firme:

– Isso é para o seu bem.

Palpatine ficou furioso.

– O pai das mentiras – murmurou. – Como é que você sabe o que é melhor pra mim? Algum dia se importou? Isso é por causa da minha amizade com Hego Damask, não?

Palpatine pai bufou com escárnio.

– É isso que pensa? Damask está apenas usando você como meio de garantir informações sobre nossas estratégias para as eleições.

– Claro que está.

Aturdido por um momento, Cosinga disse:

– E, no entanto, você continua... sendo amigo dele.

– O que você considera o estupro de Naboo, eu considero um passo à frente essencial, e Hego Damask, uma bênção. Ele é poderoso, influente e brilhante, mais do que qualquer um dos meus professores. Cabeça e ombros acima dos seus ou de qualquer dos nobres confederados.

Cosinga entortou os lábios.

– Começa a parecer-me que essa confrontação vai além de meras diferenças políticas.

– Você sabe que sim. Está usando a situação como desculpa para me pôr sob rédeas de novo.

– O que não seria necessário se mostrasse um mínimo de habilidade para conduzir-se apropriadamente.

Palpatine fungou.

– Minhas infrações e transgressões sociais. Eu me recuso a falar disso de novo.

– Você é muito indulgente, considerando a vergonha que quase trouxe sobre nós.

– Não trouxe mais vergonha à família do que você.

– Não estamos falando de mim – disse Cosinga.

Palpatine jogou as mãos ao alto.

– Tudo bem. Deixe-me em Chommell Menor, mas não vou ficar aqui.

– Posso garantir que fique.

– Colocando um dos seus brutamontes pra me manter na linha? Sou muito mais esperto que eles, pai.

Cosinga prensou os lábios numa linha fina.

– Depois do que você já fez pra contrariar nossos planos para Tapalo não pode haver nem um lampejo de escândalo. Você não tem a menor ideia do que está em jogo para Naboo?

– E pra você – retrucou Palpatine com um sorriso astuto. – O irmão da sua amante se torna rei, e você ganha a posição elevada que sempre desejou, mas nunca mereceu.

Cosinga lançou suas palavras com cruel abandono:

– Vai ser bom não ter você por perto.

– Até que enfim admite isso.

Cosinga ficou subitamente cabisbaixo.

– Você é tão misterioso para mim hoje quanto era quando criança.

Palpatine abriu um sorriso.

– Só porque você não consegue me entender por completo.

– Imponente como nunca.

– Imponente, e muito, pai. Você não tem ideia do que sou capaz de fazer.

Ninguém tem.

Cosinga exalou muito ar.

– Eu sei que você é sangue do meu sangue, porque o examinei, só para ter certeza. Mas, na verdade, não sei de onde veio... de quem ou de que realmente descende. – Ele fitou o filho. – Sim, olha aí: essa cara feia da qual fui receptor por longos dezessete anos. Como se quisesse me matar. Matar sempre esteve nos seus pensamentos, não? Você só espera que alguém lhe dê permissão para agir.

Uma sombra tomou o rosto de Palpatine.

– Não preciso da permissão de ninguém.

– Precisamente. No coração, você é um animal.

– O rei das feras, pai – disse Palpatine.

– Eu sabia que este dia chegaria. Soube desde o primeiro momento que tentei contê-lo, e você lutou comigo com uma força que era poderosa demais para seu tamanho ou idade.

Palpatine fitou o pai com uma expressão de sarcasmo.

– Eu nasci maduro, pai, totalmente crescido, e você me odiou por isso, porque entendia que eu era tudo que você nunca seria.

– Odiava-o mais do que você sabe – disse Cosinga, permitindo que a ira se elevasse mais uma vez. – O suficiente para querer matá-lo desde o início.

Palpatine manteve-se firme.

– Então é melhor fazer isso agora.

Cosinga deu um passo na direção de Palpatine, apenas para ser empurrado contra o painel que separava a sala de comunicações da cabine principal. Uma voz feminina, vinda de trás da escotilha fechada, perguntou, alarmada:

– Que foi isso?

Amparando um ombro machucado, Cosinga subitamente assumiu a postura de um animal encurralado, os olhos escancarados de surpresa e medo. Ele avançou para alcançar a placa que abria a escotilha, mas Palpatine conteve o esforço do pai sem erguer um dedo sequer. Debatendo-se violentamente, Cosinga caiu sobre uma das cadeiras de aceleração, jorrando sangue do rosto ao batê-lo no braço da cadeira.

Começaram a bater na escotilha.

– Guardas! – gritou Cosinga, mas a palavra mal deixara seus lábios quando o painel no qual ele estivera encostado inchou para dentro, prensando-o de rosto no chão e tirando-lhe o fôlego.

Palpatine permaneceu fincado no lugar, as mãos tremendo à frente e o rosto arrasado. Alguma coisa ardia por detrás dos olhos incandescentes. Ele escutou as batidas na escotilha e girou.

– Não entrem! Fiquem longe de mim!

– O que você fez? – Era a voz da mãe, em pânico. – O que você fez?

Cosinga colocou-se de joelhos e começou a recuar, aterrorizado, sujando o deque de sangue. Contudo, Palpatine avançou sobre ele.

– Se a Força o deu à luz, então eu a amaldiçoo! – disse Cosinga, rouco. – Amaldiçoo!

– Eu também – rosnou Palpatine.

A escotilha começou a deslizar, e o rapaz ouviu a voz do guarda que o buscara na *Jafan III*.

– Pare!

– Cosinga! – gritou a mãe.

Palpatine levou as palmas das mãos à cabeça; depois, com sinistra calma, foi até a escotilha, puxou o surpreso guarda pela passagem e arremessou-o para a outra ponta da cabine.

Olhando para o teto, gritou:

– Estamos todos nisto, agora!

Podiam ser torturadores: Plagueis e 11-4D, curvados sobre uma mesa de operações em Aborah, a qual sustentava Venamis, ainda em coma induzido e anestesiado também; os apêndices do droide seguravam escalpelos ensanguentados, retratores, hemostatos. Plagueis, de jaleco e máscara e olhos fechados, lançando uma poça de sombra sobre o piso sob as luzes teatrais, mas na verdade em lugar nenhum do mundo concreto. Dobrado profundamente para dentro, na Força, indiferente ao prejuízo meticuloso que 11-4D infligira aos órgãos internos do Bith, mas focado em comunicar sua vontade diretamente aos intermediários da Força; o droide monitorava a atividade celular, em busca de sinais de que as manipulações de prolongamento de vida de Plagueis, seus supostos experimentos, apresentavam o efeito desejado.

Uma corrente súbita de intensa energia sombria serpenteou por Plagueis. Mais forte do que qualquer sentimento que ele vivenciara desde a morte de Darth Tenebrous, repleta com *flashes* do passado, do presente, e talvez até de eventos futuros, a perturbação foi poderosa o bastante para arrancá-lo

totalmente do transe. Um rito realizado; uma confirmação feita. Como se esperasse encontrar Venamis sentado ereto na mesa, ele abriu os olhos e viu 11-4D vindo na direção dele do console de comunicações da sala de operações.

A boca de Plagueis formou uma pergunta:

– Hill?

– Não. O jovem humano... Palpatine. Uma transmissão de muito longe.

Plagueis correu para o aparelho. Os dois não se falavam desde o encontro em Chandrila, mas Plagueis estivera esperando, imaginando se suas manipulações tinham dado fruto. Se não, talvez ele precisasse tomar atitudes pessoalmente para solidificar a jogada. Colocando-se perante as holocâmeras, ele parou um instante para admirar a imagem de má qualidade na tela, o rosto de Palpatine banhado pelas luzes piscantes de um painel de instrumentos, com algo novo nos olhos – uma cor que não estava ali antes. Olhou depois para o leitor de coordenadas do painel e perguntou:

– Onde está?

– Não tenho certeza – respondeu Palpatine, obviamente distraído, olhando para alguma coisa além da câmera.

– Está numa espaçonave.

Palpatine assentiu, engoliu em seco, depois encontrou a voz:

– A nave da família.

– Leia em voz alta as coordenadas do navicomputador.

Quando o rapaz obedeceu, Plagueis fitou 11-4D, aguardando elaboração.

– Nos entornos de Exodeen, na Via Hydiana – disse o droide.

Plagueis assimilou.

– Contate a Guarda Solar. Mande prepararem a nave e esteja pronto para acompanhá-los.

– Sim, magistrado.

Plagueis voltou-se para a tela.

– Você consegue manter o curso atual?

Palpatine inclinou-se para o lado.

– O piloto automático está ligado.

– Conte-me o que aconteceu.

O humano respirou fundo.

– Meu pai chegou sem avisar em Chandrila. Tirou-me da nave do programa de jovens e me trouxe pra nossa nave. Minha mãe e meus irmãos já estavam a bordo. Depois que decolamos, descobri que estava sendo levado a Chommell Menor. Como você avisou. Começamos a discutir... depois, não sei bem o que aconteceu...

– Conte-me o que aconteceu – Plagueis pediu.

– Eu os *matei* – Palpatine respondeu. – Matei todos... até os guardas.

Plagueis conteve um sorriso, sabendo então que Naboo seria dele. *Assunto encerrado. Preciso agora continuar conduzindo-o e garantir sua contínua utilidade.*

– Alguém em Chandrila viu você subir a bordo da nave da família? – ele perguntou apressadamente.

– Só o guarda... que está morto. Estão todos *mortos*.

– Precisamos retorná-lo tranquila e furtivamente para Chandrila. Estou enviando ajuda, meu droide vai junto. Não dê explicações sobre o que aconteceu, mesmo se perguntarem, mas siga todos os comandos sem questionar.

– Você não vem com eles? – perguntou Palpatine, surpreso.

– Verei você muito em breve, Palpatine.

– Mas a nave. As... *provas*.

– Vou providenciar que a nave seja dispensada. Ninguém nunca saberá desse evento, entendido?

Palpatine concordou.

– Confio em você.

Plagueis devolveu o aceno.

– E Palpatine: parabéns por ter se tornado um ser emancipado.

Lustrosa como a criatura das profundezas marinhas segundo a qual fora modelada, a nave de transporte *Quantum Collosus* viajava pelas correntes rarefeitas do hiperespaço. Uma das mais belas naves de seu tipo, a *QC* fazia trajetos semanais entre Coruscant e Eriadu, passando por diversos mundos ao longo da Via Hydiana para pegar e dispensar passageiros. Envolto em reluzente seda verde-escura, Plagueis entrara a bordo em Corellia, mas esperara até que a nave desse o salto para a velocidade da luz a fim de pegar um turboelevador que o levou ao andar superior, onde ele se anunciou na entrada da cabine privada que garantiria a Palpatine.

– Você disse *em breve* – Palpatine ralhou no instante em que a escotilha escondeu-se no painel. – Uma semana-padrão não é *em breve*.

Plagueis entrou, retirou o manto e o pôs dobrado sobre as costas de uma cadeira.

– Eu tinha assuntos para resolver. – Ele olhou para trás e viu Palpatine. – Eu deveria simplesmente largar tudo que tenho que fazer para resolver a situação na qual você se meteu?

Sem fala por um instante, Palpatine disse em seguida:

– Perdoe-me por ter me permitido pensar que estávamos juntos nisso.

– Juntos? Como assim?

– Não sou seu agente em Naboo?

Plagueis balançou a cabeça de um lado ao outro.

– Você nos forneceu, sim, informações muito úteis.

Palpatine estudou o outro com insegurança.

– Eu fiz mais do que isso, magistrado, e você sabe muito bem. Você é tão responsável pelo que aconteceu quanto eu.

Plagueis sentou-se e cruzou as pernas.

– Passou mesmo só uma semana? Porque você parece muito mudado. As autoridades de Chandrila e Naboo foram tão duras assim?

Palpatine continuou encarando o Muun.

– Como você prometeu, onde não há evidência, não há crime. Eles chegaram a ponto de recrutar a ajuda de batedores e piratas nas buscas, mas voltaram de mãos vazias. – O rapaz pareceu ficar tenso. – Mas foi você que mudou. Apesar do fato de já ter previsto esse evento.

Plagueis acenou para si mesmo.

– Se eu suspeitava que você e seu pai chegariam a um impasse? Claro que sim. Seria óbvio para qualquer um. Mas você parece estar insinuando que de algum modo eu adivinhei que o confronto terminaria em violência.

Palpatine pensou um pouco, depois bufou com escárnio.

– Está mentindo. Talvez tenha até me forçado a isso.

– Que jeito mais estranho de falar – disse Plagueis. – Mas já que você entendeu a verdade da coisa, eu ofereço uma confissão. Sim, eu o coagi deliberadamente.

– Você veio a Chandrila para garantir que os espões de meu pai nos vissem juntos.

– Mais uma vez, acertou. Você me deixa orgulhoso.

Palpatine ignorou a lisonja.

– Você me usou.

– Não tinha outro jeito.

Palpatine balançou a cabeça, bravo, incrédulo.

– Tinha algo de verdade na história sobre os seus irmãos?

– Um pouco. Mas agora não importa. Você me pediu ajuda, e eu concedi. Seu pai tentou contrariá-lo, e você agiu segundo a própria vontade.

– E, matando-o, eu livrei você de um oponente. – Palpatine fez uma pausa.  
– Meu pai estava certo com relação a você. Você é um gângster.

– E você está livre e rico – disse Plagueis. – E agora, jovem humano? Continuo tendo grandes expectativas com relação a você, mas, antes de poder dizer-lhe tudo, eu precisava que se libertasse.

– Libertasse de quê?

– Do medo de expressar sua verdadeira natureza.

A expressão de Palpatine escureceu.

– Você não sabe nada da minha verdadeira natureza. – Ele se afastou de Plagueis, parou e virou-se para ele. – E não me perguntou sobre as mortes.

– Nunca fui muito interessado em detalhes mórbidos – disse Plagueis. – Mas, se precisa livrar-se do fardo, fique à vontade.

Palpatine ergueu as mãos em garra.

– Eu os executei com as mãos! E com o poder da mente. Virei uma *tempestade*, magistrado... uma arma forte o bastante pra entortar painéis e lançar corpos para o outro lado da cabine. Virei a morte em si!

Plagueis endireitou-se na cadeira, em genuíno assombro.

Via Palpatine, ali, em toda a sua sombria glória. A raiva e a morte derrubaram as paredes que ele erguera talvez desde a infância para salvaguardar seu segredo. Mas não havia mais nada escondido: a Força era muito poderosa nele! Engarrafado por dezessete anos-padrão, seu poder inato finalmente estourara e nunca mais poderia ser contido. Todos esses anos de repressão, crimes não punidos, emoção crua borbulhando, tóxica para qualquer um que ousava tocar ou provar. Mas por debaixo da raiva espreitava um inimigo sutil: a apreensão. Recém-nascido, ele corria sério perigo. Mas apenas por não ter noção de quão poderoso era ou do quão extraordinariamente poderoso poderia tornar-se. Precisaria de ajuda para completar sua autodestruição. Precisaria de ajuda para reconstruir essas paredes, para impedir que fosse descoberto.

Oh, quão cautelosamente ele teria de ser domado! Mas que aliado se tornaria. *Que aliado!*

– Não sei bem o que pensar disso, Palpatine – disse o Muun finalmente. – Você sempre teve esses poderes?

A cor sumira do rosto de Palpatine, e suas pernas tremiam.

– Sempre soube que era capaz de conjurá-los.

Plagueis levantou-se da cadeira e aproximou-se com receio do rapaz.

– É aqui que os caminhos se separam, jovem humano. Aqui e agora você precisa decidir se vai repudiar seu poder ou se aventurar corajosa e escrupulosamente para as profundezas da verdade, não importando as consequências.

Plagueis resistiu à vontade de agarrar Palpatine pelos ombros, e, em vez disso, afastou-se do rapaz.

– Você poderia dedicar o restante da vida para tentar compreender esse poder, esse dom – disse, sem olhar para trás. – Ou poderia considerar uma opção diferente. – Ele virou para encarar Palpatine. – É um caminho sombrio que leva a um campo obscuro, sem rastros, sem retorno. Precisarás, entretanto, de um guia. Mas é também a rota mais curta e rápida entre o hoje e o amanhã.

Plagueis sabia que era uma jogada arriscada, mas não havia mais como voltar atrás. O lado sombrio os reunira, e seria a vontade dele que resolveria se Palpatine se tornaria aprendiz do Munn.

– Em seus estudos – disse ele com cautela –, já ouviu falar dos Sith?

Palpatine hesitou, como se preocupado.

– Uma seita Jedi, não é isso? Resultado de algo como uma contenda familiar.

– Sim, sim, de certo modo é isso. Mas é mais: os Sith são as crias pródigas, destinadas a retornar e derrubar os Jedi.

Palpatine fitou Plagueis.

– Os Sith são considerados maus.

– Maus? – Plagueis repetiu. – Como assim? Momentos atrás você se definiu como uma tempestade. Disse que era a morte em si. É mau, então, ou apenas mais forte e mais ciente do que os outros? Quem dá mais forma à história senciante: os bons, que aderem ao testado e verdadeiro, ou aqueles que procuram erguer os seres de seu estupor e levá-los à glória? Você é uma tempestade, mas uma muito necessária, para mandar embora os antiquados e complacentes e livrar a galáxia do peso morto.

Os lábios de Palpatine curvaram-se, raivosos e ameaçadores.

– É esse o conhecimento que você oferece: os dogmas de um culto arcano?

– Cujo valor é testado por você sobreviver a ele, Palpatine.

– Se eu quisesse isso, teria forçado meus pais anos atrás a me entregar à Ordem Jedi em vez de me transferir de escola em escola.

Plagueis plantou as mãos nos quadris e riu, sem alegria.

– E que uso você acha que a Ordem Jedi faria de uma pessoa da sua natureza? Você não tem coração, é ambicioso, arrogante, insidioso e não sente culpa nem empatia. Ademais, é um assassino. – Ele encarou o olhar sombrio de Palpatine e viu o jovem cerrar os punhos de raiva. – Cuidado, rapaz – disse, após um instante. – Você não é o único ser dentro desta sala aveludada com poder para matar.

Palpatine escancarou os olhos e deu um passo para trás.

– Posso sentir...

Plagueis ficou deliberadamente ativo.

– O que sente é uma fração do que consigo conjurar.

Palpatine ganhou ares adequadamente castos.

– Posso ter alguma utilidade para os Sith?

– Possivelmente – respondeu Plagueis. – Talvez provavelmente. Mas teríamos de esperar para ver.

– Onde estão os Sith?

Plagueis deixou-se sorrir.

– No momento, existe apenas um. A não ser que, claro, você queira juntar-se a mim.

Palpatine assentiu.

– Quero me juntar a você.

– Então se ajoelhe à minha frente e afirme que deseja unir seu destino para sempre à Ordem dos lordes Sith.

Palpatine fitou o chão, depois fez uma reverência, afirmando:

– É meu desejo unir meu destino para sempre à Ordem dos lordes Sith.

Plagueis estendeu a mão esquerda para tocá-lo no topo da cabeça.

– Então está feito. Deste dia em diante, sua verdade, agora e para todo o sempre, será *Sidious*.

Quando Palpatine levantou-se, Plagueis tomou-o pelos ombros.

– Com o tempo você virá a entender que possui o lado sombrio da Força e que seu poder está além das contradições. Por ora, contudo, e até que eu diga o contrário, aceitar submeter-se é o único jeito de salvar-se.



## CAPÍTULO 12

# SEDUZIDO PELO LADO SOMBRIO DA FORÇA

O órfão obediente tremia em meio à nevasca. A seu redor, erguiam-se pináculos de gelo feito dentes irregulares; um vento glacial uivava passando por eles. Plagueis estava ali perto, com flocos de neve e gelo girando em torno de si, mas nunca o tocando, derretendo-os antes de alcançá-lo. Ao contrário de Sidious, paramentado com um traje de proteção fino, o lorde Sith usava somente um manto, calças justas e capuz.

– Foi neste mundo que fiquei ciente pela primeira vez de meus poderes na Força e de meus impulsos sombrios – disse, alto o bastante para ser ouvido por cima do vento. – Em comparação com a temperatura de Muunilinst, Mygeeto é cruel e inflexível, mas aprendi a me adaptar a suas condições duras, e antes dos oito anos de idade eu podia me aventurar na mais violenta tempestade vestido com menos do que você está usando agora. Mas não o trouxe aqui para conhecer o meu passado, Sidious. Se você fosse de uma espécie aclimatizada a essas condições, eu o teria levado a um mundo desértico. Se fosse um ser aquático, eu o teria largado em terreno seco. A diferença no jeito de lidar com a Força conforme praticado pelos Sith e pelos Jedi tem menos relação com a distinção entre o escuro e a presença de luz do que entre, no seu caso, passar muito frio e ser aquecido. Entre estresse e conforto, entropia e previsibilidade.

Plagueis parou para contemplar Sidious.

– Seu sangue está perto de congelar. Se ficar tempo demais aqui, morrerá. É isso que você vai pensar no começo, quando o lado sombrio o tiver farejado e se esgueirado para perto. Você pensará: *Vou morrer; o lado sombrio vai me matar*. E é verdade, você vai morrer, mas apenas para renascer. Você precisa

assimilar bem a fundo a ideia de como é ser removido; precisa sentir na medula dos ossos, porque vai ser sempre assim.

Plagueis riu um pouco.

– Talvez eu fale como um professor de filosofia daquela sua bela faculdade, em Theed. Mas não estou dando aula; não pense que vamos trabalhar seu condicionamento físico. Precisamos, na verdade, prepará-lo para o que o espera caso o lado sombrio opte por interessar-se por você. A fungibilidade de medo e alegria; de ser humilde e poderoso; de ser elevado e ao mesmo tempo usado, como um instrumento. Ser destacado e, no entanto, subsumido por uma grandiosidade sobrepujante.

Um olhar predatório pintou seu rosto pálido conforme ele avançou para Sidious.

– Agora me diga mais uma vez, aprendiz. E com mais detalhe.

Mais uma vez, Sidious permitiu que as lembranças se revelassem e reviveu o crime – o evento, como passara a pensar no ocorrido. O corpo mole e ensanguentado do pai. Os crânios esmagados dos seguranças. As mãos apertadas em torno da garganta esguia da mãe – mas não, na verdade, apenas sua mente, estrangulando-a com os pensamentos. As formas sem vida dos irmãos, largados aqui e acolá... Ao contar e recontar, revivendo tudo, ele finalmente ganhara certa autoridade sobre os fatos, a habilidade de ver o evento apenas pelo que fora, sem emoção, sem julgamento. Era como se o fato tivesse ocorrido anos antes, em vez de poucos meses, e como se fosse outra pessoa o autor do crime. Quando esse momento definitivo chegou, um poder transformador desenrolou-se dentro dele, tão sombrio quanto o espaço sem estrelas, nascido do ódio e do medo, mas algo que agora podia conjurar.

– Muito bom – disse Plagueis, depois que a história recontada forçara-se pelos lábios azuis e trêmulos de Sidious. – Posso sentir seu afastamento e seu poder crescendo. – Ele continuou contemplando Sidious enquanto a neve

girava ao redor de ambos. – Não posso permitir que sua vontade seja aguçada pelas emoções do ressentimento, da compaixão. Você nasceu para liderar. Portanto, deve ver cada ser vivo como nada mais do que uma ferramenta para elevar-se, para seguir ao seu local de destino. Esta é a nossa galáxia, Sidious, nossa realidade. Neste local sem dó, seu poder é forjado. Impulsionado pelo medo, pelo ódio, até mesmo um Jedi pode passar além das restrições dos ensinamentos da Ordem e descobrir um tipo de poder muito mais profundo. Mas Jedi nenhum que chegou a esse lugar, que se elevou além de sua aliança à paz e à justiça, que mata por raiva ou desejo, pode dizer que de fato possui o lado sombrio da Força. As tentativas deles de se convencerem de que caíram para o lado sombrio, ou que o lado sombrio impeliu suas ações, não passam de racionalizações muito pobres. É por isso que os Sith abraçam o lado sombrio desde o início, focando na aquisição de poder. Não inventamos desculpas. As ações de um Sith nascem no *self* e fluem para fora. Perseguimos a Força como caçadores, em vez de nos render feito presas a seus caprichos enigmáticos.

– Eu entendo, mestre – Sidious conseguiu dizer com a voz trêmula.

Plagueis mostrou-lhe um sorriso malevolente.

– Certa vez, eu disse o mesmo ao meu mestre, quando, na verdade, não entendia nada. Eu queria apenas pôr fim à dor. – Num movimento nebuloso, em função da rapidez, o Muun abriu um rasgo no traje de proteção do rapaz. – Sou seu torturador, Sidious. Em breve você se esforçará para me apaziguar, e, com cada mentira que contar, cada tentativa que fizer de reverter nossos papéis, será tão brilhante quanto uma moeda de auródio no lado sombrio. Então me apazigue, Sidious. Conte-me mais uma vez como os matou.

Sidious equilibrava-se na encosta rochosa, sentindo as pedras duras por baixo das palmas ensanguentadas, cotovelos e joelhos tremendo, como se ávidos para imergir nas águas frias do lago azul e cristalino da base da

inclinação, ali perto. Alguns metros acima, Plagueis estava sentado de pernas cruzadas num afloramento plano, de costas para Sidious, com o olhar aparentemente fixo na neve cegante que cobria o topo da montanha.

– Se você ainda não estiver com vontade de me matar, vai estar antes que eu acabe com você – dizia ele. – A vontade de matar seu superior é intrínseca à natureza de nosso empreendimento. Minha força inacessível faz brotar sua inveja; minha sabedoria alimenta seu desejo; minhas conquistas incitam suas ambições. Assim tem sido desde mil anos atrás, e assim será até que eu o tenha guiado à igualdade. Então, Sidious, devemos fazer nosso melhor para sabotar a dinâmica que Darth Bane pôs em movimento, porque precisaremos um do outro se desejamos concluir nossos principais objetivos. Enfim, não pode haver segredos entre nós; nada de ciúme ou desconfiança. De nós, o futuro dos Sith brotará, e dele os diversos seres da galáxia se beneficiarão. Até lá, contudo, você deve batalhar; deve demonstrar seu valor, não apenas a mim, mas ao lado sombrio. Deve tomar o ódio que sente por mim e transformá-lo em poder, o poder de dominar, de impedir que qualquer coisa se coloque no seu caminho, de superar qualquer obstáculo que o lado sombrio projete para testá-lo.

Quase não escutando, Sidious movia-se com extremo cuidado, as mãos e os joelhos procurando firmeza nas pedras. Por semanas, Darth Plagueis o impedira de dormir, comer e tomar água. Agora, se ele ao menos conseguisse alcançar o Muun, sua sede seria atenuada, a fome, saciada, e as contusões, curadas. Inúmeras vezes a ampla expansão de pedregulhos deslizara, e ele precisara rolar pela encosta quase até o lago, tropeçando, raspando as costas e o tronco, ralando a pele rosada, machucando quase toda parte do corpo. Tudo isso para ter de começar a escalar novamente.

Fervilhando em silêncio, o rapaz conseguiu escalar mais um metro para o topo, conjurando a Força a fim de garantir o equilíbrio, para torná-lo mais leve.

– Tolo – Plagueis zombou. – O sucesso não vem do pedido de ajuda à Força, mas de controlá-la e gerar o poder de dentro de você. – O Muun suspirou de modo teatral. – No entanto, até que estou encorajado pelo progresso que você tem feito. A meros centímetros de mim, quase à distância de um braço. Logo poderei sentir sua respiração no meu pescoço e o calor da sua raiva, a vontade de me matar, como se, ao realizar isso, você pudesse tomar para si a autoridade que eu incorporo. – Ele fez uma pausa, mas não se mexeu, nem olhou para trás. – Você quer me estrangular, como fez com sua pobre, incompreendida mãe; arrancar meus membros um a um, como fez aos seguranças. Acho justo. Mas, para isso, precisará se esforçar mais, aprendiz.

Como um felino, Sidious saltou das pedras com os dedos em garra apontados para Plagueis. Contudo, em vez de envolver o pescoço esguio do Muun, as mãos dele encontraram apenas o ar e se tocaram, fazendo o rapaz pousar de cara no afloramento. Mais para o lado, ele escutou a risada de escárnio do mestre. Ou Plagueis se movera rápido demais para o rapaz enxergar ou, pior ainda, nunca estivera ali.

– Tão fácil de enganar – disse Plagueis, confirmando a segunda hipótese. – Você é uma perda de tempo. Mais um pouco, e o lado sombrio nunca vai se interessar por você.

Sidious girou e se lançou contra Plagueis, apenas para encontrar uma força irresistível e ser arremessado para trás, para o solo congelado.

A sombra do Muun o cobriu. De braços cruzados em frente ao peito, Plagueis parou em frente ao rapaz.

– Se quiser ter sucesso em habitar os dois planos, Sidious, o mundo profano e o da Força, você precisa aprender a usar a astúcia para sua vantagem, e saber ver quando é empregada por outros. – Sem estender uma mão sequer, Plagueis pôs o rapaz de pé. – Se puder sobreviver mais alguns dias sem sustento nem descanso, talvez eu queira ensinar você.

Rastejando pela tundra, o corpo marcado por queimaduras de sabre de luz, Sidious fitou Plagueis, implorando.

– Até quando, mestre?

Plagueis desativou a lâmina carmesim da arma e fez uma careta.

– Talvez mais um momento, talvez eternamente. Pare de pensar no futuro e ancore-se no presente. Um aprendiz Sith é a antítese de um jovem Jedi ensinado num templo, lutando contra um remoto flutuante com um sabre de luz de treinamento. Um Sith se familiariza com a dor desde o início e a inflige também. Um Sith vai para a garganta, assim como fez na nave da sua família.

Sidious continuou fitando o mestre.

– Eu quis dizer: quanto tempo mais levarei para aprender?

O Muun o avaliou com um olhar sério.

– Difícil dizer. Os humanos são seus piores inimigos. Seu corpo não foi feito para suportar punição de verdade. É ferido com facilidade e demora a se curar. Seu sentido olfativo e o tátil são relativamente aguçados, mas o auditivo e o visual, extremamente limitados.

– Não tenho qualidades, mestre?

Plagueis apoiou-se num dos joelhos perante o rapaz.

– Você tem a força, aprendiz, e o talento para liderar. Mais: você tem a sede de sangue de um assassino em série, embora precisemos mantê-la reservada, a não ser que a violência sirva a algum propósito extraordinário. Não somos açougueiros, Sidious, como alguns lordes Sith do passado. Somos arquitetos do futuro.

Sidious engoliu em seco e encontrou a voz:

– Até quando?

Plagueis levantou-se, reacendendo o sabre de luz.

– Pode levar um dia, pode levar uma década.



P A R T E   D O I S  
A P R E N D I Z   D O   P O D E R

54-52 ANOS ANTES DA  
BATALHA DE YAVIN



## CAPÍTULO 13

# CAVALEIROS NA TEMPESTADE

Em louca perseguição à presa, quase levantando voo, os dois Sith, mestre e aprendiz, agora juntos há onze anos, corriam pelo terreno gramado, as capas curtas ondulando nas costas, vibroadagas nas mãos e antebraços nus salpicados de coágulo; sangue emplastrado nos cabelos compridos do humano e seco na testa sem pelos do Muun. Girando num rodaminho ao redor deles havia uma horda de ágeis quadrúpedes de pescoço comprido e pelo listrado em preto e marrom; idênticos, movendo-se como se possuíssem uma única mente, saltando no mesmo instante, trocando de direção, circulando em bando pela savana de arbustos baixos.

– Não se trata de perseguir – disse Plagueis, ainda correndo –, mas de convocar. Você precisa entrar atrás dos olhos de seu alvo e tornar-se objeto de desejo para ele. O mesmo vale para quando você convocar a Força; deve fazer-se desejável, fascinante, aditivo, e então o poder de que precisar estará sob seu comando.

Misturado ao bando, o selvagem Sidious fixara a visão no que seria indistinguível para seres normais. Mas Sidious tinha o animal em sua mente e agora olhava pelos olhos dele, estava unido a ele. Surgida do nada, a criatura apareceu ao seu lado, como se intuisse a intenção do humano. Ela pendeu a cabeça de lado para expor o pescoço musculoso. Quando a vibroadaga foi fincada, os olhos da criatura rolaram para cima e se tornaram opacos; sangue quente jorrou, mas rapidamente parou de fluir – a Força afastou-se, e Sidious recuou seu poder para dentro de si.

– Agora, outro – disse Plagueis em tom de congratulação. – E outro depois desse.

Sidious sentiu-se empurrado para o movimento, como se levado pela força do vento.

– Sinta o poder do lado sombrio fluindo através de você – Plagueis acrescentou, atrás do aprendiz. – Servimos ao propósito da Força selecionando membros do bando, e ao nosso próprio desenvolvendo nossas habilidades. Somos o enxame predatório!

O planeta de baixa gravidade era conhecido na época como Buoyant, e sua impressionante confusão de flora e fauna, resultado do experimento de uma espécie havia muito esquecida que beliscara a atmosfera, colocara o mundo para girar mais rápido do que a natureza pretendia e encorajara o crescimento de luxuosas florestas e extensos gramados. As máquinas antigas, ainda em funcionamento, ornavam a paisagem, e milênios depois os animais que eles importaram prosperavam. Nada se movia lenta ou ponderadamente no apressado Buoyant, nem mesmo o dia e a noite, nem as tempestades que roçavam a atmosfera com violenta regularidade.

Em vários cantos do planeta – em densas florestas, áridos desertos, abaixo das ondas de mares internos –, os dois Sith já haviam tirado as vidas de incontáveis criaturas: evoluindo, crescendo, marinando-se num miasma de energia do lado sombrio.

A quilômetros de onde a caça aos quadrúpedes começara, Plagueis e Sidious sentaram-se sobre a enorme capota de uma árvore cujo tronco era amplo o bastante para cobrir um landspeeder, e cujos galhos grossos pendiam com inflorescências parasitas. Respirando fundo, molhados de suor, ambos descansavam em silêncio, enquanto nuvens de ávidos insetos formavam-se ao seu redor. O pulsar do trio de corações do Muun era visível por debaixo da pele

translúcida, e os olhos claros rastreavam os movimentos ziguezagueantes do bando fugitivo.

– Pouquíssimos do meu povo têm noção do quão rico eu sou – disse ele, finalmente –, visto que boa parte da minha riqueza deriva de atividades que não possuem relação alguma com os negócios normais das finanças. Por muitos anos, meus pares perguntaram-se por que preferi permanecer solteiro e acabaram chegando à conclusão de que, essencialmente, eu tinha me casado com o meu trabalho, sem perceber quanto estavam certos. Só não sabem que minha verdadeira noiva é o lado sombrio da Força. O que os antigos chamavam de Bogan, diferente de Ashla. Até mesmo os Jedi entendem que não há como tirar proveito de se unir a um par que não possui a habilidade de entender o que é ser tomado pela Força, e então a Ordem impede o casamento por dogma, em serviço, dizem os Jedi, para purificar o Ashla. Mas o Ashla é uma perversão, visto que as sombras sempre precederam a luz. A ideia original era capturar o poder da Força e torná-la subserviente à vontade da vida senciente. Os antigos, os Celestiais, os Rakata, não pronunciavam julgamento de seu trabalho. Moviam planetas, organizavam sistemas estelares, conjuravam aparatos do lado sombrio, como a Forja Estelar, quando julgavam adequado. Se milhões morriam no processo, sem problema. As vidas de boa parte dos seres não têm importância. Os Jedi não conseguiram entender isso. Ocupam-se tanto salvando vidas e lutando para manter em equilíbrio os poderes da Força que perderam a noção de que a vida senciente foi feita para evoluir, não simplesmente regozijar numa estase tranquila.

Ele parou para fitar Sidious.

– Não há dúvida de que os textos que forneci contêm referências à famosa teoria do Potentium, de que a luz e a sombra dependem da intenção do usuário. Isso é mais uma perversão da verdade perpetrada pelos que nos manteriam acorrentados à Força. O poder da água e o poder do fogo são

inteiramente diferentes. Glaciais e vulcões têm, ambos, potencial para transformar paisagens, mas um faz isso enterrando o que fica por baixo, enquanto o outro cospe fora novo terreno. Os Sith não são estrelas plácidas, mas singularidades. Em vez de queimar com mudo propósito, deformamos espaço e tempo para ajustar a galáxia a nossas intenções. Para se tornar alguém de poder grandiloquente, é preciso mais do que mero compromisso; é preciso ser obstinado e tenaz. É por isto que você deve sempre ser receptivo às correntes do lado sombrio, porque não importa quão ágil você seja, ou pense que é, a Força nunca terá pena. Como você aprendeu, seu corpo dorme, mas sua mente nunca descansa.

Plagueis levantou-se e estendeu os braços compridos à frente, soltando uma tempestade de relâmpagos de Força que estalou sobre a paisagem, botando fogo na grama.

– Um Jedi suficientemente poderoso na Força pode ser treinado para produzir um fac-símile, mas não o verdadeiro relâmpago dos Sith, que, a toda potência, tem o poder não somente de incapacitar ou matar, mas de transformar fisicamente a vítima. O relâmpago da Força requer poder de um tipo que somente um Sith pode comandar, porque aceitamos a consequência e rejeitamos a compaixão. Para tanto, é preciso ter uma sede de poder que não se sacia facilmente. A Força tenta resistir ao chamado de espíritos famintos; portanto, ela deve ser quebrada e feita de burro de carga. Deve ser forçada a responder à sua vontade. Mas a Força não pode ser tratada de modo diferencial – acrescentou ele conforme uns últimos filamentos faiscavam dos dedos. – No intuito de conjurar e usar apropriadamente o relâmpago, algum dia você terá que estar do outro lado, recebendo seu poder, para assim aceitar a energia para dentro de você.

Sidious viu os últimos arbustos ainda em chamas se apagando e disse:

– Algum dia serei fisicamente transformado?

– Num monstro envelhecido, de pele branca, voz rouca e olhos amarelos, você quer dizer. Como o que vê à sua frente. – Plagueis apontou para si mesmo, depois se abaixou. – Certamente você conhece a lenda: o rei Ommin, de Onderon, Darth Sion e Darth Nihilus. Se vai acontecer com você, não sei dizer. Mas fique sabendo, Sidious, que o poder do lado sombrio não debilita tanto seu praticante quanto debilita aqueles que não o possuem. – Ele sorriu com malícia. – O poder do lado sombrio é uma doença da qual nenhum Sith de verdade quer ser curado.

Em Hypori, eram eles as presas, costas unidas dentro dos mantos negros de tecido zeyd no centro de círculos concêntricos de droides, retroajustados com armadura Baktoid para funcionar como unidades autômatas de combate. Duzentos atacantes programados – bípedes, com trilhos, alguns levitados por geradores de antigravidade – armados com uma variedade de armas, desde pistolas de raios a rifles de concussão de barril curto. Plagueis não permitira a seu aprendiz empunhar um sabre de luz até poucos anos antes, mas Sidious brandia um agora, autoconstruído de metal phrik e auródio e energizado por um cristal sintético. Feito para mãos delicadas, de dedos compridos – quase tão obra de arte quanto arma –, o sabre de luz zumbia conforme ele brandia a lâmina de um lado ao outro à sua frente.

– Cada arma, manufaturada por qualquer espécie, tem suas propriedades e peculiaridades – Plagueis dizia, com sua arma angulada para o piso de ferrocreto da paisagem urbana fabricada da arena de guerra, como se prestes a acender um pavio. – Alcance, poder de penetrar, frequência de reenergização... Em algumas situações, sua vida dependerá de sua habilidade de focar-se na arma em vez de em quem a empunha. Você precisa treinar-se para identificar a arma num instante... se é produto da BlasTech ou Merr-Sonn, Tenloss ou Praz,

para saber onde deve posicionar-se, e os diversos modos de esquivar-se bem de um golpe bem dado.

Plagueis deu ação às palavras quando o primeiro círculo de droides começou a convergir sobre eles, num ataque escalonado, atirando aleatoriamente. Brandindo em torno de Sidious, a lâmina do Muun ricocheteava todos os voleios, devolvendo os disparos às suas fontes ou os refletindo para as fachadas dos prédios falsos que os cercavam e em outros droides. Em outros momentos, não se esforçava para redirecionar os ataques, apenas girava e torcia seu corpo comprido, permitindo que os disparos passassem a centímetros dele. Em torno dos dois Sith, os autômatos desabavam um após o outro, espirrando lubrificante dos reservatórios perfurados ou explodindo numa nuvem de pedaços de metal, até ficarem todos empilhados no piso de ferrocreto.

– O círculo seguinte é seu – disse Plagueis.

O acidentado e inabitado Hypori pertencia à União Techno, cujo imediato Skakoano, Wat Tambor, devia seu lugar no Senado da República às Empresas Damask. Em troca, o humanoide biônico disponibilizara Hypori como centro de treinamento para membros da Guarda Solar Echani e fornecia os imprescindíveis droides de combate. Pedindo mais um favor, Hego Damask requereu uma sessão particular na cidade cenográfica, para que ele e o aprendiz usassem sabres de luz livremente – embora apenas com o intuito de defletir disparos em vez de desmembrar ou penetrar alguma coisa.

Quando chegou a vez de Sidious demonstrar sua habilidade, Plagueis falou sem parar atrás dele, acrescentando distração à distinta possibilidade de desintegração inadvertida.

– Um ser treinado nas artes de matar não espera que você o adquira como alvo, ou o estabeleça como oponente, como numa disputa de artes marciais.

Suas reações devem ser instantâneas e nada menos que letais, pois você é um lorde Sith, e ficará marcado para morrer.

Os droides continuaram convergindo, círculo após círculo deles, até que houvesse carcaças fumegantes empilhadas sobre o piso. Plagueis deu um comando de voz que trouxe a balbúrdia a um abrupto fim e desativou seu sabre de luz. O silvo de armas resfriando, o sibilar de gás escapando e o zumbido intermitente de servomotores falhando pontuavam o súbito silêncio. Membros de metal sacudiam-se e fotorreceptores se apagavam, desistindo de seu brilho sinistro. O ar reciclado tornou-se contaminado pelo cheiro de circuitos fritos.

– Deleite os olhos com seu próprio trabalho – disse Plagueis, fazendo um amplo aceno.

Sidious desativou a arma.

– Não vejo nada além de droides destruídos.

Plagueis concordou.

– Como diria Darth Bane: *Um dia a República cairá e os Jedi serão exterminados. Mas isso não acontecerá até que estejamos prontos para tomar esse poder para nós.*

– Quando? – perguntou Sidious. – Como saberemos quando será o momento certo?

– Estamos perto de saber. Por mil anos, os Sith se permitiram ser reduzidos a lenda. Como isso se adequa a nosso propósito, não fizemos nada para combater a crença de que representamos perversões dos Jedi, magos maus, manifestações de ódio, raiva e sede de sangue, capazes até de deixar o resíduo de nossas maldades e feitos infames em locais de poder.

– Por que ainda não fomos visitar esses lugares, mestre... em vez de mundos como Buoyant e Hypori?

Darth Plagueis fitou-o.

– Você é impaciente. Não vê valor em aprender sobre armas e explosivos, sugestão pela Força ou as artes da cura. Tem fome do poder que imagina estar em Korriban, Dromund Kaas, Zigoola. Então me deixe dizer-lhe o que vai encontrar nesses relicários: Jedi, caçadores de tesouros e lendas. Claro que há tumbas no Vale dos Lordes Sombrios, mas elas foram saqueadas e agora só atraem turistas. Em Dxun, Yavin Quatro e Zioist ocorre a mesma coisa. Se foi a história o que o conquistou, posso mostrar-lhe uma centena de mundos nos quais símbolos esotéricos Sith foram entremeados em segredo junto à arquitetura e à cultura, e posso entediá-lo por anos com as histórias da exploração de Freedom Nadd, Belia Darzu e Darth Zannah, que dizem ter infiltrado o templo Jedi, e de aeronaves imbuídas com a consciência dos Sith. É isto que deseja, Sidious, tornar-se um acadêmico?

– Só quero aprender, mestre.

– E vai aprender. Mas não de fonte espúrias. Não somos um culto como os Feiticeiros Tetsu de Tund. Descendemos de Darth Bane; representamos os poucos seletos que se recusam a ser carregados pela Força e que, na verdade, a carregam; trinta num milênio, em vez das dezenas de milhares que servem para ser Jedis. Qualquer Sith pode fingir ter compaixão e querer ser correto e dominar as artes Jedi, mas apenas um em mil Jedi pode algum dia se tornar um Sith, pois o lado sombrio é somente para aqueles que valorizam o autodeterminismo acima de tudo o mais que a existência oferece. Somente uma vez nos últimos mil anos um lorde Sith passou para a luz, e um dia vou contar-lhe essa história. Mas, por ora, guarde dentro do peito o fato de que a Regra de Dois de Bane foi, no início, nossa salvação e pôs fim à luta mortífera que permitiu à Ordem Jedi alcançar a superioridade. Parte de nosso trabalho contínuo será caçar e eliminar qualquer pretendente a Sith que represente ameaça a nossos objetivos últimos.

Sidious permaneceu em silêncio por um bom tempo.

– Devo desconfiar igualmente das lições contidas nos Holocrons Sith?

– Não desconfiar – respondeu Plagueis gravemente. – Mas os holocrons contêm conhecimento específico e idiossincrático referente a cada Sith que os construiu. O conhecimento verdadeiro é transmitido pelo mestre ao aprendiz em sessões como esta, nas quais nada é codificado nem registrado, diluído, e por isso *não pode* ser esquecido. Chegará um tempo em que você talvez queira consultar os holocrons de mestres do passado, mas, até lá, seria melhor não se deixar influenciar por eles. Você deve descobrir o lado sombrio do seu próprio modo, e aperfeiçoar seu poder à sua própria maneira. Tudo o que posso fazer entretimentos é ajudá-lo a se manter no caminho certo enquanto nos escondemos em plenas vistas dos olhos bisbilhoteiros de nossos inimigos.

– “Que corpo celeste é mais luminoso do que uma singularidade” – recitou Sidious –, “escondendo-se em plenas vistas, mas mais poderoso do que todos?”

Plagueis sorriu.

– Está citando Darth Guile.

– Ele vai comparar os Sith a um invasor ou a uma célula maligna, pequena demais para ser descoberta por escâneres e demais técnicas, mas capaz de espalhar-se silenciosa e fatalmente por um organismo. No início, a vítima apenas não se sente bem, mas depois acaba sucumbindo.

Plagueis juntou o olhar ao do aprendiz.

– Pense na mentalidade de um anarquista que planeja sacrificar-se por uma causa. Durante as semanas, os meses e talvez anos que levem até o dia em que ele amarra um detonador termal no peito e executa sua tarefa, o anarquista viveu e ganhou forças por causa do segredo que carrega, sabendo o preço que pagará para atuar. O mesmo vale para o Sith, que reside num local secreto, sagrado, desconhecido por mil anos, e sabe o preço que suas ações cobrarão. Isso é poder, Sidious. Já os Jedi, pelo contrário, assemelham-se a seres que, enquanto se movem entre os saudáveis, mantêm em segredo o fato de estarem

morrendo de uma doença terminal. Mas o *verdadeiro* poder não precisa mostrar garras nem presas, nem se anunciar com rosnados e latidos guturais, Sidious. Pode subverter com algemas de seda, carisma proposital e astúcia política.

A localização do planeta conhecido pelos Sith como Kursid foi expurgada dos registros da República em tempos muito distantes, e pelos seiscentos anos anteriores vinha sendo reservada para uso como local de espetáculo. Mestres e aprendizes da linhagem de Bane visitavam o mundo com bastante regularidade, a ponto de um culto formar-se nessa parte do planeta devido ao retorno periódico dos visitantes estelares. Os Sith não se importaram em investigar o que os humanoides nativos de Kursid achavam das visitas – se nos sistemas de credo deles os Sith eram considerados equivalentes a deidades ou demônios –, visto ser improvável que os primitivos tivessem ao menos dado nome ao seu planeta. Contudo, ao visitar enquanto aprendizes e – mais frequentemente – como mestres, cada lorde Sith comentara sobre o lento avanço da civilização local. Sobre como, nas visitas iniciais, os primitivos haviam se defendido com tacos de guerra de madeira e rochas lisas atiradas com estilingue. Duzentos anos antes, muitos dos pequenos assentamentos cresceram e se tornaram cidades ou centros cerimoniais construídos com pedra talhada, com classes sociais de governantes e clérigos, mercadores e guerreiros. Gradualmente, as cidades foram rodeadas com armas de formato grosseiro, e símbolos místicos guardiões foram afixados nas laterais íngremes das paredes de defesa. Em certo ponto anterior à visita de Darth Tenebrous como aprendiz, réplicas das naves dos Sith tinham sido construídas no centro do árido planalto que servia como campo de batalha, e enormes figuras totêmicas – visíveis apenas de cima – haviam sido desenhadas removendo-se dezenas de milhares de pedras vulcânicas do tamanho de um punho que cobriam o chão. Na primeira visita

de Plagueis, cerca de cinquenta anos antes, os guerreiros que ele e Tenebrous enfrentaram estavam armados com arcos e lanças com ponta de metal.

O fato de os Sith jamais desejarem algo além de batalhas não impedira os primitivos de tentar adotar uma política de apaziguamento, deixando, na perpétua pista de pouso das naves, comida, vítimas para sacrifício e trabalhos do que consideravam ser arte, forjada de materiais que julgavam preciosos ou sagrados. Mas os Sith apenas ignoravam as oferendas, esperando, em vez disso, no rochoso planalto, que os primitivos empregassem seus guerreiros, como fizeram ali com Plagueis e Sidious no aguardo.

Anunciando a chegada com voos rasantes por cima da cidade, em seguida pousaram a nave e esperaram por seis dias, enquanto os berros lúgubres de trombetas perturbavam o silêncio seco e grupos de primitivos apareciam para juntar-se nos morros que envolviam o campo de batalha.

– Lembra-se do que disse Darth Bane acerca da morte de inocentes? – Plagueis perguntou.

– Nossa missão – parafraseou Sidious – não é levar morte a todos os que não servem para viver. Tudo o que temos que fazer serve a nosso verdadeiro propósito: a preservação de nossa Ordem e a sobrevivência dos Sith. Devemos trabalhar para fazer crescer o nosso poder, e, para isso, precisaremos interagir com indivíduos de muitas espécies em diversos mundos. Em algum momento, os rumores sobre a nossa existência chegarão aos ouvidos dos Jedi.

Para não cair na matança desgovernada, empunhavam bastões de energia em vez de sabres de luz. Armas de combate corpo a corpo de um metro de comprimento usadas pelos Echani e portadas pela Guarda do Senado, os bastões eram equipados com pontas capazes de emitir um choque que podia incapacitar o sistema nervoso de boa parte dos sencientes, sem causar dano permanente.

– As próximas horas testarão os limites de sua agilidade, velocidade e acurácia – disse Plagueis, enquanto centenas dos guerreiros maiores, mais corajosos e habilidosos, com os corpos cobertos de pigmentos derivados de plantas, argila e terra, começavam a se separar da multidão. – Mas isto é mais do que um simples exercício de proficiência; é um ritual de passagem para esses seres, uma vez que são assistentes de nossa escalada para o poder supremo, e, portanto, servos do lado sombrio da Força. Séculos mais tarde, avançados pelos Sith, talvez nos confrontem com armas de projétil ou raios de energia. Mas até lá nós teremos evoluído, também, talvez nem tenhamos mais necessidade deste rito, e passaremos a honrá-los em vez de enfrentá-los em batalha. Pelo poder, alcançamos a vitória, e pela vitória nossas correntes são quebradas. Mas o poder é apenas o meio para um fim.

Ao bater clamoroso de tambores e ao som do grito dos espectadores, os guerreiros brandiram as armas, ergueram um ensurdecido grito de guerra e atacaram. Com um aceno de Plagueis, os dois Sith correram pelo planalto para encontrá-los e voaram entre eles feito espectros, desviando de flechas, pontas brilhantes de lanças e golpes de machados, enfrentando um, dois, três inimigos, e derrubando um a um com golpes de bastão de energia, até que, entre as centenas de corpos que sacudiam e tremulavam, espalhados pelo chão duro, apenas um sobrou em pé.

Nesse momento, Plagueis deixou de lado o bastão e acendeu sua lâmina carmesim, e uma lamúria coletiva ergueu-se da multidão dos morros circundantes.

– Execute um, aterrorize mil – disse ele.

Plagueis jogou o guerreiro ao chão com uma puxada de Força e usou o sabre de luz para abrir habilmente a cavidade torácica do primitivo; em seguida, enfiou a mão dentro do ser e extraiu o coração dele, que ainda batia.

A lamúria da multidão se tornou ainda mais aguda quando Plagueis ergueu o coração acima da cabeça, mas cessou abruptamente. Após um instante demorado de silêncio, os guerreiros derrubados receberam ajuda para deixar o campo de batalha e a multidão começou a se dispersar, desconsolada, mas encorajada pelo fato de terem cumprido com seu dever. Trombetas soaram e um canto comunitário, ao mesmo tempo sombrio e celebrativo, foi carregado pelo vento. Na cidade principal, uma estela de pedra seria gravada e erigida para o morto, e começaria a contagem dos dias até o retorno dos Sith.

Plagueis colocou o coração parado no peito do primitivo e usou a bainha do manto para limpar o sangue da mão e do antebraço.

– Antigamente, embora soubesse que os Muuns constituíam uma classe mais elevada de seres, eu não entendia o fato de outros seres darem lugar para mim, ou pisarem numa poça para me deixar passar. Mas, desde cedo no meu aprendizado, compreendi que as espécies menores abriam caminho para mim não por eu ser um Muun, mas porque na verdade era superior a elas em tudo. E mais: entendi que esses seres deviam, por tudo que é certo, permitir que eu passasse não apenas por eles, mas *por cima* deles a fim de chegar aonde precisava, porque os Sith são a salvação deles, a única verdadeira esperança. Por, no fim, acabarmos melhorando as vidas de seus descendentes, eles nos devem toda cortesia, todo sacrifício, nada menos que suas próprias vidas. Mas há tempos obscuros esperando por muitos deles, Sidious. Uma era de guerrilha necessária para livrar a galáxia daqueles que lhe permitiram apodrecer. Como não há cura para a podridão, ela deve ser erradicada pelas chamas de um fogo renovador. E os Jedi são os principais culpados. Aleijados pela empatia, acorrentados à obediência a seus mestres, ao Conselho, à sua querida República, eles perpetuam um mito de equidade, servindo à Força como se fosse um sistema de credo programado em suas mentes. Com a República, são como pais indulgentes, permitindo a sua cria experimentar diversas opções sem

consequência e suportando a mentalidade equivocada apenas para manter a unidade familiar. Tropeçam nos próprios mantos, às pressas, para sustentar um governo galáctico que vem se deteriorando há séculos, quando, na verdade, deviam estar proclamando: *Sabemos o que é melhor para vocês*. A galáxia não poderá ser colocada no próprio curso enquanto a Ordem Jedi e essa República corrupta não forem derrubadas. Somente então os Sith poderão começar o processo de reconstrução, a partir da base. É por isso que encorajamos as rivalidades entre os sistemas estelares e os objetivos de qualquer grupo que queira fomentar caos e anarquia. Porque qualquer tipo de destruição é um propulsor para os nossos objetivos.

Plagueis fez uma pausa para tomar de novo nas mãos o coração do guerreiro.

– Por meio de nós, os poderes do caos são endurecidos e explorados. Os tempos obscuros não vão apenas emergir, Sidious. Seres iluminados, lideranças inteligentes manipulam eventos para fazer estourar uma tempestade que entregará o poder às mãos de um grupo de elite disposto a fazer as escolhas difíceis que a República receia fazer. Os seres podem eleger seus líderes, mas a Força nos elegeu.

Ele fitou o aprendiz.

– Lembre-se, no entanto, de que um político hábil é capaz de causar mais devastação do que dois lordes Sith armados com vibroadagas, sabres de luz ou bastões de energia. É isso que você deve se tornar, com a minha figura aconselhando-o sob as sombras.

– Somos grandiosos o bastante? – questionou Sidious.

– Você devia perguntar se somos cruéis o bastante – respondeu Plagueis, com um sorriso. – Não estamos vivendo numa era de gigantes, Sidious. Mas, para ter sucesso, precisamos nos tornar feras.

Ele mordeu o coração do guerreiro e entregou o órgão cheio de sangue ao aprendiz.



## CAPÍTULO 14

### A FORMA DA SOMBRA

– Você parece estar apreciando o bife, embaixador Palpatine.

– Finíssimo – disse ele, fitando-a nos olhos uma fração de segundo a mais do que o necessário.

Trabalhando na terceira taça de vinho desde que começara o jantar, ela interpretou o sorriso pronto de Palpatine como permissão para virar-se totalmente em direção a ele.

– Não está rústico demais?

– Quase nenhum traço da selva.

Uma bela mulher de cabelos escuros e grandes olhos azuis estava conectada de algum modo ao consulado Eriaduano em Malastare – local que sediava o baile no qual os Dugs vencedores do torneio Vinta Harvest Classic eram festejados.

– Está em Malastare a negócios ou por prazer?

– Se eu der sorte, os dois – respondeu Palpatine, limpando os lábios com um guardanapo. – Kinman Doriana e eu somos membros do partido do senador Kim.

Ele apontou para o rapaz de barba feita, um pouco calvo, na cadeira ao lado.

– Encantada – disse a mulher.

Doriana abriu um sorriso imenso.

– Está falando sério.

O olhar dela passou para a mesa vizinha, onde Vidar Kim sentava-se com membros do Protetorado Gran e políticos dos mundos próximos Sullust,

Darknell e Sluis Van.

– O senador Kim é o alto com barba diferente?

– Não, é aquele com três olhos em haste – informou Doriana.

A mulher piscou, depois riu com ele.

– Uma amiga minha estava perguntando agora há pouco sobre o senador Kim. Ele é casado?

– Faz muitos anos, e muito bem – respondeu Palpatine.

– E você? – perguntou a mulher, voltando-se para ele novamente.

– As viagens frequentes me impedem.

Ela o contemplou por cima da borda da taça de vinho.

– Casado com a política, então?

– Com o trabalho.

– Ao trabalho – disse Doriana, erguendo a taça, num brinde.

Com apenas 28 anos, Palpatine usava os cabelos ruivos compridos, na tradição dos nobres de Naboo, e vestia-se de modo impecável. Muitos que encontravam o embaixador o descreviam como um rapaz articulado e carismático, de gosto refinado e força discreta. Bom ouvinte, com temperamento calmo, astúcia política, extremamente bem informado para alguém que estava no jogo havia apenas sete anos. Um patricio em tempos nos quais pouquíssimos podiam possuir tal título, e destinado a ir muito longe. Viajado, também, cortesia de sua posição como embaixador de Naboo, e, além disso, o único herdeiro da riqueza da Casa Palpatine. Há muito recuperado da tragédia que abatera sua família mais de uma década antes, mas, talvez, como resultado de se tornar órfão aos dezessete anos, era um pouco solitário. Um homem cujo amor pela solidão periódica indicava o lado escondido de sua personalidade.

– Diga-me, embaixador – disse a mulher, pousando a taça –, você é daquele tipo de homem que tem um amigo em cada espaçoporto?

– Estou sempre querendo fazer amigos – informou Palpatine num tom grave que trouxe cor ao rosto da moça. – Temos algo em comum.

Mordendo o brilhante lábio inferior, ela pegou mais uma vez a taça de vinho.

– Por acaso você é um Jedi que sabe ler mentes disfarçado com roupas de embaixador?

– Nada disso.

– Já me peguei pensando se eles não têm relacionamentos secretos – disse ela em tom conspiratório. – Vagabundeando pela galáxia, usando a Força pra seduzir seres inocentes.

– Não faço ideia, mas sinceramente duvido disso – disse Palpatine.

Ela o fitou como se o analisasse, depois ergueu a mão para acariciar-lhe o queixo com dedos muito bem cuidados.

– Em Eriadu, alguns acreditam que uma covinha no queixo indica que a pessoa foi recusada pela Força.

– Sorte a minha – disse ele, zombeteiro, fingindo seriedade.

– Sorte a sua mesmo – concordou a moça, deslizando um cartão de flimsi sobre a mesa, na direção dele. – Tenho que cuidar de meus afazeres de *hostess*, embaixador. Mas estou livre a partir da meia-noite.

Palpatine e Doriana contemplaram a moça afastar-se da mesa, ginchando delicadamente sobre os sapatos de salto alto.

– Mandou muito bem – disse Doriana. – Estou anotando tudo.

Palpatine passou o cartão de flimsi ao outro.

– Presente.

– Que foi você que ganhou. – Doriana balançou a cabeça em negação. – Não estou tão desesperado assim. Pelo menos por enquanto.

Os dois riram. O sorriso atraente e a beleza inocente de Doriana escondiam uma personalidade sinistra que o trouxera aos olhos de Palpatine muitos anos

antes. Um Naboo com passado atribulado e, talvez como consequência, talentos que o tornavam útil. Então Palpatine fizera amizade com ele e o trouxera de modo clandestino à sua rede, segundo as instruções de Plagueis para estar sempre de olho em aliados e futuros coconspiradores. O fato de Dorian não ser muito poderoso na Força não importava. Em onze anos de aprendizado Sith, viajando longe e amplamente pela galáxia, Palpatine ainda não havia encontrado nenhum ser cujo poder na Força fora negligenciado ou inexplorado.

Na mesa vizinha, Vidar Kim e o restante se divertiam, com a privacidade garantida pela proteção transparente de isolamento acústico da mesa. A inveja devorava Palpatine enquanto ele observava Kim... a posição que detinha no Senado Galáctico, o posto em Coruscant, o acesso fácil à elite da galáxia. Mas ele sabia que precisava esperar a sua vez; que Plagueis o colocaria na capital galáctica somente quando houvesse um bom motivo para tanto.

Enquanto Plagueis sustentasse que a Regra de Dois terminara com a parceria deles, o Muun permaneceria como o poderoso, e Palpatine, como o ambicioso. Deixando de lado a máxima de Bane, a negação era ainda fator-chave no treinamento Sith; fator-chave em ser “quebrado”, como Plagueis colocava – de ser moldado pelo lado sombrio da Força. Cruel e, às vezes, dolorosamente. Mas Palpatine era grato, pois a Força lentamente o transformara num ser de obscuro poder e concedera-lhe, também, uma identidade secreta. A vida que ele vinha levando, como nobre chefe da Casa Palpatine, legislador e mais recentemente embaixador, não passava do disfarce de um alterego; sua riqueza, um subterfúgio; seu belo rosto, uma máscara. No plano da Força, seus pensamentos ordenavam a realidade e seus sonhos preparavam a galáxia para uma mudança monumental. Ele representava uma manifestação de um sombrio propósito, ajudando a avançar o Grande Plano Sith e gradualmente angariando poder em torno de si para um dia poder – nas

palavras de seu mestre – controlar outro ser, depois um grupo de outros, depois uma ordem, um mundo, uma espécie, a própria República.

Uma cotovelada de Doriana o arrancou do devaneio.

– Kim está vindo.

– Não pense que não vi isso – disse o senador quando alcançou Palpatine.

O rapaz deixou evidente sua confusão.

– O cartão que aquela mulher passou a você – disse Vidar. – Suponho que a entreteve com as histórias de sempre.

Palpatine deu de ombros de modo inocente.

– Devo ter dito algo sobre estar conhecendo a galáxia.

– Estar conhecendo as mulheres da galáxia, ele quer dizer – interveio Doriana.

Kim riu muito.

– Como é? Então tenho assistentes que deixam um rastro de conquistas, e um filho que medita na Força dentro de um Templo Jedi?

– É isso que faz de você um homem tão completo – respondeu Doriana.

Mais ainda do que Plagueis, Kim vinha sendo o mentor de Palpatine na esfera da política mundana. O relacionamento dos dois começara quinze anos antes, quando Palpatine fora inscrito à força numa escola particular de Theed, e Kim tinha acabado de completar seu estágio no programa Legislador Aprendiz. Desde essa época, Palpatine vira a família de Kim crescer, incluindo três filhos, um deles – Ronhar, com seis anos a menos que Palpatine – colocado na Ordem Jedi ainda criança. Quando Plagueis soube disso, encorajou Palpatine a deixar que sua amizade com Kim se aprofundasse, na expectativa de que cedo ou tarde os caminhos dele e do Jedi Ronhar se cruzassem.

*Dê ordens ao futuro direcionando seus pensamentos para ele*, seu mestre sempre lhe dizia.

– Venha sentar-se conosco à mesa – Kim dizia.

Palpatine levantou-se e caminhou ao lado de Kim, seguindo para a mesa maior.

– Algum dia, você vai me substituir nesse emprego – o senador disse baixinho –, e, quanto mais cedo você se acostumar ao que acontece, melhor. – Ele suspirou com vontade. – Quem sabe umas poucas horas de fofoca de senador talvez bastem pra fazer você desistir de vez da política galáctica.

Uns doze seres agrupavam-se num círculo, todos eles machos, mas nem todos humanos. As cadeiras proeminentes estavam ocupadas pelo senador Pax Teem, do Protetorado Gran, e seu assessor, Aks Moe. Ao lado deles, sentavam-se senadores Sullustanos e Sluissi. Também presentes estavam o senador Eriaduano Ranulph Tarkin e seu assessor, Bor Gracus; o embaixador Darknell; e os Dugs chefe Cabra – um tenente do Sol Negro – e seu filho, Darnada, convidados dos vencedores da corrida de pods e participantes do mais recente Encontro, em Sojourn.

Até esse momento, Palpatine fizera três visitas à Lua dos Caçadores, mas apenas para observar e se familiarizar com alguns dos principais *players* da galáxia. Plagueis, como Hego Damask, esforçara-se muito para evitar ser identificado como benfeitor de Palpatine. Somente o ministro-chefe do rei Tapalo, Ars Veruna, sabia que Damask o preparava para uma carreira na política galáctica, e, como favor pessoal ao Muun, apontara Palpatine como embaixador de Naboo.

– Ah, sangue novo – comentou Pax Teem depois que Kim apresentou Palpatine a todos.

– Gostei bastante das corridas de pod – disse o rapaz ao sentar-se.

Teem sacudiu as orelhas, que mais pareciam folhas.

– Você é jovem demais para tê-las presenciado nos dias de glória, embaixador. Antes de Tatooine conseguir capturar o interesse dos apreciadores de corrida.

O Gran pronunciou *Tatooine* como se execrasse o lugar.

Palpatine sabia que Plagueis fora responsável pelo crescimento de Tatooine, bem como por enfraquecer o antes lucrativo comércio de Malastare na área dos combustíveis, ao ajudar a tornar disponível para diversos planetas o plasma de Naboo.

– Seus deveres já o levaram àquele lugar horrendo? – perguntou Aks Moe.  
Palpatine assentiu, sentando-se.

– Dois meses atrás.

– E o que achou de lá? – questionou Cabra.

Palpatine virou-se para o chefe do crime Dug.

– Contencioso. Com os Hutts Desilijic e Besadii lutando pelo controle.  
A frase encontrou murmúrios de concordância.

Teem foi quem falou.

– Talvez a rivalidade de Gardulla com Jabba Tiure acabe algum dia resultando no ressurgimento de Malastare. – As três hastes oculares viraram para os Dugs. – Embora certamente o chefe Cabra prefira Gardulla, por respeito pela ajuda que ela forneceu em Nar Shaddaa.

O jovem Darnada eriçou-se perante o comentário.

– A marca deixada em Nar Shaddaa, seja qual for, foi por conta própria.  
Pergunte a qualquer um do Sol Negro...

Parando o jovem antes que pudesse continuar, Cabra disse:

– Temos dívida eterna para com Gardulla por seus esforços em nosso favor.  
Kim ficou observando os Dugs, depois fez um gesto negligente.

– Tatooine, em todo caso, é remota e desregulada demais para ter impacto em eventos galácticos. São as atividades da Federação do Comércio que deviam preocupar a República. Vejam o que a Federação fez pela nossa Naboo.

Kim se tornou objeto do olhar de todos. Crítico franco do rei Tapalo e Ars Veruna, o homem continuou a servir o Senado apenas para apaziguar as casas

nobres que estavam unidas contra o regente.

– Até onde eu sei, Naboo abraçou o acordo – disse Ranulph Tarkin.

– *Alguns*, sim.

– Ninguém pode negar que, como resultado, seu mundo prosperou – Teem interveio.

– Prosperou, sim – disse Kim –, mas não chegou perto de quanto poderia ter prosperado. Não fossem os acordos de Hego Damask com o Clá Bancário, a Federação do Comércio e – ele fitou Cabra – a Construções da Orla Exterior, Naboo seria tão rica quanto Kuat ou Chandrila.

O Dug permaneceu em silêncio enquanto Kim continuou:

– O plasma de Naboo está sendo vendido por dez, às vezes vinte vezes o que a Federação costuma pagar por ele.

– Um monstro de nossa própria criação – Tarkin murmurou. – A Federação do Comércio não se tornou poderosa explorando a Orla Exterior. Teve apoio da própria Casa Valorum, de Eriadu, e de Tagge e outras.

– Então talvez tenha chegado a hora de tornarmos nossa insatisfação pública – disse Kim, olhando ao redor da mesa. – Os Muuns são apenas avaros, mas a Federação do Comércio tem potencial para se tornar perigosa.

– Concordo com o bom senador de Naboo – disse o representante Sullustano. – Agora mesmo, a Federação do Comércio pretende colocar seus planetas clientes no Senado, como meio de fortificar seu bloco de votação. Mechis, Murkhana, Felucia, Kol Horo, Ord Cestus, Yinchorr... a lista não tem fim.

O senador Sluissi resmungou num tom desaprovador, e um tremor pareceu serpentear por seu tronco humanoide.

– Não repudiem tão levemente o papel que os Muuns executaram em tudo isso. O lugar de Yinchorr no Senado foi obra das Empresas Damask. – Ele fitou Cabra. – Não estou certo?

Os poderosos ombros do Dug se ergueram.

– Não sou eu quem saberia.

O riso dos demais impeliu Darnada a erguer o focinho o bastante para revelar as pontas das presas.

O Sluissi fitou Kim e Palpatine.

– Talvez o Sol Negro não saiba que o filho do executivo principal de Hego Damask, Larsh Hill, está na fila para substituir Tonith como presidente do Clã Bancário.

Tarkin apoiou os cotovelos na mesa e inclinou-se à frente.

– Ouvi os rumores que afirmam que Damask tem se encontrado com líderes das corporações, a Aliança Corporativa e a União Techno. O que seria do comércio, de qualquer coisa, se ele arranjasse um acordo entre eles e a Federação do Comércio?

– A questão é essa – disse Kim. – Se vamos impedir que a Federação e os Muuns apertem o controle do Senado, precisamos nos unir e votar contra a legislação proposta.

Antes que Kim pudesse acrescentar mais alguma coisa, Tarkin disse a Palpatine:

– Você concorda que a Federação do Comércio precisa um pouco de freios, embaixador?

Palpatine fitou Kim, que disse:

– Fale livremente.

– O senador Kim e eu estamos em pleno acordo nessa questão, e já faz um tempo. Não se pode deixar que nenhuma entidade corporativa se torne tão poderosa... principalmente à custa de mundos em desenvolvimento. Naboo precisa salvaguardar seus interesses, assim como Eriadu e Sullust e Sluis Van salvaguardaram os deles.

Tarkin o observava com atenção.

– Naboo está preparada para assumir o controle do transporte de plasma? Vocês não correm o risco de acabar mordendo a mão que os alimenta?

– Naboo não tem intenção alguma de planetizar as instalações da Federação do Comércio. Só estamos pressionando por uma renegociação dos contratos originais.

Tarkin pensou um pouco.

– Então você acha que uma derrota no Senado pode tornar a Federação mais... maleável, digamos?

Palpatine concedeu um sorriso fino.

– Somente os projetos que apoiam regulamentos com bom senso deviam ganhar aprovação no Senado.

– Bem colocado – disse Tarkin.

Palpatine esperou que alguém apontasse o fato de ele não oferecer nada de substancioso, mas ninguém o fez. Até mesmo Kim não compreendeu que era minado.

Pax Teem estava prestes a falar quando um mensageiro Gran adentrou a cúpula privada.

– Senador Kim, recebemos um comunicado urgente de Naboo.

Enquanto Kim pedia licença, Palpatine mergulhou na Força. A conversação na mesa ficou distante, e as formas físicas de Pax Teem e dos outros se tornaram indistintas – mais como manchas de energia cintilante. Ele se manteve imóvel quando um eco perturbante o alcançou. No momento em que um pálido Kim retornou à mesa, Palpatine já se levantara e corria para encontrá-lo.

– Que foi? O que aconteceu?

Kim fitou-o como se o fizesse de outro mundo.

– Estão mortos. Todos. Minha esposa, meus filhos...

E desabou, soluçando, sobre o ombro de Palpatine.

O enterro da família Kim foi tudo o que não fora para os Palpatines. Conforme a tradição, os corpos da esposa, dos dois filhos de Kim, do piloto e do copiloto da nave foram devolvidos a Theed, retirados do local do desastre, no lado costeiro de Kaadara, e cremados no Templo Funerário. Uma procissão de centenas liderada pelo rei Tapalo e seus conselheiros-chefe seguiu a pé do Templo para perto da Torre Livet, onde todos passaram um momento unidos em torno da Chama Eterna, contemplando a transitoriedade e a importância de viver uma vida de harmonia; depois seguiram em solene procissão até as margens do rio Solleu, onde o senador, tomado pela dor, espalhou as cinzas e chorou abertamente conforme a corrente as levou até a Cascata Verdugo, para as planícies lá de baixo.

Após a cerimônia, os presentes juntaram-se para expressar seus pêsames a Vidar Kim, que usava um manto de verde profundo por cima da túnica preta. Quando chegou a vez de Palpatine, os dois homens se abraçaram.

– Só me restou uma esperança de família, Palpatine, uma esperança. – Os olhos de Kim estavam vermelhos, brilhando com as lágrimas. – Ronhar.

Palpatine apertou os lábios, inseguro.

– Ele é um cavaleiro Jedi, Vidar. A família dele é a Ordem.

Kim insistiu.

– Eu preciso dele mais do que a Ordem. Só ele pode levar a linhagem Kim adiante... assim como você um dia vai levar a linhagem Palpatine.

Palpatine não disse nada.

Com o tráfego de veículos banido das ruas estreitas de Theed, a cidade parecia quase como fora uma década atrás, antes de leis antiquadas serem repelidas e a riqueza exercer sua magia dúbia; antes de os speeders flash e os droides astromecs R2 virarem febre, e modas e tendências na vestimenta, no transporte e na comida pingarem do Núcleo.

A morte de Cosinga e os demais emancipara Palpatine e o tornou rico. Embora interrogado por inúmeros oficiais, o rapaz fora absolvido; a história dele e seu álibi, aceitos. Alguns dos nobres influentes desconfiavam de que Palpatine tinha concedido informações às Empresas Damask para garantir a eleição de Bon Tapalo, mas boa parte de Naboo oferecera simpatia e apoio. No rastro da ascensão de Tapalo ao trono, Palpatine vendera a casa da Terra dos Lagos e comprara um apartamento em Theed, onde estocou arte extrassistema que chegou a Naboo vinda de mundos do Núcleo e da Orla Média. Nos anos iniciais de seu aprendizado com Darth Plagueis, ele permaneceu realizando serviço comunitário obrigatório; depois passou cinco anos no programa do Legislador Aprendiz até ser nomeado embaixador, logo após a eleição de Tapalo.

Palpatine achava que podia ter feito lobby para conseguir posição de maior prestígio, mas teria corrido o risco de minar Plagueis. Igualmente importante, um posto de alto status talvez interferisse em sua habilidade de encontrar-se com seu mestre Sith em planetas remotos, onde podiam ser observados juntos sem problemas.

Quando ele deixou Kim, para que outra pessoa fosse cumprimentá-lo, notou que Ars Veruna separava-se de um grupo que incluía os aliados de Palpatine, Kinman Dorian e Janus Greejatus.

– Uma palavra, embaixador – disse Veruna quando se aproximou.

Palpatine permitiu ser levado pelo cotovelo para uma área de observação desocupada perto da ponte Solleu.

– Estou muito chateado pelo pobre Vidar – Veruna começou. Quase da mesma altura que Palpatine, usava um manto bordado de gola alta. – Desastre de espaçonave, imagine só. Seria de imaginar que uma tragédia dessa natureza o teria compelido a aposentar-se da política, mas não parece que isso vai acontecer. – Ele descansou os cotovelos na balaustrada de pedra e fitou o rio,

que se movia rapidamente. – Bom, você, melhor que todos, sabe dos efeitos de tais desdobramentos imprevistos.

– Vidar planeja retornar a Coruscant antes do fim do mês.

– Por assuntos do Senado?

– Pessoais, creio eu.

Veruna ficou pensativo, depois disse:

– A última vez que eu e você conversamos foi na cerimônia de inauguração do gerador de plasma. – Ele se virou para encarar Palpatine. – Você está bem. Mudado, acho. Por causa das viagens.

– Experiente – acrescentou Palpatine.

– Exatamente a palavra que eu procurava. – Veruna fez uma breve pausa. – Ouvi dizer que você causou uma bela impressão no senador Ranulph Tarkin, do setor Seswenna, quando estive em Malastare recentemente.

Palpatine deu de ombros.

– Não sabia disso.

– Ele gostou de ouvir suas opiniões acerca do plano da Federação do Comércio de colocar alguns dos mundos clientes no Senado. Você poderia discorrer sobre o que disse a ele?

Palpatine sorriu de leve.

– Não ofereci nada de substancioso. Na verdade, estava basicamente fazendo politicagem.

Veruna assentiu, reassegurado.

– Fico muito aliviado de ouvir isso. – Ele olhou ao redor antes de continuar. – Como você bem sabe, o rei e eu temos nossos arranjos separados com a Federação. Só que, por outro lado, somos forçados a levar em conta a insatisfação dos nossos constituintes. Infelizmente, a pessoa mais responsável pela eleição de Tapalo e a popularidade contínua do nosso partido não vai

gostar nem um pouco de ouvir que Naboo pretende votar contra a legislação que as Empresas Damask vêm tentando instaurar.

– Entendo a sua situação – disse Palpatine. – Por que não manda o senador Kim votar a favor da Federação de Comércio?

Veruna riu um pouco.

– Ah, se fosse simples assim. O problema é que Kim sabe de nossos arranjos separados e pretende usar essa oportunidade para mandar um recado à Federação, e também aos detratores de Tapalo: que Naboo não vai mais permitir que o explorem. – Ele inalou profundamente. – Mandá-lo retornar de Coruscant seria o mesmo que admitir que Naboo continua à mercê da Federação, e talvez prejudique nossa posição junto a muitos dos mundos comerciantes de que viemos a depender.

Palpatine fingiu pensar no assunto.

– Talvez valha a pena correr o risco de votar *contra* a Federação do Comércio.

Veruna estudou-o com súbito interesse.

– Prossiga.

– Mesmo que a legislação seja instaurada ou enrolada no processo, os contratos de Naboo com a Federação permanecerão obrigatórios e inalterados. A Federação continuará adquirindo nosso plasma por míseros créditos e vendendo por preços inflados. Mas pelo menos Naboo vai aparecer em público tendo enfrentado os conglomerados galácticos.

– Mais politicagem, não?

Palpatine meneou a cabeça de um lado ao outro, mas nada disse.

– E quanto ao magistrado Damask?

– Avise-o do plano de antemão. Ele é bem razoável.

Veruna coçou a barba, pensativo.

– Um dia, quando eu conseguir o que quero, nosso Exército Espacial vai incluir uma frota de caças nubianos velozes capazes de botar para correr de nosso sistema a Federação do Comércio.

– Eu também prevejo esse dia – disse Palpatine.

Veruna riu de novo.

– Ah, mas quando? Quanto teremos de esperar, Palpatine?

– Até que Hego Damask coloque você no trono.



## CAPÍTULO 15

# PORÇÃO DE SER

Um presente do Conselho de Anciões para Damask na ocasião da posse de Yinchorr de sua cadeira no Senado, o imenso reptiliano condenado por assassinato cambaleou para o centro do campo de energia que delimitava sua jaula em Aborah e, com a confusão contorcendo os traços de seu rosto bicudo, prostrou-se no piso de permacreto e murmurou em língua básica:

– Sinto-me honrado de estar aqui e cumprir quaisquer tarefas que me pedirem.

No perímetro brilhante do campo, 11-4D girou a cabeça para fitar Plagueis.

– Parabéns, magistrado. Finalmente ele está respondendo à sua sugestão. Você minou a vontade dele.

Essa *vontade*, Plagueis aprendera após mais de dois anos de experimentação com o Yinchorr, era na verdade uma espécie de bolha de Força criada pelo número limitado de midi-chlorians estranhamente obstinados do alienígena com cara de tartaruga. Isso sugeria que o Yinchorr era, de fato, poderoso na Força, apesar da baixa contagem, de dar dó. A descoberta fora muito inesperada, e Plagueis ainda lidava com as implicações.

A bolha de Força em si era similar às geradas por criaturas que conjuravam a Força para evitar serem caçadas por inimigos naturais. A relação entre o ysalamir arbóreo e seu adversário, o vornskr, constituía um curioso exemplo, em que o último era atraído pelo primeiro por meio do mesmo mecanismo que o ysalamir empregava como defesa. Embora uma contagem extremamente baixa de midi-chlorians pudesse acabar com as chances de sobrevivência, a

natureza fizera o ysalamir poderoso na Força. Tão poderoso, na verdade, que diversas criaturas agindo em uníssono poderiam criar uma bolha de Força envolvendo quilômetros em vez de metros. Plagueis acreditava que, de certo modo, a Ordem Jedi realizara o mesmo em escala galáctica, banhando a galáxia na energia do lado luminoso da Força, ou, mais precisamente, criando uma bolha de Força que impedira a infiltração do lado sombrio, até que o mestre de Tenebrous conseguiu estourá-la, ou pelo menos diminuí-la. Como as atitudes da Ordem puderam ser consideradas um meio de *equilibrar* a Força abismara gerações de Sith, que não tinham ilusão alguma referente à habilidade da Força de se autorregular.

O condenado Yinchorr não era a única adição recente à instalação insular de Plagueis. Nos onze anos que se haviam passado desde a captura de Venamis e o recrutamento de Sidious, Plagueis coletara mais de uma dúzia de seres de diversas espécies e os sujeitara a uma ampla variedade de experimentos envolvendo volição, telepatia, cura, regeneração e extensão da vida, com uns resultados promissores. Quanto ao Bith que queria ser lorde Sith, ele estava vivo e bem, embora mantido mais em coma do que acordado, e sempre sob os atentos fotorreceptores de 11-4D ou uma hoste de droides protetores.

Plagueis não havia perdido o interesse em Venamis de modo algum, mas a imunidade do Yinchorr à sugestão da Força – imunidade que a espécie partilhava com Hutts, Toydarianos e outros – instigara-o a conduzir uma nova linha de investigação. Ao contrário dos ysalamiris, que criavam uma bolha de Força na presença do perigo, os Yinchorri ficavam num estado perpétuo de imunidade *involuntária* à sugestão pela Força. O fato de a imunidade ser, de certo modo, parafusada dentro deles indicava que a habilidade era uma adaptação, que fora suscitada por uma ameaça no passado à sobrevivência da espécie. Para Plagueis, significava que os midi-chlorians dos Yinchorri tinham evoluído para fornecer proteção a uma espécie naturalmente forte na Força. Se

fosse esse mesmo o caso, os Yinchorri representavam a prova viva de que os Sith da linhagem de Bane haviam estado no caminho certo desde o início.

Embora derrubar a Ordem Jedi e a República fosse essencial para restaurar a ordem na galáxia, esse objetivo pertencia ao plano do ordinário – ao mundo que não passava de um produto da eterna luta entre as forças da luz e da sombra, estando ambos acima de quaisquer conceitos de bom e mau. O objetivo maior dos Sith envolvia dominar a Força e tornar-se a manifestação do princípio que dava vida à galáxia.

Fora teorizado tanto pelos Jedi quanto pelos Sith que o equilíbrio entre os lados sombrio e luminoso era, na verdade, guiado por um grupo de entidades etéreas – os chamados Celestiais, talvez – que haviam se unido à Força milhares de gerações antes e continuaram guiando o destino da galáxia desde então. Eram, assim, uma ordem mais elevada de intermediário, cujos poderes estavam além da compreensão dos seres mortais. Contudo, muitos Sith viam essa ideia com desdém, pois a existência teórica de tal grupo pouco importava para as intenções de tornar a Força subserviente à vontade de uma elite iluminada. Somente os Sith entendiam que a vida senciente estava à beira de um salto de transformação; que, por meio da manipulação dos midi-chlorians – ou da derrubada do grupo que os supervisionava –, a divisão entre a vida orgânica e a Força poderia ser diminuída, e a morte, riscada do *continuum*.

Como evidenciado por aqueles poucos lordes que conseguiram perpetuar seus espíritos após a morte física – o principal dentre eles, o imperador Vitiate, diziam ter vivido mil anos –, os Sith antigos haviam conseguido cruzar metade dessa ponte. Mas esses poucos se focaram tanto no poder mundano que acabaram presos entre os dois planos. Não chegaram a fornecer à Ordem direcionamento do além devido ao fato de sua influência ser desprezível, e há muito ter se dissipado do mundo.

Do mesmo modo que os Sith pré-Bane foram responsáveis pela própria extinção, os grandes lordes do lado sombrio do passado tinham se condenado ao plano inferior em função das tentativas de superar a morte alimentando-se das energias de outros, em vez de buscar os estratos mais profundos da Força e aprender a falar a linguagem dos midi-chlorians. Plagueis finalmente aprendia a fazer isso e começava a descobrir como persuadir, induzir, adular e coagi-la à ação. Ele já conseguia mandá-los promover cura, e agora obtivera sucesso em incitá-los a baixar suas defesas. Se pudesse compelir um Yinchorr assassino a tornar-se um ser pacífico, talvez – com uma simples sugestão – conseguisse o oposto: transformar um ser pacífico num assassino. Será que algum dia ele seria capaz de influenciar os líderes dos planetas e sistema a agir de acordo com seus desígnios, ainda que iníquos? Algum dia dominaria não apenas a morte, mas a vida também, manipulando midi-chlorians para *produzir* seres afins à Força, mesmo na ausência de fertilização, como Darth Tenebrous provavelmente tentara fazer com as técnicas e computadores especializados em separar genes?

Talvez sim.

Mas não até que a chama singular do lado luminoso fosse extinta da galáxia. Não até que a Ordem Jedi fosse massacrada.

Desde o início de seu aprendizado com Plagueis, o mestre sempre perguntava o que Palpatine considerava sua maior força, para descobrir o melhor jeito de miná-lo; perguntava qual era seu maior medo, para saber o que forçar o aprendiz a enfrentar; perguntava o que Palpatine mais adorava, para poder tirar dele; e perguntava as coisas que o rapaz ansiava ter, para poder negá-las.

Uma combinação de estruturas – ou talvez o fato de Plagueis ter reconhecido da parte do aprendiz um desejo crescente de visitar os mundos dos Sith – pousara Palpatine no cênico Dathomir. Pouco populoso e muito

inexplorado, Dathomir não era como Korriban nem Ziost, mas possuía poder na Força, em parte por causa de sua fecundidade, e principalmente graças à presença de grupos de adeptas fêmeas que praticavam magia do lado sombrio.

Ele zanzava sem objetivo claro por um dos quarteirões mais áridos da cidade de Blue Desert, longe do centro, quando reparou num pulso fraco de energia da Força, cuja origem, embora não conseguisse distingui-la, estava bem perto.

Conjurando mais profundamente a Força, ele se permitiu ser atraído para a fonte misteriosa, como uma espaçonave rendendo-se ao abraço de um raio trator. Uma série tortuosa de curvas o guiou a um mercado lotado de produtos muito interessantes, joias de ersatz e pedaços de lixo que tinham ido parar em Dathomir sabia-se lá de onde, no qual, num dos cantos, encontrava-se uma humana cujo rosto simetricamente salpicado possuía cor de hiperção polido e cujas roupas espalhafatosas a identificavam como visitante da cidade, provavelmente de alguma vila remota do outro canto do planeta. O capuz do manto carmesim estava erguido e de um dos ombros pendia uma bolsa macia do tamanho de uma maletinha.

Palpatine passou para o canto diagonal da praça a fim de observá-la. Ela olhava para os indivíduos que passavam em meio à multidão, não como se procurasse por alguém em específico, mas com um olhar de quem está à procura de um alvo. Ela não pareceu a Palpatine uma ladra ou batedora de carteiras, embora exalasse uma energia sombria que transmitia quantias iguais de urgência e dolo. De modo abrupto, ele se fez discernível na Força, e ela de pronto virou o rosto na direção de Palpatine e começou a correr pela praça em direção ao rapaz.

– Bom senhor – disse ela em língua básica ao aproximar-se.

Simulando interesse nas mercadorias baratas de um vendedor ambulante, ele fingiu surpresa quando a mulher o abordou sem que ele a visse.

– Está se dirigindo a mim? – ele perguntou, virando-se para ela.

– Estou, senhor, se tiver um momento para conceder a alguém que precisa.

Os olhos oblíquos dela estavam pintados com manchas negras que combinavam com a cor dos lábios carnudos; brotavam das amplas mangas do manto dedos cônicos, muito longos, com unhas em forma de garra.

Palpatine fingiu impaciência.

– Por que vir justo a mim, entre essa multidão de seres mais bem vestidos?

– Porque você tem cara e porte de um homem inteligente e influente. – Ela fez um gesto amplo. – O resto é ralé, apesar dos mantos chiques e acessórios.

O rapaz fez um escândalo para suprimir um bocejo.

– Guarde sua adulação para os aldeões, mulher. Mas, visto que você acertou ao me identificar como melhor que os outros, obviamente está ciente de que não tenho tempo a perder com joguinhos ou truques. Então, se só estiver atrás de créditos, sugiro que amplie sua busca para alguém mais caridoso.

– Não quero créditos – disse ela, estudando-o descaradamente.

– O quê, então? Seja direta.

– É um presente o que ofereço.

Palpatine riu sem alegria.

– O que você poderia oferecer a alguém como eu?

– Só isso. – Ela abriu a bolsinha mole a tiracolo para revelar um infante humanoide de menos de um ano-padrão de idade. A cabeça sem cabelos do bebê era coberta por um conjunto de chifrinhos curtos, ainda flexíveis, e todo o corpo fora tatuado de modo extravagante e cerimonial com tinta vermelha e preta.

Era um macho de Zabrak, Palpatine pensou. Mas não do tipo Iridoniano; Dathomiriano, na verdade.

– Como arranjou esse recém-nascido? Você o roubou?

– Você não entendeu, senhor. Meu próprio filho, esse aqui.

Palpatine fez cara feia.

– Você diz que é um presente, e, no entanto, o esconde. Meteu-se em negócios que a deixaram com dívidas tão grandes que chegaria a separar-se de um ser de sua carne e sangue? Ou será que é viciada em especiaria ou outro entorpecente?

Ela ficou tensa.

– Nada disso. Só quero salvar a vida dele.

A expressão de Palpatine mudou.

– Então seja honesta. Está muito distante do seu bando, Irmã da Noite. E uma praticante de magia é mais do que capaz de impedir que machuquem seu filho.

Ela escancarou os olhos e o encarou, em busca de uma explicação.

– Como...

– Não queira saber como eu sei, bruxa – Palpatine disse, num tom muito seco. – A criança, sua ou não, é um Irmão da Noite, concebido com o intuito de servir à irmandade como guerreiro e escravo.

A fêmea recusou-se a desviar o olhar.

– Você não é um Jedi.

– Obviamente não sou, como suspeito que você já percebeu. Mas ainda não respondeu a minha pergunta. Por que está tentando livrar-se do bebê?

– Para poupar um em prol do outro – ela disse após um instante. – Um de dois irmãos, esse aqui. E quero que um seja livre, já que o outro não pode.

– Quem está ameaçando?

– Talzin é o nome dela.

– Quem é Talzin?

– A Madre Irmã da Noite.

Palpatine dispensou a informação.

– Onde está o pai da criança?

– Morto, por tradição.

Ele bufou.

– Ninguém dará falta da criança?

– Talzin sabe apenas de um, não do outro.

– Você está se iludindo.

Gentilmente, ela estendeu a bolsa para o rapaz.

– Fique com ele. Por favor.

– O que eu faria com ele?

– Esse aqui é forte na Força. Nas mãos certas, pode tornar-se um aliado poderoso.

– Será um serviçal, só que de outro modo.

A mulher ignorou o comentário.

– Leve-o. Salve-o.

Palpatine fitou mais uma vez o recém-nascido.

– Já deu nome?

– Maul é o nome dele.

– Convém ao poder que você enxerga nele.

Ela assentiu.

– Leve-o.

Palpatine fitou a mulher e, com um aceno da mão direita, disse:

– Você se esquecerá deste encontro.

A mulher grudou os olhos nos dele.

– Tentarei.

– Para o seu próprio bem, espero que sim. Agora vá. Antes que eu mude de ideia.

Ela colocou a bolsa nas mãos dele, virou-se e saiu às pressas, desaparecendo em meio à multidão.

Palpatine estudou a trouxinha de vida em suas mãos. A Força ser poderosa no bebê era motivo suficiente para não permitir que vagasse por aí desprotegido, e talvez caísse nas mãos dos Jedi.

Agora Palpatine precisava apenas resolver o que fazer com ele.

De uma alta torre no antigo forte de Sojourn, Plagueis e Sidious observavam a folia no pátio abaixo. Ali, em meio às chamas das fogueiras, o cheiro de sangue fresco e carne assada, a cacofonia de cantos guturais, música estridente e gritos de abandono, acontecia um Encontro. De volta das caçadas, seres de muitas espécies contavam história e compartilhavam os ganhos em vulgar zombaria, enquanto dançarinas exóticas serpenteavam em mesas cobertas de comida e bebidas entorpecentes. Longe das fogueiras que assavam carne, os seres reuniam-se sob o ar abafado da noite, formando alianças, revelando planos secretos, criando esquemas. Paixão, inveja e conspiração corriam soltas. Do alto da torre, os dois Sith podiam ver os guardas solares de Damask e Muuns circulando, além de Larsh Hill apresentando seu filho mais velho, San, aos representantes da Corporação de Comércio e da União Techno. O Grande Mago Gotal da Ordem do Círculo Oblíquo falava com o projetor de espaçonaves e CEO da Santhe/Sienar, Narro Sienar. O chefe Cabra dava suas voltas, também, apertando a carne, as escamas, a pele espessa de parceiros e aliados em potencial. Membros da Federação do Comércio participavam, incluindo um Neimoidiano de vestes muito finas. E pela primeira vez em décadas, representantes de diversas espécies de colmeia – o prelado Xi Charriano, o arquiduque Geonosiano, até um casal de insetoides Colicoides de aparência suspeita e perigosa, vindos do Ninho de Criação Colicoide.

– Não seremos negados – Plagueis dizia com irritabilidade incomum. – Conseguiremos o que queremos no Senado, independentemente do que o Protetorado Gran, o Sol Negro e o restante queiram que seja. Que os seres dos

mundos da Via Hydiana e da Rota de Comércio de Rimma continuem achando que a Federação do Comércio quer aumentar o controle do comércio intersistemas. O perigo real em colocar mundos clientes da Federação emergirá quando o Senado ignorar as necessidades desses planetas e a falta de liberdade começar a se espalhar pelas Orlas Média e Exterior. Então a República plantará o redemoinho, e nós colheremos os benefícios.

Ele exalou com desgosto.

– Pax Teem e os demais não estão agindo por preocupação pela República, mas por medo de que seus direitos desapareçam se o comércio passar para fora do sistema. Metade deles se senta na Rotunda só porque *eu* os quis lá.

Esqueceram-se de quão facilmente podem ser substituídos. – Ele se afastou da janela que dava para o pátio e encarou Sidious. – Quanto a Veruna, você devia encorajar os planos dele de acumular um Exército Espacial para defender Naboo da Federação do Comércio. Quando o tornarmos rei, ele será mergulhado de cabeça num atoleiro que lhe parecerá feito por ele mesmo.

Plagueis baixou o olhar para o pátio.

– O clima começa a mudar, Darth Sidious. O corpo político já mostra sinais de contágio. A reemergência da raiva, do ódio e do medo indica a perda de fé na Força. A luz está esvanecendo, recuando pela matéria sombria, e o universo começa a parecer hostil em vez de confortante. Em tempos como estes, os seres estão acostumados a procurar soluções na instauração de leis duras, no ostracismo de estranhos, na guerrilha. Assim que a República cair, os Jedi não passarão de uma lembrança, e os seres não terão a quem recorrer além de nós; então, forneceremos uma sensação de estabilidade e ordem: uma lista de inimigos, armas capazes de dizimar sistemas estelares inteiros, prisões de hiperaço nas quais poderão sentir-se seguros. – Ele apontou para o pátio. – Veja como eles anseiam pela escuridão.

Uma luz forte banhou os olhos de Plagueis.

– Precisamos requisitar atenção do lado sombrio para nos ajudar a ditar o futuro. Juntos e separados, faremos isso, e, assim que tivermos deixado para trás esses problemas com o Senado, prepararemos o palco para o ato seguinte. Com a promessa de financiamento ilimitado, as corporações e uniões vão aderir, e as espécies de colmeia deitarão pinça e garra na fabricação de armas, mesmo na ausência de conflito, que dirá de guerras.

A dúvida repuxou os cantos da boca de Sidious.

– Os Jedi não vão apenas ficar parados, sem fazer nada, mestre. Embora eu não tenha afeição alguma por eles, respeito seu poder. E enfraquecer a República sem enfraquecer os Jedi pode conceder-lhes justificativa para aplicar um golpe. Eles têm número suficiente para vencer.

Plagueis ponderou sobre a ressalva.

– Está chegando a hora deles, Sidious. Os sinais estão no ar. A Ordem já poderia ter sido dizimada, não fosse o contratempo que Darth Gravid causou aos Sith. Mas seu aprendiz levou adiante o imperativo, e cada lorde Sith seguinte o melhorou, principalmente Tenebrous e seu mestre, embora tenham desperdiçado anos tentando criar um vírus guiado que poderia ser solto contra os Jedi, separando-os da Força. Como se houvesse diferença orgânica entre os praticantes dos lados sombrio e luminoso; como se nos comunicássemos com o lado sombrio por intermediários celulares de outra espécie! Quando, na verdade, somos animados pelo mesmo poder que impele a paixão daqueles seres reunidos lá embaixo. Atue nos midi-chlorians e você atuará na vida em si!

– Contudo, um ataque desse tipo não daria certo – disse Sidious, como se pensando em voz alta. – Os Jedi estão muito espalhados, e não creio ser provável que poderíamos agir rápido o bastante para matar todos eles no mesmo instante. Precisaríamos enviar um assassino individual para cada um, e não haveria modo de silenciar tantos assassinos. Nosso plano seria revelado. Seríamos traídos e nos tornaríamos o alvo.

Plagueis afastou-se da janela da torre, com as mãos entrelaçadas atrás das costas.

– Em todo caso, não queremos que morram rápido demais. Isto é, não até que a República tenha sido tão devastada, tão enfraquecida, que os seres abracem de bom grado a estabilidade que impusermos. As armas que serão produzidas pelos Colicoides e os demais servirão principalmente para ser usadas contra os Jedi? Veremos o que vai acontecer. Até chegar esse momento, devemos aceitar o fato de que nenhum exército simples pode derrotar os Jedi. Os Sith antigos tinham dezenas de milhares e não passaram pelo teste. Agora temos apenas bandos isolados de mercenários e forças de defesa de sistemas estelares. É por isso que devemos lutar para devolver a galáxia a um estado em que a barbárie seja o normal.

– Os Jedi terão de ser derrubados de dentro – disse Sidious, acompanhando com os olhos Plagueis, que zanzava pelo cômodo. – Atraídos para uma cilada feita por eles mesmos, como você disse que faremos a Veruna.

Plagueis parou para fitar o outro.

– Elabore essa ideia.

Sidious fez uma pausa.

– Teremos que explorar a vaidade deles e sua cega obediência à República – continuou ele com grande confiança, como se o que dizia fosse muito óbvio. – Devemos fazer com que eles sejam vistos como os *inimigos* da paz e da justiça, em vez de seus guardiões.

– Os *inimigos* da paz e da justiça, em vez de seus guardiões – Plagueis repetiu, admirado. – Até mesmo os sobreviventes de um expurgo seriam forçados a se esconder... – Voltando a si, ele fitou Sidious. – Grande cuidado deverá ser tomado para que não sejam transformados em mártires, Darth Sidious, se no final quisermos que os seres da galáxia deem as costas ao lado luminoso da Força.

– Seres com afinidade à Força continuarão a nascer.

– Na ausência de treinamento e lavagem cerebral, não representarão perigo para nós. *Você* cuidará disso, *chanceler supremo Palpatine*.

Sidious fitou o chão e meneou a cabeça.

– Você é quem deveria ser, mestre.

– Não – Plagueis disse com firmeza. – Tem que ser você. Você tem as habilidades políticas, e, ainda melhor, é humano. Nesta era, apenas um humano é capaz de chegar ao topo da escalada política enviesada de Coruscant.

– Humano ou não, meu conhecimento do lado sombrio nunca se igualará ao seu. O título e a coroa deveriam ser seus.

– E serão, assim que você me indicar abertamente ao posto de cochanceler. Temido e respeitado pelos seres mais poderosos da galáxia, Hego Damask será visto como uma herança inesperada para a República. Mas, mesmo assim, eu o aconselharei apenas em segredo e por detrás do trono.

Sidious pendeu a cabeça, em respeito.

– Nos anais da história dos Sith, você será conhecido como Plagueis, o Sábio.

Plagueis abriu um sorriso maroto.

– Assim eu fico tímido.

– O que quiser que eu faça, mestre, eu farei.

Plagueis ficou em silêncio por um momento, depois disse:

– Você precisa ouvir, agora, sobre a primeira missão que realizei para Darth Tenebrous. Os eventos ocorreram cerca de 25 anos depois do início de meu aprendizado. Na época, Tenebrous buscava expandir sua rede de seres influentes, e para isso foi atrás do industrial humano chamado Kerred Santhe...

– O antigo dono da Corporação Santhe.

– O próprio – confirmou Plagueis. – A Corporação Santhe projetava veículos de transporte por gerações, mas tinha sucesso limitado com a linha de

espaçonaves pessoais. Meu mestre acreditava que poderia incentivar Kerred a uma aliança oferecendo-lhe direitos exclusivos a uma nave de Rugess Nome. Santhe agarrou a oportunidade, mas apenas para manipular Tenebrous e levá-lo a uma situação na qual agentes da Santhe Segurança puderam roubar os projetos.

Plagueis fez uma pausa, os olhos estreitos, como se refletisse.

– Foi uma das poucas vezes em que vi meu mestre sendo ludibriado. Mas ele não se direcionou para a vingança; pelo menos não imediatamente. Assim que foi produzida, a aeronave obteve tanto sucesso que Kerred Santhe conseguiu adquirir o controle da Sienar Tecnologias e dos Sistemas Sienar da República. Apenas por concordar com um casamento arranjado para a filha mais nova, o presidente da Sienar, Narro, foi capaz de manter o posto de designer-chefe. Nessa época, no entanto, Narro entrara numa parceria secreta com Tenebrous, e chegara a hora de saldar a dívida.

Plagueis saiu andando enquanto falava.

– As Empresas Damask estavam começando, mas eu já tinha ganhado reputação entre a elite da galáxia, então recebi convite para participar de uma conferência de design em Corulag, que na época era quartel-general não apenas da Sienar Tecnologias, como também da Aether Hipernáutica, da Artíficos Danthe e uma dúzia de outras corporações. O palestrante convidado era o senador que representava o setor Bornea, e muitos eruditos de Coruscant, Corellia e Kuat participaram. Do distante Lianna, vieram Kerred Santhe e sua jovem e triste esposa, acompanhados de uma *entourage* de seguidores e guardas da Santhe Segurança. Eu estava sentado numa mesa diretamente em frente a ele, e a especialidade no cardápio daquela noite era bloateel. Já provou, Sidious?

– Quando era adolescente. Num jantar de gala na Casa Palpatine.

– Então sabe que a criatura é uma das mais venenosas da galáxia. A preparação é tão perigosa quanto exigente, visto que é preciso tirar a pele da

criatura com ela viva para impedir que as toxinas infiltrem a carne. Não preciso dizer que nada alegria mais um banquete do que a possibilidade de quase morrer, e o salão mal podia conter a ansiedade conforme as porções individuais foram sendo servidas. Esperei para agir até que vi Santhe mastigando a primeira garfada.

Plagueis juntou o dedão e o indicador, e Sidious, pego de surpresa, sentiu a garganta fechar. Arquejou por ar.

– Isso. Só para você entender o que Santhe deve ter sentido. – Plagueis abriu os dedos, e Sidious respirou profundamente, o rosto rubro, levando as mãos à garganta. – Só que na hora eu mantive a pressão até que o rosto dele ficou roxo, as mãos voaram para a garganta, e os gritos mudos por ajuda fizeram todos saírem das cadeiras para juntar-se ao redor dele. Acho que os olhos esbugalhados de Santhe devem ter encontrado os meus quando por fim tranquei totalmente a traqueia dele. Claro, havia médicos de prontidão para o caso de uma emergência dessas. Ithorianos, se bem me lembro, armados com doses de antitoxina e remédios para combater os efeitos de um choque anafilático. Mas nada funcionou naquela noite, pois o lado sombrio da Força dominava Santhe, e nenhuma droga nem técnica de ressuscitação poderia mantê-lo vivo.

Plagueis tocou o próprio queixo.

– Muitos alegaram que Rugess Nome e Narro Sienar haviam de algum modo arquitetado o assassinato. Outros, que a Veneno Malkite ou uma seita do Geno Haradan tinha sido contratada para executá-lo. Mas, no fim das contas, os chefs foram responsabilizados e receberam longas sentenças de prisão. O pelotão da Santhe Segurança tentou várias vezes ameaçar a vida do meu mestre depois, mas demos um jeito neles. Bem mais tarde, descobrimos que o corpo de Santhe fora congelado em carbonita e que todos os órgãos internos foram trocados por outros, produzidos em laboratório. As equipes

médicas devem até ter conseguido reavivar o corpo, mas o Kerred Santhe que conheciam estava além da recuperação.

Plagueis não disse nada por um longo momento, então continuou:

– As circunstâncias serão diferentes para você. Você não terá a satisfação de ver nosso oponente morrer pessoalmente, porque queremos garantir que você possa negar ser responsável. Um assassinato público em Coruscant seria o melhor para dar o recado.

– Senador Pax Teem – disse Sidious numa voz rouca, matizada por raiva residual.

Plagueis discordou.

– Teem ainda pode vir a ser útil. Refiro-me ao senador Vidar Kim. Os sentimentos dele o transformaram num incômodo. Mais importante: a morte dele nos permitirá colocar você no posto que sempre almejou.



## CAPÍTULO 16

# CORAJOSO COMO O AMOR

Com o capuz do requintado manto erguido por conta do vento fresco, Palpatine andava apressado pelas ruas de Theed. A virada súbita no tempo combinava com seu desejo de evitar contato visual com estranhos ou, pior, encontrar alguém que conhecia. Conforme se fortificava no lado sombrio, o mundo profano ia se tornando um lugar cada vez mais estranho, varrido por correntes que ele sequer conhecia antes e habitado por formas de vida de contorno vago que ele enxergava como magnitudes da Força. Como Plagueis ordenara, Palpatine andava vivendo no futuro, cortejando o lado sombrio para executar os planos que ele e o mestre projetaram.

O escritório de Vidar Kim localizava-se na porção oriental da cidade, uma caminhada longa do apartamento que Palpatine alugava fazia alguns anos, e a rota mais rápida demandava cruzar e recuzar os afluentes do Solleu que contornavam os distritos e bairros de Theed. Ele nunca fora muito fã da cidade, mas, com os prédios antigos, as praças públicas, dezenas de milhares de habitantes vivendo suas vidas, agora Theed começava a parecer um cenário arranjado numa elaborada produção teatral, e Naboo, um nó numa vasta rede sendo tecida pelo lado sombrio, para o qual tantos planetas e espécies acabariam sendo atraídos.

Em momento algum, durante a visita a Sojourn, Darth Plagueis pedira para saber o que o rapaz pensava sobre a sentença de morte que ele conferira a Vidar Kim. E não era de se admirar, visto que Palpatine dera sua palavra de que faria qualquer coisa que Plagueis lhe pedisse. Mas o conflito em Palpatine foi evidente para o Muun. Medo e ódio o incitaram a assassinar a família a sangue

frio, mas seu relacionamento com Kim era o mais próximo que ele chegara de uma verdadeira amizade – ainda que, como senador de Naboo, Kim ficasse bem no meio do caminho que levava Palpatine a seu objetivo imediato. Em Sojourn, as palavras que Plagueis disse ao se despedir foram estas:

– Lembre-se de por que os Sith são mais poderosos que os Jedi, Sidious: porque não temos medo de sentir. Abraçamos o *spectrum* de emoções, das alturas da alegria transcendente às profundezas do ódio e do desespero. Sem temer, abraçamos quaisquer caminhos que o lado sombrio disponha à nossa frente, e qualquer destino que nos apresente.

Certamente, Plagueis sabia que Palpatine ajudara a selar o destino de Kim quando o encorajou a impor-se contra a Federação do Comércio, e, portanto, contra Plagueis. O fato de o mestre não ter dito muita coisa talvez fosse seu modo de lembrar Palpatine que seria preciso preparar-se para aceitar toda e qualquer consequência que resultasse de suas maquinações. Foi uma lição sutil, mas algo que Palpatine guardara junto ao peito. Desde então, seria cauteloso e planejaria seus passos meticulosamente; e mais importante: permitiria que o lado sombrio completasse seu trabalho de lapidação, transformando-o num ser poderoso. Lembrando-se de ser enforcado de surpresa pela Força de Plagueis, prometeu também não mais baixar a guarda. Mas enxergava a lição como parte do processo de aprendizado, de confiarem um no outro e forjarem-se numa equipe. Unidos no lado sombrio, não guardariam segredos um do outro; não podia haver chance de um agir sem que o outro soubesse. Era preciso aprender a enxergar através um do outro.

Palpatine não quisera bajular Plagueis quando o chamou de *sábio* – não totalmente, em todo caso. O Muun era mais poderoso do que Palpatine podia compreender. O único ser capaz de guiar a galáxia ao futuro. Um crescendo. Às vezes, era difícil entender que, em sua vida, eles veriam a queda da República e a aniquilação da Ordem Jedi, e, ainda assim, Palpatine parecia saber que isso

realmente aconteceria. Um grande desígnio se desdobrava, algo de que ele não era apenas um participante, mas um arquiteto.

Aceitar a morte de Kim era mais fácil do que ele esperava, porque Kim também se tornara um homem fraco após a perda da esposa e dos filhos mais novos. O homem ter procurado o filho que voluntariamente entregara aos Jedi foi um ato de desespero – e baseado em nada além de um desejo de garantir que a linhagem dos Kim continuasse. Tão similar aos nobres egoístas entre os quais Palpatine fora criado. Tão ávido por ser lembrado pelas gerações seguintes!

Em vez de requisitar a Palpatine ou garantir que ele sujasse as mãos mais uma vez, Plagueis insistira em fornecer-lhe um agente que facilitasse o assassinato. O Munn dissera que era preciso garantir que não responsabilizassem Palpatine e que nem um único lampejo de escândalo o perseguisse. Contudo, ele começou a pensar: apesar de toda a conversa sobre parceria e confiança, estaria Plagueis simplesmente inventando desculpas por, na verdade, ter dúvidas com relação às habilidades de Palpatine?

O rapaz lembrou-se da história que Plagueis contara sobre o assassinato de Kerred Santhe. A culpa recaíra sobre os chefs que prepararam o bloateel. A morte de Kim, contudo, não seria resultado de intoxicação alimentar, mas um assassinato público. Então, quem emergiria como a pessoa que mais teria a lucrar com a morte dele? Certamente, não os Naboo, nem o Protetorado Gran. O fato de que os dedos seriam apontados para a Federação do Comércio o fazia imaginar por que Plagueis desejaria colocar o cartel numa posição que prejudicava as chances que tinha de colocar mais planetas no Senado. Por isso, outra dúvida o incomodava: por acaso Plagueis teria um motivo maior para *não* querer que a Federação do Comércio se desse bem?

Ele queria que a morte de Kim fosse vista como um recado. Mas por quem? Talvez Palpatine devesse ser o recipiente. Quando Plagueis dissera que

muitos dos senadores eram dispensáveis, que apenas retinham seus lugares por causa dele, estaria dizendo, ao mesmo tempo, que Palpatine, mesmo enquanto Sidious, também era dispensável, facilmente substituível por outro aprendiz com afinidade à Força? Embora o Muun encorajasse a transparência de Palpatine, ele mesmo era, muitas vezes, bem opaco. Em algum momento, legaria todo o seu conhecimento ao aprendiz, ou guardaria para si apenas visando manter a vantagem?

– Obrigado por vir assim tão de repente, Palpatine – disse Kim, muito afoito, puxando o amigo para um escritório lotado de discos de dados e impressos em flimsi, cheirando a suor, ranço e comida estragada. Janelas altas opostas às portas de entrada de madeira pesada davam para o Palácio, incluindo a nova torre que Tapalo, de acordo com a tradição, construía quando eleito monarca. – O que vou dizer vai colocá-lo em perigo, de certo modo, mas não há ninguém em quem eu confie mais. – Kim não parava de se mexer enquanto falava, passando da mesa às janelas, depois de volta. – Não estou muito certo de que este escritório é seguro, mas vamos correr o risco.

Palpatine escondeu a expressão de um mau pressentimento, e apontou para o sofá.

– Por favor, Vidar, sente-se e desabafe.

Kim parou, exalou, cansado, e fez o que Palpatine sugeriu. O rosto estava deformado, os cabelos, desgrenhados; barba e bigode, em geral arrumados, necessitavam de aparo.

– Palpatine, tenho bons motivos para suspeitar que Tapalo e Veruna arranjaram o acidente que tirou a vida da minha família.

A surpresa de Palpatine foi sincera.

– Vidar, a tragédia foi investigada e considerada um acidente. Algum problema com antigrav...

– Acidentes podem ser forjados; planejados! Você pilota speeders desde que o conheci. Sabe que sistemas podem ser sabotados.

Palpatine sentou-se em frente ao outro.

– Que motivo eles teriam para matar a sua família?

Os olhos vermelhos de Kim grudaram-se nele.

– Eu sei os segredos sujos deles, Palpatine. Sei do pagamento que recebem da Federação do Comércio desde que Tapalo tomou posse. As leis que eles instauraram para abrir Naboo toda para pesquisa e exploração de plasma. Sei dos negócios que fizeram com certos membros do eleitorado para arquitetar a vitória sem precedentes de Tapalo na última eleição.

– Mesmo assim – disse Palpatine após um instante –, por que colocar a sua família nisso?

Kim rosnava.

– Se me tirarem de minha posição no plenário, correm o risco de enraivecer muitos dos nobres que me apoiam. Em vez disso, esperam me *persuadir* a pedir rescisão... por luto, por medo, por sei lá o quê.

– Tapalo não faria algo tão desprezível assim.

– Você lhe concede crédito demais. A tragédia era pra ser um recado pra mim. Mas teve o efeito oposto.

– Como assim? – perguntou Palpatine, inclinando-se para o amigo.

– Vou partir para Coruscant hoje à tarde. E minha primeira atitude será notificar a Ordem Jedi.

Palpatine endireitou-se.

– Vidar, os Jedi só dão ouvidos ao Senado e ao chanceler supremo. Você não pode simplesmente entrar no Templo...

– Contatarei os membros do Conselho por meio do meu filho. Se eu puder convencer Ronnar a deixar a Ordem, a informação será meu presente aos Jedi.

– E se Ronhar não quiser tomar parte nisso? – Palpatine cruzou os braços em frente ao peito. – Já conseguiu falar com ele, pelo menos? Até onde eu sei, eles não permitem que o Jedi tenha contato com os pais.

Kim fez careta e estudou o tapete.

– Ainda assim, consegui fazer contato.

– E aí?

A expressão de Kim era de tristeza quando ele ergueu o rosto.

– Ronhar me disse que sou um estranho e que o nome Kim não significava nada para ele.

Palpatine suspirou.

– Então não há mais o que fazer.

– Não. Ele concordou em falar comigo pessoalmente em Coruscant. Estou determinado a convencê-lo, Palpatine. A família *tem* que vir em primeiro lugar.

Palpatine conteve o que estava prestes a dizer e recomeçou.

– Promete manter-me informado? Ou pelo menos me dizer como posso contatá-lo?

Kim foi até a mesa e fuçou na bagunça até encontrar o flimsi que estava procurando.

– Este será meu itinerário semana que vem – disse, passando o flimsi para Palpatine. – Palpatine, se algum contratempo me acontecer em Coruscant...

– Pare, Vidar. Estamos nos adiantando demais.

Kim passou a mão pela cabeça.

– Tem razão. – Ele retornou ao sofá e se sentou. – Palpatine, temos idade muito próxima pra eu pensar em você como um filho, mas o considero o irmão mais novo que nunca tive.

Palpatine concordou, mas nada disse.

– Se eu não conseguir falar com Ronhar nem com os Jedi, posso pelo menos alertar meus colegas do Comitê Investigativo do Senado.

Palpatine conteve o impulso de levantar-se.

– Acho que está errado com relação a Tapalo e Veruna, Vidar. Mas posso dizer sem hesitar que vai arriscar sua vida se fizer essas acusações em público.

– Estou perfeitamente ciente disso, Palpatine. Mas, se Ronhar recusar meu pedido, o que mais me restará na vida?

Palpatine colocou a mão no ombro de Kim.

*A pequena participação que você terá na vingança dos Sith.*

Quando ele deixou o escritório de Kim, o clima ficara ainda mais frio.

Uma neve esparsa rodopiava em torno das torres do palácio, e a superfície dos afluentes do Solleu estava coberta de gelo. O agente de Coruscant que Plagueis providenciara – Sate Pestage – aguardava numa pracinha perto do Museu de Arte Parnelli, soprando ar nas mãos para aquecê-las.

– Os Naboo nunca ouviram falar de climatização? – comentou ele quando Palpatine se aproximou.

Lembrando-se das primeiras aulas de condicionamento no glacial Mygeeto, Palpatine quase riu ao ouvir o comentário do homem. Em vez disso, falou:

– As mudanças radicais sempre demoraram muito a chegar neste mundo.

Pestage fitou as colunas muito elevadas que encerravam o museu abobadado.

– Disso eu não duvido.

Um pouco mais alto e mais velho que Palpatine, Pestage era vigoroso e parecia eficiente. Tinha olhos castanhos muito juntos e brilhantes, o nariz pontudo e os ossos angulares das bochechas enfatizados por cabelos negros que haviam recuado da testa e das têmporas. Plagueis mencionara que Pestage nascera em Daplona, em Ciutic IV – uma ecumenópole industrializada fora da qual os Darths Bane e Zannah viveram vidas secretas. Plagueis não revelara como descobrira Pestage – talvez as Empresas Damask tivessem negócios com a

extensa e influente família do homem –, mas dissera que era alguém que Palpatine talvez fosse querer acrescentar à sua crescente comitiva de aliados e confidentes.

Do bolso do manto, Palpatine pescou o flimsi que Vidar Kim lhe dera e o entregou.

– O itinerário dele em Coruscant.

– Perfeito.

Pestage enfiou o flimsi no bolso.

– Quero que espere até que ele conclua o que tem a fazer em Coruscant.

– Como quiser.

– Ele está ameaçando alertar a Ordem Jedi e o Comitê Investigativo do Senado sobre diversos pactos feitos.

Pestage bufou.

– Então ele merece tudo o que vai lhe acontecer. – O homem escaneou os arredores sem mover a cabeça. – Já decidiu quem vai usar dos dados que dei a você?

– Os Maladianos – disse Palpatine.

Um grupo de assassinos humanoides muito bem treinados ocorreu ao rapaz como a escolha óbvia.

Pestage assentiu.

– Posso saber por quê?

Palpatine não estava acostumado a justificar suas decisões, mas respondeu mesmo assim.

– A Guarda Mortal Mandaloriana tem seus próprios problemas, e o Bando Gora, toda uma agenda galáctica.

– Concordo plenamente – disse Pestage. – Além disso, os Maladianos são famosos por honrar os contratos.

– Quando consegue tê-los em Coruscant?

Pestage fitou o outro de soslaio.

– Talvez seja melhor que isso fique num esquema em que digo apenas se for necessário.

A audácia do homem impressionou e freou Palpatine ao mesmo tempo.

– Não pode haver erros, Sate.

Uma expressão de cansaço surgiu no rosto de Pestage, mas o tom foi condescendente quando ele respondeu.

– Se houver, então certamente esta será nossa última conversa. Sei muito bem do que o magistrado Damask e você são capazes e espero ser digno de continuar a servi-los. Um dia, quem sabe, vocês comecem a pensar em mim como parte da família, como tenho certeza de que é o caso do senador Kim.

*Quanto esse cara sabe?*, pensou Palpatine.

– Não tem problema algum em levar vida dupla, Sate?

– Alguns de nós simplesmente nascem pra isso – respondeu Pestage, indiferente ao olhar penetrante de Palpatine.

– Vai me contatar aqui?

– Assim que o trabalho for feito. Apenas se certifique de ficar com o comunicador por perto.

– Vai contatar também o magistrado Damask?

Pestage balançou a cabeça em negação.

– Ele me deu a impressão de que ficaria indisponível pelas próximas semanas. Mas receio que não erraremos em supor que os resultados não lhe passarão despercebidos.

Num planeta às margens do espaço conhecido, sobre a holofonte de uma reluzente mesa metálica, uma pequena imagem tridimensional de um bípede alto rotacionava entre gráficos e linhas de dados anatômicos e fisiológicos.

Num assento em forma de colher suspenso, preso ao alto teto da sala branca,

sentava-se Hego Damask, envolto por um trio de cientistas esguios, com caudas – dois machos com crista e uma fêmea cuja pele era mais cinza que branca.

– Esse ser representa a espécie toda? – perguntou num tom gentil, quase sussurrante, o cientista chamado Ni Timor.

– Esse aí matou seis membros da espécie – respondeu Damask –, mas, por outro lado, é um Yinchorr típico.

Tenebrous o apresentara ao planeta Kamino no início de seu aprendizado, mas o Muun não o visitava fazia mais de três anos. Para estocar as florestas de greel de Sojourn com exemplos raros e em alguns casos extintos de fauna, ele contratara os Kaminoanos para criar clones a partir de amostras biológicas que adquirira junto a negociantes de material genético. Os olhos vidrados, pescoços compridos e corpos esguios dos nativos bípedes contavam seu passado marinho, embora, na verdade, eles já habitassem a terra milhões de anos antes da grande inundação que arrasou Kamino. Com uma catástrofe global se anunciando, uma espécie senciente tecnologicamente avançada teria abandonado o mundo natal rumo às estrelas. Mas os Kaminoanos, em vez disso, construíram enormes cidades sobre vigas que foram finalizadas enquanto os oceanos do planeta erguiam e submergiam os continentes. Também voltaram seu considerável intelecto para a ciência da clonagem como modo de garantir a sobrevivência da espécie, e, ao longo do caminho, levaram a replicação genética além de qualquer espécie conhecida na galáxia. Residentes dos entornos da orla da galáxia, os Kaminoanos conduziam seu trabalho em segredo e apenas para os muito ricos. Não era provável, em todo caso, que teriam cedido às restrições da República no que tangia à clonagem. Princípios morais acerca da seleção natural pareciam ter sido deixados no fundo do que hoje constituía o oceano que cobria todo o planeta de Kamino, o que talvez explicasse por que eles não eram mais relutantes a fornecer animais de caça a

Sojourn do que mandar um suprimento de clones de mãos de pá para trabalhar nas minas do inóspito Subterrel.

Damask considerava-os uma das espécies mais progressivas da galáxia: quase similares ao Sith em sua indiferença emocional e objetividade científica.

A cientista fêmea, Ko Sai, tinha destacado uma área da porção mediana do cérebro do Yinchorr.

– A falta de caminhos neurais à porção frontal do cérebro indica uma proclividade inata à violência. Embora a ausência pudesse ser idiossincrática.

O terceiro Kaminoano, Lac Nor, pediu um destaque na área iluminada.

– A natureza violenta do Yinchorr poderia complicar as coisas, magistrado. Sem acesso a estudos sociológicos, não temos meios para determinar em que grau a cultura da violência modela os seres que nela nascem. Um clone criado em laboratório pode não exibir comportamento feroz a não ser que tenha um meio de expressar a agressividade.

– Um canal – sugeriu Ko Sai.

– Existem estudos científicos disponíveis – disse Damask. – A questão é: a submissão pode ser induzida neles sem afetar as tendências violentas?

– Provavelmente não sem perturbar a matriz básica de personalidade – respondeu Ko Sai. – Talvez produzamos um clone que seja meramente Yinchorr em aspecto, mas sem as características típicas da espécie.

Damask franziu o cenho.

– Isso não vai servir.

– Já considerou usar uma espécie mais aquiescente? – perguntou Ni Timor.

– Qual você recomendaria?

– Uma das espécies plácidas. Ithorianos, por exemplo. Ou Caamasi.

Damask negou.

– Nenhuma dessas serviria aos meus propósitos. E quanto a humanos?

– Nossa experiência com humanos é limitada, embora, claro, tenhamos produzido muitos órgãos substitutos.

– A emocionalidade dos humanos é um tanto problemática – acrescentou Ko Sai –, mas dá para resolver.

Damask considerou o comentário e depois concordou com a ideia da Kaminoana.

A emoção nos seres humanos era um defeito fatal. A mesma característica que incitava a necessidade deles de formar laços fortes e crer que tudo na vida era sagrado tornava-os compassivos ao extremo. Apenas semanas antes, em Sojourn, Plagueis reparara que até mesmo Sidious, com todo o seu crescimento no lado sombrio, permanecia prisioneiro de suas emoções. Que o rapaz sentia vontade de estender seus novos poderes era de se esperar e encorajar, mas ele precisava aprender a lição que todo Sith aprendia. Com grande sutileza, Sidious manipulara Vidar Kim a uma posição na qual se tornara um incômodo, e, portanto, teria de morrer. Ele não se importara em abordar o assunto diretamente porque chegara a hora de Sidious embarcar na carreira política que o levaria ao posto de chanceler. Entretanto, a reação de Sidious à ordem de assassinato – fugir, no caso – convencera Plagueis da necessidade de testes adicionais. Sidious não precisava de explicação aos erros de aprendiz; precisava vivenciar as consequências.

– Talvez, magistrado – Lac Nor agora dizia –, se nós soubéssemos os seus planos para os clones Yinchorri.

– Eu gostaria que servissem como soldados.

– Ah – disse Ni Timor. – Então obediência, não mera submissão, seria uma consideração primária.

– E, entretanto, a necessidade de certa medida de livre-arbítrio – Ko Sai correu a apontar. – Ou então por que não simplesmente usar autômatos?

Os grandes olhos de Lac Nor fixaram Damask.

– Esses Yinchorri parecem ter nascido para a guerra, magistrado. Existem tão poucos deles na galáxia que você precisa clonar um exército?

Plagueis deliberadamente evitara mencionar a imunidade dos Yinchorri à sugestão pela Força porque ele não tinha como saber disso nem, de fato, de nada com relação ao agir dos midi-chlorians. Mas era precisamente a habilidade dos reptilianos de criar bolhas de Força que ele queria explorar.

– Como vocês mesmos já apontaram – ele disse após um instante –, a belicosidade inata deles interfere com a habilidade de seguir ordens.

Mais para si mesmo, Ni Timor disse:

– Teríamos que garantir que as tendências violentas permanecessem intactas, enquanto o comportamento ficasse menos voluntarioso.

– Isso – disse Damask.

Ko Sai pendeu o longo pescoço.

– Muito desafiador. Embora, talvez, se tivéssemos em mãos um modelo para experimentação... – Ela apontou para as imagens em 3-D. – Esse espécime está disponível para uma avaliação minuciosa?

– Eu posso enviá-lo para Kamino – respondeu Damask. – Supondo, por ora, que vocês são capazes de descobrir um jeito de conseguir o que quero, quanto tempo levariam para criar um clone adulto?

Os três cientistas trocaram olhares.

– No caso dos Yinchorri – disse Ni Timor, finalmente –, certamente não menos do que doze anos-padrão, para permitir o desenvolvimento tanto físico quanto mental. Como você sabe, tivemos certo sucesso na taxa de crescimento de algumas criaturas clonadas, mas ainda não com sencientes totais, graças à plasticidade do cérebro jovem.

– Mais importante – disse Lac Nor –, embora possamos criar alguns clones, nossas instalações, no momento, são inadequadas para produzir um exército de qualquer tamanho.

– Também precisaríamos consultar especialistas em programação – acrescentou Ko Sai.

– Isso tudo pode ser arranjado – disse Damask. – Vocês fariam objeção a trabalhar com a Rothana Heavy Engenheiros?

– Claro que não – respondeu Ni Timor.

– Então as Empresas Damask podem providenciar todo o financiamento de que precisarem.

Os olhos de Ko Sai pareceram se escancarar.

– O primeiro-ministro ficará muito satisfeito ao saber disso – disse ela, com o que parecia ser a animação dos Kaminoanos.

Em seu apartamento na nevada Theed, Palpatine via uma reprodução de imagens da HoloNet mostrando o cavaleiro Jedi Ronhar Kim saltando de um táxi de Coruscant em pleno voo para um monospeeder pilotado pela Maladiana contratada para assassinar Kim pai. Ao mesmo tempo, Palpatine falava por comlink com Sate Pestage.

– Naboo está cobrindo a história? – perguntou Pestage.

– Em todos os canais.

– *Notícias urgentes, Coruscant* – dizia uma correspondente. – *O senador Vidar Kim, do setor Chommell, de Naboo, foi morto hoje enquanto seguia para o espaçoporto Mezzileen, no que parece ter sido um assassinato. Uma hovercam instalada no Node SSJ no distrito de Sah'c capturou o momento em que um monospeeder abordou o táxi do senador Kim por trás, e o piloto, de capacete, disparou uma saraivada de raios de energia, matando Kim instantaneamente e quase acertando um segundo passageiro, um cavaleiro Jedi ainda não identificado. A gravação da hovercam mostra o Jedi humano, armado com um sabre de luz ativado, lançando-se do táxi e derrubando o piloto assassino do banco do monospeeder. Testemunhas oculares afirmam que o Jedi conseguiu levar o atacante*

*até uma calçada perto de onde o speeder caiu e pegou fogo, mas a Notícias Expressas ainda vai averiguar se o assassino sobreviveu ou não à queda. Ferido no ataque, o piloto do táxi foi levado ao Centro Médico de Sah'c, onde sua condição é tratada como grave.*

– A Maladiana está viva? – Palpatine perguntou a Pestage.

– Não. Ela se injetou neurotoxina enquanto Ronhar tentava arrancar informações dela à força.

– Tem certeza?

– Certeza absoluta.

– Tola – Palpatine bufou. – Por que não esperou para quando Kim fosse sair do táxi, no Messileen?

– Você me instruiu a fazer em público, e foi exatamente o que eu disse a ela. Ela fez questão de atirar bem na cara da câmera de segurança, mas eu não pude determinar se a Maladiana sabia ou não que Kim estava junto de um Jedi. Com base nos pontos dos disparos, acho que pretendia dar cabo dos dois.

– E, se tivesse conseguido, os Jedi estariam agora conduzindo uma investigação própria.

– E estão, mesmo assim – disse Pestage. – Porque Ronhar alegou à imprensa que talvez ele fosse o alvo.

Palpatine fez careta para a câmera do comlink.

– Por que não a avisou sobre Ronhar?

– Eu avisei. Talvez ela quisesse acrescentar mais um Jedi morto ao currículo.

– Mais um?

– Como eu disse, os Maladianos são muito bons no que fazem.

Palpatine refletiu.

– Se Ronhar está achando que o alvo era ele, então Kim talvez não tenha revelado suas suspeitas com relação a Tapalo e Veruna.

– Não mesmo. Eu o mantive sob vigilância desde o instante em que chegou a Coruscant, e ele nem se aproximou do Templo Jedi nem se encontrou com ninguém do Comitê Investigativo do Senado. Tenho gravações de três encontros de Kim com Ronhar no escritório dele no Anexo do Senado, e em nenhum momento ele ofereceu mais do que referências veladas de intrigas de Naboo.

– Ele conseguiu persuadir Ronhar a deixar a Ordem?

– Não. Ronhar disse que respeitava Kim por ser... qual foi a palavra que ele usou? *Progenitor*. Mas que considerava o Templo seu lar e os Jedi, sua família.

Palpatine bufou.

– Eu avisei.

– Kim tentou convencê-lo de que a família de sangue vem primeiro, mas para Ronhar talvez tudo aquilo não tenha passado de um episódio de *Confissões de Coruscant*.

– O magistrado Damask não vai ficar contente. Que rumores estão circulando no Senado?

– Que Kim podia estar envolvido em negócios escusos; que ele fazia jogo duplo com um grupo de lobistas. Você deixou o Senado preocupado... se era isso que queria.

Plagueis ficaria satisfeito ao saber disso, Palpatine pensou. O *recado*, ele agora percebia, não fora direcionado a alguém em particular, mas ao Senado todo. Além do objetivo de avançar a carreira política de Palpatine, o assassinato de Kim tinha espalhado apreensão na capital galáctica.

– De qualquer modo, está feito – disse ele, por fim.

– E sem quaisquer pistas para a polícia ou os Jedi seguirem. Você está totalmente limpo.

Palpatine relaxou um pouco.

– Você agiu muito bem, Sate, tirando o que quase deu errado. Tem um lugar para você no meu grupo de apoio, se estiver interessado.

Pestage também pareceu aliviado.

– Então suponho que nos veremos em Coruscant. Senador Palpatine.



## CAPÍTULO 17

# DIAS DE VINHO E INDECÊNCIA

O chanceler supremo Thoris Darus era amplamente responsável pela atmosfera pesada que prevalecia em Coruscant. Humano nativo de Corulag, Darus trouxera um senso de estilo à capital galáctica que estivera ausente uma década antes, quando Vaila Percivas detinha a posição, e não fora muito vista desde a era de Eixes Valorum. Darus era solteiro, um mulherengo incorrigível, entusiasta do esporte, da ópera, da jogatina legítima e da alta gastronomia; seu primeiro período no governo foi caracterizado por uma marcada guinada na temperança e, no final, por excessiva corrupção. Seguindo o exemplo colocado pelo chanceler supremo, muitos das dezenas de milhares que serviam no Senado ou faziam lobby em prol das corporações autocráticas e cartéis tinham transformado Coruscant num antro de autoindulgência sem igual em todo o Núcleo e na Orla Interior. De todas as áreas da galáxia, vieram seres ávidos para atender às necessidades da nova elite política – de chefs e artistas a especialistas do prazer. Cortesia da Federação do Comércio e seus numerosos afiliados e parceiros corporativos, produtos entravam aos litros vindos de milhares de mundos, dando vazão a novas modas, novas comidas e novas formas de extravagância. Coruscanti privilegiados, determinados a aproveitar a vida no cerne, davam as costas às tempestades que se formavam nas beiradas da civilização – rivalidades entre sistemas, pirataria, crime organizado – e espiralavam seu caminho na direção do Núcleo. Em três anos, o planeta viu mais imigração do que vira nos cem anteriores, principalmente da Orla Exterior, cujas espécies humanoides chegavam com total ignorância das dificuldades que as esperavam.

Para Palpatine, Coruscant excedia as expectativas. Cinco anos de viagem e aventuras pela Região Expandida e pelas Colônias deram-lhe uma amostra da vida boa, e ali não era apenas um local em que seus desejos mais obscuros podiam ser sanados, mas também onde ele podia testar seus talentos únicos. A topografia de arranha-céus assemelhava-se a um microcosmo da galáxia: um enxame de seres disponíveis a fazer o necessário para escalar às unhas sua saída das profundezas, supervisionadas por uma elite de muitos ranques que se nutria da miséria alheia. Se Coruscant funcionava como ímã para os sem habilidade nem futuro, era também um paraíso para aqueles com crédito e contatos. E, com a ajuda dos muitos rebentos endinheirados que Palpatine conhecera enquanto servia como embaixador de Naboo, mais a rodinha de comparsas e capangas de Hego Damask, ele sentiu que estava a caminho do topo do pódio do Senado no instante em que deitou botas naquele solo estranho.

Palpatine compreendeu de imediato que o único modo pelo qual a República poderia ter se salvado seria se removesse o Senado para um mundo no qual a tentação não espreitava em cada cruzamento; a oportunidade, em cada balcão de café; o vício, em cada cânion – embora a algazarra que o chanceler supremo Darus e o Senado mantinham fosse óbvia apenas para quem sabia para onde olhar, e isso frequentemente requisitava ter acesso irrestrito aos clubes privados e salas escondidas para os quais gravitava o suborno. Mesmo sem a Força, Palpatine sabia que funcionaria. A tarefa não seria mais complicada do que ganhar a confiança total dos colegas. Com todos batalhando para ultrapassar os demais, ele precisava apenas garantir que se vestisse bem, jantasse nos lugares certos, se associasse com a companhia correta e renovasse as entradas para a temporada de Ópera das Galáxias. Ao mesmo tempo, entendia que podia ser anônimo o quanto quisesse, simplesmente se aventurando daqui para ali, vestindo-se de acordo, misturando-se aos

mercadores em vez dos políticos, ou consorciando com os mascates, charlatões, artistas da trapaça e dos esquemas que habitavam os níveis inferiores.

Seu primeiro apartamento não era luxuoso, mas localizado no distrito do governo, com espaço suficiente para sua crescente coleção de arte, que agora incluía uma cara estátua de neurânio e bronze do antigo mago Sistros – apropriada para o opulento chefe da Casa Palpatine, e continha seu sabre de luz original, feito à mão, escondido numa cavidade cilíndrica indetectável por análises de segurança.

O fato de sua primeira tarefa oficial como senador provisório de Naboo consistir em comparecer a um enterro – o segundo nesse ano – pareceu apenas apropriado, dados os planos futuros do Sith para Coruscant.

Ordens para comparecer ao enterro de Vidar Kim vieram tanto de Naboo quanto de Plagueis, que disse que usaria a oportunidade para procurar Ronhar Kim e falar com ele pessoalmente. Palpatine ainda não ficara frente a frente com um Jedi, e uma conversa com Ronhar o permitiria testar sua habilidade de esconder sua verdadeira natureza de outro usuário da Força.

*Por ser um local tão negativo, Plagueis lhe dissera, a Força é forte em Coruscant por causa da presença de tantos Jedi. Se você conseguir se esconder em plenas vistas, poderá ocultar sua natureza mesmo do mais poderoso deles. Faça Ronhar confiar em você, e, assim que conseguir, passe um tempinho em Coruscant habituando-se às torres do quartel-general do nosso inimigo, e pergunte-se: este forte não foi mesmo projetado para manter o lado sombrio lá fora?*

Fora isso, o silêncio de Plagueis com relação ao assassinato de Kim foi ensurdecedor. Ao saber que o rei Tapalo havia indicado Palpatine como senador provisório, Plagueis oferecera suas congratulações, mas nada mais. Depois de meses sem vê-lo, Palpatine esperava encontrar Plagueis esperando por ele em Coruscant, mas Hego Damask e os Muuns que compunham as

Empresas Damask estavam conduzindo negócios não especificados no distante Serenno.

O enterro ocorreu na embaixada de Naboo, localizada abaixo e ao oeste da Praça Monumento e do Senado. Usando capa de gola alta e manto púrpura, Palpatine chegou à mônada ornada na companhia de Kinman Doriana, Sate Pestage e Janus Greejatus, que fora despachado para Coruscant por Tapalo, e que Palpatine suspeitava ter certo poder na Força. Kinman e Sate forjaram ligação num instante. O jovem Doriana nascera para um mundo como Coruscant e não podia ter pedido um guia melhor para o interior tilintante da capital galáctica do que Pestage, que parecia conhecer cada canto e recanto do lugar.

Ronhar Kim estava em meio a uma dúzia de convidados que participavam do enterro. Palpatine esperou até que o Jedi estivesse sozinho na sala de exibição antes de abordá-lo.

*Ao esconder-se, você não poderá contar com seus dons obscuros, dissera Plagueis. Em vez disso, terá de ser você mesmo, submerso no padrão unificado no qual os Jedi não estão sintonizados; visível na Força, mas não como Sith. Uma vez que não pode permitir-se ser visto, deve certificar-se de não ser notado. Disfarçado no profano; camuflado na rotina... nos mesmos planos dos quais você pode atacar sem aviso quando necessário.*

Um jovem alto e musculoso vestido com manto preto, Ronhar tinha grossos cabelos negros arrumados num coque atrás e longas madeixas na frente, pendendo sobre as têmporas até o queixo. Nele, Palpatine pôde ver Vidar, cujo corpo estava deitado com classe, inerte sobre um imenso esquife retangular de pedra. Um cobertor simples cobria o corpo dos ombros aos joelhos, e no peito havia uma tigela rasa de metal contendo flores púrpuras e uma vela acesa que significava a Chama Eterna da Torre Livet. Janus Greejatus ia transportar as cinzas até Naboo, onde seriam espalhadas sobre o rio Solleu.

– Jedi Ronhar Kim – disse Palpatine ao entrar no cômodo –, por favor, perdoe-me pela intrusão, mas eu queria oferecer meus pêsames pessoalmente.

Retirado dos pensamentos, Ronhar girou para o outro quase em defesa e analisou-o dos pés à cabeça.

– Quem é você?

– Palpatine – disse ele. – Fui indicado para substituir Vidar Kim como senador de Naboo. Conhecia seu pai muito bem.

A vigilância de Ronhar atenuou-se.

– Perdoe-me por não saber mais sobre Naboo, senador... Palpatine. Mas, na verdade, até muitas semanas atrás, eu não sabia que Vidar Kim era meu pai biológico, nem mesmo que Naboo era meu planeta natal.

Palpatine fingiu compreensão.

– Não precisa desculpar-se. Imagino que a Força seja, em certo sentido, um domínio em si.

Ronhar assentiu.

– Mal conhecia o homem. Não fosse o fato de ser senador da República, o Conselho Jedi não teria concedido minha dispensa para encontrar-me com ele.

Palpatine permitiu a si estender-se um pouco com a Força, mas apenas por um momento, e exclusivamente para captar a reação do Jedi, que se provou indiscernível.

– Perdoe-me perguntar, mas por que resolveu participar do enterro?

Ronhar ficou pensativo.

– Sem dúvida você sabe da tragédia que tirou a vida da esposa e dos filhos dele.

– Sim.

– Vidar Kim contatou-me para perguntar se eu poderia considerar renunciar meu voto enquanto Jedi, com o intuito de tornar-me portador do nome da família.

Palpatine chegou mais perto do rapaz e acrescentou compaixão à voz.

– Ele me contou, Ronhar. Sua presença aqui reflete dúvidas com relação às suas obrigações?

– Não – disse o Jedi, talvez mais firmemente do que pretendia. – Estou aqui apenas por respeito ao homem. Como você deve saber também, ele morreu pelas mãos de uma assassina enquanto em minha companhia. – A voz de Ronhar entregava frustração em vez de raiva. – Se eu tivesse agido mais cedo, ele estaria vivo, e no momento não sei bem se os disparos da assassina não foram mirados em mim, em vez de em Vidar Kim.

– Quem em sã consciência apontaria uma arma para um cavaleiro Jedi?

O Jedi fungou e estreitou os olhos negros.

– Os Jedi têm muitos inimigos, senador. Velar pela justiça e garantir a paz não deixam alguns seres muito felizes.

– O mundo da política não é mais seguro, Ronhar. Não nesta era, com tantos passando necessidade. Graças à Força temos os Jedi.

– Fico pensando... – disse Kim.

Palpatine fitou o rapaz com interesse. O Jedi estava menos preocupado em solucionar o assassinato de Vidar do que em agonizar pelo fracasso de prevenilo.

– Fica pensando no quê, Ronhar?

– Em como seria a minha vida se eu não tivesse me tornado um Jedi.

Palpatine adotou uma expressão de choque.

– A escolha não foi sua. Você tem a Força. Seu destino tinha sido resolvido de antemão.

Ronhar refletiu um pouco.

– E se Vidar Kim tivesse preferido não me entregar à Ordem?

– Uma linha de raciocínio impossível de chegar a conclusão alguma – respondeu Palpatine.

O Jedi fitou-o e endireitou os ombros.

– Existem muitas bifurcações no caminho, senador. Se eu tivesse permanecido em Naboo, talvez seguisse os passos de Vidar Kim e entrasse para a política. Talvez ainda não seja tarde.

Palpatine mostrou ao rapaz um sorriso tolerante e parou ao lado dele, confiante de que sua verdadeira natureza estava além da detecção.

– Tenho que admitir que a ideia de um político com valores Jedi tem seu apelo. Na verdade, a República já foi direcionada somente por chanceleres Jedi. Mas receio que você seja algo como um anacronismo, Ronhar. A galáxia parece ter rejeitado a ideia da liderança erudita. O melhor político atualmente é apenas excepcional, enquanto todo Jedi é extraordinário.

Ronhar riu um pouco.

– Cada vez mais, Palpatine, você fala como meu antigo mestre.

– Quisera eu ter tais talentos – disse Palpatine, levando na brincadeira. – Mas tenho, sim, uma proposta, Ronhar. Além de ser novo no Senado, sou novo em Coruscant. E seria bom ter alguém com quem contar, como amigo. Então, o que me diz de uma aliança entre um político e um Jedi? Comigo você pode aprender um pouco de como a República funciona, e com você eu posso entender um pouco melhor os Jedi e seu papel enquanto mantenedores da paz.

Ronhar inclinou a cabeça, em reverência.

– Respeito Vidar Kim ainda mais por nos reunir. Que a Força esteja com você, senador Palpatine.

Em Serenno, longe do Núcleo, na Via Hydiana, uma serva do conde Vemec, trajando algo de uma era muito antiga, escoltava o quarteto de Jedi humanos até a ricamente modernizada sala de conferências do castelo. O primeiro a ser apresentado aos reunidos – incluindo dignitários e políticos representantes de Serenno e de Celanon, planeta próximo, e o núcleo de

Muuns das Empresas Damask – foi a mestre Jedi e membro do Conselho Jocasta Nu, mulher de boa aparência, com cabelos lisos, maçãs do rosto pronunciadas e brilhantes olhos azuis. Acompanhando-a estavam os distintos mestres Jedi Dookan e Zaifo-Vias e um cavaleiro Jedi alto e robusto chamado Qui-Gon Jinn, que permaneceu em pé enquanto os demais tomaram seus lugares reservados na mesa circular. Os três homens conduziam-se com palpável autoconfiança e portavam barbas de diferentes estilos – a de Dookan terminava numa ponta estilosa; a de Zaifo-Vias seguia seu maxilar forte; a de Qui-Gon era comprida e espessa.

Plagueis, que raramente perdia a oportunidade de interagir com os Jedi, planejara deixar os negócios em Serenno para Larsh Hill e os outros – até descobrir que Dookan estaria presente.

Com aproximadamente cinquenta anos-padrão de idade, Dookan era nativo de Serenno, descendente de uma nobre linhagem análoga à dos Palpatines, de Naboo. Se não tivesse nascido com grande afinidade à Força, teria sido um conde, assim como Palpatine seria nobre. Contudo, nas poucas ocasiões em que Plagueis encontrara Dookan, sentira algo nele que demandara mais investigação. Dizia-se que Dookan era um dos maiores mestres de sabre de luz da Ordem e ganhara reputação como habilidoso diplomata também; mas sua paixão e inquietude foram responsáveis por capturar a atenção de Plagueis. Em todas as décadas junto à Ordem, o Jedi parecia ter mantido um pé ancorado no mundano. Em vez dos mantos marrons caseiros usados pela maioria dos Jedi – como usava o robusto Qui-Gon Jinn –, Dookan preferia mantos e robes mais apropriados a um cavalheiro que frequentava a ópera em Coruscant. Além disso, era um crítico aberto do chanceler supremo Darus e das práticas corruptas do Senado.

Mais importante, talvez: Dookan ligava-se ao Grande Plano Sith de modos que iam além do circunstancial. Uns vinte anos antes, num esquema

arquitetado por Tenebrous para substituir o senador humano Blix Annon por um jovem arrivista chamado Eero Iridian, Dookan e seu padawan na época, Qui-Gon Jinn, foram envolvidos nos eventos e conseguiram mandar os principais atuantes à prisão. Dookan também havia, sem querer, sabotado diversos planos de Tenebrous para incitar dissidência intersistema na Região da Expansão.

Após o quase desastroso assassinato de Vidar Kim, o interesse de Plagueis em Dookan assumiu nova urgência. Ele teve certeza de que Sidious evoluiria para um Sith de comando, mas, no momento, o jovem Naboo estava bêbado de poder e dado a cometer erros. Quando o lado sombrio reconhecia alguém como verdadeiro aliado, um novato podia perder o caminho, como quase acontecera a Plagueis após matar Kerred Santhe. Lordes Sith que adoravam Bane, como Tenebrous, talvez tivessem usado o encontro em Serenno como meio de ameaçar seus aprendizes com uma possível substituição. Plagueis, contudo, não tinha tal intenção, motivo pelo qual não mencionou a Sidious que haveria Jedi participando da reunião. Mesmo assim, ele se flagrou imaginando se um Jedi insatisfeito como Dookan poderia representar uma garantia contra uma reversão no futuro – algum evento inesperado que lhe roubaria Sidious – ou talvez se virasse para o lado sombrio sem convite formal e pudesse ser manipulado para instigar um cisma na Ordem.

Como ele dissera a Sidious, mesmo um Jedi treinado podia sucumbir sozinho à sedução do lado sombrio. Num antigo mundo Sith no sistema Cularin, 130 anos antes, um padawan chamado Kibh Jeen fora afetado com tamanha intensidade pelo poder insistente num forte em Almas que se entregou ao lado sombrio e iniciou um conflito em todo o sistema. Talvez, sob a influência de Plagueis, mestre Dookan pudesse ser inspirado a fazer algo similar. Os Jedi mereciam uma observação mais próxima.

Um dos advogados de Celanon foi o primeiro a falar quando todos se sentaram.

– Celanon protesta contra a presença do mestre Jedi Dookan neste encontro, visto que soubemos que ele é nascido em Serenno.

O arrogante conde Vemec, de Serenno, começava a responder quando Dookan o cortou, dirigindo-se ao litigante.

– Se você tivesse investigado mais, saberia também que renunciei a todas as minhas ligações com a minha família e Serenno ao ser aceito na Ordem Jedi. – Ele virou seu olhar penetrante para o embaixador de Celanon. – Eu lhe garanto que serei tão imparcial quanto qualquer um de vocês.

O embaixador de Celanon – um humano grande e presunçoso – pigarreou, como se pedisse atenção.

– A reputação do mestre Jedi Dookan quanto à imparcialidade o precede. Confiamos que ele será tão justo nesta questão quanto se sabe que o é em todo lugar.

– Resolvida essa questão – disse Vemec –, declaro oficialmente iniciados os procedimentos.

O assunto a discutir envolvia a construção planejada de um repetidor de hiperonda manufaturado pelos Aqualish no espaço de Celano que expandiria o alcance da HoloNet até o setor Corporativo – uma vasta região do Braço Tingel que se tornara parque de diversões econômico para o Clá Bancário e a Aliança Corporativa, por meio de negócios lucrativos engendrados pelas Empresas Damask. Em compensação, pelo fato de a instalação do repetidor necessitar de mudanças nas rotas de comércio do hiperespaço, Celanon anunciara que as naves que entrassem em seu espaço pelos sistemas do Alto Hydiana precisariam pagar substanciosos pedágios. Plagueis tinha interesse limitado no debate. Secretamente, torcia para que a mediação fracassasse. Citando a controvérsia, as Empresas Damask poderiam, então, recuar, e o

projeto desabaria, irando os sistemas do Braço Tingel por terem sido vitimados por uma querela tola entre dois mundos ricos da República.

Após quatro horas de um vaivém sem sentido, Plagueis começou a achar que a vítima ali era ele. Quando o conde Vemec finalmente anunciou um intervalo nos procedimentos, e muitos dos participantes seguiram para as mesas de comida, Plagueis viu-se sozinho com Dookan, Zaifo-Vias e Qui-Gon Jinn e vestiu o manto do profano sobre si.

– O insignificante tem se tornado cada vez mais comum – comentou, para ninguém em específico. – Na ausência de uma solução, serão os sistemas circundantes quem mais irão sofrer.

Dookan concordou, sabiamente.

– O repetidor de hiperondas devia ter sido feito pela República. O Senado errou em permitir que a HoloNet fosse privatizada.

Qui-Gon Jinn ergueu as orelhas e fitou Plagueis.

– O descontentamento nos sistemas exteriores bate com os objetivos das Empresas Damask, não é, magistrado?

– Pelo contrário – Plagueis respondeu com voz contida. – Advogamos em prol dos interesses de mundos negligenciados onde e quando podemos.

O alto Jedi não foi persuadido a recuar.

– E fazem isso apoiando a Federação do Comércio e outros cartéis?

– A Federação levou progresso para muitos mundos atrasados, mestre Jinn.

– Por meio de exploração que acaba levando à ruína.

Plagueis abriu os braços.

– O progresso em geral vem com um custo. Ocasionalmente, um mundo leva umas pancadas como resultado do crescimento, mas chamar o resultado final de ruína é um exagero. – Ele estudou Qui-Gon. – Certamente os Jedi tiveram que ignorar consequências da mesma magnitude ao aplicar as leis da República.

As sobrancelhas escuras de Zaifo-Vias se uniram como uma letra V. Homem baixo e musculoso, tinha nariz largo, maçãs do rosto proeminentes e cabelos pretos lustrosos amarrados num nó no topo da cabeça. As mãos eram grandes e calosas, como se de trabalho físico. A preocupação se tornou evidente nos olhos castanhos.

– É um equívoco pensar que servimos apenas a República, magistrado. Nossa Ordem serve a um bem maior.

– Isso é o que diz a Ordem – rebateu Plagueis, apenas para desmerecer o comentário. – Mas por isso vocês têm a vantagem se poder agir de acordo com a Força, enquanto o resto de nós fica tateando no escuro em busca do que é certo e do que é errado. As Empresas Damask tentam, mesmo assim, enxergar a longo prazo.

– Assim como os Jedi – disse Qui-Gon. – Mas em diversas situações em que tivemos que resolver conflitos, foi o seu nome que apareceu.

Plagueis deu de ombros.

– Os ricos são mais cobrados que os pobres.

Dookan pensou um pouco.

– Eu culpo o Senado por encorajar a galáxia a entregar seus créditos.

Plagueis passou os olhos de Dookan para Qui-Gon.

– Aceito e concordo com o que diz o mestre Jinn sobre os Muuns terem cercado o mercado pelas finanças se ele concordar que os Jedi cercaram o mercado pela ética.

Qui-Gon fez uma reverência respeitosa para Plagueis.

– Portanto estamos em lados opostos, magistrados.

– Não necessariamente. Talvez estejamos atrás da mesma coisa.

– Caminhos diferentes para o mesmo destino? É uma racionalização inteligente, mas recuso-me a aceitar. – Qui-Gon colocou as mãos nas mangas opostas do manto. – Se me dão licença...

Dookan sorriu de leve enquanto o Jedi alto saía.

– Meu ex-aprendiz não mede as palavras.

– Conversa franca é uma raridade nos dias de hoje – disse Plagueis. – O Senado podia aprender com seres como Qui-Gon Jinn.

Dookan fechou a cara.

– O Senado escuta apenas a si mesmo. Infinitamente, e sem propósito. Se o Senado e o chanceler Darus forem perpetuar um clima no qual a injustiça pode avançar, então ela vai avançar.

Zaifo-Vias ficou inquieto.

– A Rotunda é uma arena, mesmo para quem não entra – disse num tom mais baixo –, a não ser que a pessoa fique só assistindo.

Plagueis não pôde conter um sorriso.

– Mas sei que, de vez em quando, vocês fazem lobby. – Ele continuou antes que Zaifo-Vias ou Dookan pudessem responder. – Pode virar circo. Contudo, uma coisa é certa: o Núcleo não está aguentando. É preciso um novo líder.

– Darus será eleito, sem dúvida, para outro mandato – afirmou Dookan.

Plagueis fingiu preocupar-se.

– Não tem ninguém que possa derrotá-lo, mestre Dookan?

– Frix, talvez. Kalpana, em algum momento. Atualmente ele não tem força suficiente para superar os lobistas de mais interesse.

Zaifo-Vias se tornou ainda mais tenso.

– Em todo caso, fizemos um juramento de não intervir.

– Kalpana com certeza implicaria uma entonação diferente – disse Plagueis –, mas talvez igualmente arriscada. A posição dele contra a pirataria, o roubo, até a escravidão é bem famosa. Infelizmente, muitos dos sistemas exteriores sobrevivem apenas graças a tais práticas.

– Então esses mundos terão que encontrar meios alternativos – afirmou Zaifo-Vias.

Plagueis virou-se para ele.

– Sem assistência da República? Começa a me parecer que os Jedi vão perder o emprego.

Zaifo-Vias contraiu os lábios.

– As Forças Judiciais e os Jedi manterão a paz.

– Você fala com segurança – disse Plagueis. – Mas deixe-me fazer uma pergunta: se o descontentamento se espalhar e conflitos intersistemas irromperem... se mundos membros ameaçarem secessão, como Serenno ameaçou no passado, suas lealdades não se dividiriam?

– A República será preservada.

Plagueis sorriu, maligno.

– Mais uma vez, essa confiança confortante. Mas suponha que os objetivos da República não fossem manter o bem maior. Suponha que o conflito crescesse e virasse, de fato, um cisma.

Os dois Jedi trocaram olhares.

– Na ausência de exércitos, é impossível haver guerra – disse Dookan.

– Os Jedi não são um exército, ou pelo menos capazes de se tornar um caso seja preciso?

– Fomos um exército, certa vez, mas nossos inimigos foram eliminados – disse Zaifo-Vias com deliberada vagueza. – Independente de quão extenso fosse o conflito, tentaríamos forjar a paz... e sem nos tornarmos esse corpo governante que você parece temer.

Plagueis não respondeu de imediato. Zaifo-Vias se mostrava ainda mais interessante do que Dookan, embora de outro modo. Somente um senso extraviado de lealdade à Ordem Jedi o impedia de dar voz à extensão total de suas apreensões.

– E, entretanto, você diz *forjar* a paz. Isso tem um eco de semântica, mestre Zaifo-Vias. Mas, só para problematizar, e se os sistemas descontentes criassem

um exército? Os Jedi não seriam obrigados a servir e proteger a República?

Zaifo-Vias bufou.

– De onde surgiriam esses exércitos hipotéticos? Os sistemas exteriores não têm recursos...

Notando estar enganado, o homem nem terminou a frase. Plagueis esperou um momento, escondendo a satisfação.

– Eu não quis insinuar que a República está privando *de propósito* os sistemas exteriores do direito à autodeterminação. Estou apenas especulando, porque vejo, sim, uma ameaça crescente.

Dookan fitou-o.

– Não é o único a ver, magistrado.

– Então, uma última pergunta, se me permitem: se fossem atacados, vocês contra-atacariam?

– A República jurou manter-se desmilitarizada – respondeu Dookan. – Faria o contrário apenas se fosse ameaçada.

– Mais uma vez, você reformulou a pergunta inicial, magistrado Damask – interrompeu Zaifo-Vias, com um novo fogo no olhar. – Está hipotetizando um ataque à Ordem Jedi em si.

– Creio que sim – disse Plagueis, autodepreciativo. – Creio que pensava no assassinato recente do senador Vidar Kim. Um Jedi estava envolvido, se não me engano.

– Essa questão está sendo observada – disse Zaifo-Vias num tom controlado. – Não há evidência que sugira que o Jedi em questão fosse o alvo.

O silêncio que se seguiu foi quebrado pela voz de Jocasta Nu, convocando os Jedi do outro lado da sala de conferência. Plagueis estudou Zaifo-Vias pelo canto dos olhos. Enquanto Nu e os demais conversavam, ele retomou a conversa que tivera com Sidious em Sojourn.

*Teremos que explorar esse senso de retidão deles e a obediência cega à República,* Sidious dissera em certo ponto. *Os Jedi têm que posar de inimigos da paz e da justiça, em vez de seus guardiões.*

Remoendo as ideias novamente, Plagueis começou a pensar se havia abordado Kamino de modo errado. Talvez, pensou ele, fosse melhor que os Kaminoanos criassem um exército capaz de lutar *junto* dos Jedi em vez de contra eles...

Zaifo-Vias foi o primeiro a retornar ao canto de Plagueis na sala, como se ávido por continuar a conversa.

– Para o caso de estar pensando em investir em empreendimentos militares, magistrado, posso garantir que a República não vai rever seu posicionamento com relação à desmilitarização. – As palavras saíram firmes, mas faltava-lhes certeza. – A Reforma de Ruusan não será revogada.

Plagueis ergueu as palmas das mãos.

– E posso garantir, mestre Jedi, que não foram, de modo algum, motivadas por ideias de lucro. Nós, digo, eu não quero ver a República pega de surpresa. Por ora, colocarei minha fé nos Jedi e na crença de que um exército poderia ser convocado se necessário.

Zaifo-Vias exasperou-se.

– Assim, do nada? Acho difícil, magistrado.

– Criado, então.

– Manufaturado, quer dizer.

– Não, eu estava sendo literal – disse Plagueis. – Mas conheço apenas um grupo que pode estar a par da tarefa. O grupo que criou operários para trabalhar nas minas de Subterrel.

A perplexidade tomou o rosto de Zaifo-Vias.

– Não conheço Subterrel.

Plagueis estava prestes a mencionar Kamino quando viu Jocasta Nu aproximando-se, e uma sensação no fundo do lado sombrio ergueu-se dentro dele, estrangulando sua caixa vocal, como se se recusasse a deixar a palavra escapar.

– Peço desculpas, mestre Jedi – disse, quando conseguiu. – O nome do grupo estava na ponta da língua, mas acho que acabei engolindo.



## CAPÍTULO 18

# ESQUIVAR PRIMOROSO

Palpatine estava em Coruscant há apenas pouco mais de dois meses-padrão quando o Senado resolveu votar se incluía ou não Felucia, Murkhana e metade de uma dúzia de outros planetas considerados, por muitos, clientes da Federação do Comércio. Na esperança de gerar interesse do público, o controle de clima de Coruscant prometera fornecer clima perfeito sobre o distrito do governo. Nuvens foram varridas de lado e espelhos orbitais, posicionados para fornecer o máximo de luz solar. Droides de manutenção poliram as pedras do pavimento da Praça do Senado e as estátuas de trinta metros de altura que se alinhavam na avenida dos Fundadores do Núcleo. A polícia deitara um cordão em torno de grandes áreas do distrito entre os níveis 55 e 106 e empregara unidades *sniper*, equipe de detonadores de bomba autômatos e o triplo de hovercams de segurança do que era usual. Repórteres, documentaristas, jornalistas *freelancers* e colunistas saíram em peso, usando os contatos na tentativa de chegar o mais perto possível da ação. Serviços de limusine funcionavam sem parar, e estava quase impossível conseguir um táxi, fazendo assessores e assistentes terem de se virar sozinhos, chegando a pé ou por *maglev*, de roupa recém-lavada, gola alta, peles escovadas, botas polidas. Até mesmo cavaleiros Jedi e padawans apresentavam-se por toda a praça, como se a operação policial tivesse mais intenção, na verdade, de mostrar seus belos mantos e túnicas.

Analistas diziam que a votação seria um divisor de águas, embora todos concordassem que fora uma semana lenta no que tangia às notícias em Coruscant. Mais importante: uma vasta maioria de residentes da capital não

podia importar-se menos com o resultado, visto que há muito apenas conheciam a Federação do Comércio por conta de propagandas transmitidas na HoloNet. Em todo caso, a fofoca local era sempre mais interessante que a política.

Por semanas, contudo, opositores e apoiadores das emendas que iriam rever as leis acerca do status de membros na República vinham dando voz a seus argumentos na grande Rotunda, muitas vezes vociferantes o bastante para sacudir suas plataformas repulsoras, apontando dedos e demais apêndices no ar para enfatizar ou acusar, desafiando os pedidos de ordem e decoro da parte do vice-chanceler.

Perante a estátua abstrata do Fundador do Núcleo Tyler Sapius Praji, com Sate Pestage e Kinman Doriana, Palpatine sentiu-se um passo mais próximo de seu lugar de destino, ainda que a cena na praça lhe parecesse mais desfile de moda do que assembleia senatorial. Como muitos dos demais, ele passara metade da noite fora, bebendo e jantando com lobistas ávidos por ganhar sua preferência. Nos tapcafs, cantinas, restaurantes e casas noturnas em todos os distritos de entretenimento, créditos fluíam livremente, subornos sussurrados foram proferidos, promessas, feitas, negócios, realizados. Agora alguns dos personagens que ele encontrara durante a longa noite zanzavam com os olhos turvos pelas grandes entradas do prédio do Senado, que mais lembrava um guarda-chuva: senadores e seus assessores principais; comissários do setor de investimento e permuta de segurança; membros da delegação da Federação do Comércio e da diretoria do Clã Bancário Intergaláctico.

Em outros cantos da larga avenida – em cruzamentos-chave, paradas de táxi e saídas de mag-lev –, havia grupos de Jedi, alguns com os cabos dos sabres de luz notavelmente visíveis. Para Palpatine, ver tantos deles num só lugar deixava-o, ao mesmo tempo, empolgado e comedido. Embora totalmente velado no dia a dia, ele podia sentir o orgulho coletivo dos Jedi ressoar nele por

meio da Força. Apenas a baixaza da população de Coruscant, a quase ausência pura de algo natural, impedia que o mundo fosse tão forte na luz quanto Korriban era na sombra. Embora aceitasse que ele e Plagueis eram mais do que equivalentes ao mais poderoso da Ordem Jedi, entendia que não podiam se equiparar à força combinada dos cavaleiros – sem levar em conta o imperativo Sith. Os Jedi cairiam somente com a colaboração total do lado sombrio; ou seja, somente quando o lado sombrio da Força estivesse pronto e disposto a conspirar para a derrocada.

Seus pensamentos foram interrompidos por uma lufada súbita de vento, soprada por um luxurioso landspeeder que se destacava no centro da avenida. Precedido por um bando de guardas cerimoniais vestindo mantos azuis até os pés, o chanceler supremo Darus emergiu, acenou para a multidão e para as hovercams que correram a fim de immortalizar cada expressão dele. Palpatine estudou-o enquanto os guardas começavam a guiá-lo por entre os seres, com um trem de jornalistas escolhidos a dedo, seguindo o rastro de Darus com muita obediência; o jeito com que ele fazia questão de parar para cumprimentar alguns, enquanto ignorava outros; o modo como ria no momento certo...

Lembrou-se das duas coroações a que ele e o pai foram assistir em Theed e pôde recordar-se como se fosse ontem da inveja que desprendera de Cosinga feito suor azedo. Quão avidamente seu pai inato desejara brandir tamanho poder! E quisera Cosinga poder ver o filho ali, tão perto do centro, observando o Senado como Cosinga teria feito às terras dos Palpatine na Terra dos Lagos, pensando: *Tudo o que vejo será meu: esses prédios, essas mônadas, essas estátuas eu derrubarei ao chão, esse espaço aéreo cujo uso restringirei aos poderosos, aquela cobertura no República 500, esse Senado...*

Novamente seus pensamentos foram interrompidos, dessa vez pelo senador do Protetorado Gran Pax Teem, que se aproximava todo eriçado, seguido de

perto pelos senadores de Lianna, Eriadu e Sullust.

– Está pronto para entrar pra história, senador? – perguntou Teem, com as hastes oculares tremelicando de empolgação.

– Mais do que pra ser apenas uma casualidade nela – respondeu Palpatine.

O Gran grunhiu, divertindo-se.

– Isso mesmo, jovem senhor. Não é preciso dizer que muitos estão contando com você.

– Melhor muitos do que todos, porque não há como agradar a todos.

Teem assumiu uma feição séria.

– Talvez, não. Mas podemos dar um golpe pelo utilitarismo. Fazer o melhor para a maioria.

Palpatine sorriu do modo que Darus sorrira.

– E esse golpe nós daremos, senador.

– Ótimo, ótimo – riu Teem. – Então nos vemos lá dentro, onde acontecem os negócios da galáxia.

Pestage bufou e riu, observando Teem se afastar.

– O melhor para o melhor Gran.

Era verdade. Teem não tinha má intenção alguma para com a Federação do Comércio. Queria apenas ver Naboo arruinar-se, Hego Damask diminuir-se e Malastare retornar à grandiosidade de outrora.

O contingente de senadores mal havia partido quando Palpatine ouviu chamarem seu nome; virando-se, viu Ronhar Kim na companhia de dois Jedi humanos mais velhos. Calmamente, puxou os poderes bem para o fundo de si e adotou uma máscara de cordialidade.

– Jedi Ronhar – disse, inclinando a cabeça num cumprimento.

O Jedi de cabelos negros devolveu o aceno.

– Senador Palpatine, permita-me apresentar os mestres Dookan e Zaifo-Vias.

Palpatine conhecia o primeiro, mas apenas por reputação.

– Uma grande honra, mestres.

Dookan avaliou-o abertamente, depois arqueou uma sobrancelha.

– Perdoe-me por ficar olhando, senador, mas a descrição de Ronhar sobre você me fez esperar uma pessoa mais velha.

– Eu disfarço bem, mestre Dookan. A idade, digo.

– Em todo caso – comentou Zaifo-Vias –, é um talento necessário à sua posição.

– Uma verdade ignóbil, mestre Zaifo-Vias. Mas lutamos para nos manter fiéis à nossa consciência.

Dookan sorriu com afínco.

– Atenha-se a isso, senador Palpatine. Coruscant certamente testará sua determinação.

Ronhar Kim abriu a boca para falar, mas outra voz familiar soou.

– Eu não sabia que já se conheciam.

Detrás de Dookan, Palpatine viu, com surpresa, que Hego Damask, Larsh Hill e mais dois Muuns de manto preto caminhavam na direção deles. O fato de não ter sentido a presença do mestre sugeriu que o poder de Plagueis escondia-se completamente, até mesmo de um colega Sith.

– Magistrado Damask – Dookan e Zaifo-Vias disseram simultaneamente, virando-se para cumprimentá-lo.

Damask fitou Palpatine.

– Recentemente, em Serenno, na verdade, mestres Dookan, Zaifo-Vias e eu entramos numa discussão animada sobre o estado atual da galáxia e nossas esperanças para o futuro.

– Serenno – disse Palpatine, mais para si mesmo e um tanto confuso. Damask não dissera nada sobre Jedi participarem do encontro lá. Então que recado estaria mandando agora? Fitando o trio de Jedi, ele lembrou-se do

comentário do mestre de que até mesmo os Jedi podiam ser trazidos para o lado sombrio. Teria o assassinato quase arruinado de Vidar Kim persuadido Plagueis a incitar e recrutar um Jedi para servir de aprendiz?

– Ronhar acaba de nos apresentar ao senador – Zaifo-Vias explicava.

Os olhos de Dookan passaram de Damask para Palpatine, depois de volta.

– Posso saber como é que você e o senador se conhecem?

Damask acenou para Palpatine.

– O senador Palpatine e as Empresas Damask partilham do mesmo sonho para Naboo... – Ele gesticulou também para Larsh Hill e os outros Muuns. – Palpatine foi um dos poucos que muito antes viu o bem que faria promover uma nova era para seu mundo natal.

Palpatine sentiu que alguém de fora do círculo de dez que eles formavam os observava. Bem perto da Grande Porta do Prédio do Senado, Pax Teem havia parado e fitava Palpatine estendendo as hastes oculares. Mas Palpatine não podia culpá-lo, visto que até ele fora pego de surpresa pela avidez de Plagueis em reconhecê-lo em público.

– Como se sente por ter realizado seu sonho para seu mundo natal? – perguntou Dookan.

Palpatine voltou a si.

– Não podemos ficar no caminho do destino.

Novamente, Dookan passou os olhos de Palpatine para Damask.

– A vontade da Força gera parcerias incomuns.

Sinos soaram, anunciando que a sessão se iniciava, e todos começaram a formar fila para as portas da massiva estrutura, seguindo caminhos diferentes no átrio, alguns para as cabines dos expectadores ou setores de imprensa, e outros, como Palpatine, Sate e Kinman, para turboelevadores que davam acesso à estação de Naboo no nível médio do Senado – um dos milhares de deques idênticos da Rotunda, composto por uma plataforma flutuante destacável e um

apartamento com escritórios privados. No centro do espaço artificialmente iluminado, havia uma elegante torre ornada com o selo da República, em cujo topo descansava o pódio do chanceler supremo. Darus, o vice-chanceler e o assessor administrativo já estavam presentes, e, após breves comentários introdutórios do chanceler supremo, o vice adentrou o assunto para votação.

Alguns senadores se pronunciaram, mas a maioria simplesmente deu seu voto, cuja contagem aparecia em monitores em cada estação e era projetada no alto, ao longo da curvatura interior do domo. Quando o vice-chanceler recebeu o voto do setor Chommell, a votação estava empatada. Embora o voto de Palpatine fosse quebrar o impasse, diversos sistemas ainda precisavam votar.

Destacada da estação de acoplamento, a plataforma carregou Palpatine sobre as camadas mais baixas, a fundo na Rotunda de quilômetros de diâmetro. Uma quietude pairou sobre uma porção do Senado, e ele inalou o momento profundamente consigo. Entretanto, a plataforma continuou a mover-se para o pódio, como se até mesmo o chanceler supremo quisesse vê-lo mais de perto, e o rapaz ficou satisfeito ao saber que sua reputação se espalhara tanto.

Então Palpatine falou com eles.

– A Federação do Comércio veio a Naboo uns dez anos atrás. Ela não chegou à força, mas por convite, depois que um vasto reservatório de plasma foi descoberto debaixo do manto rico de Naboo; vasto o bastante para fornecer energia limpa para centenas de mundos desfavorecidos ao longo da Via Hydiana e, ao mesmo tempo, apresentar Naboo à comunidade galáctica. Após meses de sólidos debates, nosso recém-eleito monarca decidiu que Naboo devia partilhar os recursos com a galáxia. Acordos foram feitos entre Naboo e a Federação do Comércio, além de diversos conglomerados do ramo da construção. A mineração começou, plantas de processamento foram construídas e espaçopostos foram aumentados para acomodar a frota de nave necessária para transportar o plasma para cargueiros estacionados na órbita.

Três anos depois, o plasma fluía para a galáxia e a riqueza fluía para Naboo e os mundos do setor Chommell, e uma era de prosperidade sem precedentes começou. Essa prosperidade chegou com custos escondidos, mas Naboo estava disposto a absorvê-los, principalmente em prol dos seres que se beneficiavam do que a natureza tinha concedido ao nosso pequeno mundo.

Ele fez uma pausa e virou-se um pouco na direção da plataforma da Federação do Comércio.

– A Federação do Comércio foi acusada de fixar os preços, explorar e monopolizar práticas, mas essas questões não são discutidas hoje. Hoje a República está sendo requisitada a abrir os braços e incluir diversos planetas dos sistemas exteriores que muitos consideram ser clientes do cartel. Muitos de vocês preocupam-se com o fato de que dar lugar a esses mundos penderá a balança do poder, concedendo à Federação e a seus aliados corporativos uma voz forte demais no Senado. Mas essa questão já não tinha sido resolvida quando as Cortes de Justiça definiram que a Federação do Comércio fosse tratada como um mundo? Essa decisão abriu as portas para entidades como a Corporação do Comércio, a União Techno e a Aliança Corporativa, que têm, todas, plataformas separadas nesta sala. Então a questão da *legalidade* não está aberta para debate. Em vez disso, devemos nos colocar na tarefa de decidir se a Federação do Comércio tornou-se agressiva demais em sua busca por uma voz mais alta.

Novamente ele pausou, dessa vez para permitir que debates paralelos terminassem.

– Não faz nem três meses-padrão – disse, finalmente – que o senador do setor Chommell de muito tempo foi assassinado aqui, em Coruscant. O senador Kim era conhecido por muitos de vocês como um ser honesto, preocupado com a influência crescente dos cartéis e o potencial para uma troca de poder no Senado. Sua trágica morte provocou alegações e incitou

investigações, e, entretanto, progresso nenhum foi feito para determinar o motivo do assassinato nem identificar os agentes por trás dele. Isso apesar dos inquéritos dos Judiciais, do Comitê Investigativo do Senado e até mesmo da Ordem Jedi. Como consequência e, sim, em protesto contra o modo com o qual a investigação da morte do senador Kim tem sido levada, fui instruído por meu regente, o rei Bon Tapalo, a anunciar que Naboo e os mundos do setor Chommell vão abster-se de seu voto.

O silêncio que caiu sobre um setor específico do Senado espalhou-se para incluir toda a Rotunda. Então os acessos que estouraram – tanto condenando quanto parabenizando – se tornaram tão calorosos e prolongados que o vice-chanceler acabou desistindo das tentativas de restaurar a ordem e deixou o caos reinar.



## CAPÍTULO 19

### **OS TESTES**

Como resultado da vitória da Federação do Comércio no Senado, Felucia, Murkhana e outros mundos tornaram-se membros da República, inabaláveis em sua aliança para com as necessidades da Federação do Comércio. Enquanto Pax Teem e um punhado de senadores igualmente desapontados repreendiam Palpatine, acusando-o – e também Naboo – de ter sido comprado pelo cartel, a maioria do Senado deu de ombros para a questão. Palpatine era novo no jogo e, na verdade, apenas expressara as vontades do rei Tapalo. Mais importante: a entrada de novos mundos representava mais receita e oportunidades adicionais de politicagem. Ronnar Kim agradeceu a Palpatine pessoalmente por não o mencionar quando se dirigiu ao Senado. Tocado pela panca de Palpatine, o chanceler supremo Darus enviou uma mensagem pessoal afirmando instruir o Comitê Judiciário para usar seus amplos poderes a fim de solucionar o assassinato de Kim.

Plagueis ficou satisfeito com os resultados, visto que seria apenas questão de tempo até que os mundos recém-incluídos se flagrassem presos entre a República, de um lado, e a Federação do Comércio, de outro; taxados pela primeira, explorados pela última – a receita perfeita para o descontentamento. Os dois Sith não se encontraram pessoalmente, mas Plagueis notificou o aprendiz de que ele e os outros Muuns permaneceriam em Coruscant por um tempo, principalmente para comparecer à introdução de Larsh Hill na arcana Ordem do Círculo Oblíquo, da qual muitos dos membros eram participantes regulares dos Encontros em Sojourn.

Para Darth Sidious, as semanas após a votação marcaram um retorno aos negócios de sempre. Com o Senado ainda em sessão, ele passava boa parte dos dias na Rotunda e boa parte das noites explorando Coruscant, em geral na companhia de Pestage e Dorian. Em segredo, continuava seu treinamento Sith, aceitando a ausência do direcionamento presencial do mestre como sinal de que devia crescer por conta própria. E então ele o fazia, mergulhando nos diversos textos antigos que Plagueis desdenhava, afirmando que nada valiam, os quais incluíam tratados sobre magia Sith e construção de holocrons.

Quase no final da terceira semana, Palpatine foi contatado por um lobista de um consórcio de energia conhecido como Rastro de Energia Silvestri. Em diversas conversas por comlink, o lobista, um Sullustano, deixou claro que o senador lucraria muito se advogasse pelo RES no Senado e sugeriu que se encontrassem para discutir os termos. Sidious talvez não devesse cavar muito profundamente nas origens do RES nem descobrir modos de contornar os bloqueios que o consórcio havia erigido para impedir tais investigações, mas ele o fez e intrigou-se ao saber que a RES tinha sido, antes, uma empresa-fantasma criada pela Zillo Fontes de Combustível, localizada em Malastare.

Suspeitando estar se dirigindo a uma cilada, Sidious concordou em encontrar o Sullustano de dia; a localização que ele deu serviu apenas para aumentar ainda mais a desconfiança. Ao contrário dos restaurantes das porções mais altas preferidos pelos políticos, o Sedabrillo localizava-se num distrito da porção baixa conhecido coloquialmente como PDU, que, para a maioria dos seres, significava “periferia de Uscru” – uma área lentamente gentrificada cruzada pela Linha de Mag-lev do Núcleo Profundo que um dia fora reduto de gangues da relva, assassinos em série, molestadores, ladrões e demais parasitas, num mundo onde a parasitagem era digna de nota. Com os residentes basicamente pilhando uns aos outros, a polícia via pouco motivo para patrulhar, e inclusive havia pouquíssimas câmeras de segurança, visto que eram

em geral roubadas e desmontadas para o uso das partes. Entretanto, o risco de mutilação ou assassinato chamava a atenção do pessoal da Rotunda, por isso não era incomum encontrar um senador ou assessor zanzando pela PDU, misturando-se aos seres obscuros, abusando de substâncias proibidas, flertando com o perigo.

Sidious pensou em levar Pestage e Doriana consigo, mas acabou rejeitando a ideia. Na ausência de treinamento formal com Plagueis, estava ávido para descobrir o que saberia fazer por conta própria.

Sacudido e perturbado pela passagem frequente dos trens mag-lev mais próximos, o Sedabrillo atendia o que parecia ser um pessoal local. Vestido de modo simples para o encontro, assim como Sidious, o lobista Sullustano esperava numa mesa de canto, de costas para uma parede adornada com holoimagens baratas. Somente outras seis mesas estavam ocupadas – principalmente por casais não humanos –, e eram atendidas por três garçons humanos atrapalhados e um *barman* Dug. Um jazz instrumental, quase inaudível, flutuava pelo ar, que precisava muito ser reciclado.

Sidious adotou uma expressão de inocência, olhos escancarados, quando se sentou em frente ao Sullustano. Eles começaram a conversar genericamente sobre os eventos recentes e questões do Senado, até que o lobista puxou a conversa para a necessidade de a RES conseguir aprovação do Senado para expandir suas operações na Rota Comercial Rimma. Bebida e petiscos foram pedidos e pedidos de novo, e em pouco tempo o interesse de Palpatine começou a diminuir.

– Acho que você sobrestimou meu valor para a RES – disse ele, finalmente.  
– Não passo de um representante do regente de Naboo.

O Sullustano acenou com sua mãozinha, recusando a fala do outro.

– E eu acho que você se subestima. Seu pequeno discurso no Senado colocou-o no mapa, senador. Os seres estão falando sobre você. A RES acredita

que você pode ser de grande valia.

– E para mim mesmo, segundo você.

– Naturalmente... – começou o Sullustano, mas Sidious o interrompeu.

– Na verdade, você não veio aqui me recrutar. – Com um aceno negligente, ele repetiu: – Você não veio aqui me recrutar.

O Sullustano piscou, confuso.

– Na verdade, não vim aqui recrutar você.

– Então por que veio?

– Não sei por que estamos aqui. Fui instruído a me encontrar com você.

– Instruído por quem?

– Eu... eu...

Sidious resolveu não pressionar tanto o outro.

– Você dizia?

Novamente, o Sullustano piscou.

– Eu dizia... O que eu dizia?

Os dois riram e deram um gole nas bebidas. Ao mesmo tempo, Sidious usou a Força para mexer no avental de um dos garçons apenas o suficiente para revelar o punho de uma arma de raios que o homem trazia junto à cintura. Erguendo o copo para outro gole, fez o mesmo com outro garçom, cujo avental escondia arma idêntica. Ambas tinham sido manufaturadas pela BlasTech, mas não para consumo comum. A Série E 1-9 – devidamente batizada de Chute Rápido – estava disponível apenas para a Santhe Segurança, cujo quartel-general localizava-se em Lianna.

– Melhor eu ir devagar – disse, com embaraço proposital. – Acho que estou ficando meio tonto.

O comportamento do Sullustano mudou, embora quase de forma imperceptível.

– Você só precisa comer mais um pouco. – Ele deslizou o cardápio pela mesa. – Escolha o que quiser. Não ligue pro preço. – Ele se levantou. – Com licença; vamos pedir assim que eu retornar.

Sidious notou que o Sullustano não era o único que se levantava. Sob ordens quase sussurradas pelos garçons, os cidadãos pediam a conta e saíam. Em momentos, ele seria o único freguês do Sedabrilho. Conforme se virou um pouco na cadeira para ver o canto do recinto, um cenário começou a se formar em sua imaginação. O Sullustano, a conexão da RES a Malastare, agentes da Santhe Segurança, até mesmo o *barman* Dug... Todos tinham questões não com ele, mas com as Empresas Damask. Não estavam armando para acusá-lo de corrupção; um esquema muito mais sinistro se revelava, e o interesse do rapaz foi imediatamente renovado.

A primeira ideia que lhe ocorreu foi que haviam tentado drogá-lo. Suas investigações em feitiçaria Sith o ensinaram a anular os efeitos de muitos venenos e poções comuns – prática que ele executara rotineiramente antes mesmo de sentar-se à mesa. Talvez, então, esperavam que ele caísse de cara na mesa, inconsciente, ou que espumasse pela boca e sacudisse em espasmos...

Enquanto pensava que talvez sua habilidade de atuar fosse ser colocada à prova, dois dos garçons vieram até ele, agora mostrando as armas discretas, porém poderosas.

– Tem uma pessoa querendo falar com você, senador – disse o mais alto da dupla.

– Aqui? – perguntou Sidious, aparentemente confuso.

O outro apontou para uma porta.

– Por ali.

Sidious mascarou um sorriso: o Sedabrilho possuía uma sala reservada nos fundos.

Ele se levantou, meio sem jeito, inclinando-se deliberadamente para um dos seguranças, aumentando a temperatura do corpo, o ritmo cardíaco e a respiração.

– Estou um pouco intoxicado. Talvez precise da ajuda de vocês.

O homem bufou, exasperado, mas permitiu a Sidious que colocasse o braço no ombro dele.

*Quão fácil seria, pensou ele, sentindo o lado sombrio erguer-se dentro de si, fervilhante, faminto, ávido para assumir o controle daquele corpo e se libertar, quebrar os pescoços de ambos, rasgar os corações ainda batendo no peito, arremessá-los e esmagá-los contra as paredes, derrubar todo esse lugar fétido em cima das cabeças deles...*

Mas não o fez. Tinha de se encontrar com seu anfitrião. Tinha de descobrir os nomes de todos os responsáveis. Tinha de provar ao mestre que era astuto e capaz – um verdadeiro lorde Sith.

A sala dos fundos revelava uma segunda porta que dava para um corredor escuro que levava a um antigo turboelevador. Empurrado adiante pelos guardas, Sidious calculou a distância que cobriram desde o Sedabrillo até o turboelevador. Permaneceu em silêncio quando começaram a subir e devotou sua atenção para calcular o ritmo com que subiam. Estimou que haviam subido cinquenta andares quando o turboelevador parou, depositando-os num corredor tão antigo quanto o primeiro, embora mais largo, de piso frio, iluminado por arandelas penduradas nas paredes. Talvez fosse o corredor de manutenção das mônadas acima, embora ainda estivesse muito abaixo do que constituiria o mais profundo dos porões. Os homens da Segurança Santhe guiaram-no ao norte, por sobre um extenso piso de permacreto manchado, até um cruzamento no qual um speeder de quatro lugares aguardava, com um Rodiano cheio de armas sentado nos controles.

*Esse aí não é da Santhe, Sidious pensou. Mercenário ou assassino freelancer.*

Empurrado grosseiramente para o banco de trás do speeder, foi lembrado de não tentar gracinha alguma. Contendo o impulso de mostrar que *eles* já tinham feito isso, Sidious continuou a bancar o sequestrado intimidado, acovardando-se no banco, as mãos entrelaçadas sobre as pernas, evitando contato visual. O speeder viajou para o leste em velocidade moderada até o primeiro cruzamento, depois virou na direção do distrito do governo e retomou a velocidade anterior, mantendo-se assim por mais tempo. Sidious reparou que estavam aproximadamente vinte níveis abaixo dos prédios do Senado quando o speeder virou para o oeste, adentrando um corredor ainda mais amplo no sentido do distrito conhecido como Os Flats, ou Os Trabalhos – uma espécie de terreno industrial situado bem abaixo do planalto do governo, dando vistas, ao norte distante, ao Templo Jedi e aos campos horizontais do Espaçoporto Pius Dea, e ao sul aos resiblocos e torres comerciais do distrito Fobosi.

Local onde Plagueis participava da introdução de Larsh Hill à Ordem do Círculo Oblíquo.

O Rodiano piloto do speeder deixou-os ao lado de um turboelevador flutuante. Fingindo tremer de medo, Sidious concluiu algo a mais: o fato de os sequestrados se esforçarem muito para mantê-lo fora das vistas do público significava que o plano incluía pedir resgate por ele ou o executar clandestinamente, em vez de em público.

O elevador levou-os ao deque de pouso de uma fábrica abandonada, onde muitos outros guardas esperavam. A luz do dia, oblíqua e cheia de partículas de poeira, vazava por imensas janelas que seriam ainda destruídas pelas gangues que dominavam Os Trabalhos, banhando itens considerados inúteis quando os donos da fábrica trocaram Coruscant por mundos mais baratos da Orla Mediana ou da Exterior. Os sequestradores de Sidious o forçaram a sentar-se

sobre o corpo robusto de um droide de energia. Um holoprojetor portátil foi colocado em sua frente, e uma rede de transmissão, sob seus pés.

Um dos guardas da Santhe passou um momento ativando o projetor, depois se afastou conforme uma imagem vaga e azulada, em tamanho real, do senador do Protetorado Gran Pax Teem tomou forma ali em cima. Teem vestia um manto ricamente bordado e uma túnica de sedabrillo envolvida por uma faixa larga na cintura. A qualidade estável e bem detalhada da imagem sugeria que a fonte estava em Coruscant ou num mundo próximo do Núcleo, em vez de em Malastare.

– Peço desculpas por não arranjar assento mais adequado à sua posição, senador. Sem dúvida, o chefe da Casa Palpatine está acostumado com recintos mais confortáveis.

Sidious trocou ultraje e intimidação por uma ávida curiosidade.

– Agora é a hora em que pergunto por que fui sequestrado?

Teem esticou as hastes oculares.

– Não está nem um pouco interessado?

– Suponho que isso tenha a ver com a abstenção de voto de Naboo.

– Certamente, esse é um dos motivos. Você devia ter votado como teria feito seu predecessor, senador.

– Não fui instruído assim.

– Ah, disso eu tenho certeza.

Sidious cruzou os braços em frente ao peito.

– E que mais?

Teem esfregou as mãos de seis dedos, ansioso.

– Isso tem menos a ver com você do que com os seres para quem você trabalha. De certo modo, encontrar-se no meio da situação é apenas azar seu.

– Não acredito em azar, senador, mas entendo quando diz que esse sequestro foi um ato de retribuição. E, sendo assim, você demonstra que o

Protetorado Gran está disposto a empregar as mesmas táticas usadas por aqueles que ordenaram o assassinato de Vidar Kim.

Teem inclinou-se para a câmera que transmitia sua imagem e permitiu que a raiva contorcesse os traços de seu rosto.

– Você diz isso como se ainda fosse um mistério, quando nós dois sabemos que o assassinato não foi ordenado pela Federação do Comércio, mas pelo seu mestre Muun, Hego Damask.

A expressão de Sidious não se alterou.

– Ele não é meu *mestre*, senador. Eu mal o conheço.

– Ele cumprimentou você em frente ao prédio do Senado como se fosse um amigo próximo.

– Ele cumprimentava dois mestres Jedi que estavam ao meu lado.

Teem agitou o indicador direito no ar.

– Não se iluda, pensando que pode se salvar mentindo. Você e Damask se conhecem há mais de dez anos. Desde que você foi crucial ao ajudá-lo a garantir a eleição de Bon Tapalo.

Sidious fez um gesto casual.

– Fofoca antiga que não tem base alguma, inventada e espalhada por rivais da Casa Palpatine.

– Mais uma vez, você mente. Quem traiu foi você, a seu pai e aos nobres aliados dele. Em troca das informações que você publicou e do trabalho de espionagem que conduziu para Damask, ele o recompensou persuadindo Tapalo a nomeá-lo embaixador.

Sidious escondeu seu pesar. Que seus inimigos de Naboo tinham ido atrás de Teem não era surpresa alguma. Mas tal revelação firmou a decisão dele de eliminar esses inimigos assim que possível. E para garantir, também, que as informações referentes a seu passado desaparecessem dos registros públicos.

– A indicação para embaixador ocorreu anos depois – disse ele. – Como resultado direto de minhas realizações enquanto político em Naboo.

Teem soltou um riso rosnado.

– Do mesmo modo que a indicação para o Senado foi resultado de suas realizações?

– Fale abertamente, Teem – disse Sidious, a voz seca e ameaçadora.

Teem abriu um sorriso amargurado.

– Talvez você não tenha atuado diretamente na morte de Kim, mas suspeito que foi cúmplice. – Ele fez uma pausa, depois acrescentou: – Aquele discursinho que você deu no Senado... vejo que conseguiu atrair a atenção do chanceler supremo. Obviamente, você tem tudo para ser político de carreira. Infelizmente, planejamos encerrá-la.

Sidious tirou pó dos ombros, passando a mão no manto.

– Publique quaisquer alegações que tenha. Serão fofoca num dia, esquecidas no seguinte.

Teem plantou as mãos enormes nos quadris e gargalhou.

– Você não me entendeu, Palpatine. Não estamos interessados em manchar sua reputação nem em pedir resgate. Pretendemos *matá-lo*.

Sidious esperou um pouco para responder. Foi estranho reparar que algum dia no passado ele conhecera o medo. Embora nunca um medo incapacitante, e nunca por muito tempo. Mas, quando criança, experienciara o medo como resposta condicionada à ameaça. Apesar de uma voz tranquilizadora dentro dele garantir que jamais seria ferido, houvera, em certo tempo, uma *chance* de que algo terrível acontecesse. Mais de uma vez, a mão erguida do pai fizera o menino recuar. Por fim, ele entendeu que a voz era conjurada por ele mesmo; que ele não se enganava, exercitando uma crença infantil na invulnerabilidade. Entendeu, então, que fora o lado sombrio quem lhe dizia que jamais seria ferido, justamente porque era, *sim*, invulnerável. Desde o início de seu

treinamento, a voz se aquietara, internalizando-se. A crença de Teem em relação a possuir poder sobre o rapaz poderia ter levado este, antigamente, a sentir pena em vez de raiva e ódio pungentes. A emoção crua era uma consequência de levar vida dupla. Embora preservasse sua identidade secreta, desejava, ao mesmo tempo, que ela fosse conhecida, que soubessem que ele era um ser com quem ninguém devia se meter; que detinha autoridade definitiva; que apenas olhar para ele era o mesmo que ver a matéria sombria que ligava e movia a galáxia...

– O que espera conseguir me matando?

– Já que perguntou... espero livrar o Senado de mais um capanga inútil e mandar um recado especial para Hego Damask, o de que seus dias influenciando o Senado chegaram a um abrupto fim. Por dez anos, temos esperado para executar essa... *retribuição*, como você chamou. Alguns de nós têm esperado por mais tempo ainda. Desde a parceria de Damask com um Bith chamado Rugess Nome.

*O assassinato de Kerred Santhe*, pensou Sidious.

– Receio, senador, que você não pensou o bastante nessa questão.

O rosto de Teem ruborizou-se.

– Repercussões, Palpatine? Ah, mas nós pensamos nisso e tomamos as precauções necessárias.

Sidious assentiu.

– Vou dar-lhe uma última chance de reconsiderar.

Teem virou-se para alguém que não aparecia na imagem e soltou uma gargalhada de sacudir a barriga.

– Diga isso aos seres que têm em mãos a sua vida, Palpatine. E atenha-se ao fato de que você realizou muito em sua breve carreira.

Assim que a holoimagem dissolveu-se, dois dos seguranças começaram a avançar em direção a ele. Sidious preparou-se para a ação. Um golpe da Força

arremessou ambos para o holoprojetor, depois ele saltou, braços estendidos, mãos em garra, direto para as traqueias que arrancaria das gargantas...

A Força intrometeu-se, atraindo a atenção dele para as janelas ao alto.

Ao mesmo tempo, o som de disparos de energia e gritos de dor ecoou das salas adjacentes; depois um enervante estilhaçar de vidro quando guardas solares atravessaram as janelas e desceram em rapel para o chão nojento, atirando enquanto deslizavam pelas linhas de microfilamento, atingindo os homens da Santhe e o Rodiano com tantos raios que os corpos foram esquartejados pelo voleio.

Outros Echani chegaram via cabo, vindo de ambos os lados, alguns portando bastões de energia, outros, armas de raios. Sidious ainda nem havia se mexido quando uma fêmea de olhos prateados correu até ele.

– Está salvo agora, senador Palpatine.

Ele sorriu para ela.

– Estou vendo.

Um Echani macho parado junto do holoprojetor usava um aparelho de mão para extrair informação dali. Um instante depois, uma imagem de Hego Damask vestido com manto cerimonial apareceu no mesmo local onde estivera Teem; o droide 11-4D logo atrás dele.

– Temos a fonte, magistrado – disse o guarda solar. – Instalação Orbital Panoply.

Damask assentiu.

– Reúna o restante da equipe e execute o ataque.

O guarda solar acenou com a cabeça concordando.

– Devo deixar alguém com o senador Palpatine?

– Não – Damask respondeu. – O senador Palpatine não precisa da sua proteção. Deixe-nos a nós.

Sidious podia ouvir o airspeeder pairando do lado de fora da fábrica. Sem mais palavra, os guardas solares começaram a sair às pressas do local.

– Pelo visto, você andou de olho em mim – disse Sidious, aproximando-se do projetor.

Darth Plagueis assentiu.

– Sua abdução foi planejada por um tempo.

– Desde que você fez questão de me cumprimentar no Senado, às vistas de todos.

– Antes disso. Veruna alertou-me do fato de que um grupo de nobres descontentes fez contato com os Gran. – Plagueis pausou brevemente. – Talvez você deva requisitar Sate Pestage para ajustar as contas com eles.

– Essa ideia me ocorreu mesmo.

– Quanto ao nosso encontro em público, eu precisava mostrá-lo para eles.

– Sem que eu soubesse. – O rubor que surgira no rosto de Sidious cedeu. – Mais um teste?

– Por que eu precisaria testar você?

– Talvez você tenha pensado que eu me envolvi tanto com a vida de Coruscant que não reconheceria o perigo.

– Obviamente, isso não aconteceu. Eu vi que você estava ciente desde o início. Estava determinado a me agradar, e conseguiu.

Sidious inclinou a cabeça, em respeitosa reverência.

– Mesmo em parceria com a Santhe Segurança, Teem e os outros Gran são completos amadores – Plagueis prosseguiu. – Nossos agentes os persuadiram a usar o restaurante de Uscru, e a fábrica na qual você se encontra... que nos pertence, no caso, por meio de uma empresa chamada LiMerge Energia. Não conseguimos, contudo, determinar onde os Gran estariam se refugiando.

– E agora sabem – disse Sidious. – Mas pra que fazer tudo isso para armar para eles? Por que não, simplesmente, matá-los?

– Isso não é assunto dos Sith, aprendiz. Em prol das aparências, precisamos justificar o que estamos prestes a soltar contra eles. Eles não conseguiram captar nossa mensagem, e agora têm de aprender uma lição. Entretanto, outros interesses precisam ser convencidos de nossa lógica.

– Como posso ajudar?

– Você já fez a sua parte. Agora prossiga com suas atividades de sempre. Tornaremos a nos falar quando a cerimônia na Ordem do Círculo Oblíquo terminar.

Sidious permaneceu em silêncio por um bom tempo, depois disse:

– Algum dia esses testes vão cessar?

– Sim. Quando não forem mais necessários.



## CAPÍTULO 20

# O CÍRCULO OBLÍQUO

O palco estava montado.

Um círculo perfeito, com vinte metros de diâmetro, fora cortado de uma placa única de pedra importada e construído de modo que uma ponta tocasse o piso enquanto a outra era sustentada dez graus acima por geradores de antigravidade escondidos. Esse era o Círculo Oblíquo, conhecido apenas por membros da ordem – que, ao longo de toda a sua história, jamais tivera mais de quinhentos –, e localizado no topo pálido da mônada da sociedade esotérica no coração do distrito Fobosi, de Coruscant. Diziam as lendas que o prédio de topo arredondado – que se julgava ser o mais antigo dessa parte do planeta – fora construído por cima do leito de um lago antigo e constituíra o único sobrevivente de um evento sísmico que o tombou dez graus a sudoeste. Um século após o terremoto, a estrutura foi devolvida à vertical, exceto pela porção central do piso inclinado do último andar, que mais tarde rendeu nome a uma organização clandestina fundada por seres influentes que compraram o prédio em algum momento durante o reinado de Tarsus Valorum.

No presente, Larsh Hill, envolto em mantos pretos, encontrava-se na ponta do círculo, e Plagueis, 11-4D e dez outros Muuns – também usando vestimenta preta, embora diferente dos trajes com capuz da ordem –, do outro lado. Marcada para iniciar em hora exata, a cerimônia de iniciação começaria com o alto oficial juntando-se a Hill no círculo para iniciá-lo, e, em seguida, envolver em torno do pescoço dele o pingente típico da ordem. Plagueis declinara uma oferta de alistamento vinte anos antes, mas continuara a fazer negócios com o Grande Mago e muitos dos membros mais proeminentes da

ordem, diversos dos quais eram regulares nos Encontros em Sojourn. A Ordem do Círculo Oblíquo orgulhava-se de servir como clube exclusivo para alguns dos seres mais influentes da galáxia; seus objetivos eram estreitos em foco, e seus rituais, universalmente alegóricos, repletos de frases secretas e apertos de mão. Plagueis entendia a necessidade de instilar nos membros um senso de furtiva fraternidade, mas não podia correr o risco de que os altos oficiais cavassem muito a fundo seu passado. O de Larsh Hill, por outro lado, era exemplar – até mesmo as décadas que ele passara trabalhando com o pai de Plagueis. Uma vez iniciado, Hill se tornaria o principal agente das Empresas Damask em Coruscant, e seu filho, San, passaria a ser o braço direito de Hego, como preparação para seu papel futuro enquanto presidente do Clã Bancário Intergaláctico.

Ao retornar da rápida holocomunicação com Sidious, Plagueis estava cheio de uma sensação de triunfo. Antes do cair da noite no distrito de Fobosi, os membros do Protetorado Gran deixariam de ser uma preocupação. Pax Teem e o restante acreditavam que tinham encontrado abrigo a bordo de uma das instalações orbitais de Coruscant, mas os guardas solares – exceto por um par que Plagueis mantivera em reserva na sala de iniciação da ordem – estavam a caminho até eles, em forças suficientes para esmagar quaisquer defesas que a Santhe Segurança oferecesse. Sidious executara seu papel com perfeição e se redimira totalmente perante os olhos de Plagueis. Chegara a hora de levar o aprendiz mais a fundo nos mistérios dos Sith que ele investigara por boa parte da vida – e apresentar o humano aos milagres que vinha realizando em Aborah.

De uma série de passagens em arco que circundavam a sala vieram os sons de cantos solenes quando umas três dúzias de membros encapuzados da ordem começaram a entrar enfileirados para tomar seus lugares ao longo do perímetro do Círculo Oblíquo. O último a aparecer foi o alto oficial, que usava uma máscara e carregava o pingente circular e emblemático envolto nas duas mãos,

erguidas como se rezasse. Rituais de tipo similar deviam ter sido encenados pelos Sith antigos, Plagueis pensou, vendo Larsh Hill realizar uma reverência perante o alto oficial.

No mesmo instante que o joelho direito de Hill tocou a pedra polida, o chacoalhar de um presságio subiu pela espinha de Plagueis. Virando-se discretamente, ele viu que 11-4D rotacionara a cabeça para ele num gesto que passara a associar com uma situação de alerta. O lado sombrio caiu sobre ele feito um manto, mas, em vez de agir sob impulso, ele se conteve, receoso de entregar sua verdadeira natureza prematuramente. Nesse instante de hesitação, o tempo pareceu parar, e diversos eventos aconteceram de uma só vez.

O alto oficial puxou o pingente com que envolvera o pescoço de Hill, e a cabeça do velho Muun se soltou dos ombros dele e começou a rolar pelo palco tombado. Sangue jorrou do pescoço de Hill, seu corpo caiu de lado com um baque e começou a sacudir conforme cada um de seus corações se desligava.

Sacudindo as mãos de dentro das mangas largas e opostas dos mantos, os membros encapuzados da ordem fizeram movimentos amplos de arremesso, lançando dezenas de discos decapitantes que voaram, silvando pelo ar. Muuns dos dois lados de Plagueis caíram de joelho, com o último gole de ar preso na garganta. Com um disco enterrado fundo na testa, um dos guardas solares girou perante Plagueis feito uma marionete descontrolada. O sangue jorrou como de uma fonte, virando névoa. Atingido em pelo menos três lugares e vazando lubrificante, 11-4D tentou mancar para perto de Plagueis quando outro disco girou para dentro de seu corpo metálico, desprendendo uma chuva de faísca e fumaça.

Plagueis pressionou a mão na lateral direita do pescoço e descobriu que um disco raspava ali e levava um naco considerável de osso e carne, e a passagem cruel seccionara sua traqueia e diversos vasos sanguíneos. Ele colocou a Força sobre o ferimento para impedir que perdesse a consciência, mas, mesmo assim,

caiu no chão, com sangue jorrando no círculo de pedra, já ensebado. Em torno dele, turvos em sua visão, que falhava, os assassinos tinham sacado vibroadagas das outras mangas dos mantos e começavam um avanço metódico contra os poucos Muuns que ainda permaneciam de pé. Um voleio de disparos partiu da arma de raios aninhada nos braços do guarda solar remanescente, varrendo meia dúzia de seres encapuzados para fora do círculo, antes de ele mesmo ser massacrado.

*Um truque, pensou Plagueis, sofrendo tanto com a descoberta quanto com o ferimento. Ludibriado por um grupo de seres inferiores que pelo menos tiveram noção suficiente para colocar a astúcia acima da arrogância.*

Em seu pequeno, porém ordenado, escritório no Senado, Palpatine fitava uma porção de Coruscant. No canto oposto de uma corrente incessante de tráfego numa camada média, localizava-se a face lisa de um complexo monótono do governo.

*Prossiga com suas atividades de sempre, dissera Plagueis. Mas como ele poderia agir como se nada tivesse acontecido, mesmo com o intuito de estabelecer um alibi? Plagueis por acaso esperava que ele retornasse a Uscru e terminasse o almoço? Fosse dar uma volta na Praça Monumento? Seguisse para o encontro com o Bothano inconsequente que era presidente do Comitê de Finanças?*

O rapaz afastou-se bruscamente da janela do escritório, vítima da própria raiva contida.

Não era essa a vida que ele imaginara para si dez anos antes, quando jurara lealdade ao lado sombrio da Força. A fome de estar em contato com a Força, de ser um Sith ainda mais poderoso, não tinha limites. Mas como ele saberia quando chegasse a algo similar à maestria? Quando Plagueis dissesse?

O rapaz fitou as mãos, que tremiam.

A habilidade de conjurar relâmpagos viria mais facilmente? Que poderes o lorde Sith Plagueis guardava apenas para si?

Sidious encontrava-se no meio da sala quando sentiu alguém lá fora, no corredor. Punhos socaram a porta; ela se abriu, e Sate Pestage invadiu a sala. Ao ver Palpatine, ele parou subitamente, e o pânico que trazia no rosto ao entrar transformou-se num alívio evidente.

– Estive tentando falar com você – ele quase gritou, passando a mão na testa.

Palpatine fitou-o embasbacado.

– Eu estava ocupado. Que aconteceu?

Pestage afundou-se numa cadeira e olhou para o outro.

– Tem certeza de que quer saber? – Ele hesitou, depois disse: – No intuito de separar o que eu faço do que você faz...

Os olhos de Palpatine pegaram fogo.

– Pare de desperdiçar meu tempo e desembuche.

Pestage cerrou os dentes.

– O comandante Maladiano com quem eu fiz negócios durante a questão do Kim.

– Que tem ele?

– Ele me contatou... duas, talvez três horas atrás. Disse que se sentia humilhado com o modo com o qual o contrato Kim fora implementado, e queria me compensar. Informou que tinha acabado de ouvir dizer que uma facção Maladiana aceitara um contrato para conduzir um esquema dos grandes em Coruscant, envolvendo alguém afiliado de perto às Empresas Damask. – Pestage não tirava os olhos de Palpatine. – Tive receio de que fosse você.

Palpatine girou de volta para a janela, a fim de pensar. Teriam os guardas da Santhe planejado entregá-lo aos Maladianos logo após a holocomunicação com Pax Teem?

Ele se voltou para Pestage.

– Quem conduziu o contrato?

– Membros do Protetorado Gran.

– Faz sentido – disse Palpatine, mais para si mesmo.

– O que faz sentido?

– Onde estão esses Gran agora?

– Assim que falei com o Maladiano, pedi a Kinman que ficasse de olho neles. Estão enfiados na residência do embaixador em Malastare.

Palpatine se surpreendeu.

– Aqui? Em Coruscant?

– Claro, aqui.

– Não é possível que estejam no espaço?

– Não, estão em terra.

Palpatine afastou-se de Pestage. Abriu-se totalmente à Força e quase ficou de joelhos perante uma inundação de esmagadora malevolência. Ele plantou a mão esquerda na mesa, em busca de apoio, e conseguiu respirar com dificuldade. Em algum lugar ali perto, o lado sombrio estava se abrindo.

– Palpatine! – Pestage disse, atrás do outro.

– Hego Damask – disse Palpatine, sem se virar.

Pestage ficou pasmo demais para responder.

O Gran virara o jogo contra ele! Contra os *dois*. Plagueis estivera tão concentrado em executar seu plano que não parara para pensar que o Gran talvez tivesse um plano seu. Mas como? *Como ele pôde ser tão cego?*

– Prepare um speeder, Sate!

Ele escutou Pestage levantar-se num pulo.

– Pra onde vamos?

– Fobosi. O alojamento do Círculo Oblíquo.

Deitado de lado, com os joelhos unidos contra o peito, os olhos abertos, mas imóveis, Plagueis viu o segundo Echani sucumbir às múltiplas estocadas de vibroadaga dos assassinos. Com sangue jorrando sob a mão de Plagueis, brilhando numa poça no chão abaixo do pescoço dele, pensaram que estivesse morto. Contudo, passavam do corpo de um Muun caído para o seguinte, procurando por sinais de vida e concluindo o que tinham começado. Alguns haviam baixado os capuzes pretos, revelando-se Maladianos – o mesmo grupo que Sidious empregara para dar cabo de Vidar Kim.

Por um instante, ele imaginou se Sidious teria secretamente arranjado outro contrato, mas dispensou de imediato a ideia – criada, claro, pelo fato de Plagueis não querer admitir para si que o Gran o enganara. Perguntou-se também se os Maladianos tinham sido ousados o bastante para matar os membros proeminentes do Círculo Oblíquo que estavam substituindo ali. Improvável, dado que os assassinos eram conhecidos e respeitados por seu profissionalismo. Os membros deviam ter sido deixados inconscientes por gás ou algum outro meio.

A menos de um metro estava 11-4D, com cinco discos decapitadores brotando do corpo metálico e luzes desvairadas piscando, entregando o processo de autodiagnóstico. Realizando um teste similar em si mesmo, Plagueis sabia que perdera quantidade considerável de sangue e que um de seus corações subsidiários estava em fibrilação. Técnicas Sith tinham ajudado a realizar cardioversões químicas nos outros dois corações, mas um deles trabalhava tanto para compensar que corria, também, risco de entrar em arritmia. Plagueis moveu os olhos apenas o suficiente para localizar alguns dos doze assassinos que sobreviveram ao contra-ataque dos guardas solares; depois mergulhou fundo na Força e catapultou-se de pé.

O assassino mais próximo girou para ele com vibroadagas erguidas e avançou correndo, apenas para ser arremessado para fora do palco inclinado,

contra as paredes curvas da sala. Outros, Plagueis derrubou com as próprias mãos, quebrando pescoços e atravessando punhos nos troncos blindados. Depois de abrir bem os braços, ele juntou as palmas das mãos e transformou cada objeto solto no recinto num projétil fatal. Mas os Maladianos eram muito mais do que meros assassinos. Alguns membros do culto haviam matado e ferido Jedi, e, quando se viam confrontando poderes da Força, não se encolhiam nem fugiam, apenas trocavam de tática, movendo-se com impressionante agilidade para cercar Plagueis e esperar que ele baixasse a guarda.

A espera durou somente até Plagueis tentar soltar relâmpagos. Seu segundo coração subsidiário falhou, paralisando-o de dor e quase o mergulhando na inconsciência. Os assassinos não perderam tempo: lançaram-se contra o Muun em grupos, embora em vã tentativa de penetrar o campo de Força que ele erguera. Novamente ele juntou energia, dessa vez com um som rouco arrancado do fundo de seu interior que jorrou dele como uma arma sônica, estilhaçando os tímpanos dos que se encontravam num raio de dez metros dele e fazendo os demais levarem as mãos aos ouvidos.

Num movimento cegante, as mãos e os pés esmagaram crânios e traqueias. Ele parou mais uma vez para conjurar uma onda de Força que basicamente atomizou os corpos de seis Maladianos. Virou-se para um canto, arrastando a onda para a outra metade da sala, matando assim mais meia dúzia. Mas mesmo tudo isso não bastou para deter os atacantes. Eles voaram contra Plagueis mais uma vez, aproveitando-se ao máximo da fraqueza momentânea para abrir-lhe rasgos nos braços e ombros. Ajoelhado, o Muun levitou a arma de raios de um guarda solar do chão e a trouxe para si, mas um dos assassinos conseguiu alterar a trajetória jogando-se no caminho da arma voadora.

Com nada além da Força em mente, Plagueis sacudiu o piso, derrubando alguns assassinos, mas outros correram para substituí-los, atingindo-o com suas

vibroadagas de todo ângulo. O Muun sabia que tinha vida suficiente para conjurar uma última contraofensiva. Estava a um instante de libertar o inferno sobre os Maladianos quando sentiu Sidious entrar no local.

Sidious e Sate Pestage, em cujas mãos uma arma de raios disparava um inferno todo seu, uma barragem de luz que separou membros de troncos, cabeças encapuzadas de ombros sob os mantos. Sidious correu até Plagueis, ergueu-o do chão, e em unísono eles trouxeram morte rápida aos demais.

Na calma que se seguiu, 11-4D, brilhando de lubrificante vazado, reabilitou-se e caminhou meio manco até onde estavam os dois Sith, trazendo seringas em dois de seus apêndices.

– Magistrado Damask, posso ajudá-lo.

Plagueis estendeu o braço para o droide e depois foi se largando no chão, conforme as drogas começaram a fazer efeito. Ele ergueu os olhos para Pestage, depois para Sidious, que, por sua vez, assumiu uma feição que para Pestage deixava bastante claro que ele acabava de se tornar um membro daquela fraternidade secreta, quisesse ele ou não.

– Mestre, precisamos partir agora mesmo – disse Sidious. – O que eu senti os Jedi devem ter sentido, e eles vão vir.

– Que venham – Plagueis rosnou. – Que inalem o aroma do lado sombrio.

– Essa carnificina está além de qualquer explicação. Não podemos ficar aqui.

Após um momento, Plagueis assentiu e conjurou uma voz gorgolejante.

– Chame a Guarda Solar. Quando terminarem aqui...

– Não – disse Sidious. – Sei onde estão os Gran. Desta vez não tratarei de negócios, mestre.

A residência do embaixador em Malastare ocupava três andares de camada média num prédio esguio localizado na beirada do distrito do governo. A

fachada da residência dava para as solitárias Cortes Galácticas do Prédio da Justiça, mas os fundos, para um cânion estreito com mais de cinquenta níveis de profundidade e nenhum tráfego. Seguindo direções fornecidas por Pestage, Sidious pegou turboelevadores e calçadas de pedestres até chegar numa varanda medíocre dez andares acima do último andar da residência. Não fosse pela fúria que sentia, teria preferido esperar até que caísse a noite, que chegava mais cedo nessa parte de Coruscant, mas ele tinha certeza de que os Gran esperavam ouvir palavra dos Maladianos de que haviam cumprido com sua parte no contrato e não podia correr o risco de que eles fugissem para as estrelas antes que os pegasse. Então, esperou na varanda até que esta e a passagem nas duas direções ficassem desocupadas, depois pulou da sacada e conjurou a Força para levá-lo em segurança a uma passarela estreita que corria logo abaixo do andar térreo da residência. Ali permaneceu agachado apenas pelo tempo que levou para ativar o sabre de luz que encontrara na espaçonave de Plagueis e usá-lo para abrir caminho num amplo duto de manutenção que perfurava todos os andares do prédio.

Após rastejar até a primeira saída – uma distância de pouco menos de dez metros –, agachou numa sala de estoque escura e mais uma vez conjurou do punho da arma sua lâmina avermelhada. Movendo-se com cautela que lutava contra sua vontade de matar, e alerta para câmeras e demais aparelhos de segurança, o rapaz saiu da sala e adentrou um corredor apertado que seguiu até a porção frontal do prédio. Lá, numa entrada formal, dois Dugs faziam a segurança sem o menor cuidado. Movendo-se rapidamente, um borrão para a visão humana, pegou ambos de surpresa, abrindo um rasgo no peito e no abdômen de um deles e decapitando o outro enquanto o primeiro ainda impedia suas entranhas de jorrar para o brilhante piso de mosaico. Uma análise breve do foyer revelou a presença de câmeras instaladas nas paredes e no teto alto. Ele imaginou como as mortes que acabara de executar teriam sido

mostradas para quem monitorava as imagens de segurança. Provavelmente como se os dois Dugs tivessem sido massacrados por um fantasma.

Entretanto, ainda assim ele precisava se apressar.

Sidious correu pelas escadas para o andar de cima, onde escutou uma cacofonia de vozes humanas abafadas pela porta grossa de uma sala ali perto. Após explodir a porta com um empurrão de Força, afastou as pernas, firmando-se encostado ao arco da porta arrancada, e posicionou a lâmina do sabre de luz, que zumbia, na vertical, à sua frente. Pelo brilho da arma, ele viu aproximadamente uma dúzia de guardas da Santhe uniformizados, sentados em torno de uma mesa coberta de recipientes de comida e bebida, olharem boquiabertos para ele, em total descrença, antes de procurarem as armas presas aos quadris ou correr para junto dos demais, enterrados sob os escombros de sua refeição comemorativa.

Sidious avançou, devolvendo voleios de disparos de armas de raios dos que atiraram primeiro, então atacou, erguendo a mão esquerda para levitar dois guardas no ar antes de passar a lâmina por cada um. Rosnando feito fera, girou no lugar, arrancando as cabeças de três guardas e cortando outro ao meio, bem na cintura. A lâmina empalou um guarda que se esticava no chão em abjeto horror, depois penetrou reta na boca do último, que gritava.

Quando este desabou no chão, Sidious viu-se num espelho ornamentado: o rosto contorcido de raiva, os cabelos ruivos em eletrificado desgrenho, a boca dividida por fios de saliva grossa, os olhos pintados de um amarelo radioativo.

Ele voou de volta às escadas e correu para o andar seguinte, que se abriu para uma ampla sala lotada de Gran fêmeas e crianças, junto com servos Gran e Dug. Ouvindo a comoção no andar de baixo, alguns já estavam endireitados nos grandes e chatos pés; outros, no entanto, chocados demais para se mexer.

Muito melhor para o Sith, que não deixou nenhum deles vivo.

Em seguida, passou por um emaranhado de salas ricamente mobiliadas até outro conjunto de portas fechadas, detrás das quais vinham os sons de um banquete em progresso – um que havia provavelmente começado horas antes e não estava para acabar até horas mais tarde, com as mortes do senador Palpatine, Hego Damask e dos outros Muuns como um fato consumado.

Agora Sidious deu vazão total a sua ira. Arrebentou as portas, pousou no centro de uma mesa coberta de pratos de grãos e gramíneas, cercado por uma horda de Gran ruminantes, cujos risos violentos congelaram nas gargantas. Na ponta da mesa, Pax Teem fitou o Sith boquiaberto, como se este fosse uma criatura fugida de seu mais horripilante pesadelo. Ele, entretanto, não seria o primeiro a provar da lâmina de Plagueis, mas o último: somente depois de ter sido forçado a ver o restante da festa massacrado, dos chifres às hastes oculares; o teto pintado derrubado pelo puxão de Força de Sidious; as chamas gentis da lareira a gás da sala atiçadas para um vociferante inferno que Sidious deixou para trás ao voar da mesa ao chão, a fim de se focar em sua vítima final.

Em desesperada fuga do Sith e das chamas que se alastravam, Pax Teem encostou-se numa janela alta adornada com cortinas que iam do piso ao teto. Súplicas de qualquer tipo tentaram meter-se por sua caixa vocal entalada e pelos dentes cerrados, mas nenhuma conseguiu. Sidious desativou o sabre de luz, depois acenou para as chamas com os dedos, encorajando-as a saltar da mesa para as cortinas. Um balido finalmente despreendeu-se do focinho estreito que Teem chamava de boca quando o tecido em chamas desabou em volta dele, e Sidious o observou tostar até a morte.



## CAPÍTULO 21

### POSSE

Assassinatos, mortes e demais crimes não se equiparavam aos códigos de silêncio que governavam a Ordem do Círculo Oblíquo, o Protetorado Gran, a Santhe Segurança e o Alto Conselho Jedi quase desde que foram criados. Não fosse pelos membros de elite e guardas particulares do Círculo Oblíquo drogados e encontrados inconscientes em vestiários e outros locais, os investigadores de polícia convocados ao quartel-general por dois cavaleiros Jedi não teriam conseguido nem entrar no antigo prédio, muito menos na protegida sala de iniciação da ordem, na qual foram descobertos os corpos de dois Echani, que se supôs serem guarda-costas; uma dúzia de Muuns, mortos por discos de decapitação e vibroadagas; e o triplo de assassinos Maladianos vestidos com mantos emprestados, que sucumbiram sob disparos de raios, ferimentos de pura força e, em outros casos, traumáticas amputações. Tão espalhados estavam eles que os investigadores, inicialmente, suspeitaram que um aparelho explosivo tinha sido detonado, mas não foi descoberto traço algum de qualquer equipamento. Os Muuns foram rapidamente identificados como membros de alto ranque de um grupo financeiro clandestino conhecido como Empresas Damask, embora seu rico fundador e chefe de operações, Hego Damask, supunha-se ter sobrevivido ao ataque sorrateiro. Os Jedi que alertaram a polícia não revelaram o que os atraía ao distrito de Fobosi nem por que expressaram tanto interesse no caso. Igualmente, os membros da Ordem do Círculo Oblíquo recusaram-se a responder a qualquer pergunta.

Na embaixada de Malastare, no centro de Coruscant, a evidência foi mais do que desconcertante, e complicada por um incêndio e uma explosão de gás

resultante que varreram o prédio todo. Bombeiros e especialistas forenses reviravam os restos chamuscados do resibloco de três andares quando dois membros do Conselho Jedi chegaram sem anúncio prévio. Novamente, os Jedi recusaram-se a explicar suas atitudes, mas a polícia conseguiu progredir por conta própria. A quantidade de sangue residual descoberta na cena levou os investigadores a determinar que, antes da chegada da polícia, diversos corpos foram incinerados no local, o que sugeria o trabalho de elementos do crime organizado. Com o assassinato recente do senador Vidar Kim, o Comitê Investigativo do Senado formou uma equipe de trabalho especial para analisar o ocorrido. Muitos seres foram entrevistados e interrogados, e muitas gravações de câmeras de segurança foram estudadas ao longo do decorrer da investigação, mas boa parte dos personagens principais e testemunhas escondia-se por trás de seus advogados, mesmo quando ameaçados de prisão por obstrução da justiça.

Um mês-padrão após os eventos em Coruscant, Plagueis convocou Sidious para Muunilinst. Sidious visitara o skyhook do Alto Porto, mas nunca fora convidado para terra, e agora se via planando por sobre um dos límpidos oceanos azuis do planeta num estiloso airspeeder pilotado por dois guardas solares. Quando o speeder aproximou-se de Aborah, ele mergulhou fundo na Força e foi recompensado com uma vista da ilha montanhosa como um vórtex transcendente de energia sombria diferente de qualquer coisa que já vira. Algo que ele esperava encontrar somente em Korriban ou em algum outro mundo Sith.

O droide 11-4D – totalmente reparado – esperava por ele na área de pouso e levou-o para dentro, deixando os guardas esperando no airspeeder.

– Você parece estar em muito melhores condições do que quando o vi pela última vez, droide – Sidious comentou conforme um turboelevador levava ambos bem para dentro do complexo.

– Sim, senador Palpatine, Aborah é um local fortificante.

– E o magistrado Damask?

– Deixarei que julgue por si mesmo, senhor.

Ao sair do turboelevador, a primeira coisa que chamou a atenção de Sidious foi a biblioteca: estante após estante de textos, tomos, discos e holocrons – toda a informação que desejara desde o início de seu aprendizado. Passou as mãos com carinho sobre as estantes, mas mal teve tempo de aproveitar a empolgação quando 11-4D guiou-o em direção a uma rampa descendente que levava para o que parecia ser uma instalação de pesquisa médica de última geração.

Com os olhos disparando de um equipamento para outro, ele perguntou:

– Isso tudo é novidade, desde os ferimentos do magistrado?

– Somente parte do que você vê – disse o droide. – Boa parte desta área não mudou desde que fui trazido aqui pela primeira vez.

– E quando foi isso?

– Aproximadamente um ano-padrão antes de quando fui apresentado a você em Chandrila, senhor.

Sidious refletiu, depois perguntou:

– Você foi feito pelo magistrado Damask, droide?

– Não, senhor. Ele é apenas meu mestre atual.

Mais a fundo no complexo, passaram por jaulas contendo tantas criaturas quanto as que podiam ser encontradas estocadas num zoológico. 11-4D indicou um conjunto separado dos demais.

– Essas são as gravidezes mais recentes do magistrado.

– Do magistrado? – Sidious repetiu, admirado.

– A taxa de sucesso dele tem melhorado.

Sidious ainda tentava entender o que dissera o droide quando os dois entraram num comprido corredor forrado de celas sem janelas. Por meio da Força, ele pôde sentir formas de vida atrás de cada porta trancada.

– Cativos?

– Oh, não, senhor – disse 11-4D. – Experimentos contínuos.

Quando viraram no final de um corredor, Sidious parou abruptamente. No centro de uma espécie de teatro de operações, havia um imenso tanque de bacta no qual flutuava um Bith.

– Aquele é Venamis – disse Plagueis numa voz que não era de todo sua.

Sidious virou-se para ver o mestre mancando para dentro do cômodo, com a boca, o queixo e o pescoço escondidos atrás de uma máscara ou transpirador ou algo assim. Boa parte dos ferimentos de vibroadaga tinha sarado, mas a pele estava particularmente pálida. Sidious vinha se perguntando se Plagueis fora enfraquecido pelo ataque, mas via então que, com toda a punição que o corpo dele suportara nas mãos dos assassinos Maladianos, o Muun não estava nem um pouco mais fraco na Força.

– Seus pensamentos o enganam – disse Plagueis. – Acha que os poderes de Malak foram enfraquecidos pelo sabre de luz de Revan? Bane, por ter sido encrustado em orbalisks? Acha que a jovem aprendiz de Gravid foi impedida pela prótese forçada a usar após lutar com ele?

– Não, mestre.

– Muito em breve, eu ficarei mais forte do que você pode imaginar. – Plagueis forçou-se a engolir saliva, depois disse: – Mas venha, temos muito que discutir.

Sidious acompanhou o Muun a uma câmara fria, equipada apenas com uma cama, duas cadeiras simples, um armário e um tapete quadrado ricamente tecido. Acenando para que Sidious se sentasse numa das cadeiras, Plagueis baixou-se com notável dificuldade na outra. Após um longo momento de silêncio, ele fez um aceno de cabeça, satisfeito.

– Fico contente de ver quanto você mudou, quão poderoso tornou-se, lorde Sidious. O que aconteceu em Coruscant tinha de acontecer, mas me

consolo com o fato de que os eventos o moldaram num verdadeiro lorde Sith. Você está, de fato, pronto para aprender os segredos que venho salvaguardando.

– Que lugar é esse, mestre?

Plagueis esperou um momento a fim de juntar força suficiente para prosseguir.

– Pense nele como um recipiente que contém todas as coisas das quais sou devoto. Todas as coisas que amo.

– Esta talvez seja a primeira vez que o escuto proferindo essa palavra.

– Apenas porque não existe outro termo que expresse adequadamente minha ligação incondicional às criaturas e seres com quem divido este local. Amor sem compaixão, contudo, pois a compaixão não tem parte alguma nisto.

– O Bith... Venamis...

– Despachado por Tenebrous para me testar, para me eliminar caso eu falhasse. Mas Venamis foi um presente; essencial em me ajudar a descobrir alguns dos segredos mais profundos da Força. Toda criatura que você viu ou sentiu aqui tem sido uma bênção similar, como você verá quando eu o guiar pelos mistérios.

– O que o droide quis dizer com *as gravidezes do magistrado*?

Por baixo da máscara respiratória, Plagueis devia ter aberto um sorriso.

– Significa que as gravidezes não foram conseguidas por meios normais de concepção, mas por meio da Força.

Surpresa e incredulidade misturaram-se nos olhos azuis de Sidious.

– Da Força?

– Sim – Plagueis disse, pensativo. – Mas eu falhei em exercer a devida cautela. Quando tentamos deturpar os poderes de vida e morte da Força, quando tentamos pender a balança, a Força resiste a nossos esforços. Ação e reação, Sidious. Algo similar às leis da termodinâmica. Eu fui audacioso, e a Força me testou do mesmo jeito que Tenebrous tentou fazer. Os midi-chlorians

não são facilmente persuadidos a executar o que dita alguém recém-iniciado nos mistérios. A Força precisa ser sobrepujada, principalmente no trabalho que envolve o lado sombrio. Deve-se ter certeza de que o Sith é capaz de aceitar a autoridade. Do contrário, ela vai contrariar as intenções dele. Vai engendrar infortúnio. Vai atacar de volta.

– Os Maladianos...

– Talvez. Mas, em todo caso, foi por isso que a Ordem Jedi entrou em decadência e está levando a República consigo. Porque os Jedi perderam sua aliança com a Força. Sim, a habilidade deles de retirar energia da Força persiste, mas a habilidade de usar a Força diminuiu. Cada uma das ações deles engendra uma consequência oposta, em geral não reconhecida, que eleva aqueles sintonizados com o lado sombrio; ele eleva os esforços dos Sith e aumenta o nosso poder. Devemos ficar alerta para momentos em que o lado luminoso vacila e aberturas são criadas. Então, e somente então, quando todas as condições foram alcançadas, poderemos agir sem medo de encontrar resistência ou repercussão. Dizer que a Força age de modos misteriosos é admitir ignorância, pois qualquer mistério pode ser resolvido pela aplicação de conhecimento e esforço persistente. Do mesmo modo que conseguimos abrir caminho para o Senado, e do mesmo modo que logo abriremos caminho para a República e os Jedi, abriremos nosso caminho até a Força.

Silenciado pela admiração, Sidious mal soube como responder.

– O que quer que eu faça, mestre?

O transpirador emitiu uma série de tons, e Plagueis inalou profundamente.

– Vou me relocar para Sojourn a fim de me dedicar totalmente a nossas investigações, para avançar com o imperativo e para me curar.

– O que vai ser de Aborah?

– Por ora, pode funcionar como repositório.

– E as Empresas Damask?

– O grupo não será formado novamente, embora eu possa continuar promovendo os Encontros anuais. E serei tutor pessoal de San Hill; irei prepará-lo para assumir a presidência do Clã Bancário.

– Por que precisamos deles?

Num sussurro áspero, Plagueis disse:

– Porque a guerra está para acontecer, Sidious. Mas nossas ações devem ser circunspectas, restritas aos sistemas estelares cheios de conflitos menores, onde seres adequados podem ser encorajados, operações apropriadas podem ser financiadas... Devemos agir de modo que mundos na Orla Exterior sofram enquanto o Núcleo prospera. Por mais patéticos que sejam esses mundos, não há escolha senão usar o que temos em mãos. O CBI será essencial para financiar a guerra que vamos fomentar lentamente. Precisaremos que o Clã Bancário financie os fabricantes de armas e que sustente uma economia alternativa para os eventuais inimigos da República. – Plagueis olhou diretamente para Sidious. – Nosso sucesso será medido por sinais e portentos. Há muito que você precisa aprender com relação aos Yinchorri e os Kaminoanos. Mas tudo a seu tempo. Por ora, Sidious, saiba que você é a lâmina que fincaremos no coração do Senado, da República e da Ordem Jedi, e eu, seu guia para remoldar a galáxia. Juntos, somos as estrelas recém-nascidas que completarão a constelação dos Sith.

Sidious tocou a barba no queixo.

– Fico aliviado em saber que não o desapontei, mestre. Mas os Jedi convocaram a polícia ao distrito Fobosi momentos após partirmos. O plano já está correndo perigo.

As bochechas de Plagueis ganharam cor.

– Os Jedi sabem há muito que o lado sombrio foi despertado e que não pode ser fiscalizado por eles. Agora o sentiram em sua própria Coruscant.

– Mesmo assim, não podemos continuar a nos arriscar, expondo-nos –  
Sidious disse com cautela.

Plagueis estudou-o.

– Você tem mais a dizer sobre isso.

– Mestre, você consideraria treinar alguém nas artes Sith para executar  
quaisquer missões necessárias?

– Outro Venamis? Desafiando nossa parceria?

Sidious negou.

– Não um aprendiz; não alguém que possa algum dia aspirar a ser um  
verdadeiro lorde Sith. Mas alguém habilidoso na espreita e no combate, que  
poderia ser eliminado quando não mais necessário.

A surpresa brilhou nos olhos de Plagueis.

– Você já tem alguém em mente.

– Você me instruiu a ficar de olho em seres que possam se mostrar úteis.

Encontrei um desses em Dathomir há menos de um ano. Um bebê Dathomiri  
Zabrak.

– Muitos Zabrak demonstram ter poder na Força. Naturalmente, pelo  
visto.

– Esse bebê, sim. A mãe deu à luz dois e quis salvar um das garras das  
Irmãs da Noite, especialmente de uma chamada Talzin.

– Você o comprou?

– Aceitei.

– Onde ele está?

– Eu o trouxe para a instalação de contabilidade que as Empresas Damask  
mantêm em Mustafar e deixei-o aos cuidados de droides de custódia.

Plagueis fechou os olhos brevemente. Mustafar servira como local para  
livrar-se de inimigos e provas muito antes de a estação de recuperação do chefe  
Cabra se tornar disponível para Hego Damask e outros.

– E quanto à mãe? – perguntou ele.

– Viva. Por ora.

– Essa Talzin não vai querer perseguir o bebê?

Sidious fechou os olhos.

– Talvez sim.

Plagueis rosnou, irritado.

– Então o problema será seu, se ela o fizer.

Sidious pendeu a cabeça, concordando.

– Deixe o bebê em Mustafar aos cuidados dos droides – Plagueis acrescentou, por fim –, mas comece a treiná-lo. Acostume-o à dor, lorde Sidious, para que ele possa nos servir totalmente. Caso os talentos dele na Força não amadureçam, elimine-o. Mas, se ele ficar bom, realoque-o com discrição para Orsis. Lá você encontrará um centro de treinamento de elite operado por um especialista em combate Falleen chamado Trezza. Ele e eu fazemos negócios. Trezza criará o Zabrak para ser valente, mas firme na lealdade. Você, contudo, supervisionará o treinamento dele no lado sombrio. Não fale dos Sith nem dos nossos planos até que ele prove seu valor. E não o empregue contra nenhum de nossos inimigos principais até que eu tenha tido chance de avaliá-lo.

Sidious inclinou a cabeça.

– Entendido, mestre.

– A Força provê, Sidious – Plagueis disse após um instante. – Assim como a natureza provê mais machos após a guerra, a Força, sempre ciente do equilíbrio, provê seres fortes no lado sombrio quando a luz reina por tempo demais. Esse Zabrak é um bom presságio.

– Os lordes Sith que virão depois de nós pagarão tributo à sua sabedoria, mestre – Sidious disse, honestamente.

Plagueis levantou-se e o tocou no ombro.

– Não, lorde Sidious. Porque somos o fim da linha. – Ele fez um gesto amplo. – Tudo o que foi feito aqui foi por um único propósito: estender nosso reino indefinidamente.



P A R T E   T R Ê S  
M A E S T R I A

34-32 ANOS ANTES DA  
BATALHA DE YAVIN



## CAPÍTULO 22

# SERES COMUNS

O frescor crepuscular da Rotunda do Senado conseguia conduzir muitos ao sono. Aguçando seus sentidos, Palpatine podia ouvir o ronco gentil de senadores humanos e não humanos sentados em plataformas flutuantes adjacentes à sua estação; mais claramente, Sate Pestage e Kinman Doriana, em frente a ele no banco circular da plataforma, fofocando com malícia. Por vinte anos agora, Naboo e o setor Chommell ocupavam o mesmo lugar na mesma camada naquele imenso cogumelo que era o prédio do Senado, embora plataformas tivessem sido acrescentadas acima e abaixo e nos dois lados ao longo das duas décadas para acomodar representantes dos mundos recém-aceitos à República. Também em vinte anos, Palpatine assistira – e admitidamente cochilara durante – a orações, diatribes e flibusteiros de incontáveis seres, assim como a discursos de Estado da República de quatro chanceleres supremos: Darus, Frix, Kalpana e Finis Valorum. O último estava prestes a completar um segundo termo em posse que fora permeado de desafios, a maioria podendo ser associada – algo que aconteceria apenas décadas mais tarde – às maquinações de Hego Damask e seu conspirador secreto, Palpatine, sob seus disfarces como lordes Sith Plagueis e Sidious. Mas, na verdade, metade dos senadores da Rotunda levavam vidas duplas de um tipo ou de outro: diziam-se comprometidos em preservar a República, mas ao mesmo tempo aceitavam suborno da Federação do Comércio, facilitavam a escravidão e o contrabando de especiaria e bastões da morte ou instigavam as operações de piratas.

As palavras do antigo filósofo da República Shassium flutuaram para a mente de Palpatine: *Somos todos seres de duas caras, divididos pela Força e fadados pela eternidade a procurar por nossas identidades secretas.*

Do alto púlpito da Rotunda, o chanceler supremo Valorum dizia:

– A crise que se desenrola no sistema Yinchorr oferece mais evidência de que, em nossa determinação em manter uma era de prosperidade no Núcleo, permitimos que sistemas exteriores se tornassem reinos sem lei, com piratas, escravocratas, contrabandistas e mercadores de armas que operam com impunidade. Material proibido e tecnologias encontram seu caminho até espécies cujo apelo por apoio da República acabou não sendo respondido, e o resultado é antagonismo e conflito intersistemas. Reunidos por necessidade mútua, alianças de mundos esquecidos tornam-se cartéis galácticos para angariar o que nós lhe negamos: crescimento, proteção e segurança... junto com armas e treinamento de combate. – Ele fez um gesto amplo para cobrir plataformas próximas e distantes. – Enquanto nos sentamos aqui, confortáveis, uma confederação de desprivilegiados expande-se na Orla Exterior.

Ali perto, alguém bocejou com exagero teatral, incitando um coro de riso de seres sentados ao redor. O Senado devia estar de férias, mas a crise na Região de Expansão forçara Valorum a convencer o corpo governamental a realizar uma sessão especial.

Do outro lado da estação de Naboo na Rotunda, a plataforma dos Yinchorri estava vazia – resultado de os Yinchorri terem cortado relações com a República seis meses antes e removido sua equipe diplomática. Seis meses antes disso, e armados com armas que Darth Sidious os ajudara a adquirir, os Yinchorri iniciaram ataques contra diversos mundos dos sistemas vizinhos. Supridos por um contrabandista Devaroniano, os carregamentos clandestinos incluíam um escudo de cortosis de uma operação de mineração secreta no planeta Bal'demnic, e tinham causado a morte de uma dupla de Jedi inocentes.

Plagueis dissera que os Yinchorri podiam ser incitados com a menor das provocações, mas até Sidious se surpreendeu com a ferocidade deles.

– Desde que Yinchorr se tornou mundo membro, 25 anos atrás – continuou Valorum –, e sem contar as sanções que tentamos impor, permitimos que os Yinchorri se transformassem numa força militar que agora ameaça uma vasta região do espaço da República. Há apenas seis meses, quando aumentaram sua marinha com veículos tomados dos estaleiros de Golden Nyss, votamos para censurá-los, em vez de interceder, aderindo a uma crença antiquada de que a responsabilidade pelo policiamento dos sistemas exteriores cabe aos mundos que compõem esses sistemas. Finalmente, por conta do mais recente ataque dos Yinchorri no sistema Chalenor, os Jedi foram persuadidos a intervir, mas com pesarosos resultados.

Valorum parou por um momento.

– Como alguns de vocês já sabem, os corpos mutilados dos cavaleiros Jedi Naeshahn e seu padawan, Ebor Taulk, foram transportados para Coruscant e entregues, de algum modo, ao *meu* escritório no prédio da chancelaria. – Ele agitou o punho para que todos vissem. – É por isso que digo que basta!

Palpatine juntou os dedos. Valorum esforçava-se ao máximo para ser contundente, mas a exaltação súbita na voz foi embotada pela reação da plateia, que, na melhor das hipóteses, se chocou quase mecanicamente.

Um pedido de silêncio vindo do vice-chanceler Bothano foi quase desnecessário.

Valorum recompôs-se para as hovercams, com o rosto ruborizado querendo transmitir indignação, em vez de embaraço.

– Os Jedi, após o ocorrido, despacharam mais reforços para levar justiça aos responsáveis por esse ato de barbárie e para mandar os Yinchorri de volta a seu próprio mundo. Mas receio que os esforços deles não bastarão. Visto que não podemos realmente alocar Jedi ou judiciais lá como força ocupante, peço a este

corpo que sancione o uso de paramilitares particulares para forçar um bloqueio tecnológico contra os Yinchorri que vai impedi-los de se rearmar e renovar seus sonhos nefastos de conquista.

Os gritos de apoio e condenação que encontraram o pedido de Valorum foram genuínos, tanto quanto o pedido de ordem do vice-chanceler. Finalmente, Valorum ergueu a voz para ser ouvido.

– O expansionismo militar não pode ser tolerado! Precedente para o uso de paramilitares foi estabelecido sob o chanceler supremo Kalpana durante o Conflito do Combinado Stark, assim como na mais recente crise com os Yam'rii. Em ambos os casos, soluções diplomáticas foram tomadas, e acredito que a diplomacia terá resultados no sistema Yinchorr.

A carreira política de Valorum fora forjada durante a Guerra Hiperespacial Stark. *Agora*, pensou Palpatine, *ele começa a soar como seu antigo rival, Ranulph Tarkin.*

Ele aguardou a Rotunda se acalmar.

– Os eventos em Yinchorr representam o desafio maior que agora enfrentamos. O sistema Cularin, nosso mais novo membro, encontra-se atormentado por ataques de piratas. O mesmo acontece em Dorvalla, no setor Videnda. As supostas zonas de livre-comércio tornaram-se campo de batalha entre mundos indefesos e gigantes corporativos como a Federação do Comércio, ou cartéis criminosos como o Sol Negro, que estão secando esses sistemas circundantes.

Num ato do que alguns consideraram jogo limpo e outros, manobra política, o vice-chanceler aproveitou o momento para permitir à plataforma da Federação do Comércio que deixasse sua estação de acoplagem e plainasse até o espaço frio e escuro da Rotunda.

– Com o *timing* impecável de costume do Bothano – Pestage comentou com Dorian.

O senador da Federação do Comércio era um untuoso Neimoidiano chamado Lott Dod, cuja voz sussurrante, encantadora e venenosa emanava pelos enunciadores do salão.

– Devo protestar contra as acusações do chanceler supremo. – Suas palavras não transmitiam tanta raiva quanto a arrogância da riqueza; estratégia que ele aprendera de seu antecessor, Nute Gunray. – A Federação do Comércio deveria absorver as perdas que sofrera por conta de ataques de piratas? A República se recusa a criar um exército para policiar esses setores e ao mesmo tempo nos proíbe de proteger nossos carregamentos com armas de defesa ou droides soldados.

– Agora não é hora de tratar disso, senador – disse Valorum, erguendo as palmas das mãos macias.

Contudo, uma centena de vozes o sobrepujou.

– Se não agora, *quando*, chanceler supremo? – A pergunta veio do lisonjeiro e chifrudo magistrado humanoide da Aliança Corporativa, Passel Argente. – Quantos carregamentos a Federação do Comércio ou a Corporação do Comércio terão de perder antes de chegarmos ao momento apropriado para conduzir esse debate? Se a República não pode nos proteger, então não temos saída senão nos proteger sozinhos.

Novamente o rosto de Valorum ruborizou-se.

– Em todas as crises, nós despachamos forças paramilitares...

– Com resultados impressionantes. – A interrupção veio de Lavina Durada-Vashne Wren, a humana representante do sistema Cularin, recém-admitido. – Os militares Tahereianos deram cabo rapidamente dos piratas que estavam roubando nossos carregamentos.

Risos roucos sobrepujaram o restante do que ela disse.

– A única coisa que o coronel Tramsig fez em Cularin foi ser ainda mais desprezível! – berrou o senador Twi'lek Orn Free Taa, de sua plataforma. – A

gentil senadora de Cularin foi apenas enganada pelo charme duvidoso do coronel.

Argente tornou a falar.

– O chanceler supremo concorda que cada sistema tenha forças paramilitares sob seu próprio comando? Se sim, por que não ter um exército pangaláctico?

Os olhos de Palpatine brilhavam em sádica satisfação. Valorum estava recebendo tudo o que merecia. Demonstrara certa habilidade diplomática durante a Guerra Hiperespacial Stark, mas sua eleição à chancelaria relacionou-se mais ao pedigree que incluía três chanceleres supremos e negócios que realizara com famílias influentes como os Kalpanas e os Tarkins de Eriadu. O jeito com que adulava a Ordem Jedi era famoso; o mesmo valia para sua hipocrisia – boa parte da riqueza da família advinha de contratos lucrativos feitos por seus ancestrais com a Federação do Comércio. Sua eleição, sete anos antes, constituiu um dos sinais pelos quais Plagueis vinha esperando – o retorno do poder a um Valorum – e se seguira a um avanço notável que Plagueis e Sidious tiveram na manipulação dos midi-chlorians. Um avanço que o Muun descrevera como “galactônico”. Ambos suspeitavam que os Jedi também o sentiram, mesmo a anos-luz de distância, em Coruscant.

– Não haverá um exército da República – Valorum dizia, após morder a isca de Argente. – A Reforma de Ruusan *deve* ser mantida. Uma força militar teria de ser financiada. Taxas impostas aos sistemas exteriores apenas aumentariam seu fardo e os levariam a recluir uma recessão.

– Então que os Mundos do Núcleo paguem! – berrou alguém sentado atrás de Palpatine.

– O Núcleo não precisa de força militar! – respondeu o senador Kuati. – Sabemos como viver em paz uns com os outros!

– Por que os Jedi não podem servir como exército? – perguntou o senador de Ord Mantell.

Valorum virou-se para fitá-lo.

– Os Jedi não são um exército, e, em todo caso, são muito poucos. Eles intercedem quando pedimos, mas também com toda uma discrição. Ademais, a Ordem teve mais baixas nos últimos vinte anos do que nos cinquenta anteriores. Yinchorr está se moldando rapidamente num Galidraan.

Palpatine rejubilou-se secretamente com a referência feita por Valorum, visto que o ocorrido em Galidraan fora evidência clara do lado sombrio agindo de acordo com os subterfúgios dele e de Plagueis. Mais importante, para Plagueis, o conflito provincial surtira efeito devastador no mestre Jedi Dookan, incrementando o cisma dele com o Alto Conselho acerca das decisões deste de empregar os Jedi como guerreiros.

– Mais uma vez, voltamos ao início – explodiu a voz de Orn Free Taa por toda a Rotunda. – A República pode arranjar créditos para contratar militares particulares, mas não para compor um exército próprio. E, entretanto, o chanceler supremo acha certo dar a *nós* uma aula sobre pensamento adequado. Por que não simplesmente entregar esses créditos aos sistemas exteriores e deixar que eles mesmos contratem reforços?

– Talvez o senador de Ryloth tenha razão – disse Valorum quando os aplausos cessaram. – Melhor ainda: talvez tenha chegado a hora de impor uma taxa nas *áreas de livre-comércio* que supram os sistemas exteriores com o financiamento de que eles necessitam.

Palpatine reclinou-se no assento acolchoado, ouvindo refutações cuspidas das estações dos mundos da Facção da Orla, assim como dos que pertenciam à Federação do Comércio, à Corporação do Comércio, à União Techno e à Aliança Corporativa. Quão maravilhosa e previsivelmente o Senado havia se

deteriorado ao longo de vinte anos. Como ocorrera a tantas sessões ordinárias e extraordinárias, essa acabaria em caos, sem nada resolvido.

Nas telas que permeavam a Rotunda, as hovercams exibiam a triste expressão de impotência de Valorum.

Breve, muito em breve, caberia a Palpatine impor ordem a todos.

Fora das paredes curvas do Senado, a crise nos sistemas exteriores surtia pouco efeito nas vidas dos bilhões que moravam em Coruscant. Habitantes dos níveis inferiores continuavam a dar seu melhor para sobreviver, enquanto os que viviam mais perto do céu gastavam generosamente com comida, belos mantos e ingressos para a ópera, que Valorum voltara a frequentar. Palpatine era exceção à regra. No que às vezes lhe parecia um movimento perpétuo, encontrava-se frequentemente com os colegas no Senado, escutava com atenção tudo o que tinham a dizer sobre eventos galácticos, mas não com tanta atenção a ponto de algum deles ter motivo para suspeitar que o homem possuía algo além da carreira de político e resolvesse investigar seu perfil mais a fundo. Se havia algo que o destacava dos demais, era a impressão que passava de levar seu emprego muito a sério. Com pouco mais de um ano para terminar o segundo termo de Valorum no cargo, a chancelaria encontrava-se aberta a candidatos, e os que conheciam Palpatine suspeitavam que ele poderia candidatar-se caso requisitado. Seus equívocos na questão apenas o tornavam ainda mais desejável para os que achavam que ele seria capaz de trazer algo de novo ao cenário – um ponto de vista centrista autêntico. Outros questionavam por que, dados os desafios sem precedentes da época, ele ou qualquer outro aspiraria à posição.

Muitos dias após o Senado ter se reunido em sessão especial, Palpatine violou a privacidade que tanto valorizava para receber um encontro em sua suíte, no República 500. A mudança para o endereço mais exclusivo de

Coruscant coincidira com a ascensão de Ars Veruna à monarquia de Naboo doze anos antes. A vitória de Veruna fora atrelada a um contrato renegociado com a Federação do Comércio pelo plasma de Naboo, embora muita gente acreditasse que o rei e seus comparsas tivessem se beneficiado muito mais com o negócio do que os habitantes de Naboo. Ao contrário do apartamento que Palpatine ocupara quando chegara à capital do mundo, o atual possuía uma dúzia de cômodos e vistas do distrito governamental superados apenas pelas espaçosas coberturas do prédio. A estátua de neurânio e bronze de Sistros – que ainda escondia o sabre de luz que ele construía no início de seu aprendizado – dividia o espaço com antiguidades adquiridas em mundos remotos.

Devidamente atrasado, Finis Valorum foi um dos últimos convidados a chegar. Palpatine o recebeu à porta, enquanto um contingente de guardas da República, de manto e capacete, assumia suas posições no corredor. O rosto redondo do chanceler supremo estava soturno, e o suor brotava na pele bem barbeada do buço. Agarrada ao braço de Finis feito um acessório estava Sei Taria, conhecida por todos como assessora administrativa dele, mas também sua amante. Assim que cruzou a porta, Valorum enfiou os dedões na larga faixa azul que prendia seu manto e parou para apreciar a suíte, à qual assentiu com um aceno de cabeça.

- O que não dariam os futriqueiros da HoloNet para ver isso aqui.
- Nem é uma cobertura – disse Palpatine, bancando humildade.
- Ainda não, ele quer dizer – comentou o senador de Corellia, fazendo muitos outros erguerem os cálices de bebida numa espécie de brinde.

Palpatine fingiu mascarar o embaraço. Antes ele precisava atuar; agora, vestia o disfarce de senador de Naboo tão facilmente quanto o fazia com as túnicas e o manto.

- Os jornalistas estão mais do que convidados para vir me visitar – disse.

Valorum ergueu uma das sobrancelhas prateadas, em sinal de dúvida.

– Agora que você os acostumou à transparência e à acessibilidade – acrescentou Palpatine.

Valorum riu sem alegria.

– Por tudo de bom que isso me trouxe.

Sei Taria quebrou o silêncio incômodo que se seguiu.

– Você com certeza não esconde qual é sua cor favorita, senador.

As pálpebras dos olhos oblíquos da mulher estavam pintadas no mesmo tom de vinho da túnica de septsilk; os cabelos escuros, enrolados num elaborado coque na nuca, enquanto, na frente, a franja dividia a testa perfeita.

– O escarlate aparece bastante no brasão da casa dos meus ancestrais – Palpatine explicou de modo trivial.

– E, entretanto, você dá preferência a preto e azul em tudo que veste.

Palpatine sustentou o sorriso reto.

– Fico lisonjeado por você reparar.

Taria fez uma expressão dúbia.

– Muitos reparam em você, senador.

Servos correram para pegar os mantos de tecido veda de Valorum e Taria.

– Contratei-os especificamente para esta noite – sussurrou Palpatine. – Sou um homem solitário por convicção.

Taria falou antes de Valorum.

– Se não me engano, esse foi o título da última matéria da HoloNet sobre você. O senador que deu as costas a uma vasta fortuna para dedicar-se à política. Que foi traçando caminho do corpo legislativo de Naboo até a embaixada do Senado Galáctico... – Ela sorriu sem mostrar os dentes. – Uma história muito empolgante.

– E cada palavra dela diz a verdade – afirmou Palpatine. – De certo ponto de vista.

Os três riram juntos, e então o senador os acompanhou para perto dos demais convidados, todos muito receptivos a Valorum. Não havia ninguém na suíte que o chanceler supremo não conhecesse, e ele cumprimentou um por um pelo nome. A habilidade de fazer os seres sentirem-se importantes para ele, tanto pessoal quanto politicamente, era uma de suas poucas qualidades.

Um droide protocolar trouxe bebidas numa bandeja, e Valorum e Taria pegaram duas taças. Quando o troféu de Valorum escusou-se para ir conversar com a esposa do senador Alderaaniano Bail Antilles, Palpatine levou Valorum à sala principal da suíte.

– Como é que você consegue ter apoio tanto do Núcleo como das Facções da Orla? – Valorum perguntou com genuíno interesse.

– É consequência da localização de Naboo, mais do que qualquer outra coisa. Meu mundo é meio deslocado... fica na Orla, mas partilha das sensibilidades de muitos planetas do Núcleo.

Valorum acenou para um figurino preso num nicho da parede.

– Quanto requinte.

– Bastante. Presente da senadora Eelen Li.

– De Triffis.

Palpatine ajustou rapidamente o figurino.

– Peça de museu, na verdade.

Valorum continuou seguindo a parede, indicando uma segunda peça.

– E esta?

– Um tambor cerimonial Gran. Tem mais de mil anos. – Ele fitou Valorum pelo canto dos olhos. – Presente de Baskol Yeesrim.

Valorum assentiu.

– Assessor do senador Ainlee Teem. Não sabia que você se dava bem com o Protetorado Gran.

Palpatine deu de ombros.

– Até certo tempo, não me dava... por conta de uma discórdia antiga com relação à abstenção de voto de Naboo numa votação no Senado sobre algo significativo na época, mas que agora é passado.

Valorum baixou a voz para perguntar:

– Acha que consegue persuadir Malastare a ficar do meu lado?

Palpatine virou-se para fitar o outro.

– Com relação ao embargo a Yinchorr? Possivelmente. Mas não na questão das taxas sobre as áreas de livre-comércio. Tanto Ainlee Teem quanto Aks Moe viraram aliados da Federação do Comércio.

– Uma reversão ainda mais impressionante. – Valorum suspirou. – Amigos viram inimigos; inimigos, amigos... Receio que precisarei cobrar todos os favores políticos que me devem pra conseguir o que quero nessa questão de Yinchorr. – Ele apertou os lábios e balançou a cabeça. – Receio que meu legado esteja em perigo aqui, velho amigo. Só tenho mais um ano de mandato, mas estou determinado a resolver essas pendências.

Palpatine conjurou um tom compassivo.

– Se serve de consolo, apoio o uso de força paramilitar... mesmo sob o risco de aumentar a crise... nem que seja pra silenciar os que acusaram a República de não ter fibra.

Valorum pôs a mão no ombro de Palpatine.

– Seu apoio é muito bem-vindo. – Ele olhou ao redor da sala, depois perguntou num tom ainda mais baixo: – Com quem posso contar, Palpatine?

Os olhos de Palpatine escanearam os convidados, parando brevemente em dois humanos, um Anx que não caberia numa sala com teto mais baixo, um Ithoriano e finalmente um Tarnab.

– Antilles. Com Fordox. Horox Ryyder. Tendau Bendon. Talvez Mot-Not-Rab...

Valorum fitou-os, por sua vez, e parou os olhos no Rodiano.

– Farr?

Palpatine riu-se; Onaconda Farr pensava em política do mesmo modo que seus irmãos Rodianos pensavam na caça de recompensas: *Atire primeiro, depois faça as perguntas.*

– Ele é um militante, mas talvez eu consiga persuadi-lo, já que ele possui relações próximas com a Casa Naberrie, de Naboo.

– Tikkes? – perguntou Valorum, fitando discretamente o senador Quarren, cujos tentáculos faciais levavam-lhe lanchinhos à boca.

– Tikkes vai querer algo em troca, mas sim.

Os olhos azuis pálidos de Valorum encontraram o senador Yarua, um Wookiee.

Palpatine concordou.

– Kashyyyk vai apoiá-lo.

Valorum terminou sua bebida e pôs a taça de lado.

– E meus oponentes?

– À parte os óbvios? Todo o grupo Ryloth: Orn Free Taa, Connus Trell e Chom Frey Kaa. Também Toonbuck Toora, Edcel Bar Gan, Po Nudo... Quer que eu continue?

Valorum não parecia muito encorajado quando os dois se dirigiram à sacada. Soou uma campainha indicando que o aplicativo de cancelamento de barulho fora ativado. Valorum continuou andando até o corrimão e permaneceu ali olhando para o horizonte.

– Uma rara noite escura – disse, após um momento.

Palpatine juntou-se a ele no corrimão.

– O controle do tempo está fabricando uma tempestade. – Ele se virou um pouco para ajustar o sistema de cancelamento. – Escute: repiques de trovão sobre Os Trabalhos. E lá – ele acrescentou, apontando: – relâmpagos.

– Parece tão esquisito visto daqui. Se pelo menos pudéssemos ser limpos tão facilmente quanto esse vasto céu e esses prédios monumentais.

Palpatine fitou o chanceler.

– O Senado o obstruiu, mas você não trouxe desonra alguma à casa.

Valorum refletiu sobre a frase.

– Eu soube, quando comecei meu primeiro mandato, que enfrentaria oposição; que eventos vinham espiralando fora de controle desde o Conflito Stark. Mas, desde então, senti uma escuridão se aproximando dos cantos mais distantes da galáxia para sacudir Coruscant desde a base. Seria de se esperar, após mil anos de paz, que a República seria inabalável, mas não é assim. Sempre depus minha fé na Força, acreditando que, se eu agisse de acordo com seus princípios guias, a galáxia agiria de acordo.

Palpatine franziu o cenho para o escuro.

– A República ficou desajeitada. Somos coagidos e persuadidos a fazer negócios que comprometem nossa integridade. Somos criticados tanto pelo que fazemos quanto pelo que não fazemos. A maioria dos seres do Núcleo não saberia apontar Yinchorr num mapa estelar, e, entretanto, a crise lá acaba se tornando problema deles.

Valorum concordou, meio distraído.

– Não podemos ficar parados, sem agir. Os Jedi dizem o mesmo em particular, e, ainda assim, até eles estão divididos. Se o mestre Dookan falar um pouco mais alto suas críticas contra o Senado e a Ordem, o Conselho terá de restringir a entrada dele no Templo. – O homem ficou em silêncio, depois falou: – Bom, claro que não preciso dizer-lhe isso. Dizem que você virou confidente dele.

Em vez de responder ao comentário, Palpatine disse:

– E quanto ao mestre Yoda?

– Impenetrável como nunca – respondeu Valorum. – Mas preocupado, creio.

Palpatine afastou-se um pouco do chanceler.

– Os Jedi enfrentaram a escuridão no passado.

– Verdade. Mas um estudo da história revela que foram derrotados por ela também.

– Então não há como prevermos o resultado.

Valorum olhou para o céu da noite.

– Quem poderá prever, então?



## CAPÍTULO 23

### **SOB O SOL DA MEIA-NOITE**

Recém-chegado à Lua dos Caçadores, Sidious estudou Plagueis enquanto o lorde Sith e seu droide, 11-4D, assistiam a uma holografiação de um assassino Zabrak de manto preto travando combate rápido contra autômatos em sua casa em Coruscant, alguns flutuantes, outros avançando em duas pernas, outros em esteiras, mas todos atirando raios.

Vinte anos haviam acrescentado certa inclinação à postura do Muun, além de veias que se destacavam na pele branca, cada vez mais fina. Ele usava um traje utilitário verde-escuro que abraçava sua silhueta delicada, um manto verde que caía dos ombros ossudos até o piso de pedra e uma gola que aderira ao crânio largo. Uma máscara respiratória triangular cobria o maxilar prógnato arruinado, a boca, parte do pescoço comprido e o que restara do nariz curvo que possuía antes do ataque surpresa em Fobosi. Equipamento criado por ele mesmo, a máscara de metal ostentava duas fendas verticais e um par de conduítes finos e tesos que a ligavam a um transpirador fixado no peito do Muun, por debaixo da armadura do tronco. Ele aprendera a ingerir e a beber por meio desses tubos de alimentação e pelo nariz.

Visto através da Força, era uma forma oval nuclear de luz sarapintada, uma urbe rotativa de energia aterrorizante. Se o ataque Maladiano o enfraquecera fisicamente, também ajudara a moldar seu corpo etéreo num recipiente forte o bastante para conter o poder total do lado sombrio. Determinado a nunca mais ser pego desprevenido, ele se treinara para não dormir e devotara duas décadas-padrão para realizar experimentos, dia e noite, com manipulação de midi-chlorians, tentando arrancar mais uns últimos segredos da Força, para que ele –

e presumivelmente seu aprendiz humano – pudessem viver para sempre. Sua introspecção o permitira dominar as energias igualmente poderosas da ordem e da desordem, da criação e da entropia, da vida e da morte.

– Você o tornou temeroso – Plagueis comentou sem se virar da gravação, conforme o atlético Zabrak cerrava um droide Colicoide Erradicador ao meio e virava para cortar outros dois também. A cabeça sem cabelos do humanoide dos olhos amarelos possuía uma coroa de pequenos chifres e padrões geométricos de marcas pretas e vermelhas.

– E que não teme, também – disse Sidiuous.

– Entretanto, são apenas droides.

– Ele é ainda mais formidável contra seres vivos.

Plagueis olhou para trás, os olhos estreitos de dúvida.

– Você lutou contra ele para valer?

As cordas vocais e a traqueia reconstruídas conferiam um timbre metálico à voz do Muun, como se falasse por um enunciador.

– Eu o deixei sozinho em Hypori por um mês, sem comida e com apenas uma horda de droides assassinos como companhia. Depois retornei para incitá-lo e desafiá-lo. Considerando tudo, ele lutou bem, mesmo depois que o privei de seu sabre de luz. Ele quis me matar, mas estava pronto para morrer por minhas mãos.

Plagueis virou-se totalmente para fixar o aprendiz.

– Em vez de puni-lo por desobediência, você elogiou a determinação dele.

– Ele já se redimiou. Preferi deixar a honra dele intacta. Proclamei-o meu mirmidão; a manifestação da metade violenta de nossa parceria.

– Parceria? – Plagueis repetiu, rouco.

– A minha com ele; não a nossa.

– Enfim, você permitiu a ele que acreditasse ser mais habilidoso do que realmente é.

– Você não fez o mesmo por mim?

Os olhos de Plagueis refletiram desapontamento.

– Nunca, Sidious. Sempre fui verdadeiro com você.

Sidious tombou a cabeça, por respeito.

– Não sou o professor que você é.

Plagueis passou um longo momento observando a hologravação. Os punhos e as pernas do Zabrak eram tão letais quanto seu sabre de luz, e ele possuía velocidade impressionante.

– Quem aplicou as marcas?

– A mãe, seguindo rituais encenados logo após o nascimento dele. Uma iniciação, durante a qual o bebê Zabrak Dathomiriano é mergulhado num banho de óleo, energizado com ichor conjurado pelo uso de magia das Irmãs da Noite.

– Decisão peculiar, dada a esperança dela de esconder a criança.

– As Irmãs da Noite raramente deixam Dathomir, mas os Irmãos às vezes são vendidos como servos. Acredito que a mãe queria que ele soubesse de sua ascendência onde quer que fosse parar.

Ao ver o sabre de luz do Zabrak produzir duas lâminas, Plagueis soltou uma exclamação.

– Um bastão de luz! A arma de Exar Kun! Ele construiu aquilo?

– O protótipo eram dois sabres de luz que ele soldou nos punhos para imitar a zhaboka Iridoniana. Eu forneci o conhecimento que lhe permitiu desenvolver o projeto inicial e construir o que está usando.

Plagueis ficou assistindo, vendo droide atrás de droide ser empalado pelas lâminas carmesins opostas.

– Acho desnecessário, mas não posso negar a maestria da técnica Jar’Kai. – Mais uma vez, ele se virou para Sidious. – Niman e teräs käsi nunca

substituiriam um dun möch, mas fico satisfeito ao ver que você o treinou para ser uma máquina de luta em vez de um verdadeiro aprendiz.

– Obrigado, mestre.

Plagueis enrugou os olhos... de desconfiança? De ironia?

– Concordo com você que ele devia testemunhar o ataque dos Yinchorri ao Templo Jedi.

– Eu lhe direi. Ele já considera os Jedi umas aberrações. Ver o santuário deles ser violado aquecerá seu sangue.

– Mesmo assim, segure-o. Deixe que a raiva e o ódio apurem.

Sidious assentiu.

Plagueis desativou o holoprojetor.

– O presente que você pediu para ele está quase concluído. Raith Siemar concordou em enviar o recipiente até Sojourn, e farei com que seja trazido até o edifício LiMerge. – Ele chamou o aprendiz com um gesto. – Venha, Darth Sidious, temos muito a discutir.

O antigo forte nunca parecera tão desamparado. Uma companhia de guardas solares ainda residia em Sojourn, acompanhando visitantes à superfície e mantendo os turbolasers do solo em bom funcionamento. Códigos de autenticação ainda eram requisitados para naves que adentravam o espaço de Sojourn, mas as coordenadas da lua não constituíam mais o segredo de outrora. Durante boa parte do tempo, Plagueis vivera como um ermitão junto de seus droides, raramente se aventurando para fora do planeta, embora continuasse usando sua vasta riqueza e influência para apoiar as organizações que impulsionavam a causa Sith e esmagavam os planos dos que a ela se opunham. Ao longo do primeiro ano após o ataque, circularam rumores de que Hego Damask havia morrido, mas gradualmente começou a se divulgar que ele apenas vivia recluso em Sojourn. Quatro anos depois, os Encontros anuais foram retomados, mas apenas por cinco anos; fazia então dez anos que não

ocorria mais nenhum. De todo modo, cada vez menos seres compareciam aos eventos, e muitos se distanciaram de Damask por conta dos assassinatos em Coruscant.

Durante o longo período entre o ataque surpresa dos Gran e o primeiro encontro da nova era, Sidious falara com Plagueis apenas por holograma. Deixado para progredir por conta própria, ele treinara o Zabrak em segredo em Mustafar, Tosste e Orsis, visitara diversos mundos Sith e passara tempo considerável estudando os textos e holocrons Sith que permaneciam guardados em Aborah. Dos guardas solares, Sidious ouvia que Damask tinha se trancado no forte e raramente era visto. Nas poucas ocasiões em que Damask os convocara, encontraram os aposentos bagunçados, alguns dos sujeitos de experimentos mortos nas jaulas ou celas, e muitos dos droides funcionando mal. Criaturas das florestas de greel circundantes haviam invadido o local e o tomado como residência, construindo ninhos nas torres e devorando qualquer coisa comestível. Enquanto Damask – sujo, emaciado, de comportamento errático – parecera capaz de falar, era 11-4D quem comunicava as ordens e pedidos do Muun aos guardas. Em certo ponto, requisitou-se aos guardas que construíssem mais de duzentos holoprojetores no que fora o arsenal do forte, para que Damask pudesse monitorar eventos correntes e imergir-se em gravações históricas, algumas das quais datavam de centenas de anos antes.

Sidious sabia que seus poderes tinham se fortificado dez vezes mais ao longo das décadas, mas não sabia ao certo se aprendera todos os segredos de Plagueis – “a feitiçaria dele”, como chamavam os guardas solares –, inclusive a habilidade de impedir que seres morressem. Às vezes, ele se perguntava se estaria um nível abaixo. Ou dois. Foram perguntas como essas que incitaram os aprendizes Sith a acabar desafiando seus mestres. A incerteza sobre qual dos dois era mais poderoso. A necessidade de se testarem, de enfrentar um desafio definitivo. A tentação de tomar o manto à força, para ter sua própria

interpretação do poder do lado sombrio –, como tentara fazer Darth Gravid, apenas para jogar os Sith muitos anos para trás...

Então se tornara mais responsabilidade de Sidious trazer o mesmo fervor à manipulação dos eventos do mundo concreto que Plagueis trazia à manipulação dos midi-chlorians. Em vez de desafiar um ao outro, ambos se dedicavam a executar o Grande Plano. Maestria política e maestria da Força. Algum dia, muito em breve, os Sith dominariam ambas, com Sidious representando a primeira e Plagueis nos bastidores, aconselhando-o com relação à última. Como Plagueis, Sidious movera-se judiciosamente, visto que repercussões indesejadas no mundo real podiam ser tão prejudiciais para o imperativo Sith quanto um contra-ataque da Força. O fato de que esta não o fizera ainda indicava que a parceria dos dois representava algo único e estava de acordo com a vontade dela. O autoimposto isolamento de Plagueis prejudicava alguns dos planos que ele e Sidious arquitetaram para a Federação do Comércio e outros grupos. Mas Plagueis conseguira recuperar-se totalmente dos ferimentos, e o lado sombrio não estava mais apenas ascendendo, mas elevava-se e caminhava para o auge.

A Crise Yinchorri foi a situação na qual Plagueis pela primeira vez sancionara o envolvimento direto de Sidious num evento galáctico. Até então, os eventos manipulados pelos Sith haviam sido realizados com o uso de intermediários. Mas, quando Sidious procurou ajuda do contrabandista Devaroniano para instigar os Yinchorri, não somente fez contato por holoprojetor – sem revelar sua identidade de Sith, claro –, como também o colocou em contato com Pestage e Dorian, que ajudaram a desovar os corpos dos Jedi mortos na porta de Valorum e facilitaram a inserção dos guerreiros Yinchorri incumbidos de infiltrar-se no Templo Jedi.

Inicialmente, o plano fora pensado como um teste, para verificar se os sencientes reptilianos resistentes à sugestão pela Força podiam ser

transformados num exército antijedi. Mas, do mesmo modo que repetidas tentativas de replicação por clonagem falharam, todos os esforços para transformá-los num exército obediente provaram-se fúteis. Nasciam para a agressividade, mas também eram imprevisíveis e rebeldes. Como resultado, um estratagema reprojetoado fora colocado em ação para testar a habilidade de Valorum de lidar com uma crise e de o Senado resolver solucioná-la. Mas nem Plagueis nem Sidious esperavam que o chanceler supremo envolvesse os Jedi, e agora o plano modificado também estava em perigo.

– Foi muito bom os Jedi terem morrido – Plagueis dizia enquanto ele, Sidious e 11-4D entravam no escritório desordenado –, mas devemos evitar revelar nossa participação cedo demais. Achou sensato mandar os corpos para Coruscant?

– Isso surtiu o efeito pretendido em Valorum – respondeu Sidious.

– Contudo, talvez tenhamos julgado mal o homem.

– Ele está mais preocupado com seu legado do que com a República, mas pode ainda conseguir apoio da maioria no Senado, mesmo à custa de todo o seu prestígio político.

– Precisamos arquitetar uma crise da qual ele não possa se recuperar – disse Plagueis.

– Já coloquei tais eventos em ação.

Plagueis assentiu, satisfeito.

– Então talvez haja algo de benéfico nisso tudo. Se o Senado aprovar um embargo, ele ficará em dívida com você.

Sidious abriu um sorriso apertado.

– Um bloqueio encenado para um bloqueio quebrado.

– Para esse intuito, precisamos colocar o vice-rei Nute Gunray e o rei Veruna em posição. O Neimoidiano foi parceiro de Valorum durante o Conflito Stark. Dessa vez, colocaremos um contra o outro.

– Encontrei Gunray rapidamente quando ele foi senador. É ganancioso e ambicioso, mas estranhamente imune à intimidação. Precisaremos convencê-lo.

– E isso nós faremos: com aquisições que lhe garantirão uma posição entre os sete que compõem a diretoria da Federação do Comércio.

– Como devemos abordá-lo?

– O presente que você pediu para dar ao Zabrak me fez ter uma ideia – disse Plagueis. – Gunray gosta de pylat, algo que os Neimoidianos associam à riqueza. Esses pássaros são abundantes em Neimoidia, mas as florestas de Sojourn abrigam um tipo raro de manchas vermelhas, fornecido pelos Kaminoanos. Ele nunca vai saber que se trata de um clone.

– Será um presente de Hego Damask ou do senador Palpatine?

Plagueis fitou o aprendiz de alto a baixo.

– De Darth Sidious, acho.

Sidious fitou-o, inseguro.

– Com esse nome?

– Não só com o nome, mas com o título também. Já é hora de tornarmos nossa presença conhecida para uns poucos seletos.

– O título Sith terá algum significado para ele?

– Terá quando tornarmos os sonhos dele realidade.

Plagueis começou a caminhar pelo piso frio.

– Nenhum Sith jamais se viu na posição em que nos encontramos agora, Darth Sidious: junto da reemergência do lado sombrio, fortificados pelos sinais e presságios, certos de que a vingança e a vitória estão muito próximas. Se os Jedi fossem obedecer a sua filosofia de agir de acordo com a Força, de fazer o que é certo, passariam para o lado sombrio. Mas eles resistem. Yoda e os demais membros do Conselho dobrarão suas sessões de meditação na tentativa de espiar o futuro, apenas para encontrá-lo nublado e imprevisível. Apenas para ver que a complacência abriu as portas para a catástrofe. Se de fato eles têm

agido de acordo com a Força, como foi que nós é que tivemos sucesso em tombar a balança? Como pode o lado sombrio vir ganhando espaço? Na verdade, os Jedi têm resvalado para fora de sua tarefa autoincumbida, seu nobre caminho. Poderiam ter impedido isso? Talvez se tivessem mantido o controle da República, elegendo e reelegendo chanceleres supremos Jedi. Ou talvez se abstendo completamente dos assuntos da República, restringindo-se aos seus rituais arcanos na crença de que seu pensar correto manteria a República forte e em curso, a galáxia, pendendo para a luz, em vez de se terem permitido tornar marechais e justiceiros.

O Muun lançou um olhar questionador para Sidiious.

– Você entende o que fazem de mais equivocado? Eles conduzem os assuntos da República como se fossem assuntos da Força! Mas por acaso algum corpo político alguma vez foi bem-sucedido em ser árbitro do que é certo e justo? Como é fácil para eles banhar-se em autossegurança em seu castelo em Coruscant. Mas, ao fazer isso, acabaram mal equipados para enfrentar o mundo que passamos um milênio moldando.

Ele pigarreou.

– Vamos colocá-los em contradição, Darth Sidiious. Vamos forçá-los a confrontar o dilema moral de seu posicionamento e revelar as falhas deles requisitando que enxerguem os conflitos que assolam sua protegida República. Somente Dookan e um punhado de outros captaram a verdade. Todos esses anos atrás, quando o conheci em Serenno, pensei: *Que golpe seria para a Ordem se ele pudesse ser incitado a partir e abraçar o lado sombrio. Quanto pânico isso causaria!* Pois que, se um pode partir, então dez ou vinte ou trinta podem segui-lo, e o vazio do centro da Ordem se tornaria evidente para qualquer um.

O Muun estreitou os olhos.

– Não há como ficar satisfeito obedecendo cegamente às regras da Ordem Jedi ou da Força. Prevalecemos apenas porque fazemos a Força servir a nós.

Oito anos atrás, alteramos o curso da galáxia, Darth Sidious, e essa mudança agora é irreversível.

Ele se aproximou de Sidious e descansou as mãos ossudas nos ombros dele.

– Na minha primeira visita ao seu mundo natal, reconheci-o como um nexo da Força. E me lembro de pensar em quão apropriado seria que o lado sombrio se escondesse num planeta tão lindo. – Ele fez uma pausa, endireitou-se, depois perguntou com súbita gravidade: – Veruna está pronto, Sidious? Estou preocupado que ele seja tão incontrolável quanto os Yinchorri, e que, talvez, um líder mais maleável serviria melhor aos nossos propósitos.

Sidious refletiu sobre a pergunta.

– Talvez não seja necessário removê-lo, mestre. Como Gunray, ele prefere a riqueza à honra.

Plagueis assentiu lentamente.

– Então, cutuque-o, Darth Sidious. E vamos ver para que lado ele verte antes de decidirmos seu destino.



## CAPÍTULO 24

### **SITH 'ARI**

Os alvos eram apenas asteroides, mas os caças estelares de nariz amarelo cromado atacaram as rochas cheias de microcrateras como se elas representassem uma ameaça verdadeira para Naboo. Produtos da Corporação de Engenharia Naval Espacial de Theed e da Design Nubiano, e projeto pessoal do rei Veruna desde sua coroação, as lustrosas naves de asas curtas exemplificavam o cansaço de Naboo com o design clássico e a extravagância flagrante. Dizia-se que os motores dos caças estelares tinham um novo padrão de controle de emissões, mas, para um mundo que se orgulhava da consciência ecológica, os N-1s pareciam inteiramente fora de critério e lugar.

– Esperam que tenhamos dois esquadrões adicionais prontos para voar no começo do ano – Veruna disse a Palpatine, perante uma janela dorsal na ainda mais grandiosa e envidraçada Espaçonave Real. – Todos terão canhões gêmeos de laser, lançadores de torpedos de próton e escudos defletores, além de droides astromecs R2.

– Um sonho tornado realidade – disse Palpatine. – Tanto para você quanto para o Coletivo da Design Nubiano.

Veruna arqueou uma espessa sobranceira grisalha.

– Nosso acordo com a Design Nubiano foi mutuamente benéfico.

– Claro que foi – concordou Palpatine, imaginando quanto Veruna e seus capangas tinham embolsado com um contrato a que boa parte de Naboo se opusera.

Palpatine chegara junto de Pestage, e encontrara-se em terra com Janus Greejatus antes de reunir-se com Veruna e alguns dos membros do conselho

consultivo deste no Hangar de Theed, incluindo o primeiro conselheiro Kun Lago e a chefe da segurança do rei, a esguia Maris Magneta. Conspicuamente ausente estava a governadora adolescente de Theed, Padmé Naberrie, cuja indicação representou o compromisso de Veruna com um eleitorado que se tornava cada vez mais contra ela a cada ano que passava. Veruna, contudo, não parecia nem um pouco gasto pelo cansaço. Com as sobrancelhas vistosas, os cabelos grisalhos compridos e a barba espalhafatosa e pontuda, ainda ostentava uma figura romanticamente bela. Lago e Magneta, consideravelmente mais jovens e mais grosseiros, geraram aversão em Palpatine e seu grupo no instante em que subiram a bordo da reluzente espaçonave.

Do lado de fora da janela, as metralhadas do Esquadrão Bravo reduziam os asteroides a cascalho e a poeira espacial.

– Aquele é o capitão Ric Olié, no Bravo Um – disse Veruna. – Experiência de guerra em Chommell Menor.

Pestage não conseguiu conter o riso.

– Contra aquele grupo de piratas cujas naves colidiram umas com as outras?

Veruna olhou feio para Palpatine.

– Seu assessor parece ter se esquecido de qual é o lugar dele, senador.

Palpatine lançou a Pestage um olhar insignificante e retornou para Veruna.

– Minhas desculpas, vossa majestade.

Se Veruna não se convenceu, guardou o fato para si mesmo e fixou o olhar no distante exercício dos caças estelares.

– Planejo encerrar nossa parceria com a Federação do Comércio – disse após um longo momento de silêncio, e sem olhar para Palpatine.

Este se moveu ligeiramente para alocar-se na visão periférica de Veruna, os olhos esbugalhados em genuína surpresa.

– É esse o propósito desta demonstração?

O rei voltou-se para ele.

– Se eu quisesse que fosse apenas um *show* de força, teria esperado até a próxima coleta de plasma marcada. Contudo, como você deseja saber, tanto a Engenharia Theed quanto a Design Nubiano me garantiram que os cargueiros Lucrehulk da Federação seriam presas fáceis para nossos N-1s.

Palpatine fitou Pestage e Greejatus e sacudiu a cabeça com desdém.

– Então foi bom você ter me convidado para subir a bordo, vossa majestade, porque trago notícias que talvez possam persuadi-lo a repensar sua posição.

– Que notícias? – Magneta perguntou, curiosa.

Palpatine ignorou-a, continuando a falar com Veruna.

– Essa questão ainda não chegou à Rotunda, mas existe toda uma indicação de que a República vai acabar concedendo à Federação do Comércio permissão para armar suas naves.

Veruna ficou boquiaberto e pasmo.

– Com o quê?

Palpatine simulou exasperação.

– Não sei direito. Turbolasers, com certeza, assim como droides caças estelares. Todo tipo de autômato de combate que está sendo fabricado pela Baktoid, a Haor Chall e as espécies de pensamento unificado. – Ele acenou para a janela. – Armas que serão um páreo fatal para esses caças.

Veruna ainda tentava assimilar a informação.

– Por que a República vai fazer isso?

– Por causa do que aconteceu em Yinchorr. Por causa dos ataques persistentes de piratas e supostos manifestantes. E porque a República se recusa a mudar de ideia quanto a criar um exército.

Veruna afastou-se bruscamente da janela, depois parou e virou-se para Palpatine.

– Não acredito nisso. Valorum foi bem-sucedido em Yinchorr. Ele jamais se curvaria à pressão da Federação do Comércio.

– Ele não está se curvando à pressão. A estratégia dele é fazer um trato com a Federação: armamento de defesa em troca de taxaço nas áreas de livre-comércio.

Veruna ficou sem palavras.

– É por isso que insisto com vossa majestade que mantenha Naboo no lado certo da contenda.

– Conte-nos, senador – interrompeu Lago –, o que quer dizer com ficar no lado *certo*?

Palpatine olhou para Lago, passando para Veruna.

– Quando a questão chegar à Rotunda, Naboo deve votar contra a taxaço das áreas de livre-comércio.

Veruna engoliu em seco e recobrou a voz.

– Apoiar a Federação do Comércio? Com a minha reeleição se aproximando? Você deve estar louco, Palpatine. Naboo está sob o jugo da Federação faz mais de trinta anos. O povo jamais me perdoará.

– Sua base continua forte – disse Palpatine. – O povo vai gradualmente entender que você tomou a decisão correta.

Veruna fervilhava.

– Não gosto de ser colocado numa posição dessas, Palpatine.

Este adotou pose pensativa, depois fitou o rei.

– Pode haver outro jeito... Tenho certeza de que Hego Damask estaria disposto a conduzir uma renegociação com o bloco Neimoidiano da Federação do Comércio...

– Não preciso que Damask conduza nada – Veruna ralhó. – O tempo desse Muun já passou. Ele é um anacronismo. Os inimigos dele nos fizeram um favor ao forçá-lo a aposentar-se mais cedo.

Imperceptíveis, os olhos de Palpatine estreitaram-se. *E então, com uma cutucada, ele se revelou.*

– Se me lembro bem, os inimigos de Damask pagaram um preço muito alto pelo que fizeram. – Sidious permaneceu em silêncio por um instante, reposicionando-se perante a janela, a fim de que Veruna visse os caças estelares metralhando bem à frente enquanto escutava. – Claro, Sojourn não é mais o forte impenetrável que foi um dia. Mas o alcance de Damask está mais longo do que nunca, e as relações dele com o Clã Bancário nunca estiveram tão sólidas.

– Caso não tenha notado, senador – intrometeu-se Magneta –, o alcance de Naboo agora também é longo.

Palpatine olhou para trás, para os caças, depois fixou os olhos em Veruna.

– Sua majestade, Damask não ficará contente de ser cortado de nossos negócios com a Federação do Comércio. Pode causar problemas.

O olhar de Veruna retornou ao Sith.

– Que tente causar. Naboo não é o único mundo que ele explorou. Não precisamos de aliados. Estou mais preocupado com como o Senado vai reagir à nossa votação contra a taxaço das áreas de comércio.

Palpatine bufou.

– É uma situação sem remédio. Os mundos da Facção da Orla contam com os produtos da Federação do Comércio, então é bem provável que votem contra. Os Mundos do Núcleo, por outro lado, votarão a favor da taxaço, pelo menos para trazer receita à República e evitar ter de apoiar os sistemas exteriores. Bem no meio da querela, a Federação ganha de qualquer modo, porque finalmente vai poder defender-se e forçar os clientes a aguentar os custos elevados que resultarão da taxaço.

– O que tudo isso significa para Valorum? – perguntou Lago.

– Receio que ele talvez não termine seu mandato na casa.

– Quem vai sucedê-lo? – Veruna questionou.

– Isso é difícil dizer, vossa majestade. Ainlee Teem, penso eu. Embora Bail Antilles conte com certo apoio.

Veruna pensou um pouco.

– Quais são as implicações para Naboo caso o Gran vença o Alderaaniano?

– Então, claro, você teria um amigo na chancelaria.

Veruna cutucou a barba.

– Vou levar em conta as suas recomendações. Mas fique sabendo, Palpatine, que não tolerarei engano algum. Nem de você – ele fixou um olhar penetrante em Pestage e Greejatus – nem de ninguém do seu conluio. Lembre-se: eu sei onde os corpos estão enterrados.

*O tempo é curto.*

Vinhas e trepadeiras escalaram as paredes e torres do antigo forte, e cipós ligavam os parapeitos embotados às coroas folhosas das árvores mais próximas. Insetos corriam pelo chão, em busca de comida ou carregando pedaços de vegetação ou lascas de madeira. As tempestades da noite anterior haviam deixado, nas calçadas, poças de água que batiam nos tornozelos, e a enxurrada caía feito cascata nos buracos de esgoto. A floresta que Plagueis plantara e estocara com animais raros e exóticos parecia determinada a livrar Sojourn do forte erigido ali no meio.

Da mais alta das torres, ele via, por cima dos topos das árvores, o contorno do planeta pai da lua e a estrela distante que compartilhavam. Sojourn viajava com pressa, e a última luz ia diminuindo. O ar estava perfumado e atribulado pelo zumbido e pela estridulação dos insetos, além dos gritos territoriais dos pássaros, dos urros sofridos das criaturas da noite, que acordavam. Nuvens de morcegos jorravam de cavernas nas escarpas, sanguessugas famintos nascidos das fortes chuvas. Uma brisa ergueu-se de repente.

*O tempo é curto.*

Ainda guardados em Aborah estavam os textos e holocrons que recontavam os feitos e habilidades de mestres Sith que, como se dizia e estava escrito, eram capazes de convocar vento ou chuva ou fraturar os céus com relâmpagos conjurados. Nas próprias palavras deles ou nas de seus discípulos, uns poucos lordes sombrios afirmavam ter possuído a habilidade de voar, tornar-se invisíveis ou transportar-se por espaço e tempo. Mas Plagueis nunca conseguira replicar nenhum desses fenômenos.

Desde o início, Tenebrous lhe dissera que ele não tinha talento para a feitiçaria Sith, ainda que tal inabilidade não se devesse à deficiência de midi-chlorians. *É um dom inato*, o Bith diria quando pressionado, e um que ele também não possuía. Contudo, a feitiçaria era bastante pálida em comparação à ciência Bith. Mas Plagueis entendia agora que Tenebrous enganara-se com relação à feitiçaria, como se enganara com muitas outras coisas. Sim, o dom era forte naqueles que, com pouco esforço, podiam permitir-se ser subsumidos pelas correntes da Força e tornar-se conduítes dos poderes do lado sombrio. Mas havia um caminho alternativo para essas habilidades, e partia de um local no qual o círculo fechava-se sobre si mesmo e a vontade pura era substituída pelo egoísmo. Plagueis entendia, também, que não havia poder algum fora de alcance; nada que ele não pudesse dominar pela força de vontade. Se um Sith de poder equivalente o tinha precedido, então ele levava seus segredos consigo para o túmulo, ou os trancara em holocrons destruídos ou que estavam ainda para submergir.

A questão quanto a se ele e Sidious haviam descoberto algo novo ou redescoberto algo antigo não vinha ao caso. Tudo o que importava era que, quase uma década antes, eles haviam conseguido tombar a Força irrevogavelmente para o lado sombrio. Não uma mera mudança de paradigma,

mas uma alteração tangível que podia ser sentida por qualquer um com afinidade à Força, ainda que não treinado nas artes dos Sith e dos Jedi.

A mudança representava o resultado de meses de intensa meditação, durante os quais Plagueis e Sidious procuraram desafiar a Força por soberania e inundar a galáxia com o poder do lado sombrio. Descarados, sem vergonha e correndo risco de morrer, os dois travaram uma guerra etérea, receando que seus próprios midi-chlorians, o exército representante da Força, poderiam resolver ferver o sangue deles ou parar seus corações. Levitados para fora de si mesmos, desincorporados e como uma entidade única, trouxeram o poder de sua vontade e aplicaram-no, afirmando sua soberania sobre a Força. Nenhuma força contrária ergueu-se contra eles. No que se resumiu a um estado de êxtase, eles entenderam que a Força cedera, como uma deidade derrubada do trono. No fulcro por eles criado, o lado luminoso baixou-se e o lado sombrio ascendeu.

No mesmo dia, ele permitiu que Venamis morresse.

Então, manipulando os midi-chlorians do Bith, que deviam estar inertes ou não responder, Plagueis o ressuscitou. A enormidade do evento deixou Sidious calado de tão aturdido e admirado, e desorientou os processadores de 11-4D, mas Plagueis prosseguiu sem assistência, repetidamente deixando que Venamis morresse para ser trazido de volta à vida, até que os órgãos do Bith desistiram e Plagueis finalmente lhe concedeu a morte final.

Adquirir o poder de manter outro ser vivo, entretanto, não lhe bastara. E então depois que Sidious retornou a Coruscant, ele se devotara a internalizar a habilidade, manipulando os midi-chlorians que o animavam. Por diversos meses, não obteve progresso algum, até que começou a perceber uma ligeira mudança. As cicatrizes que haviam crescido por cima dos ferimentos começaram abruptamente a suavizar e sumir, e ele passou a respirar mais livremente do que fizera em vinte anos. Começou a sentir que não somente

seus tecidos danificados se curavam, mas que todo o seu corpo rejuvenescia. Por debaixo do transpirador, áreas de sua pele estavam suaves e jovens, e ele soube que em algum momento cessaria totalmente de envelhecer.

Embriagado pelo recém-descoberto poder, Plagueis tentara realizar algo ainda mais impensável: dar vida a uma criação sua. Não apenas gerar gravidez numa criatura infeliz, sem inteligência, mas dar vida a um ser com afinidade à Força. A habilidade de dominar a morte fora um passo na direção certa, mas não era equivalente à pura criação. E então ele se esticou – de fato, como se fosse invisível, transubstanciado – para informar a todo ser de sua existência, e impactar a todos: Muunoide ou insectoide, protegido ou largado, livre ou escravo. Um guerreiro brandindo a bandeira do triunfo no campo de batalha. Um fantasma infiltrando-se num sonho.

Mas tudo isso foi em vão.

A Força permaneceu em silêncio, como se fugisse dele, e muitos dos animais do laboratório sucumbiram a doenças terríveis.

Mesmo assim, oito longos anos depois, Plagueis continuava convencido de que estava à beira do sucesso absoluto. A evidência era o aumento de sua própria contagem de midi-chlorians; e o poder que ele sentiu em Sidious quando este finalmente retornou a Sojourn. O lado sombrio da Força era deles para comandar, e, em parceria, poderiam, algum dia, manter vivo um ao outro, e reinar a galáxia pelo tempo que julgassem adequado.

Mas era preciso ainda informar isso a Sidious.

Era mais importante que Sidious se mantivesse focado em manipular os eventos do mundo profano enquanto Plagueis se concentrava em dominar o reino da Força, do qual o mundano constituía apenas um reflexo grosseiro e distorcido.

Era certo que a luz se extinguiria, mas por quanto tempo e a que custo?

Ele se lembrou de um eclipse estelar que testemunhara num mundo havia muito esquecido, cuja única lua tinha tamanho e distância perfeitos para bloquear a luz do primário do sistema. O resultado não fora escuridão total, mas uma iluminação de outro tipo, singular e difusa, que confundira os pássaros e permitira às estrelas serem vistas no que seria a luz plena do dia. Mesmo totalmente bloqueado, o primário brilhava por detrás do disco do satélite, e, quando a lua avançou na órbita, houve um momento de luz quase intensa demais para suportar.

Fitando o céu cada vez mais escuro de Sojourn, o Muun imaginava qual calamidade a Força estaria secretamente planejando para lançar sobre ele ou Sidious ou, ainda, ambos por terem deliberadamente pendido o equilíbrio. Estaria a retribuição apenas esperando, como em Coruscant, vinte anos antes? Eram tempos perigosos; mais perigosos do que nos primeiros anos de aprendiz dele, quando o lado sombrio poderia tê-lo consumido a qualquer momento.

Por ora, pelo menos, sua total convalescência estava quase completa. Sidious continuava a tornar-se mais poderoso como Sith e como político, e seus mais intrincados esquemas enfrentavam pouca ou nenhuma resistência. E a Ordem Jedi naufragava...

Só o tempo diria o que estava para vir, e ele era curto.

O Zabrak Dathomiriano sentou-se de pernas cruzadas no chão de duracreto, recontando a Sidious a missão de fiscalização que realizara no Templo Jedi, semanas antes, no auge da Crise Yinchorri.

– Fiquei enojado ao ver quão facilmente os infiltradores reptilianos foram enganados, mestre, mesmo pela humana de cabelos claros que eles pensaram ter pego de surpresa fora do Templo. De onde eu observava, vi que ela fingira surpresa quando seu sabre de luz falhou em penetrar o escudo de cortosis do atacante, e que apenas fingia estar inconsciente quando o Yinchorri a pôs de pé

e ela o impalou com a lâmina ativada. – Maul rosnou, revelando os dentes afiados. – A burrice deles me permitiu rejubilar-me no fato de que a missão foi comprometida... que os Jedi estavam apenas os atraindo para uma cilada.

O edifício LiMerge abandonado se tornara casa e centro de treinamento para o assassino; Os Trabalhos e as ruas do distrito próximo, Fobosi, seu campo de caça noturna. Circulando-o com o capuz do manto erguido sobre a cabeça, Sidious perguntou:

– Os Jedi ganharam seu respeito?

– Talvez se os infiltradores tivessem mostrado um pingo de habilidade. Se eu os estivesse liderando...

Sidious parou.

– A missão teria sido um sucesso? Cavaleiros Jedi e padawans, mortos; crianças, assassinadas.

– Tenho certeza disso, mestre.

– Apenas você contra os mestres que compõem o Alto Conselho.

– Escondendo-me e atacando, eu poderia ter matado muitos.

*Plagueis tinha razão, pensou Sidious. Eu o tornei orgulhoso.*

Em todo caso, o estratagema dos Yinchorri falhara. Mais Jedi tinham morrido, mas matar Jedi nunca fora o motivo principal para instigar a crise. O que importava era que Valorum triunfara, com certa ajuda de Palpatine, sim, mas mais por conta própria, tendo trazido os senadores Yarua, Tikkes, Farr e outros para seu lado e estabelecido o embargo. Porém, com seu mandato ao fim, a posição de Valorum encontrava-se mais tênue do que nunca. Bastava a menor faísca de escândalo para o Senado perder a pouca confiança que depositara nele.

– Você é formidável – disse Sidious finalmente –, mas não é um exército, e não passei anos treinando-o para que se sacrifique. Quando lhe outorguei o título de *Darth*, não foi por recompensa por ter sobrevivido a missões

perigosas, à fome e a droides assassinos, mas por sua obediência e lealdade. Sem dúvida, você terá amplas oportunidades para demonstrar sua habilidade superior à dos Jedi, mas derrubar a Ordem não é a sua missão, mesmo que você a odeie.

Maul baixou a cabeça, mostrando a coroa de chifres afiados naquela pele vermelha e preta.

– Mestre. Enquanto houver aqueles que obtêm a alegria e satisfação que deviam ser minhas.

– Veremos, meu aprendiz. Mas, até lá, há questões que precisamos resolver.

Ele acenou para que Maul se levantasse e o seguisse até a mesa do holoprojetor e o console de transmissão – os mesmos que os Gran deixaram para trás décadas antes, mas totalmente modernizados e evoluídos.

– Fique fora das câmeras – ordenou Sidious, indicando um local. – Por ora, queremos mantê-lo em reserva.

– Mas...

– Tenha paciência. Você ainda terá uma função a cumprir.

Sidious sentou-se numa cadeira de encosto alto que o envolvia feito um trono e possuía um controle remoto acoplado num dos braços, com os pensamentos em rodado por conta do que estava prestes a fazer. Plagueis sentira a enormidade do momento em Naboo, todos aqueles anos antes, quando revelara sua verdadeira identidade; quando removera, pela primeira vez, a máscara que usava em público? Por mais empoderador que talvez fosse, teria o momento sido marcado também por uma espécie de nostalgia? A sensação de perder algo pessoal, tão definidor? O que fora secreto não o seria nunca mais...

O comunicador pegou o vice-rei Nute Gunray em meio a uma refeição, e sem a tiara alta e o colar de pedra azure que o faziam parecer um bobo.

– Saudações, vice-rei – disse Sidious.

As membranas nictitantes dos olhos carmesim do Neimoidiano agitaram-se, e seu focinho furta-cor crispou-se.

– Quê? Quê? Este é um local seguro. Como você...

– Nem tente rastrear a origem desta comunicação – informou Sidious, enquanto os dedos acinzentados e compridos de Gunray voavam por sobre o teclado de sua holomesa. – Rastrear vai apenas fazê-lo girar em falso e desperdiçar o tempo limitado que temos.

– Como você ousa invadir...

– Recentemente, enviei-lhe um presente. Um pylat de manchas vermelhas. Gunray pareceu aturdido.

– Você? Foi você quem o enviou?

– Creio que você teve bom senso suficiente para mandar que o escaneassem com aparelhos de monitoramento.

Gunray girou a fim de olhar para algo fora da câmera, provavelmente para o próprio pássaro cristado.

– Claro que sim. Qual foi sua intenção ao mandá-lo? – O sotaque dele alongava as palavras e suavizava a pronúncia da letra T.

– Considere-o um símbolo de nossa apreciação pelo trabalho não recompensado que você fez com a Federação do Comércio. A diretoria não reconhece devidamente a sua contribuição.

– Eles... digo, eu... Por que está escondido no capuz do manto?

– Este é o manto da minha Ordem, vice-rei.

– Você é clérigo?

– Pareço um homem sagrado para você?

A expressão de Gunray se tornou ácida.

– Eu exijo ver o seu rosto.

– Você ainda precisa conquistar o privilégio de me ver.

– Privilégio? Quem você pensa que é?

– Tem certeza de que quer saber?

– Eu *exijo* saber.

O sorriso de Sidious escapou um pouco para fora do capuz.

– Melhor ainda, então. Eu sou um lorde Sith.

*Pronto. Falei.*

*Falei...*

– Lorde Sith? – Gunray repetiu.

A resposta veio lá do fundo, do cerne de quem ele realmente era.

– Você tem permissão para referir-se a mim como Darth Sidious.

– Nunca ouvi falar de nenhum Darth Sidious.

– Ah, mas agora ouviu, e nossa parceria foi selada.

Gunray sacudiu a cabeça.

– Não estou à procura de parceria.

Sidious mostrou parte do rosto.

– Não finja estar contente com sua posição na Federação do Comércio, ou que não tem aspirações. Seremos parceiros daqui em diante.

Gunray soltou um sibilo.

– Só pode ser piada. Os Sith estão extintos faz mil anos.

– É precisamente isso que a República e a Ordem Jedi querem que você pense, mas nós nunca desaparecemos. Ao longo dos séculos, temos assumido causas justas e revelado nossa presença para seres seletos como você.

Gunray recostou-se na cadeira.

– Não entendo. Por que eu?

– Você e eu temos ávido interesse pelo sentido ao qual segue a República, e considero chegado o momento de trabalharmos juntos.

– Não participarei de nenhum esquema encoberto.

– É mesmo? – perguntou Sidious. – Acha que dentre milhões de seres influentes eu escolheria você sem conhecê-lo em detalhes? Entendo que seus

desejos vorazes brotam das condições cruéis de sua criação... você e seus irmãos, ainda larvas, competindo sem piedade por um suprimento limitado de fungo. Mas eu compreendo. Somos todos moldados por nossos desejos infantis, nossa necessidade de conseguir afeição e atenção, nosso receio da morte. E, considerando quão longe você chegou, fica claro que você sempre foi e continua sendo inigualável. Seus anos no Senado, por exemplo. Os encontros clandestinos no edifício Claus, no restaurante Follin, no Corredor Carmesim, os fundos que você desviou para Pax Teem e Aks Moe, os negócios secretos com as Empresas Damask, o assassinato de Vidar Kim...

– Basta! Basta! Está querendo me chantagear?

Sidious demorou a responder.

– Talvez você não tenha escutado bem quando falei da parceria.

– Escutei. Agora diga o que quer de mim.

– Nada além da sua cooperação. Farei grandes mudanças para você, e em troca você fará o mesmo por mim.

Gunray pareceu preocupado.

– Você alega ser um lorde sombrio. Mas como saberei que é mesmo? Como saberei que pode mesmo me ajudar?

– Eu lhe arranjei um pássaro raro.

– Isso valida muito pouco as suas alegações.

Sidious concordou.

– Compreendo seu ceticismo. Eu poderia, claro, demonstrar meus poderes. Mas fico relutante em convencê-lo desse modo.

Gunray fungou.

– Não tenho tempo para essa...

– O pylat está aí perto?

– Bem atrás de mim – Gunray respondeu.

– Mostre-me.

Gunray ampliou o escopo da câmara de sua holomesa para incluir o pássaro, empoleirado numa jaula que mal passava de um círculo de metal, coroada com um gerador de campo de estase.

– Eu receei, quando o extraí do *habitat* dele na floresta, que fosse morrer – disse Sidious. – E, no entanto, ele parece se sentir em casa no novo ambiente.

– Seu cantar indica isso mesmo – Gunray concordou.

– E se eu dissesse que posso ultrapassar o espaço e o tempo e estrangulá-lo ali mesmo onde está empoleirado?

Gunray ficou pasmo.

– Não pode. Duvido que até mesmo um Jedi...

– Está me desafiando, vice-rei?

– Estou – disse o outro abruptamente; e em seguida: – Não, espere!

Sidious ajeitou-se na cadeira.

– Você valoriza o pássaro... esse símbolo de riqueza.

– Meus pares têm inveja por eu possuí-lo.

– E riqueza de verdade não geraria inveja ainda maior?

Gunray se exasperou.

– Como posso responder se sei que você é capaz de me estrangular se eu recusar?

Sidious suspirou de modo elaborado.

– Parceiros não estrangulam uns aos outros, vice-rei. Prefiro ganhar sua confiança. Concorda com isso?

– Acho que sim.

– Então aqui vai meu primeiro presente para você: a Federação do Comércio será traída. Por Naboo, pela República, pelos membros da diretoria. Somente você poderá oferecer a liderança necessária para impedir que ela se estilhace. Mas primeiro precisamos garantir que você seja promovido à diretoria.

– A diretoria atual jamais aceitaria um Neimoidiano.

– Diga-me o que seria preciso... – começou Sidious, parando em seguida. – Não. Esqueça. Deixe-me surpreendê-lo arranjando-lhe uma promoção.

– Você faria isso sem pedir nada em troca?

– Por ora, sim. Se e quando eu ganhar sua confiança total, espero que aceite bem as minhas sugestões.

– Aceitarei, Darth Sidious.

– Então nos falaremos muito em breve.

Sidious desativou o holoprojetor e permaneceu sentado em silêncio.

– Existe um mundo no setor Videnda chamado Dorvalla – disse ele a Maul um bom tempo depois. – Você não deve ter ouvido falar dele, mas é uma fonte de metal lomite, essencial à produção de transparação. Duas companhias, a Lomite Limitada e a Metal Intergaláctico, controlam as operações de mineração e transporte. Mas por certo tempo a Federação do Comércio anda de olho no controle de Dorvalla.

– Qual é a sua intenção, mestre? – perguntou Maul.

– Por ora, apenas que você se familiarize com Dorvalla, pois o planeta poderá ser essencial para termos total controle de Gunray.



## CAPÍTULO 25

### O CHARME DISCRETO DA MERITOCRACIA

Nenhum quarteto mais estranho deitara pés, barriga, garras e mandíbula em Sojourn em vinte anos. Uma Theelina híbrida, seu mestre Hutt, o mordomo deste, um Twi'lek, e o chefe de segurança Chevin cruzaram o pátio do forte coberto de folhas e entraram na sala de recepção de Plagueis. Com exceção da Theelin, o grupo parecia ter saído das florestas de greel para consorciar com as criaturas que construíram ninhos e tocas nos corredores úmidos do forte e nas torres mais altas.

Plagueis e 11-4D aguardavam logo após a enorme entrada.

– Bem-vindo, Jabba Desilijic Tiure – disse Plagueis através da máscara transpiradora.

Droides tinham devolvido ao local um pouco da aparência de ordem e instalaram mesas e cadeiras. A luz da manhã jorrava por aberturas quadradas no alto das paredes, e o fogo estalava na lareira de pedra.

– Um prazer ver você novamente após tantos anos, magistrado Damask – disse Jabba numa língua básica grosseira. O sempre jovem criminoso relaxou a língua imensa e manobrou seu corpanzil molenga para uma plataforma baixa que os droides haviam erigido. Olhando ao redor, acrescentou: – Você e seu droide deviam ir visitar minha casa em Tatooine, no Mar das Dunas Ocidentais.

– Muito em breve – disse Plagueis, sentando-se em uma poltrona do outro lado da plataforma.

Como Toydarianos e Yinchorri, os Hutts eram imunes à sugestão por meio da Força. Se Jabba soubesse com quantos de sua espécie Plagueis já fizera

experimentos ao longo das décadas, talvez não fosse assim tão sociável; entretanto, a própria inclinação do Hutt para a crueldade e a tortura era lendária. Como atestava uma tatuagem em seu braço, ele só ligava para os membros de seu clã. Não se importou de apresentar seus subordinados pelo nome, mas como geralmente ocorria com muitos dos capangas e vagabundos que o cercavam, dois deles tinham reputações que os precediam. O Twi'lek de complexão rosada era Bib Fortuna, ex-contrabandista de especiaria cuja própria espécie havia lhe virado as costas. Alto, de olhos vermelhos, apresentava pequenos dentes afiados e tentáculos brilhantes que cresciam de um crânio sem cabelos que mais parecia ter sido desajeitadamente coberto de rochas. O Chevin – um focinho de dois metros de altura do qual brotavam braços, pernas e um rabo – era Ephant Mon. Celebrado como guerreiro entre os seus – e com discreta afinidade à Força –, usava um cobertor que podia muito bem ter-lhe sido jogado por alguém no intuito de encobri-lhe a feiura. Plagueis sabia, por conta de contatos na Federação do Comércio, que Mon estava envolvido numa operação de contrabando no tecnofóbico Cerea, fornecendo *swoops* para uma gangue de jovens iniciantes.

A Theelina, Plagueis não conhecia. Pálida e esguia, possuía cabelos alaranjados lustrosos e lindas marcas púrpuras que desciam pelo rosto e pelo pescoço para desaparecer por baixo de uma roupa bem ousada.

– Diva Shaliqua – informou Jabba quando reparou que Plagueis a estudava. – Vocalista da banda.

– Como sugere o nome.

– Presente de Ingoda, em troca de créditos que devia para mim. – Os olhões de Jabba pousaram na Theelina. – Ela e Funquita vieram em par, mas presenteei Gardulla com Funquita na esperança de suavizar a nossa rivalidade eterna. – Ele resmungou. – Meu primeiro erro. O segundo: apresentar Shaliqua para Romeo Treblanc, que moveria mundos para possuí-la.

Famoso pela jogatina, Treblanc era dono da Casa da Ópera das Galáxias, em Coruscant. O fato de Jabba preferir associar-se a jogadores e demais pilantras constituía um mistério para Plagueis. De certo modo, o império ilícito do Hutt era o inverso do de Hego Damask, no qual pelo menos os criminosos eram políticos, mandachugas corporativos e financiadores. A vinda dele a Sojourn era incomum e inesperada.

– Veio aqui falar sobre Treblanc ou Gardulla? – perguntou Plagueis.

Jabba reagiu com irritação.

– Como sempre, direto ao cerne da questão. Mas entendo o fato de você ser um Muun ocupado. – Ele se chacoalhou para ajeitar melhor a posição na plataforma. – Sei que você foi essencial trinta anos atrás ao dar o controle de Tatooine a Gardulla, como base para as operações escravistas dela e os eventos de corrida de pods. Vim até aqui, tão longe, para informá-lo de que Tatooine muito em breve terá outro supervisor. – Ele acenou para si mesmo. – Eu.

Plagueis não disse nada por um bom tempo.

– Eu tinha a impressão de que Tatooine já era tão sua quanto de Gardulla.

– As aparências enganam – disse Jabba. – Tentei minar a influência dela fomentando desconfiança entre aquele tal de Povo da Areia, os Tusken Raiders, mas o sucesso em tirá-la do planeta continua distante de mim.

Plagueis ajustou a máscara respiratória.

– Como posso ajudar?

Jabba fitou-o.

– Fiquei sabendo que Gardulla não conseguiu lucrar com os empréstimos concedidos por você. O que ela ganha com eventos como o Clássico de Boonta Eve ela perde para os jogadores.

– Isso é verdade – concordou Plagueis. – Mas o que tem isso?

– Quero que pare de financiá-la, para deixá-la passando fome.

Plagueis deu de ombros.

– Sua informação está incompleta, Jabba. Não financio os empreendimentos dela faz uma década.

Jabba agitou as mãos, enraivecido.

– Você tem influência sobre os membros do Clá Bancário e da Federação do Comércio que a estão financiando.

Plagueis ergueu a cabeça, como se algo lhe ocorresse.

– Ah, entendi. E o que posso esperar em troca?

– Para começar, uma porcentagem melhor do lucro das corridas e demais empreendimentos.

Plagueis franziu o cenho, desapontado.

– Você deve saber que não preciso de crédito, Jabba. E não teria vindo até aqui, *tão longe*, como você disse, a não ser que soubesse de alguma coisa que talvez me faça passar para o seu lado.

Jabba sacudiu-se, pondo rédeas à raiva.

– Em troca da sua ajuda, enfraquecerei a influência do Sol Negro junto à diretoria da Federação do Comércio...

– Não preciso de ajuda para isso. – Plagueis inclinou-se à frente, ainda sentado. – O que você sabe que talvez eu não saiba?

Jabba inflou o corpo, depois soltou o ar num riso demorado, sem alegria.

– Sei algo que talvez você não saiba sobre o Bando Gora.

Plagueis ergueu-se um pouco da cadeira. Os assassinos das máscaras medonhas do Bando Gora vinham se tornando uma preocupação crescente na Orla Exterior, causando problemas para a liderança de alguns dos cartéis que Plagueis apoiava.

– Agora você me deixou interessado, Jabba.

– O culto tem um novo líder – Jabba prosseguiu, contente por ter a vantagem. – Uma humana; ela fez um trato com Gardulla, um Dug de Malastare chamado Sebolto e um senador da República para distribuir bastões

da morte contaminados como meio de fornecer recrutas acéfalos ao Bando Gora.

Plagueis ampliou-se com a Força para investigar o Hutt internamente. Jabba não estava mentindo.

– Essa humana – disse.

– Ouvi rumores.

Mais uma vez, Jabba dizia a verdade.

– Os rumores bastam, por ora.

O Hutt esfregou as mãos carnudas.

– O nome dela é Komari Vosa, e dizem que já foi Jedi.

Plagueis conhecia esse nome muito bem. Uns dez anos antes, Komari Vosa fora padawan do mestre Dookan.

Atrás de cada uma das estações de acoplamento das plataformas flutuantes da Rotunda brotavam complexos de salas em forma de triângulo com mais de meio quilômetro de comprimento, onde os senadores se encontravam, entretinham convidados e, em raras ocasiões, conduziam o trabalho para o qual foram eleitos ou indicados. Alguns dos escritórios eram ambientes selados, nos quais se replicavam as atmosferas dos mundos membros; outros, principalmente os pertencentes às espécies de pensamento unificado, eram equipados por centenas de seres que realizavam suas atividades em cubículos que lembravam favos de mel. Em comparação, o de Naboo era bastante prosaico em design e ornamento, e, entretanto, sem igual em termos do número de visitantes ilustres que recebia.

– Estou pensando em deixar a Ordem – o mestre Dookan disse a Palpatine na sala sem janelas que constituía o escritório particular do senador. – Não posso mais aceitar as decisões do Conselho e preciso ter liberdade para falar o que penso sobre o estado deplorável da República.

Palpatine não respondeu, mas pensou: *Até que enfim.*

Com Darth Maul viajando para Dorvalla em sua primeira missão, Palpatine passara a tarde toda preocupado, e agora recebera a revelação de Dookan: muito esperada e, no entanto, ainda um tanto surpreendente.

– Essa não é a primeira vez que você se exaspera com o Conselho – disse ele com cautela –, e provavelmente não será a última.

Dookan sacudiu a cabeça com firmeza.

– Nunca mais do que agora. Mesmo depois de Galidraan. Não tenho ao que recorrer.

O frígido Galidraan ficara muitos anos no passado, mas para Dookan o incidente permanecia como uma ferida aberta. Um governador local conseguira atrair os Jedi para um conflito com mercenários Mandalorianos que deixara onze Jedi mortos e varrera todos os Verdadeiros Mandalorianos – totalmente inocentes das acusações que tinham sido levantadas contra eles –, exceto por um. Desde então, e em cada ocasião em que ele e Palpatine se encontravam, Dookan começara a se parecer cada vez menos com um mestre Jedi e mais como o nobre que teria sido em seu nativo Serenno.

Meticulosamente arrumado, portava-se como aristocrata, usava túnicas e calças feitas sob encomenda e um manto preto de veludo que lhe concedia um visual arrojado e teatral. O punho ligeiramente curvado do sabre de luz, também, podia ser apenas acessório, embora Dookan fosse conhecido como um dos mais habilidosos duelistas da Ordem. E por trás da máscara de arrogante civilidade, Palpatine sabia que o Jedi era capaz de grande crueldade.

– A pedido do Senado – Dookan continuou –, o Conselho despachou diversos Jedi para Baltizaar, e meu ex-padawan conseguiu, de algum jeito, partir junto deles.

Palpatine assentiu, soturno.

– Ouvi falar algo sobre isso. O senador de Baltizaar pediu ajuda para livrar-se de ataques do Bando Gora.

– Abdutores sádicos e assassinos – disse Dookan, raivoso. – Era preciso ação militar, não intercessão dos Jedi. Mas, mesmo assim, o Conselho aquiesceu ao pedido, e agora se acredita que Komari Vosa e os outros estejam mortos.

Palpatine ergueu uma sobrancelha.

– A jovem mulher que estava apaixonada por você?

– Essa – Dookan respondeu baixinho. – Em Galidraan, ela lutou brutalmente contra os Mandalorianos, quase como se na tentativa de me impressionar. Como resultado, eu disse ao Conselho que ela não estava pronta para os desafios e para a Cavalaria Jedi. Para compensar pelo erro inicial de despachar Jedi, mestre Yoda e os demais se recusaram a enviar reforços para procurar por sobreviventes.

Palpatine refletiu um pouco.

– Se Baltizaar deveria representar outra tentativa de lhe impressionar, tudo o que Komari Vosa fez foi provar que você esteve certo sobre ela o tempo todo.

Dookan fitou o senador.

– Pode ser. Mas o fracasso foi meu. – Ele passou a mão pela barba curta. – Por mais habilidoso que eu seja com o sabre de luz, acabei me tornando um professor ineficaz. Mestre Qui-Gon Jinn tornou-se um tratante solitário e reservado. E agora Vosa... – Ele bufou. – Eu não quis ser membro do Conselho no intuito de me dedicar à diplomacia, e olha o que acabou acontecendo. A República está escorregando cada vez mais para o caos.

– Você é só um homem contra uma galáxia lotada de patifes – disse Palpatine.

Os olhos de Dookan brilharam.

– Um homem deveria ser capaz de fazer diferença se fosse poderoso o bastante.

Palpatine deixou o silêncio se alongar.

– Você assumiria o título de Conde de Serenno?

– Por direito. Minha família concorda. Agora é apenas questão de informar o Alto Conselho.

– Alguém já deixou a Ordem?

– Dezenove antes de mim.

– Você chegou a partilhar do seu descontentamento com algum deles?

– Somente com o mestre Zaifo-Vias.

– Claro.

Dookan fitou-o.

– Ele receia que eu vá fazer algo precipitado.

– Deixar a Ordem não é precipitado o bastante?

– Ele receia que eu denuncie o Conselho abertamente e revele quão divididos estão os membros sobre a resposta que têm de dar ao Senado. – Ele fitou Palpatine nos olhos. – Estou quase decidido a juntar-me à sua causa.

Palpatine tocou o peito.

– *Minha* causa?

Dookan adotou um sorriso oblíquo.

– Eu entendo de política, meu amigo. Sei que tem de ser circunspecto sobre o que diz e para quem. Mas os mundos desfavorecidos da Orla Exterior terem hoje algum apoio deve-se principalmente a você, que fala com honestidade e favorece os sem privilégio, e talvez seja o único capaz de puxar a República da beira do precipício. A não ser, é claro, que tenha mentido para mim todos esses anos.

Palpatine mal considerou o comentário.

– Talvez tenha omitido uma coisa ou outra.

– Isso eu estou disposto a perdoar – disse Dookan –, caso nos tornemos ou não parceiros além de aliados.

Palpatine entrelaçou os dedos.

– É uma ideia interessante. Precisaríamos aprofundar nossas conversas, ser completamente honestos um com o outro, revelar nossos pensamentos e sentimentos mais profundos para determinar se realmente partilhamos dos mesmos objetivos.

– Estou sendo honesto quando digo que a República precisa ser derrubada e reconstruída das fundações.

– O que você sugere é bastante drástico.

– Drástico, de fato.

– Talvez seja preciso uma guerra civil.

– E quão distantes disso estamos agora? – Dookan ficou em silêncio por um momento, depois disse: – O Senado batalha para tentar resolver disputas que os Jedi em geral veem de antemão. Todas as leis instauradas só são seguidas porque sacamos nossos sabres de luz.

– Foram os Jedi que juraram apoiar a República.

– O lugar da Ordem nisso tudo é algo que eu e Zaifo-Vias discutimos sem parar – Dookan ralhou. – Mas os membros do Conselho não têm a mesma inclinação. Estão embrenhados em pensamentos arcaicos e demoram a abraçar mudanças. – Ele fez uma pausa e adotou uma expressão sinistra. – Não se deixe enganar, Palpatine. Eles veem tempos sombrios à frente. Na verdade, pensam pouco em qualquer outra coisa. Por isso deixaram os Jedi se envolverem em conflitos paroquiais como esses de Galidraan, Yinchorr e Baltizaar, que são como o fogo nos arbustos nascido das cinzas sopradas de chamas muito mais intensas que ardem além do horizonte. Mas, em vez de realmente encarar a corrupção na República, quem sabe debandar o Senado inteiro por um tempo,

eles se fixaram na profecia. Aguardam a chegada de um redentor profetizado que trará equilíbrio à Força e restaurará a ordem.

– Um redentor? – Palpatine fitou-o em autêntica surpresa. – Você nunca mencionou essa profecia.

– Nem o faria agora se ainda me considerasse leal à Ordem.

– Nunca me ocorreu que a Força precisasse ser equilibrada.

O lábio de Dookan curvou-se.

– A Ordem interpreta a profecia como indicando que a maré sombria tem de ser contida.

– Você não concorda?

Dookan tinha a resposta pronta.

– A verdade é esta aqui: os Jedi poderiam cumprir a profecia por conta própria, se estivessem dispostos a liberar os poderes totais da Força.

– Poderes totais da Força – repetiu Palpatine. – Acho que não acompanho.

Dookan soltou o ar.

– Quem sabe possamos conversar mais sobre isso no futuro.

– Você tomou sua decisão, então?

Dookan assentiu.

– Se mais um Jedi morrer por indolência da parte da República e por equívoca moral da parte do Conselho, deixarei o Templo e me recusarei a olhar para trás.

Assim que Dookan deixou o escritório, Sidious correu para vestir o manto e saiu às pressas para outro compromisso. Chamou um táxi na Praça do Senado e instruiu ao motorista Gran que o levasse ao Espaçoporto de Tannik.

Relaxando no banco estofado, o senador exalou pelo que pareceu a primeira vez no dia todo. No espaço de um ano-padrão, ele passara de levar duas vidas para gerenciar quase uma dúzia: aprendiz de Plagueis; mestre de

Maul; senador de destaque; aliado do chanceler supremo Valorum; e líder de um conluio crescente de conspiradores que incluía Pestage, Dorian, Greejatus – na fila para substituí-lo no Senado –, o humano sensível à força Sim Aloo, o analista de inteligência Armand Isar, o senador de Eriadu, Wilhuff Tarkin, e o Umbarano telepata Sly Moore, que fora disfarçado como seu assessor.

E guiava outra vida dupla: Dookan. Conduzia assuntos dos Jedi enquanto, em momentos particulares, flertava com o lado sombrio, ávido por trazer o poder total da Força ao plano mundano; sua lenta reorientação era como uma curiosa inversão da de Darth Gravid, cuja busca similar pela proeminência fugira-lhe ao controle.

Para os Jedi, a maestria era conferida quando o indivíduo alcançava uma verdadeira compreensão dos caminhos da Força; para os Sith, esse nível de entendimento representava apenas o começo. Os mantos feitos em casa da Ordem Jedi anunciavam: *Não quero nada, porque estou vestido com a Força*; já os do Sith diziam: *Eu sou a luz na escuridão, a convergência de energias opostas*. E, no entanto, embora todos os lordes Sith fossem poderosos, nem todos foram brilhantes ou possuíam totalmente os poderes que o lado sombrio lhes concedia. Darth Millennial rebelara-se contra os ensinamentos de seu mestre, Darth Cognus, e até mesmo Plagueis falava de ter chegado a um impasse filosófico com seu mestre, Tenebrous.

Um lorde Sith humano cujo curto reinado desabara cerca de cinco séculos antes, Gravid fora persuadido a acreditar que o compromisso total com o lado sombrio sentenciaria a Ordem Sith a acabar derrotada, e por isso buscava introduzir o altruísmo e a compaixão dos Jedi em seus ensinamentos e prática, esquecendo-se de que não pode haver retorno à luz para o adepto que entrou na floresta da escuridão; que o lado sombrio não se renderá a alguém que, por acordo mútuo, entregou-se a ele. Levado cada vez mais à loucura por seus esforços de lidar com os dois planos, Gravid acabou convencido de que o único

jeito de salvaguardar o futuro dos Sith seria escondendo ou destruindo o conhecimento reunido ao longo das gerações – os textos, holocrons e tratados –, de modo que os Sith pudessem criar um novo começo para si que garantisse seu sucesso. Barricados pelas paredes de um bastião que ele e sua aprendiz Twi'lek, Gean, construíram em Jaguada, ele tentou isso, e acredita-se que tenha destruído mais de metade dos artefatos de reposição antes que Gean, demonstrando vontade e coragem consumados, conseguisse penetrar os campos de Força que Gravid erguera ao redor do forte e interceder, matando o mestre com as próprias mãos, embora à custa de perder o braço, o ombro e todo o lado esquerdo do rosto e do peito.

Mestre Jedi de alto ranque, Dookan possivelmente já possuía certa compreensão teórica do lado sombrio; talvez mais, se tivesse tido acesso aos holocrons Sith guardados dentro do Templo. Podia ser certamente um incômodo para a República, embora dificilmente um agente de caos, como Plagueis e Sidious. Entretanto, seria interessante ver quão longe Dookan estaria disposto a ir...

Palpatine precisaria informar Plagueis da conversa que tiveram. Ou não. Por acaso era permitido a um aprendiz esconder informações de seu mestre?

Não. Nunca. Principalmente por haver a chance de Plagueis descobrir sobre a apostasia de Dookan por conta própria, por modos que permaneciam desconhecidos.

Executando uma série de manobras imprudentes, o motorista Gran trocava de faixas e descia rapidamente para o espaçoporto de Tannik – uma pista de pouso semicircular localizada na beirada do distrito Manaai e cercada por todos os lados por mônadas muito elevadas. Reservado para cargueiros de baixo impacto, o porto representava um refúgio para membros de equipe drogados e

abduzidos, trabalhadores itinerantes e migrantes sem documentação de diversas espécies, a maioria em busca de carona para mundos distantes.

Feliz por livrar-se do táxi, Palpatine foi abrindo caminho por entre a multidão e pôs-se rumo ao Movimento de Apoio aos Refugiados, cujos sóbrios escritórios ficavam enfiados debaixo do nível superior recuado do porto. Na metade do caminho, divisou o Naboo robusto que viera ver, parado junto da esguia esposa e dando comandos a um grupo de jovens voluntários. Adotando uma expressão de bondade e acenando, Palpatine gritou:

– Ruwee.

O homem girou para o som da voz e abriu um amplo sorriso.

– Palpatine!

Presidente do MAR, Ruwee Naberrie ostentava uma grande cabeça quadrada, lábios finos, rosto barbeado e cabelos curtos com franja. Antigo montanhista, construtor por profissão e frequente palestrante convidado sobre microeconomia na Universidade de Theed, o homem não era facilmente enganado, e sua expressão padrão era de sinceridade. A organização sem fins lucrativos que ele dirigia devotava-se a fornecer ajuda aos bilhões de habitantes de classes baixas de Coruscant.

– Que coincidência mais feliz – disse Ruwee, apertando a mão de Palpatine. Os dois Naboo tinham quase a mesma idade, mas Ruwee era produto de educação pública, não passara pela série de instituições privadas frequentadas pelo jovem Palpatine. – Lembra-se da Jobal?

Uma mulher alta com rosto triangular e olhos espaçados e compassivos permitia-se envelhecer com graciosidade, embora os cabelos compridos continuassem negros e luxuriosos. Casada com Ruwee por arranjo, era tão séria quanto ele e igualmente comprometida com o movimento de refugiados.

– Claro – disse Palpatine. Acenando com a cabeça, ele acrescentou: – Madame Naberrie.

Ela fez menção de abraçá-lo, mas pensou melhor e apenas sorriu, cumprimentando-o.

– Que bom vê-lo de novo, senador.

Ruwee tocou-o nas costas.

– Eu nunca tive a chance de agradecer a você pessoalmente por me permitir falar com o Senado sobre a crise de refugiados em Sev Tok.

Palpatine fez um gesto expressando que não fora nada.

– A honra foi minha de participar de causa tão valorosa. Por falar nisso, Onaconda Farr manda lembranças.

– Rodia devia sentir orgulho dele – disse Ruwee. – Um dos poucos no Senado que reconhece que a sorte de uns deve ser valorizada e servir como ímpeto para levar conforto aos menos afortunados.

Palpatine abriu um pequeno sorriso.

– O que o traz às docas, senador? – perguntou Jobal.

– Mais do que coincidência, mileide. Na verdade, uma questão da maior urgência que envolve sua filha, Padmé.

– Ela está aqui – disse Ruwee.

Palpatine fitou-o.

– Em Coruscant?

– Aqui, em Tannik.

Ele apontou para uma doca próxima, na qual uma menina enérgica de cabelos escuros guiava um transportador antigravitacional cheio de comida para a caçamba de um cargueiro. Vendo o pai, Padmé acenou.

– Quem é o jovem junto dela? – perguntou Palpatine.

– Ian Lago – respondeu Jobal.

Palpatine aguçou a visão.

– O filho do conselheiro do rei Veruna?

Jobal assentiu.

– Ele está meio apaixonado.

– E Padmé por ele?

– Esperamos que não – disse Ruwee. – Ian é um bom garoto, mas... Bem, digamos apenas que Kun Lago não ficaria feliz de saber que o filho anda fraternizando com o inimigo.

Percebendo que o jovem Ian o fitava com súbito interesse, Palpatine devolveu o olhar por um instante, depois disse:

– Isso me leva diretamente ao motivo da minha visita. Como sem dúvida vocês sabem, nosso rei me instruiu a apoiar a Federação do Comércio na questão da taxaço das áreas de livre-comércio.

– Claro que sim – disse Ruwee com óbvio desdém. – De que outro modo Veruna continuaria a engordar os bolsos de comissão?

Palpatine assentiu.

– Você, eu e alguns dos nobres sabemos disso. Mas agora talvez seja a hora de mais gente em Naboo saber dos segredos dele.

A expressão de Jobal era de desagrado.

– Se está propondo enfrentá-lo nas próximas eleições, isso é uma causa perdida.

– Eu ousa discordar, madame – disse Palpatine. – Discretamente, já abordei vários membros do eleitorado, e eles concordam que Veruna pode ser derrotado pelo candidato certo.

Quando ele passou os olhos para Padmé, Ruwee ficou boquiaberto.

– Não pode estar falando sério.

– Estou, sim, Ruwee. Membro do Programa de Jovens Legisladores; Legisladora Aprendiz formada aos onze. O trabalho com refugiados em Shadda-Bi-Boran. Além disso, ela conta com mais apoio popular em Theed do que qualquer governador em gerações.

Jobal piscou e sacudiu a cabeça, incrédula.

– Palpatine, ela acabou de fazer treze anos!

Palpatine abriu bem os braços.

– Naboo já elegeu rainhas mais novas, mileide. E o reino dela poderia durar até cinquenta anos. – Ele se recusou a ceder a Ruwee ou Jobal. – A constituição tem uma provisão que permitiria à monarquia tornar-se hereditária para uma dinastia de valor. E qual família possui mais valor do que os Naberries?

Marido e mulher trocaram olhares.

– É muita lisonja sua, senador... – Jobal começou a dizer quando Palpatine a cortou.

– Os Naboo estão cansados de monarcas como Tapalo e Veruna. Padmé permitiria a Naboo reinventar-se.

Ruwee refletiu sobre o assunto por um instante.

– Ainda que Padmé considerasse a ideia, não sei se ela seria persuadida a apoiar a taxaço das áreas de livre-comércio, sabendo o que isso pode significar para Naboo e outros planetas circundantes.

– Ela não precisaria escolher um lado – Palpatine contrapôs. – Só deve fazer campanha contra a corrupção e os tratos secretos, e a posição embaraçosa na qual Veruna colocou Naboo.

Jobal semisserrou os olhos, duvidosa.

– Espero não tocar num nervo, senador, mas você ajudou a colocar Veruna no trono e vem advogando em prol dele desde então.

Palpatine sacudiu a cabeça.

– Nunca advoguei. Sempre me considerei um contrapeso, e nos últimos anos temos nos encontrado em lados opostos de quase toda questão, inclusive a biblioteca que ele construiu e os créditos que esbanjou para criar uma frota espacial para Naboo. – Ele ficou em silêncio por um instante, depois acrescentou: – Confiem em mim, Veruna pode ser derrotado.

Mais uma vez, Ruwee e Jobal trocaram olhares preocupados.

– Somos pessoas provincianas, Palpatine – disse Ruwee finalmente. – O mundo da política... política galáctica, ainda mais...

Palpatine contraiu os lábios.

– Eu entendo. Mas o que foi que compeliu vocês dois a abandonar as montanhas por Theed, senão Padmé e Sola, e as oportunidades que podem estar disponíveis para elas?

Palpatine sustentou o olhar pensativo de Ruwee. *Ele está começando a ceder.*

– Não gostaria de fazer Padmé passar por isso apenas para vê-la perder, Palpatine.

Este ficou radiante.

– Eu trabalharei com você para que isso não aconteça. Não quero falar sem ter certeza, mas posso quase garantir o apoio do chanceler supremo também.

– Valorum sabe de Padmé? – Jobal perguntou, com contente surpresa.

– Claro que sabe. – Palpatine fez uma pausa. – Se enfrentar Padmé na competição, talvez Veruna enxergue a luz e abdique.

Jobal riu, depois fitou Palpatine com uma expressão séria.

– Como você progrediu, senador!



## CAPÍTULO 26

### SUA NATUREZA BÁSICA

Num dia limpo, olhando para o noroeste, por cima d'Os Trabalhos, de uma sala cheia de entulho na cobertura circular do edifício LiMerge, Maul podia enxergar a elegante torre central do Templo Jedi tocando o céu, acima do horizonte. Com seu mestre seguindo para Eriadu a fim de participar de uma cúpula de comércio que o próprio Sidious propusera, o Zabrak criara o hábito de subir à cobertura pelo menos uma vez por dia e, com eletrobinóculos em mãos, observar a torre distante na esperança de ver algum Jedi.

Mas isso nunca acontecia.

Se houvesse algum Jedi presente, estaria sentado em contemplação, como Maul sabia que devia estar também. Ou, se não meditando, terminando o trabalho com a moto speeder de curvas graciosas que ele batizara de *Bloodfin* ou o droide chamado C-P3X, ou ainda aperfeiçoando sua habilidade em usar o lançador de projéteis de acoplar ao pulso conhecido como lanvarok. Devotar-se a essas tarefas receberia mais aprovação de Darth Sidious do que apenas ficar olhando para a torre ornamentada do Templo, sonhando com o dia em que se veria frente a frente com um mestre Jedi. Mas, desde seu retorno de Dorvalla diversas semanas-padrão antes, ele andara inquieto demais para se sentar de pernas cruzadas no chão, imerso no fluir do lado sombrio ou meditando sobre os esquemas de droides de sonda que Darth Sidious desenhara antes de partir.

Quando Maul refletia sobre o tempo que passara em Dorvalla, os pensamentos não se focavam nos assassinatos que ele realizara. Matara muitos em sua curta vida, e não havia nada nas mortes de Patch Bruit, Caba-Zan e os outros envolvidos no negócio de mineração do metal lomite que as distinguisse

das mortes anteriores. Na verdade, a falta de cuidado dos mineiros devia tê-los condenado a mortes lentas em vez dos finais rápidos que Maul lhes dispensara. O que ele lembrava na verdade era a sensação de participação que a missão lhe rendera. Não somente ele fora capaz de empregar seus talentos para espregia, rastreamento e combate, mas também os usara de modo que fazia avançar o Grande Plano Sith, como não ocorrera durante seus anos de treinamento em Orsis, ou durante os ataques que Darth Sidious lhe permitira fazer em outros mundos. Em seu retorno a Coruscant, o lorde sombrio o elogiara, o que, Maul supunha, deveria ser recompensa suficiente. E certamente seria, caso a missão tivesse levado a outra. Mas Darth Sidious o excluía de participar da operação em Eriadu e andara vago com relação a planos futuros.

Resultado direto do que Maul realizara em Dorvalla, a Lomite Limitada e a Metal Intergaláctico haviam se fundido e sido tomadas pela Federação do Comércio, o que por sua vez resultara na promoção de Nute Gunray à diretoria de sete membros da empresa. Em outras conversas com o vice-rei, Darth Sidious requisitara que os Neimoidianos sacrificassem deliberadamente um de seus cargueiros Lucrehulk, junto com um carregamento de lingote de auródio, como meio de financiar um grupo insurgente da Orla Exterior conhecido como Frente Nebula. Maul ficara confuso com a decisão do mestre de revelar-se ao líder do grupo, como Darth Sidious fizera em sua comunicação inicial com Gunray; depois, assustou-se ao descobrir que o líder – um humano chamado Havac – traía Darth Sidious, tentando assassinar o chanceler supremo Valorum, em Coruscant. Ver que seu mestre podia ser enganado, que não era infalível, surtira curioso efeito sobre Maul. Deixara-o *inquieto*, gerara uma preocupação súbita pela segurança do mestre que atrapalhava sua habilidade de acalmar a mente e encontrar conforto no lado sombrio. Não era medo – visto que o medo era algo alheio à constituição de Maul –, mas uma ansiedade incômoda. Ansiedade pelo ser que antes ele tentara matar, e que

talvez fosse *esperado que matasse*. Todas essas semanas depois, ele ainda passava horas zanzando pelo edifício LiMerge feito um cachorrinho captando o cheiro do dono...

Quando, no entanto, ele expressara o desejo de participar da operação em Eriadu, ainda que isso apenas significasse ajudar os Neimoidianos a adquirir armas das espécies de pensamento unificado e começar a realizar operações em Alaris Prime e em outros mundos remotos, o mestre rejeitara a ideia logo de cara.

*Você não tem função alguma nisso*, dissera, sem explicação, e em compensação, Maul supunha, tinha lhe dado os esquemas do olho sombrio.

A rejeição também gerara dúvidas de novo tipo. De todos os seres da galáxia, o lorde sombrio o escolhera para servir como aprendiz e eventual sucessor, e, no entanto, Darth Sidious recusava-se a equipar o Zabrak com as ferramentas de que ele precisaria para conduzir o imperativo Sith. Por todas as suas tentativas de familiarizar-se com o panorama político e com as organizações criminosas – algumas das quais eram aliadas de Sidious, outras, contrárias aos planos dele –, tinha compreensão limitada de como exatamente a galáxia funcionava. Entendia que a guerra dos Sith era contra a Ordem Jedi, não contra a República, mas não fazia ideia de como a vingança seria perpetrada.

Como seria, então, se – em hipótese, claro – acontecesse algo de desagradável ao mestre? Haveria um plano de contingência? Ao contrário de Darth Sidious, que usava a máscara de senador da República Palpatine e debatia questões complexas no Senado, Maul não tinha identidade secreta. Com os olhos amarelos e a cabeça cheia de chifres com uma máscara vermelha e preta de símbolos arcanos, não havia muito a fazer além de perambular pelas ruas d’Os Trabalhos na calada da noite para não instilar medo em quase todo ser que o visse.

Maul esperara que sua vida mudasse quando Darth Sidious o realocou para Coruscant. Mas de diversos modos a mudança foi sentida por ele tal qual um retorno a seus dias como combatente em treinamento em Orsis, esperando que lhe permitissem lutar, recebendo elogios e recompensas, apenas para que lhe mandassem treinar com mais afinco. As visitas ocasionais de seu mestre permitiam que aguentasse o isolamento e a superficialidade de sua existência. Apenas quando sua instrução nas artes Sith começara, ele se sentira singular, que tinha propósito...

Mas não estava completamente desesperançoso.

Veza por outra, Darth Sidious insinuava que haveria uma missão de grande importância que os dois teriam de conduzir juntos; uma que necessitaria que ambos usassem todos os seus poderes. Palpatine ainda precisava providenciar detalhes, mesmo com relação aos estudos de Maul. Mas ele continuava indicando que a missão estava próxima. E cada vez mais Maul sentia que ela tinha relação com o mundo natal do mestre, Naboo.

Com sua presença requisitada pelo rei Veruna, Palpatine interrompeu sua jornada à cúpula em Eriadu para passar por Naboo. O espaçoporto estava lotado de naves de design incomum, e Theed fervilhava de cidadãos que apinhavam as ruas e alamedas em torno da Praça do Palácio para escutar Padmé Naberrie falar. Em forte contraste com o entusiasmo alegre demonstrado pela multidão, e aparentemente organizada como num contraevento, a sala do trono do palácio tornara-se palco para uma extravagante festa prestigiada pelos adeptos mais corruptos de Veruna no eleitorado e muitas dezenas de estrangeiros de caráter duvidoso. O anúncio da chegada de Palpatine na sala gerou uma onda de insinuações sussurradas e risos maliciosos que continuaram enquanto ele foi levado a um lugar na mesa do rei, de frente para Veruna, entre Kun Lago e a chefe da segurança, Magneta.

Zanzando com o cetro real por conveniência, Veruna cumprimentou Palpatine com um sorriso exagerado.

– Seja bem-vindo, Palpatine. – A bebida tornara a fala dele ligeiramente mole. Juntando as mãos, acrescentou: – Traga vinho para o celebrado senador de Naboo.

– Obrigado, majestade – disse Palpatine, entrando no jogo de falsidade de Veruna. – Não aguento mais ficar sem beber um bom vinho.

Veruna pousou um dos punhos na comprida mesa de madeira.

– Então tragam dois cálices e mantenham o serviço fluindo até que o homem sacie a sede.

Palpatine acomodou-se na cadeira, enquanto os servos saíam às pressas para honrar o comando de Veruna. Nas duas extremidades da mesa, havia seres que ele conhecia por reputação, mas não pessoalmente. Bem à direita de Veruna, estava Alexi Garyn, chefe do sindicato do crime conhecido como Sol Negro; à esquerda, elevada por almofadas e sugando fumaça de um cachimbo, uma Hutt chamada Gardulla, de Tatooine. Entre seu séquito de seres, dois humanoides cujos uniformes marciais os identificavam como membros do grupo terrorista Bando Gora.

*Mais munição para Padmé Naberrie*, pensou ele.

– Diga-nos, Palpatine – falou Veruna, após limpar a boca na manga do manto berrante –, o que o incitou a propor essa cúpula em Eriadu?

Palpatine ignorou as taças de vinho.

– A cúpula será uma oportunidade para todos os envolvidos expressarem suas ideias e queixas com relação à taxação das áreas de livre-comércio.

– Estou certo de que os seus amigos da Federação do Comércio estão gostando muito disso.

Palpatine esperou que o riso cedesse, contente em perceber que a conversa seguia para a direção que ele esperava que seguisse.

– Naboo depende bastante do que emergirá da cúpula, majestade.

– Ah, então você fez isso em prol do bem de Naboo. – Veruna ergueu a voz para que todos na mesa pudessem ouvir. – Palpatine fez isso para o bem de Naboo! – A expressão dele se tornou mais séria quando ele se inclinou para a frente. – E com certeza você estava pensando em Naboo quando falou com os Naberries sobre colocar a filha deles para me enfrentar nas próximas eleições.

– Pense bem antes de negar – Magneta disse, baixinho.

Lago inclinou-se e acrescentou:

– Meu filho estava presente quando você deu a ideia.

– Com Padmé Naberrie, se não me engano – disse Palpatine em tom equivalente de conspiração. Enquanto Lago tentava entender, o senador fitou Veruna. – Falávamos no movimento de refugiados.

O monarca o fitou de modo penetrante, depois fez um gesto distraído com os dedos.

– O que passou, passou. E receio que isso inclua você, senador. – Gesticulando amplamente na direção da Praça do Palácio, ele disse: – Você acredita mesmo que aquele projeto de política pode me destronar? Filha de camponeses das montanhas?

Palpatine deu de ombros.

– A multidão que ela atraiu parece achar que sim.

– Idealistas – disse Veruna, zombando. – Regressistas. Sonham com a Naboo de cinquenta anos atrás, mas não vão conseguir o que querem. – Ele agitou o dedo na altura do rosto de Palpatine. – Meu primeiro ato oficial após ser reeleito será tirá-lo do Senado. – Ele fitou Lago. – Kun será o novo representante de Naboo.

Palpatine franziu o cenho, zombando, fingindo frustração.

– Janus Greejatus seria uma opção melhor.

Veruna começou a ferver.

– Uma recomendação sua é uma condenação! E eu sugiro com veemência que você permaneça em Coruscant, porque não será mais bem-vindo em Naboo. – Ele baixou a voz. – Não se esqueça de que tenho informações que podem arruiná-lo, Palpatine, do mesmo modo que você, os Naberries e o resto estão tentando me arruinar.

A mesa ficou em silêncio enquanto um esquadrão de caças estelares N-1 passou de raspão pelas janelas arqueadas para desbandar a multidão reunida na praça.

Palpatine conjurou um sorriso.

– Os Naboo ficarão contentes de ver que sua frota espacial serve para alguma coisa, majestade.

O rosto inchado de Veruna assumiu um tom vermelho.

– Mais do que você pensa. Eu disse que pretendia encerrar minha parceria com a Federação do Comércio e com Hego Damask, e encerrarei.

Palpatine fitou a Hutt e os capangas dela do Bando Gora.

– Com a ajuda de seus novos parceiros. E o que vai fazer, expulsar os cargueiros da Federação do setor Chommell? Desafiar Damask abertamente?

– Damask traiu a todos. Pergunte a Gardulla. Pergunte a Alexi Garyn. O Muun devia ter aprendido a lição trinta anos atrás, quando aqueles Gran foram atrás dele.

Palpatine sentiu-se secretamente satisfeito com o comentário. *E você está cometendo os mesmos erros egrégios que eles cometeram.*

– O que o faz pensar que ele não aprendeu?

Veruna começou a falar, mas conteve o que tinha em mente e recomeçou.

– Daqui em diante, Naboo gerenciará seus próprios recursos. Gardulla e o Sol Negro supervisionarão a exportação de plasma e a importação de bens, e o Bando Gora vai proteger nossos interesses em todos os cantos do espaço. É uma pena que você não fará parte disso tudo.

– Uma pena mesmo – concordou Palpatine, levantando-se. – Enquanto você não me substitui, majestade, continuarei agindo em prol dos interesses de Naboo, em Eriadu e em Coruscant. Caso eu veja Damask, não me esquecerei de dizer-lhe que ele subestimou as suas... ambições.

Veruna cruzou olhares com o outro.

– Não se preocupe tanto com isso, Palpatine. Você não o verá de novo.

Com o transpirador fixado no rosto, Plagueis movia-se com ágil resolução pelas salas gélidas que abrigaram vinte anos de experimentos. Boa parte das jaulas e celas estava vazia agora – os cativos que prendiam foram soltos. Ele imaginava se as florestas de greel de Sojourn virariam uma espécie de laboratório, um grande meio florestal para a evolução mutante. 11-4D passou por ele rapidamente, a caminho do pátio, com caixas de metal empilhadas aos montes em seu quarteto de apêndices.

– Certifique-se de que todos os dados sejam permanentemente deletados – disse Plagueis.

O droide concordou.

– Vou me certificar pela terceira vez, magistrado Damask.

– E 4D, transmita minhas instruções aos guardas solares de que vou contatá-los em Thyrsus.

– Farei isso, magistrado.

Plagueis entrou na sala que lhe servia de câmara de meditação. Embora o espaço de teto elevado já estivesse fixado em sua memória, ele estudou a pouca mobília em silêncio, como se procurasse por algum detalhe em que não reparara. Seus olhos demoraram-se na pequena antessala na qual ele e Sidious se sentaram quando conduziram a mudança na Força, e a intensidade dessa lembrança era tamanha que ele foi catapultado para um momento de intenso devaneio.

Por certo tempo, estivera ciente de que Sidious passara a criticar a fixação do mestre em revelar os segredos da vida e da morte. Certamente Sidious achava que Plagueis havia transformado, a si mesmo, num projeto, frequentemente negligenciando o Grande Plano; que Plagueis colocara mais valor na própria sobrevivência do que na dos Sith. Ao mesmo tempo, caíra a Sidious a responsabilidade de arranjar e executar os esquemas que colocariam os dois em posição de poder em Coruscant. Sidious dirigindo eventos galácticos do mesmo modo que Plagueis supervisionaria as correntes do lado sombrio. E, no entanto, o acordo seguia como deveria, pois Sidious tinha um dom para o subterfúgio que ultrapassava os talentos de qualquer um dos lordes Sith que o precederam, inclusive Bane.

Plagueis via ironia no fato de Sidious passar a sentir algo sobre ele que ele também sentira por Tenebrous no final de sua longa aprendizagem. Tenebrous confiara mais na ciência Bith e nas projeções computacionais do que nas artes Sith... Mas Plagueis entendia, também, que chegara a hora de retornar ao mundo e permanecer ao lado de Sidious para ver a fase mais importante do plano em fruição: a ascendência de Palpatine à chancelaria e a inesperada indicação de Hego Damask como cochanceler da República. O eterno Hego Damask, como acabaria por emergir. Quando isso fosse alcançado, os dois poderiam voltar-se à tarefa mais complexa de obliterar a Ordem Jedi.

A incerteza do mestre Dookan com relação a deixar a Ordem chegou sem causar surpresa. Yoda tirara Dookan de Serenno, mas fracassara em tirar Serenno de Dookan. Vinte anos antes, Plagueis vira o remexer do lado sombrio nele e tentara desde então – sempre que e quando possível – coagir mais desses poderes latentes para a superfície. Em Galidraan, em parceria clandestina com o governador e os membros locais do Olho da Morte para atrair o Jedi para uma confrontação sem esperanças com os Verdadeiros Mandalorianos; em Yinchorr e Malastare; e mais recentemente, pelos esforços de Sidious, em

Asmeru e Eriadu. Já poderoso na Força, treinado em combate e um diplomata, também, Dookan constituiria um poderoso parceiro sob circunstâncias diferentes. Tirando o fato de Dookan, ao contrário do Zabrak Dathomiri que Sidious treinara, jamais se contentar em servir como aprendiz ou como um mero assassino. Desejaria tornar-se um verdadeiro Sith, e isso acabaria em problemas. Uma rota de ação melhor seria permitir a Dookan que encontrasse seu próprio caminho até o lado sombrio – qualquer que fosse a versão do lado que se tornaria acessível a ele por meio do estudo dos Holocrons Sith que os Jedi possuíam. Melhor que ele deixasse a Ordem por vontade própria e se tornasse um representante benevolente dos desamparados, como seria de se esperar de um ser de alto status. Sim, melhor deixá-lo persuadir mundos e sistemas do que abandonar a República e fomentar uma guerra civil à qual os Jedi serão atraídos...

O berro súbito de alarme pôs um fim abrupto às reflexões dele.

*O tempo é curto.*

11-4D retornou, movendo-se rápido demais para um droide.

– Cinco naves de batalha foram detectadas, magistrado.

– Antes do esperado.

– Talvez seus inimigos tenham recebido a informação de que seu plano de ataque fora comprometido.

– Interessante especulação, 4D. A nave está preparada?

– Aguardando, magistrado.

Após uma última olhada ao redor, Plagueis apressou-se porta afora, ganhando o pátio, onde a brilhante espaçonave projetada por Rugess Nome e construída por Raith Sienar aguardava por ele. Estilizada em parte segundo uma nave mensageira comum durante o antigo Império Sith, o infiltrador ainda parecia ter voado direto do passado. Com menos de trinta metros de comprimento e formato de dardo, possuía duas asas curtas no local onde

estariam as penas, brotando de um módulo de comando redondo e terminando em barbatanas curvadas de radiador que se fechavam sobre o módulo em forma de parênteses quando acionadas. Mas o que tornava a nave única era um revestimento de camuflagem feito de cristal istígio que ocupava boa parte da longa e afunilada proa da fuselagem.

Enquanto Plagueis entrava na cabine, 11-4D abandonou a cadeira de piloto, onde cabia apenas um, e tomou um dos lugares alinhados na popa circular do módulo.

– Sistemas ativados, magistrado.

Depois de ajeitar-se na cadeira rotatória, Plagueis apertou os cintos, juntou as mãos no manche e ergueu a nave, que espiralou ao subir acima das paredes altas do antigo forte antes de disparar feito foguete para o céu opaco de Sojourn, invisível a quaisquer escâneres que pudessem estar apontados para o solo. Os primeiros raios de energia da flotilha do inimigo já atingiam as florestas de greel, derrubando a vegetação e criando incêndios. Mais uma extinção para algumas das criaturas clonadas exclusivamente para a lua, pensou Plagueis. Uma segunda investida de raios laser atingiu a torre onde ele passara tantas horas em contemplação, tombando-a para o pátio. Fora do infiltrador, o ar foi se tornando quente e os ventos revoltados chicoteavam pelo que era desprendido do alto. Bem a estibordo, a luz das estrelas reluziu numa nave de ataque que voava baixo pela superfície.

Baterias de turbolaser fixadas ao solo começaram a responder com artilharia recíproca, fazendo parecer como se o próprio céu estivesse em guerra. Na beirada do espaço, pequenas explosões abriam-se em flor, conforme os escudos das naves atingidas eram trespassados. Mas outras ultrapassavam a barragem, com suas armas reduzindo montes de floresta a cinzas e explodindo grandes nacos de rocha das escarpas. O solo tremia, e grandes colunas de fumaça

elevavam-se. Um, depois outro armamento acoplado explodiu, levando consigo toda uma parede do forte.

Plagueis estudava os monitores da cabine conforme o infiltrador continuava a ganhar altitude e velocidade, voando por entre a fumaça e as nuvens passantes.

– As coordenadas do encontro já foram programadas no navicomputador – informou 11-4D lá de trás. – A frequência do comunicador também já foi pré-ajustada.

Plagueis girou para o navicomputador enquanto concussões sacudiam a nave. Acabara de deitar mão no teclado do aparelho quando o céu pareceu dar à luz uma esfera de luz cegante. Seguindo um momento de absoluta tranquilidade, uma cascata de energia infernal desceu sobre o que restava do forte e anéis concêntricos de energia explosiva irradiaram para fora, nivelando tudo num raio de vinte quilômetros para o solo. O infiltrador foi erguido feito um pássaro pego de surpresa por uma termal, e por um instante todos os sistemas falharam.

Plagueis enfureceu-se de incredulidade.

De algum modo, Veruna e seus consortes – Gardulla, o Sol Negro e o Bando Gora – haviam posto as mãos num dispositivo nuclear proibido. Nenhum dos guardas solares poderia ter sobrevivido à explosão, mas também não mereciam. Armas nucleares eram raras, e os Echani obviamente não tiveram tempo para adquirir alguma com os poucos fornecedores do mercado negro que tinham acesso a elas.

Um pilar de fogo e fumaça espiralados rastejava para o céu, abrindo-se na atmosfera cada vez mais fina para tornar-se uma nuvem em forma de cogumelo. As florestas de greel viraram desertos escurecidos; o forte foi devastado e transformado em vidro. Profundamente tocado, Plagueis reparou

que não vivenciara emoções tão poderosas desde quando se despedira de Mygeeto tantas décadas antes e pusera-se sob os cuidados de Darth Tenebrous.

Aderindo à rota, o infiltrador escapou ao tumulto. Estrelas piscaram, tornando-se visíveis, e a nave de fuga livrou-se subitamente da gravidade da lua e foi puxada pelo abraço poderoso do outro satélite de Sojourn. A nave havia acabado de entrar no lado noturno do planeta quando o comunicador transmitiu uma mensagem urgente.

– Magistrado Damask, não temos rastro algum da sua nave em nossos escâneres, mas acreditamos que esteja em algum lugar aí fora.

Plagueis desativou o dispositivo de camuflagem da nave e girou para o console.

– *Star Jewel*, aqui é Damask. Seus escâneres poderão nos encontrar agora.

– Afirmativo, magistrado Damask. Pode proceder para o Deque de Pouso Quatro.

Um cruzador espacial de gigantesco tamanho e ostentoso design pôde ser visto flutuando pouco à frente. Com forma de ponta de flecha, o veículo possuía armamento pesado e era grande o bastante para acomodar meia dúzia de caças estelares. Enquanto Plagueis manobrava para ele, os enunciadores do console de comunicação foram sacudidos por uma risada ressoante.

– Espero um dia persuadi-lo a compartilhar o segredo dessa sua nave invisível, magistrado Damask.

– Aprecio sua pontualidade, Jabba Desilijic Tiure. Como aprecio a inteligência avançada que me permitiu evitar ser atomizado.

– É assim que parcerias duradouras são solidificadas, magistrado. Qual é o seu destino?

– Coruscant – respondeu Plagueis. – Mas tenho mais um favor para pedir antes de chegarmos.

– Basta dizer, que será feito.

– Então abra comunicações com Naboo. O rei Veruna precisa ser informado do que trouxe para cima de si mesmo e seus confederados.

Jabba riu-se mais uma vez.

– Com todo o prazer.



## CAPÍTULO 27

# CALIBRAÇÕES

Hego Damask não tinha apenas uma cobertura em Coruscant, mas um prédio inteiro. Embora não tão grandes como o República 500, as Torres Kaldani eram o endereço mais desejado no Centro Galáctico fora do distrito do Senado. Fincado na Praça Monumento, o elevado edifício constituía um ótimo exemplo de arquitetura do período Hasennano que podia ser encontrado no planeta, e de suas suítes mais altas era possível ver dos picos das Montanhas Manarai até o Mar Ocidental – únicos exemplos de rocha nua e superfície de água de Coruscant. Não era bairro para políticos nem recém-chegados; o distrito atendia apenas uma população de sólida riqueza antiga: financiadores, chefes de corporações, industriais e bancários.

A residência de Damask tomava toda a cobertura das Kaldani.

Um par de guardas solares acompanhava Palpatine no turboelevador particular, apenas para entregá-lo a outro par estacionado no átrio muito bem iluminado da cobertura. Contudo, foi o droide 11-4D quem o levou ao escritório de Damask, mantido escuro por cortinas altas e bordadas e cheio de obras-primas de arte galáctica. O próprio Muun levantou-se de uma poltrona aveludada para cumprimentar Palpatine quando este adentrou a sala.

– Mestre – disse Sidious, entrelaçando os dedos na frente do corpo e pendendo a cabeça.

Plagueis baixou a dele num gesto de respeito mútuo.

– Bem-vindo, Darth Sidious. Muito bom ver você.

Como a sala era o oposto daquela na qual ele sempre se confinara em Sojourn, Plagueis não transmitia mais a aparência de místico dos olhos

esbugalhados transmitida apenas meses antes. Tirando o fato de usar o aparelho de respirar, para Palpatine ele era apenas uma versão um pouco mais velha do Muun que ele visitara em Naboo tantas décadas antes.

Os dois Sith passaram para uma área mais baixa da sala e sentaram-se um de frente ao outro. Plagueis encheu duas taças com vinho branco e passou uma para o aprendiz. Ele fez o ato de beber pelas cavidades nasais parecer quase rotineiro.

– Depois de Sojourn, sinto-me um pouco deslocado, de volta ao mundo de fora.

– Mestre, sinto muito não ter sido o primeiro a avisá-lo do ataque – disse Sidious. – Não achei que Veruna teria coragem de executar suas ameaças veladas. Talvez eu o tenha instigado demais.

Um longo momento de silêncio estendeu-se entre os dois.

– O que você fez ou deixou de fazer não importa – disse Plagueis finalmente. – Por ter vindo quando veio, quase no mesmo momento em que os membros da diretoria da Federação do Comércio encontravam seus destinos, o ataque foi trabalho da Força, principalmente substanciando nossas ambições. – Ele bebeu mais vinho e pousou a taça. – Eu nunca teria coração para destruir Sojourn, embora precisasse; e então a Força o fez. O incidente nos lembra da necessidade de estarmos preparados para eventualidades repentinas, sejam harmoniosas, sejam condizentes com nossos planos, e condescendentes com as circunstâncias.

– E agora temos justificativa para atacar de volta – disse Sidious.

– Não precisamos mais justificar nossas ações para ninguém. Mas tenha em mente o que eu lhe disse há muito: matando um, podemos assustar muitos.

Sidious assentiu.

– Temos uma dívida grande para com Jabba.

– Falei rapidamente com Veruna da nave do Hutt.

Sidious abriu um sorriso malicioso.

– Eu suspeitei disso quando descobri, pouco antes da cúpula, que ele abdicara, e que Padmé Naberrie havia sido nomeada rainha. Parece que ele se escondeu nos Western Reaches de Naboo.

– Isso não é se esconder – disse Plagueis, com um tom de ameaça. – Tudo correu bem em Eriadu?

– Melhor do que o esperado, com os Jedi girando em círculos, convencidos de que Valorum era o alvo. Saboreei a incredulidade desdenhosa deles ao saber que os droides tinham descarregado as armas nos membros da diretoria. No final, os líderes do Fronte Nebula morreram também, e nosso amigo Wilhuff Tarkin está dificultando as coisas para os investigadores da República. Logo será descoberto que o auródio roubado do cargueiro da Federação do Comércio foi investido na Valorum Carregamentos e Transportes, fazendo parecer que a pressão do chanceler supremo pela taxaço servia seu enriquecimento ilegal e sua cobiça. Ele foi derrubado. Até mesmo seu poder de empregar os Jedi ou os Judiciais será arrancado dele.

Plagueis estreitou os olhos.

– E quanto a Gunray?

– Precisamente onde o queremos: líder por padrão da Federação do Comércio, ocupado adquirindo as armas droides que o Senado sancionará. Embora os Neimoidianos devessem ter ficado gratos ao senador Palpatine por propor a cúpula, ficaram, na verdade, furiosos. Está tudo no lugar para o início do bloqueio.

– Quase tudo – disse Plagueis. – Primeiro, tem a questão da nossa vingança.

– Devo mandar Maul visitar Veruna?

Plagueis discordou.

– Pretendo vê-lo pessoalmente. O Zabrak... Maul, como você o chama, é capaz de lidar com Alexi Garyn e seus Vigos?

– Ele não vai nos decepcionar.

Plagueis refletiu por um momento, depois disse:

– O infiltrador encontra-se protegido por seguranças no Porto Estelar West Championne. Mande Pestage transportar a nave para o edifício LiMerge, a fim de que você possa dá-la como presente ao seu aprendiz. Eu lhe fornecerei informações sobre o paradeiro atual de Garyn.

– Ficam faltando apenas a Hutt e o Bando Gora – disse Sidious.

– Eu prometi entregar Gardulla a Jabba. Quanto ao Bando Gora... – Plagueis levantou-se da cadeira, foi até as janelas acortinadas e espiou lá fora. – Existe um rumor que vale a pena investigar; que a ex-aprendiz do mestre Dookan, Komari Vosa, não somente está viva, mas é a mais recente líder do culto, e ávida por vingar-se da Ordem Jedi por ter abandonado não somente ela como também seus camaradas em Baltizaar.

– Vosa voltando-se para o lado sombrio – disse Sidious, como se pensando alto. – Dookan a treinou melhor do que imagina.

– Sim, mas ela é uma Jedi caída, não uma Sith. Iremos nos vingar do Bando Gora em outro momento.

Sidious levantou-se e juntou-se a Plagueis na fenda entre as cortinas.

– Direi ao vice-rei Gunray que prepare suas naves armadas a fim de realocarem-se para o sistema Naboo.

Num hangar de nível médio no edifício LiMerge, Sidious observava Maul arrumando o que restava de seu equipamento e invenções por ele mesmo criadas a bordo do infiltrador, que, como a moto speeder do Zabrak, agora tinha nome: *Scimitar*. Após fechar uma escotilha na porção frontal do casco,

Maul deu um passo para trás com o intuito de admirar a nave, depois se virou para Sidious e fez uma reverência.

– Não mereço um presente desses, mestre.

Sidious assumiu uma expressão de desagrado.

– Se você se sente assim, então prove seu valor para si mesmo e para mim tendo sucesso na missão.

– Pretendo fazer isso.

Sidious observou o aprendiz com zelo.

– Precisamos dismantelar o cartel criminal Sol Negro. Os Vigos têm ligações fortes com alguns membros da diretoria da Federação do Comércio e suspeitam que houve malandragem em Eriadu. No momento, os Neimoidianos estão em plenas vistas deles, e não podemos correr o risco de que interfiram em nossos planos.

Ele não mencionou a cumplicidade do Sol Negro no ataque a Sojourn.

Maul assentiu.

– Eu entendo, mestre.

Sidious fez um gesto com ambas as mãos como se chamasse o aprendiz.

– Levante-se e escute com atenção, Darth Maul. O tempo não nos permite caçar Alexi Garyn e seus Vigos um por um. Portanto, faça do chefe Darnada sua primeira vítima. Você encontrará o Dug em sua distante estação de recuperação. Depois, leve sua nave a Mon Calamari e mate o Vigo chamado Morn. Nesse ponto, rumores sobre as suas ações terão chegado a Garyn, e provavelmente ele vai convocar os sete Vigos restantes para o forte, em Ralltiir. Narees, Mãe Dean, Nep Chung e o resto. Você deve me contatar quando tiver verificado que estão todos num só lugar. – Ele fitou o *Scimitar*. – Será uma oportunidade de testar seus droides de sonda.

Uma expressão de ansiedade tomou forma no temeroso rosto de Maul. Sidious se dirigiu ao Zabrak e colocou as mãos nos ombros dele.

– Você enfrentará muitos inimigos habilidosos, meu aprendiz. O segurança Twi'lek de Darnada, Sinya; o próprio Garyn, que tem certa afinidade com a Força; e a protetora-chefe de Garyn, Mighella, uma Irmã da Noite que irá identificá-lo imediatamente como Irmão.

Maul fez careta.

– Uma Irmã da Noite não é uma Sith.

Sidious estreitou os olhos.

– Como você muito bem sabe. Mas, como em Dorvalla, certifique-se de não deixar testemunhas.

Maul mostrou os dentes afiados.

– Será feito. E o Sol Negro deixará de ser um problema.

Sidious assentiu.

– Então se ponha a caminho, Darth Maul. O lado sombrio está com você.

Maul inclinou a cabeça e subiu com rapidez a rampa de acesso traseira para entrar na cabine da nave. Sidious ficou por ali para ver a nave subir e sair do hangar, tornando-se invisível ao voar por cima d'Os Trabalhos. Por meio do lado sombrio, ele continuou a rastrear a *Scimitar* conforme ela se direcionou para o norte, para o Templo Jedi, em vez de para o sul, e longe do distrito do Senado. Sidious lembrou-se das viagens que fizera dez anos antes para ver Maul gladiar em Orsis e mundos próximos. Apesar de tudo, ávido por ganhar, não afetado pela dor, ousado e aterrorizante. Melhorando aos dez anos de idade, campeão aos doze. Sob as marcas que desenhavam seu rosto, punham mangas nos braços e giravam em torno das pernas e do tronco, estavam as cicatrizes dessas batalhas até a morte.

*Esse aí, entretanto, não vai ficar contente enquanto não matar um mestre Jedi,* pensou Sidious.

Supondo que o orgulho não o derrotasse primeiro.

Após deixar o hangar, Sidious seguiu para o holoprojetor no único cômodo mobiliado do edifício. O que seria de Maul quando Palpatine e Damask assumissem o controle da República? Como arma secreta, ele continuaria a ser útil, mas poderia ser introduzido à vida pública? Como reagiria ao saber que seu mestre respondia a outro mestre?

Com os pés plantados na grade de transmissão, Sidious sentou-se na cadeira posicionada perante as câmeras do holoprojetor, ajustou os controles acoplados num dos braços e ergueu a capota do manto por cima da cabeça. Por vinte anos, levara uma vida dupla, mas agora sentia vontade de ser conhecido por quem era e temia quão poderoso poderia se tornar. Direccionava seus pensamentos à frente no tempo, ávido por uma visão clara do futuro, mas nada vinha. Será que o lado sombrio cegava até mesmo os mais devotados advogados a respeito do que se avultava no horizonte? Plagueis falara da necessidade de estar preparado para eventualidades súbitas. Estaria ele escondendo conhecimento de eventos que sabia estarem prestes a acontecer?

O vigor renovado do Muun pegara Sidious de surpresa. O simples fato de ele escapar da devastação de Sojourn já o tornara quase onipotente. Embora mesmo quando abrigado em sua influente cidadela no distrito Manarai, ele precisava relaxar a vigilância ou render-se ao sono.

Reprimindo uma sensação súbita de inveja, Sidious começou a pensar se – cegado pelo lado sombrio – ele de fato fracassara em adivinhar o ataque de Veruna em Sojourn, ou se não se tinha permitido vislumbrar tal evento.

Um toque do indicador ativou o holoprojetor, e momentos depois um espectro de tamanho médio de Nute Gunray apareceu no ar. Como em transmissões recentes, os subalternos do vice-rei Neimoidiano, o litigador-chefe Rune Haako, o capitão Daultay Dofine e o vice-rei substituto Hath Monchar pairavam logo atrás.

– Lorde Sidious – disse Gunray, com um ligeiro estremecimento na voz. – Estávamos esperando...

– Considera-se tão central nos meus pensamentos que eu deveria negligenciar outras questões para me comunicar com você no horário exato?

– Não, lorde Sidious, eu só quis dizer que...

– Está contente com sua nova posição, vice-rei?

– Muito contente. Embora me pareça que herdei o controle da Federação do Comércio numa época de crise.

– Poupe seu choramingar para outra ocasião, vice-rei, porque as coisas estão para piorar.

As membranas nictitantes de Gunray debateram-se.

– Piorar? Como podem piorar?

– O Senado da República está à beira de passar uma lei que empregará taxaÇÃO nas áreas de livre-comércio.

– Isso é um absurdo!

– Com certeza. Mas eu avisei que isso iria acontecer. O chanceler supremo Valorum perdeu toda a credibilidade, e, após o ocorrido em Eriadu, o Senado está determinado a enfraquecer ainda mais a Federação do Comércio. O rei Veruna pode até ter conseguido segurar o Senado, mas ele abdicou, e a jovem rainha Amidala e o senador de Naboo estão defendendo a taxaÇÃO. Com o Senado preocupado, é o momento certo para você começar a juntar uma frota de cargueiros armados e impor um bloqueio.

– Um bloqueio? Para qual sistema, lorde Sidious?

– Informarei no momento certo. – Como Gunray não respondeu, Sidious disse: – O que foi, vice-rei? Mesmo distante no espaço, posso sentir o titubear de seu cérebro débil.

– Perdoe-me, lorde Sidious, mas, como meus conselheiros apontaram, a redistribuição de nossos contêineres traz consigo considerável risco financeiro.

Para começar, tem o custo do combustível. E com tantas naves alocadas para um embargo, haverá irrupção do comércio nas Orlas Média e Exterior pelo tempo que o bloqueio for sustentado. Finalmente, não há como dizer como os investidores reagirão à notícia.

Sidious inclinou-se para a frente.

– Então o problema são créditos, é isso?

Gunray contorceu o focinho.

– Ora, somos, afinal, lorde Sidious, um empreendimento comercial, não a marinha.

Sidious não respondeu de imediato. Quando o fez, a voz emanava desgosto.

– Mesmo depois de tudo que arquitetamos por você, não consegue entender que, ao aliar-se a mim, está investindo no futuro. – Ele fez um gesto distraído com a mão direita. – Mas deixa pra lá. Não lhe ocorre que seus mais valorosos investidores encontram-se em posição de lucrar muito por conta de você saber o que está para acontecer? Eles não lucrariam por saber que Xi Char, os Geonosianos e outros insetoides sindicalizados botaram pinças e garras para fabricar armas? Você não vai equilibrar seu precioso orçamento recebendo de outras empresas de transporte a receita que a Federação do Comércio corre o risco de perder?

Gunray pareceu duvidoso.

– Receamos que atitudes como essa possam comprometer o elemento surpresa, lorde Sidious.

– Por isso a ação deve ser sutil.

Gunray assentiu.

– Mandarei arranjar uma frota.

Sidious recostou-se na poltrona.

– Ótimo. Lembre-se, vice-rei, de que o que eu lhe entreguei pode ser retirado com a mesma facilidade.

Sidious encerrou a transmissão e baixou a capota.

Seria aquilo uma visão do futuro? Viver microgerenciando os assuntos de seres incompetentes enquanto ele e Plagueis colocavam em movimento as fases finais do Grande Plano? Ou havia outro jeito para ele governar, em malevolente satisfação?

Mesmo sem a chuva pesada, o solo estaria macio sob as botas de Plagueis, já que era composto de eras de matéria orgânica decomposta. Água pingava de sua máscara transpiradora e do capuz erguido do manto, indo parar nas poças formadas embaixo dele. O castelo que um dia pertencera ao ancestral de Veruna, o conde de Vis, coroava um morro desolado, com nenhuma estrada que ali chegasse e uma vista que dava para todas as direções do terreno comprido, encharcado, sem árvores. Através de eletrobinóculos com visão noturna, Plagueis estudava os escâneres que brotavam das paredes do castelo e a disposição dos guardas, alguns dos quais se mantinham secos sob o abrigo de um arco que cobria uma ornada ponte levadiça. Estacionada perto da entrada, havia uma verdadeira frota de landspeeders, e mais para o lado, centralizado numa área de pouso circular, um space yacht cujo casco reluzente nem mesmo a torrente escurecia. Conjuntos de iluminação brilhavam por trás das cortinas de chuva.

Seguindo um riacho profundo de curso rápido, Plagueis desceu o morro que escalara, para onde pousara a própria nave entre um tumulto de flores selvagens e frutinhas pendentes. 11-4D aguardava aos pés da rampa de acesso, com gotas de chuva pingando do casco metálico.

– Os escâneres deles podem ter captado a nave – disse Plagueis.

- Dado que todas as contramedidas foram acionadas, isso parece improvável, magistrado.
- Eles inundaram a área com luz.
- Como qualquer ser vigilante faria numa noite como esta.
- Uma noite inadequada tanto para um Muun quanto para um shaak. Os fotorreceptores do droide ajustaram o foco no outro.
- A referência escapa aos meus bancos de dados.
- Sele a nave e permaneça na cabine. Se eu chamar, repositone a nave acima do canto sudoeste do castelo e mantenha a rampa de acesso estendida.
- Está prevendo resistência, magistrado?
- Apenas precavendo, 4D.
- Entendo. Eu faria o mesmo.
- Fico feliz em saber.

Plagueis fixou o punho do sabre de luz no quadril e se pôs a caminhar com pressa, quase mais rápido que a chuva. Se os escâneres e detectores de movimentos fossem tão precisos quanto pareciam, eles o encontrariam, embora sua velocidade fizesse qualquer um que monitorasse os equipamentos de segurança pensar que se tratava de um dos quadrúpedes selvagens de rabo peludo que habitavam o ambiente. Ele parou na beirada nebulosa de uma área iluminada para confirmar sua localização, depois seguiu direto para a parede sul do castelo e saltou os dez metros de altura para o topo sem diminuir o passo. Tão rápida e facilmente, saltou para o jardim abaixo e correu em direção às sombras projetadas por um arbusto ornamental aparado para representar alguma fera excêntrica. Plagueis supunha que haveria menos segurança dentro da mansão, mas a ala de Veruna seria equipada com redundantes equipamentos de monitoramento e talvez pisos sensitivos a pressão.

O fato de não ter conseguido uma cópia da planta interior do castelo era prova da hipervigilância do regente autoexilado.

Plagueis se dirigiu a uma janela de vidro tingido assim que dois humanos passaram correndo por um corredor abaixo. Com a chuva transbordando de uma calha acima dele, a sensação foi de estar parado embaixo de uma cascata.

– Vão checá-lo, depois venham me relatar – dizia uma fêmea.

Plagueis reconheceu a voz da chefe da segurança, Magneta. Grudado na parede exterior, seguiu em paralelo o movimento do subordinado de Magneta até o fim do corredor; em seguida, na curva que dava para um salão mais amplo que levava a uma sala de controle, escondeu-se embaixo de uma grande escadaria. Plagueis aguçou a audição para escutar o soldado de Magneta perguntando por Veruna, e uma fêmea respondendo que ele dormia feito um bebê.

– Bom pra ele. Enquanto nós todos nos afogamos.

– Se está tão chateado, Chary – disse a mulher –, devia pensar em retornar a Theed.

– Estou pensando nisso.

– Só não espere que eu vá junto.

Plagueis afastou-se da parede para enxergar as janelas do andar superior, todas escuras, exceto por uma abertura arqueada perto do fim do corredor. Agachado, manobrou por entre arbustos, passando por uma série de amplas janelas, então começou a escalar a parede, grudado nela feito um inseto. A abertura alta e estreita que ele almejava era uma janela fixa de vidro grosso; a fonte da luz, um par de arandelas fotônicas que flanqueavam uma dupla de portas de madeira elaboradamente ornadas. Espiando pelo vidro, apontou os dedos para uma câmera de segurança montada no alto da parede interna e apontou-a para uma porta, confundindo o mecanismo e congelando a imagem de uma antessala desocupada. Depois colocou a mão esquerda no centro do vidro, chamou a Força e empurrou o vidro para dentro até ele se soltar da selagem adesiva que o mantinha no lugar. Telecineticamente, Plagueis

manipulou a janela intacta para pousar em cima de uma mesa aninhada na parede oposta da antessala e passou pela abertura. Por um bom tempo, permaneceu empoleirado no peitoril da janela, esperando que o manto e as botas secassem e estudando o piso ornado e as portas duplas, em busca de equipamentos de segurança adicionais. Satisfeito ao ver que a câmera confundida era a única coisa presente, pôs os pés no chão e caminhou até as portas, usando a Força para abri-las apenas o bastante para passar o corpo.

A única iluminação dentro do enorme quarto de Veruna vinha de uma câmera similar à que havia na antessala, confundida com a mesma facilidade. O ex-rei dormia de costas sob lençóis de sedabrilho no centro de uma cama com dossel grande o bastante para receber uma dúzia de humanos de tamanho médio. Plagueis desativou um painel de alarmes de segurança localizado ao lado da cama, colocou uma cadeira antiga aos pés da cama e ligou uma luminária da qual emanou uma luz fraca e amarelada. Então, sentando-se, tirou Veruna do sono.

O velho acordou com um susto, piscando em resposta à luz, depois se endireitou contra um montinho de travesseiros para escanear o quarto. Os olhos escancararam com grande surpresa quando ele viu Plagueis sentado quase fora do alcance da luz.

– Quem...

– Hego Damask, vossa majestade. Por detrás dessa máscara que meus antigos inimigos me fizeram usar.

Já que os olhos de Veruna não podiam abrir-se ainda mais, foi a vez de abrir a boca. O homem voou para o painel de controle de segurança e socou os botões, mas nenhum deles respondeu.

– Fiz todos pararem de funcionar – Plagueis explicou –, junto às câmeras de segurança. Só para eu e você podermos conversar sem sermos interrompidos.

Veruna engoliu em seco e encontrou a voz.

– Como passou pelos meus guardas, Damask?

– Chegaremos nisso num instante.

– Magne... – Veruna tentou gritar, mas sua voz emudeceu e ele levou as mãos à garganta.

– Não quero ver nada disso – Plagueis avisou.

– O que quer de mim, Damask? – Veruna perguntou quando conseguiu, respirando com dificuldade.

– Encerramento.

Veruna fitou-o, incrédulo.

– Você já teve o que queria. Não basta eu ter abdicado?

– Sua abdicação teria bastado caso não tivesse tentado me matar antes.

Veruna cerrou os dentes.

– Eu corri o risco de perder tudo que construí... até a monarquia! Você não me deu escolha!

Plagueis levantou-se e sentou-se na beirada da cama, como um confessor macabro.

– Eu entendo. Perante escolha similar, eu talvez fizesse o mesmo. A diferença é que teria tido sucesso no que você falhou.

– Vou ficar aqui – disse Veruna, de modo ávido. – Não causarei mais problemas a você e a Palpatine.

– Isso é verdade. – Plagueis fez uma pausa, então disse: – Talvez eu devesse ter sido mais honesto com você desde o início. Eu lhe entreguei a Federação do Comércio; coloquei Tapalo, depois você no trono. Como imagina que tive todo esse poder?

Veruna passou a mão trêmula pelos cabelos cada vez mais raros.

– Você é filho de um Muun rico e transformou essa riqueza em poder.

Plagueis soltou um resmungo desapontado.

– Você ainda não aprendeu que a galáxia não é movida só por créditos?

Veruna tornou a engolir areia e procurou falar.

– Como conseguiu todo esse poder, Damask? – perguntou ele num sussurro de genuíno interesse.

– Fui introduzido no caminho do poder por um Bith chamado Rugess Nome.

– Eu conheço esse nome.

– Sim, mas o verdadeiro nome dele era Darth Tenebrous, e ele usava o manto do lorde sombrio dos Sith. Eu fui aprendiz dele, por um tempo.

– Sith – repetiu Veruna, como se enfraquecido pela palavra.

– Se soubesse, teria se aliado a mim?

Veruna reuniu forças para sacudir a cabeça.

– Poder político é uma coisa, mas o que você representa...

Plagueis assumiu uma expressão de impaciência.

– Aprecio sua honestidade, Veruna. Está começando a se cansar da minha presença?

– Não... de você – disse Veruna, olhos semicerrados.

– Deixe-me explicar o que está acontecendo – disse Plagueis. – As células que compõem tudo que é vivo contêm dentro de si organelas conhecidas como midi-chlorians. Elas são, além de a base da vida, os elementos que permitem que seres como eu percebam e usem a Força. Como resultado de toda uma vida de estudo, aprendi a manipular midi-chlorians e instruí o número limitado que você possui para retornar à fonte. Em língua básica simples, Veruna, estou matando você.

O rosto de Veruna foi perdendo cor, e a respiração, diminuindo.

– Me... traga de volta. Ainda posso ser... útil... pra você...

– Mas você é, vossa majestade. Um celebrado poeta antigo uma vez disse que toda morte o diminuía, pois ele se considerava irmão de todo ser vivo. Eu,

por outro lado, acabei entendendo que toda morte que acompanho me nutre e *fortifica*, pois sou um verdadeiro Sith.

– Não... melhor... um Anzati.

– Aqueles comedores de cérebro? O que *melhor que* representa para aqueles de nós que passaram além das noções de bem e mal? Você é melhor que Bon Tapalo? É melhor que a rainha Padmé Amidala? Sou o único que pode responder. *Melhores* são aqueles que fazem o que eu mando. – Plagueis colocou a mão sobre a de Veruna. – Permanecerei junto de você por um tempo, enquanto você se une à Força. Mas, em certo ponto, terei que deixá-lo no limite para prosseguir sozinho.

– Não faça isso... Damask. Por favor...

– Eu sou Darth Plagueis, Veruna. Seu pastor.

Conforme a vida deixava o corpo de Veruna, o caminho seguido por ele e Plagueis foi entrando cada vez mais no escuro, na ausência. Então Plagueis parou, tomado por uma sensação súbita de que já vira aquela trilha e caminhara por ela.

Tinha mesmo? Foi o que ele se perguntou quando Veruna puxou o ar pela última vez.

Ou teria a Força lhe concedido um vislumbre do futuro?



## CAPÍTULO 28

### CORRENTE DE COMANDO

De volta de Ralltiir, Maul sentava-se de pernas cruzadas no piso do edifício LiMerge enquanto Sidious fazia sua preleção. Após finalizar uma irritante ligação para os Neimoidianos, Sidious não estava para brincadeira.

– Pelo que você diz, meu aprendiz, parece quase indigno ninguém ter sobrevivido para espalhar lendas sobre o seu massacre.

– Você ordenou que ninguém sobrevivesse, mestre.

– Sim – disse Sidious, continuando a circundá-lo. – E nenhum deles impôs dificuldade?

– Nenhum, mestre.

– Nem Sinya?

– Eu decapitei o Twi'lek.

– Nem Mighella?

– Minha lâmina cindiu a Irmã da Noite ao meio depois que ela tentou me derrotar com relâmpagos de Força conjurados.

Sidious fez uma breve pausa.

– Nem mesmo Garyn?

– Não.

Sidious detectou uma nota de hesitação.

– Não o quê, Darth Maul?

– Eu o afoguei.

Tocando o queixo, Sidious parou onde o Zabrak podia vê-lo.

– Bom, alguém fez o ferimento que você sofreu na mão esquerda. A não ser, claro, que você mesmo o tenha feito.

Maul cerrou o punho dentro da luva preta.

– Não existe dor onde existe força.

– Não perguntei se o ferimento dói. Perguntei quem foi o responsável por ele.

– Garyn – respondeu Maul, baixinho.

Sidious fingiu surpresa.

– Então ele impôs um pouco de resistência. Sendo um pouco sensível à Força.

– Ele não foi nada se comparado ao poder do lado sombrio.

Sidious estudou o aprendiz.

– Você disse isso a ele, aprendiz? Responda honestamente.

– Ele chegou a essa conclusão sozinho.

– Ele o identificou como Sith. Ele supôs, então, que você era um lorde Sith?

Maul manteve os olhos para o chão.

– Eu...

– Você revelou que obedece a um mestre. Estou correto?

Maul precisou se forçar a responder.

– Sim, mestre.

– E talvez tenha chegado até a falar algo sobre a vingança dos Sith.

– Sim, mestre.

Sidious chegou perto do Zabrak, com o rosto contorcido de raiva.

– E se por algum motivo Garyn tivesse conseguido escapar, ou até mesmo derrotar esse exército de um ser só que é Darth Maul, que repercussões estaríamos enfrentando agora, aprendiz?

– Eu peço que me perdoe, mestre.

– Talvez você não mereça mesmo o infiltrador. No momento em que se permitiu distrair-se, o líder do Sol Negro cortou-lhe a mão.

Maul permaneceu em silêncio.

– Espero que tenha agradecido a ele antes de matá-lo – prosseguiu Sidious –, porque ele ensinou uma valorosa lição a você. Quando enfrenta alguém poderoso na Força, deve permanecer focado... mesmo se estiver convencido de que o oponente foi incapacitado. Esse não é o momento de rejubilar-se na glória da vitória nem de prolongar o momento. Você deve desferir o golpe mortal e ponto final. Preserve seu orgulho para depois do ato, ou sofrerá mais do que um ferimento na mão.

– Irei me lembrar disso, mestre.

O silêncio atenuou-se.

– Quero que saia de Coruscant por um tempo.

Maul fitou o mestre, alarmado.

– Leve seu infiltrador e seus droides de combate e retorne à sua casa anterior. Lá, treine e medite até que eu o chame de novo.

– Milorde, eu imploro...

Sidious ergueu as mãos.

– Basta! Você executou bem a missão, e fiquei satisfeito. Agora aprenda com seu erro.

Maul levantou-se lentamente, pendeu a cabeça uma vez e foi para o hangar. Vendo-o partir, Sidious examinou a natureza de sua inquietude.

Teria ele, em situação similar, dado vazão à vontade de gabar-se e revelado sua verdadeira identidade?

Teria Plagueis feito o mesmo antes de matar Veruna? Teria se sentido compelido a sair de trás da máscara? A ser *honesto*?

Ou a revelação de Maul a Garyn não passava de um sintoma da crescente impaciência do lado sombrio, e sua vontade de revelar-se por completo?

– O Sol Negro encontra-se em total desordem – Palpatine disse a Hego Damask, enquanto os dois andavam por entre os turistas que apinhavam a Praça do Palácio. Centenas juntavam-se em torno da cúpula de Umate, que brotava do centro do parque em forma de tigela, e grupos de seres mistos faziam um *tour* pela antiga ágora do Senado ou pelo Museu Galáctico. – O príncipe Xizor e Sise Fromm herdarão os restos.

– Mais uma vez, o Zabrak provou seu valor – disse Damask. – Você o treinou bem.

– Talvez não bem o suficiente – disse Palpatine após um instante. – Enquanto eu o questionava sobre um ferimento que recebeu, ele confessou ter divulgado sua identidade a Alexi Garyn.

Pendendo o rosto mascarado para longe de Palpatine, Damask disse:

– Garyn está morto. Que importa isso agora?

O tom vívido do Muun irritou Palpatine ainda mais, mas ele manteve a compostura.

– Essa talvez seja a última vez que poderei aparecer em público sem guardacostas armados – disse de modo casual. – Quando a rainha Amidala me informou da morte inesperada de Veruna, ela mencionou que seu novo segurança-chefe, um homem chamado Panaka, tomará atitudes sem precedentes para garantir a segurança de todos os diplomatas de Naboo. A rainha, por exemplo, será cercada por um bando de damas de companhia, todas um tanto similares a ela.

– E você ficará acompanhado o tempo todo? – Damask perguntou. – Não pode ser.

– Convencerei Panaka a não fazer isso.

Os dois pararam para ver um grupo de jovens brincando sob uma das bandeiras da praça. Plagueis indicou um banco próximo, mas a inquietude de Palpatine não lhe permitiu sentar-se.

– A rainha expressou preocupação com a presença de tantos cargueiros da Federação do Comércio?

Palpatine negou com um movimento da cabeça.

– A frota está aguardando na periferia do sistema, esperando que eu dê o sinal para saltarem sobre Naboo. Como Gunray está furioso com a lei de taxação; tive que convencê-lo de que Naboo é significativo o bastante para garantir interesse galáctico no bloqueio. Eu garanti que Amidala não permitirá que o povo sofra, e que antes de passado um mês ela assinará um tratado que fará de Naboo e de seu plasma propriedades da Federação do Comércio.

O transpirador escondeu o sorriso de Damask, mas ficou evidente que ele havia gostado do que acabara de ouvir.

– Enquanto Valorum estremece, o senador Palpatine vai ganhando a simpatia do eleitorado. – Ele fitou Palpatine. – Não é prova de nosso sucesso o fato de podermos arbitrar mundos como se fossem meros contratos de negócios?

Um grupo de Twi'leks bem vestidos passou por ali, espantando-se ao reconhecer Palpatine. O fato de ele fraternizar abertamente com um Muun era indicativo do poder e da influência de ambos os seres.

Foi Damask quem acentuou a importância de os dois serem vistos juntos em público; e assim, nas semanas desde que o Muun chegara a Coruscant, eles tinham jantado juntos em diversas ocasiões no Manarai e outros restaurantes exclusivos e compareceram a recitais nas óperas de Coruscant e das Galáxias. Mais recentemente, haviam estado presentes num encontro de elite no República 500 organizado pelo senador Orn Free Taa, no qual Plagueis escutou o Twi'lek Rutiano discutindo planos de nomear Palpatine à chancelaria. O evento seguinte na agitada agenda seria um encontro político marcado para ocorrer na Instalação Orbital Perlemiana de Coruscant, onde potenciais

candidatos ao cargo de chanceler supremo teriam a chance de misturar-se a executivos, lobistas, gerentes de campanha e até alguns mestres Jedi.

– Um bloqueio seguido por uma invasão de fato não deverá trazer muitos aliados novos à Federação do Comércio – Damask dizia. – Mas em todo caso poderemos avaliar a performance do exército de droides de Gunray e fazer ajustes, caso necessário.

– Por sua própria falta de cuidado, os Neimoidianos acabaram comprometendo as fundações secretas deles em Eos e Alaris Prime – disse Palpatine, evidenciando um pouco de sua exasperação.

Damask fitou-o.

– Por ora, eles têm o que precisam. A aquisição de Naboo vai demonstrar as falhas na diplomacia e incitar uma sensação de militância entre os Jedi. – Mantendo o olhar fixo em Palpatine, ele acrescentou: – Em preparação para a guerra que se aproxima, realocaremos a Oficina de Armas Baktoid para Geonosis. Mesmo assim, não podemos equipar nossos aliados com armas suficientes para garantir uma vitória rápida. Um conflito extenso vai garantir uma galáxia esmagada até a polpa e ávida para nos aceitar.

Palpatine finalmente se sentou.

– Ainda temos que criar um exército para os Jedi comandarem. Mas um que responda em última instância ao chanceler supremo.

– Um exército já criado poderia ser colocado para fazer isso – disse Damask.

Palpatine refletiu.

– É simples demais. Os Jedi não são pegos de surpresa tão facilmente. Afiados pela guerrilha, eles serão muito mais difíceis de enlaçar.

– No fim de uma longa guerra, talvez? Com a vitória em vista?

– Para conseguir isso, ambos os lados teriam que ser manipulados. – Palpatine exalou lentamente. – Mesmo que pudéssemos lançar um ataque

surpresa, nem todo Jedi estaria no campo de batalha.

– Somente os que se prestam para o combate nos interessam.

Palpatine quebrou um longo silêncio.

– Os clonadores Kaminoano já falharam uma vez.

Damask reconheceu a afirmação com um aceno de cabeça.

– Porque eu lhes dei um modelo Yinchorr. Eles me disseram, na época, que sua espécie talvez seja mais fácil de replicar.

– Vai contatá-los de novo?

– Esse exército não pode ser ligado a nós. Mas há alguém que talvez eu possa persuadir para fazer o pedido inicial.

Palpatine esperou, mas Damask não acrescentou nada. O fato de ele ter dito tudo o que quisera sobre a questão fez a ansiedade de Sidious chegar ao nível máximo. Abruptamente, ele se levantou e afastou-se do banco.

– Instrua os Neimoidianos a iniciar o bloqueio – disse Damask às costas do aprendiz. – É importante que os eventos sejam postos em curso antes do congresso na instalação orbital. – Quando Palpatine não respondeu, Plagueis levantou-se e o seguiu. – O que o incomoda, Sidious? Talvez sinta que se tornou nada além de um mensageiro.

Palpatine virou-se para o Muun.

– Sim, às vezes. Mas eu sei o meu lugar e estou contente com ele.

– O que, então, está incomodando você?

– Os Neimoidianos – respondeu Palpatine com súbita convicção. – Além de Gunray, tenho lidado com mais três: Haako, Daultay e Monchar.

– Conheço Monchar um pouco – disse Damask. – Ele tem uma suíte nas Torres Kaldani.

– Estava ausente quando falei pela última vez com Gunray.

A desconfiança brotou nos olhos do Muun, e ele sibilou:

– Onde estão, então?

– A bordo da nave. Gunray afirmou que Monchar ficou doente por conta de comida muito pesada.

– Mas você sabe que não é isso.

Palpatine assentiu.

– Aquele sapo escorregadio sabe do bloqueio. Suspeito que esteja por aí à procura de lucro.

Os olhos de Damask brilharam, amarelados.

– É isso que acontece quando os seres são promovidos além de seu nível de competência!

Palpatine ficou tenso pela raiva.

– Não você – Damask apressou-se a dizer. – Gunray e seu bando! A Força nos atormenta e penaliza por consorciar com esses seres ignorantes demais para apreciar e executar nossas direções!

Palpatine encontrou conforto no fato de que até mesmo Plagueis tinha seus limites.

– Falhei em ouvir seus avisos sobre reversões súbitas.

Damask franziu o cenho para ele, depois relaxou.

– Vou ignorar meu próprio conselho. O bloqueio deve esperar.

– Vou chamar Maul de volta – informou Palpatine.

Duas semanas após o inesperado desaparecimento do Neimoidiano da nave *Saak'ak*, Plagueis e Sidious sabiam apenas que Darth Maul conseguira rastrear e matar Hath Monchar – embora não sem causar amplos efeitos colaterais – e que pilotara o infiltrador camuflado até uma estação de pouso ligada por uma série de condutos de ar zero-g que davam no principal domo de recepção da Instalação Orbital Perlemiana, uma grande abertura que leva a uma boa porção de Coruscant e as estrelas acima, e fora projetada mais para lembrar um jardim no espaço do que um estéril salão de conferências. Apenas então o domo fora

preenchido de senadores e juizes, líderes corporativos e embaixadores, negociantes de energia e pânditas da mídia, além de contingentes de guardas senatoriais e Jedi.

– Por que o mandou vir aqui, com tantos lugares? – Damask perguntou a Palpatine durante uma pausa no apertar de mãos, conversar casual e forçar sociabilidade. Vestidos com os mantos mais requintados, encontravam-se perto de uma cascata luminosa, cumprimentando seres que passavam, ainda que estivessem ali conspirando. – Ele deixou um rastro de destruição pelo Corredor Carmesim e matou dois Jedi, bem como seres de uma dúzia de espécies, inclusive um Hutt. Não podemos confiar que ninguém segue o rastro dele... se não Jedi, talvez oficiais da lei. Se por um acaso ele for preso, tem habilidade para confundir as mentes de seres comuns, mas não para camuflar-se perante um Jedi. Nossa existência e nossos planos para o bloqueio podem estar em perigo.

– Havia Jedi no rastro dele – Palpatine explicou. – Foi exatamente por isso que mandei que saísse do planeta.

Damask começou a responder, mas conteve-se e recomeçou.

– Ele está em posse desse holocron gravado por Monchar?

Palpatine assentiu.

– Eu instruí Pestage a limpar a rota que leva a um deque de pouso raramente usado. Tenho apenas que me encontrar com Maul no horário e no local pré-combinados.

Damask ainda não se convencera. A questão com Monchar quase terminara em catástrofe. Foi como se a Força, tão frequentemente comparada a uma corrente, tivesse sido direcionada para um cânion nu e girasse por cima de si mesma para gerar turbilhões e ondas traiçoeiros.

– Por que não simplesmente mandar que ele entregue o cristal a Pestage? – Plagueis perguntou, finalmente.

– Não sabemos quais outros dados sensitivos o holocron pode conter. Damask exalou pesadamente através da máscara.

– Espero que você tenha, pelo menos, o instruído a não ser visto. – Ele olhou ao redor. – Um Zabrak tatuado envolto por manto dos pés à cabeça certamente se destacaria nessa multidão.

Palpatine não podia discordar disso. Perto deles, localizavam-se o senador Bail Antilles e seus assessores. Príncipe de seu mundo natal, Alderaan, e membro do Comitê de Atividades Internas do Senado, o belo e moreno Antilles estava cercado por um bando que incluía os senadores dos Mundos do Núcleo e executivos, todos devotando apoio a ele nas eleições iminentes, e o mestre Jedi Jorus C’baoth, que fora chamado para arbitrar a disputa entre algumas das casas reais de Alderaan. Um humano arrogante de olhar agressivo, C’baoth era feito da mesma fibra que Dookan, cuja ausência no encontro político muitos notaram. Antilles fora o peão dos Sith ao trazer a público acusações de transgressões feitas por Valorum durante a crise em Eriadu, mas a notoriedade que ganhara como resultado – no Senado e na mídia – acolchoara sua campanha e o tornara o candidato favorito à chancelaria.

Nenhum Jedi se associava a Ainlee Teem, que também estava por ali. Mas o Gran de Malastare era bastante popular em mundos das Orlas Média e Exterior e contava com o apoio do senador Lott Dod, da Federação do Comércio, e de Shu Mai, da Corporação do Comércio.

No centro do saguão abobadado estavam Valorum e Sei Taria, tão experiente com a mídia quanto amável. Embora não pudesse candidatar-se à reeleição, tivesse sido desprovido de alguns de seus poderes senatoriais e vivesse engajado em defender-se de acusações do Comitê de Ética, Valorum conseguira tornar-se o centro das atenções graças à presença dos mestres Yoda, Mace Windu e Adi Gallia entre seus seguidores. Apenas por estar junto do chanceler supremo, os Jedi mandavam o recado de que continuariam apoiando-o durante

o restante de seu mandato, sem levar em conta a alegação de enriquecimento ilegal.

Com a frota da Federação do Comércio ainda em espera no setor Chommell, e sem um mundo sitiado para gerar simpatia e apoio para sua nomeação, Palpatine poderia ser somente mais um potencial candidato – mas com a companhia de Hego Damask; o presidente do Clá Bancário, San Hill; o recentemente indicado senador vice-presidente Mas Amedda; e o senador Orn Free Taa, alvo móvel da investigação de Antilles de corrupção, agora condenado ao ostracismo pela Facção da Orla por apoiar Palpatine.

– Está quase na hora – informou Palpatine. Ele apontou para um jardim com árvores anãs e arbustos perto do local no qual Ainlee Teem conversava com um punhado de senadores. – Vou ali trocar gracejos com o Gran, depois arranjar algum pretexto para me ausentar.

Damask resmungou, evasivamente.

– Em todo caso, meu alvo está em vistas.

Sem mais palavra, os dois se separaram. Damask abria caminho pela multidão na direção de um Jedi barbado de expressão soturna um pouco separado dos demais, observando toda a cena.

– Mestre Zaifo-Vias – chamou o Muun.

O Jedi do coque alto virou-se e, reconhecendo o outro, cumprimentou-o com o rosto.

– Magistrado Damask.

– Espero não estar incomodando.

Zaifo-Vias negou com um aceno de cabeça, mantendo os olhos fixos na máscara respiradora.

– Não, eu estava... – Ele exalou e recomeçou, trocando o pé em que se apoiava. – Até sua chegada recente em Coruscant, eu achava que você tinha se aposentado.

Damask soltou um suspiro exagerado.

– Não é típico de um Muun se aposentar. Trabalho agora com apenas uns poucos clientes poderosos, mas muito invisíveis.

O Jedi ergueu uma das sobrancelhas grisalhas.

– Acontece que não vejo um noticiário na HoloNet que não mostre você e o senador Palpatine, que é algo nada invisível.

– Na minha opinião, ele é o único ser capaz de resgatar a República da sarjeta.

Zaifo-Vias grunhiu.

– Permanecer intocado por escândalos durante vinte anos já é extraordinário. Então talvez você tenha razão.

Damask esperou um instante, depois disse:

– Nunca me esqueci de nossa conversa em Serenno.

– Que conversa foi essa, magistrado?

– Falamos um pouco de ameaças que assolavam a República na época.

Zaifo-Vias ficou pensativo.

– Tenho uma vaga recordação.

– Bom, com esses assassinatos, a taxaço das áreas de livre-comércio, a postura da Federação do Comércio e acusações de improbidade política, essa conversa tem andado bem viva na minha mente esses últimos dias. A rebeldia, o faccionalismo, os conflitos intersistemas... Até neste saguão os Jedi parecem estar divididos em suas lealdades. Mestre C'baoth aqui, mestres Yoda e Gallia lá, e até agora nem sinal do mestre Dookan.

Zaifo-Vias permaneceu em silêncio.

– Mestre Jedi, quero partilhar com você uma desconfiança que venho carregando como um fardo. – Damask fez uma pausa. – Tenho motivos para suspeitar que a Federação do Comércio anda comprando em segredo mais armas do que qualquer um imagina.

Zaifo-Vias franziu o cenho.

– Tem provas disso?

– Nenhuma prova física. Mas meus negócios requerem um conhecimento minucioso do mercado de investimentos. Além disso, meus clientes às vezes me revelam informações em particular.

– Então está quebrando a confidencialidade ao falar sobre isso comigo.

– Estou. Mas apenas porque acredito demais que o que já foi especulação agora se tornou fato. Para dizer mais, prevejo uma guerra civil em preparação. Dou à República quinze anos no máximo. Logo veremos sistemas estelares descontentes começarem a retirar-se. Será preciso um líder forte e carismático para reuni-los. – Ele ficou em silêncio por um instante, depois acrescentou: – Serei curto e grosso com você, mestre Zaifo-Vias: a República ficará vulnerável. Os Jedi serão poucos demais para virar a maré. É preciso criar um exército agora, enquanto ainda existe uma chance.

Zaifo-Vias cruzou os braços em frente ao peito.

– Eu sugiro que partilhe isso com o chanceler supremo Valorum, ou até com o senador Palpatine, magistrado.

– Eu pretendo. Mas, mesmo sob a tutela do chanceler Valorum, esse Senado não vai contrariar a Reforma. Muitos senadores lucrariam com uma guerra galáctica. Eles investiram pesado demais em empresas que gerarão lucros fartos com armas e reconstrução. A guerra será benéfica para uma economia que eles agora veem como estagnada.

– Está disposto a afirmar isso perante um comitê investigativo?

Damask franziu o cenho.

– Você precisa entender que muitas dessas empresas pertencem e são operadas por clientes meus.

Um olhar obscuro tomou o rosto do Jedi.

– Você leu meus pensamentos, magistrado. Também senti que a guerra é iminente. Confessei-o ao mestre Yoda e a outros, mas não adiantou nada. Todos eles parecem estar tranquilos. Ou preocupados. Não sei direito.

– O mestre Dookan também?

Zaifo-Vias fungou.

– Infelizmente, magistrado, as afirmações recentes de Dookan sobre a discórdia na República e a retidão da nossa Ordem apenas me deixaram ainda mais preocupado.

– Você disse que se recorda vagamente de nossa conversa em Serenno. Lembra-se de eu mencionar um grupo de clonadores talentosos?

– Desculpe, não me lembro.

– São nativos do mundo extragaláctico chamado Kamino. Em certa época, fiz negócios com eles para clientes que queriam criaturas clonadas, ou requisitavam operários clonados capazes de trabalhar em ambientes hostis.

O Jedi sacudiu a cabeça, em sinal de confusão.

– O que isso tem a ver com o assunto?

– Acredito que os Kaminoanos poderiam ser induzidos a criar e treinar um exército de clones.

Zaifo-Vias levou um bom tempo para responder.

– Você mesmo disse que a República jamais sancionaria um exército.

– A República não precisa saber – disse Damask, com cautela. – Nem a Ordem Jedi. Seria um exército que talvez nunca chegasse a ser usado, e, no entanto, permaneceria disponível, em reserva, caso surgisse a necessidade.

– Quem em sã consciência financiaria um exército que talvez nunca fosse usado?

– Eu – afirmou Damask. – Junto de alguns dos meus sócios do Clã Bancário... e em conjunção com contatos da Engenharia Pesada Rothana, que forneceriam naves, armamento e outros materiais.

Zaifo-Vias fixou os olhos no Muun.

– Chegue logo ao ponto, magistrado.

– Os Kaminoanos não criarão um exército para mim, mas fariam isso para a Ordem Jedi. Faz milênios que são fascinados pelos Jedi.

Os olhos castanhos de Zaifo-Vias escancararam-se.

– Você não está propondo clonar Jedi...

– Não. Em todo caso, já me garantiram que algo assim seria impossível.

Mas também me garantiram que um exército humano de milhões poderia ficar pronto para lançamento em menos de dez anos.

– Está sugerindo que eu engane o Alto Conselho.

– Receio que sim. Os Kaminoanos precisam apenas de um modesto pagamento, que eu poderia fornecer a você por contas não rastreáveis que mantenho nos bancos da Orla Exterior.

Novamente, o Jedi permaneceu em silêncio por um bom período.

– Preciso de tempo para pensar nisso.

– Claro que sim – disse Damask. – E, quando tiver chegado a uma decisão, pode me contatar em minha residência em terra.

Zaifo-Vias assentiu, em sombria introspecção; Damask virou-se e desapareceu em meio à multidão. Palpatine acabava de retornar ao local onde estiveram pouco antes, com os olhos e os movimentos indicando uma empolgação incomum.

– Você pegou o holocron? – perguntou Damask ao aproximar-se.

– Sim, mas não de Maul.

Damask esperou pela explicação.

– Ele foi largado na minha mão por ninguém mais que o informante que Maul andava perseguindo e julgava morto: Lorn Pavan. O fato de a mão direita de Pavan ter sido hábil e recentemente amputada me informou na hora que os dois lutaram num dos dutos de ventilação.

– Esse Pavan derrotou Maul?

Palpatine negou.

– Mas suspeito que Pavan conseguiu, de algum modo, enganá-lo e pegá-lo de surpresa.

– Incrível – disse Damask, admirado com o modo como os eventos podiam se tornar ainda mais tumultuados. – Então Pavan deve saber o que o holocron contém.

– Ele acha que vou entregá-lo aos Jedi – disse Palpatine com óbvia satisfação; e, olhando ao redor, acrescentou: – Talvez para Yoda ou Windu...

– Pavan – Damask soltou.

Palpatine endireitou os ombros.

– Pestage e Doriana o estão acompanhando lá para baixo, onde ele receberá atendimento médico, talvez uma mão nova, e uma confortável suíte de hotel na qual passará o último dia de sua vida.

– Uma recompensa que devíamos negar a Maul, mas provavelmente não negaremos. – Damask fitou Palpatine. – Em todo caso, não foi Pavan quem lhe entregou o holocron. Ele foi entregue pelo lado sombrio.

Palpatine refletiu por um momento.

– E Zaifo-Vias? Ele concordou?

– Ainda que resolva não nos ajudar, pode haver um modo de fazer o pedido no nome dele. Mas a Força me diz que ele nos ajudará.

– Isso o tornará potencialmente perigoso para nós.

Damask concordou.

– Mas não importa. Nós nos tornamos invencíveis.

*Isso não vai servir*, Palpatine pensava, sentado perante Valorum no escritório muito elevado do chanceler supremo no edifício do Senado, escutando-o tagarelar sobre seus problemas com o Comitê de Ética.

Embora a vista das grandes janelas triangulares fosse muito agradável, o escritório era pequeno demais. Pior ainda, lembrava mais uma relíquia de uma era extinta do que um centro nevrálgico da Nova Ordem. Remodelagem nenhuma poderia transformá-lo no espaço que Palpatine imaginava para si. Talvez fosse necessário construir um prédio novo; um anexo, ou, melhor ainda, um prédio de escritórios – mesmo que apenas para dar aos que fossem ali trabalhar a ilusão de que seus esforços medíocres tinham valor...

– Quanto mais meus advogados e contadores vão a fundo nessa questão, mais becos sem saída eles encontram – dizia Valorum. Círculos escuros envolviam os olhos dele, e as mãos tremiam um pouco. – Os lingotes de auródio que o Fronte Nebula roubou da Federação do Comércio foram convertidos em créditos, usados para financiar as operações deles em Asmeru e Eriadu. Mas os lingotes em si passaram por uma série de bancos de espécie e outras instituições financeiras, e acabaram investidos na Valorum Transportes por agentes desconhecidos. Eu digo *desconhecidos* porque os seres listados como investidores parecem nunca ter existido.

– Desconcertante – disse Palpatine, arrastando a palavra. – Não sei nem o que pensar.

Uma semana se passara desde o encontro político Perlemiano. Lorn Pavan fora morto pelo sabre de luz de Maul, um dia antes de uma mão artificial ser soldada ao toco de antebraço do informante. *Corte de gastos*, comentara Plagueis, no dia.

Valorum descansava a cabeça nas mãos.

– Não há dúvida de que alguém ou alguma organização arquitetou isso para me aleijar. Agora, por que alguém, mesmo meus mais fortes contraventores no Senado, basicamente descartariam milhões de créditos para conseguir fazer isso nos meses finais do meu mandato é inexplicável. – Ele ergueu o rosto para fitar Palpatine. – Meus predecessores imediatos foram

corajosos e sabiam como manusear o Senado. Eu achava que podia trazer algo diferente à casa. Uma diplomacia mais tranquila; que fosse informada pela Força e pelos ideais da Ordem Jedi.

Palpatine suprimiu a vontade de saltar por cima da mesa e estrangular o chanceler.

– Eu entendo que tomei algumas decisões erradas. Mas por acaso algum chanceler no último século precisou enfrentar mais desafios morais do que eu? Algum chanceler teve que lidar com um Senado mais corrupto e egoísta, ou empresas mais megalomaniacas? – Valorum fechou os olhos e exalou. – Seja lá quem esteja por trás dessas maquinações, esse ser não quer nada além de destruir meu legado inteiramente; fazer do nome Valorum uma mancha na história...

– Então devemos redobrar nossos esforços para desonerá-lo – disse Palpatine.

Valorum riu sem alegria.

– Serei inútil para a República se não pudermos. Até que o problema seja resolvido, estou proibido de sancionar o uso dos Jedi ou dos Judiciais para intervir em disputas. Não me permitem convocar sessões especiais sem o consentimento expresso desse novo vice-chanceler, Mas Amedda, que bloqueia toda proposta minha e venera o procedimento como se fosse um texto sagrado.

– A enganação começa pela burocracia – disse Palpatine.

Em silêncio por um instante, Valorum adotou uma expressão resoluta.

– Eu tenho umas ideias.

Ele tocou uma tela acoplada à mesa, e uma grande estrutura de dados apareceu acima do holoprojetor. Levantando-se da cadeira, indicou um gráfico no qual havia uma lista com diversas empresas.

– Era de se supor, à luz das acusações feitas contra mim, que a empresa da minha família em Eriadu sofresse um declínio repentino no mercado. Mas está

acontecendo exatamente o oposto. Há créditos fluindo para dentro da Valorum Transportes num ritmo sem igual, e para diversas outras empresas de transporte e carregamento também... muitas delas baseadas na Orla Exterior. E isso não é tudo.

As mãos dele tocaram mais uma vez a tela, e um segundo gráfico tomou forma ao lado do primeiro.

– Os investimentos em fornecedores menores de plasma e conglomerados de energia alternativa triplicaram. Mas, mais importante, houve um surto no setor de fornecimento militar, com crescimento impressionante da Oficina de Armas Baktoid, da Engenharia Haor Chall, o Ninho de Criação Colicoide e fornecedores similares.

Palpatine, mesmo contrariado, ficou impressionado.

– O que sugerem esses dados?

– Que algum esquema nefasto está se desenrolando a um palmo dos nossos narizes. Que até mesmo o escândalo em que estou enredado pode ser parte de um plano maior.

Palpatine estava prestes a responder quando a voz da secretária particular de Valorum saiu pelo intercom.

– Chanceler supremo, desculpe-me por interromper, mas recebemos uma transmissão urgente da rainha Amidala, de Naboo.

– A rainha! – disse Palpatine, com teatral surpresa.

– Pode passar a transmissão para o meu escritório? – perguntou Valorum.

– Nossos técnicos de comunicação estão me dizendo que o sinal está muito fraco, mas farão o que puderem.

Palpatine e Valorum viraram-se para o holoprojetor da mesa e aguardaram. Dentro de instantes, a imagem ruidosa e flutuante, em 3-D, do rosto pálido da rainha adolescente de Naboo apareceu.

– Chanceler supremo Valorum – disse ela. – Trazemos notícia de graves acontecimentos em nosso mundo natal. Sem aviso, a facção Neimoidiana da Federação do Comércio iniciou um bloqueio. Seus imensos cargueiros circularam nosso mundo, e não permitem que nave alguma chegue nem parta.

Palpatine e Valorum trocaram olhares aturcidos.

*Quão perfeitamente a menina exerce o papel dela*, pensou Palpatine. Sentada no trono como uma boneca animatrônica de fantasia e maquiagem exagerada. A pose régia, o tom coloquial de voz, com o conselheiro barbudo Sio Bibble de um lado e o segurança-chefe de pele escura, Panaka, do outro...

– Vossa majestade, os Neimoidianos comunicaram alguma demanda? – perguntou Valorum perante a imagem azulada que tremia, estabilizava, depois tornava a tremer.

– O vice-rei Gunray afirma que o bloqueio se iniciou em protesto à decisão do Senado de taxar o transporte nas áreas de livre-comércio. Ele garante que quaisquer tentativas de atravessar o embargo encontrarão forças mortais. A menos que os novos regulamentos sejam rescindidos, ele está preparado para ver todos em Naboo morrerem de fome.

Valorum cerrou os punhos.

– Vossa majestade, o senador Palpatine está aqui comigo.

Nem a expressão de Amidala nem seu tom insípido se alteraram.

– Senador Palpatine, ficamos satisfeitos de você poder ouvir a notícia em primeira mão.

– Vossa alteza – disse Palpatine, entrando no campo de visão das câmeras do holoprojetor e inclinando a cabeça. – Contatarei os delegados da Federação do Comércio imediatamente e demandarei que esse bloqueio seja encerrado.

– Demandas não bastarão para tirá-los daqui, senador. Naboo requer que a República intervenha nessa questão o mais rápido que puder.

– E ela o fará, vossa alteza – disse Valorum, logo em seguida. – Convocarei uma sessão especial... eu garanto que Naboo terá toda a minha atenção.

Amidala assentiu.

– Você nos mostrou muita cortesia no passado, chanceler supremo. Confiamos que fará tudo que estiver ao seu poder, visto que representa nossa única esperança.

A transmissão foi encerrada abruptamente.

– A face desse esquema nefasto está se revelando – disse Palpatine.

Valorum retornou à mesa e se sentou.

– Dou minha palavra... por sua ajuda durante a Crise Yinchorri e por tantos anos de amizade... que essa situação não vai ficar assim. Embora minhas mãos estejam atadas, encontrarei um jeito de resolver esse problema.

– Sei que vai tentar, chanceler supremo.

Valorum respirou fundo.

– Apenas um conselho, Palpatine. Prepare-se para ser jogado sob os holofotes.



## CAPÍTULO 29

### **A FORÇA CONTRA-ATACA**

Embora o bloqueio de Naboo fora iniciado contrariando totalmente as leis da República – tanto como protesto contra a taxaço quanto desafio à jurisdição dos Jedi –, ele falhou em surtir o efeito imediato que Plagueis e Sidious tinham antecipado. Distante do Núcleo, Naboo não fora invadida e nenhum ser importante morreria, como ocorrera durante a Crise Yinchorri e na cúpula em Eriadu. Assim, muitos viram o bloqueio como pouco mais do que um chacoalhar de sabres da parte da vexada Federação do Comércio; uma inconveniência para os mundos que dependiam do consórcio de bens; a última numa série de confrontações para expor a incompetência de um Senado desesperadamente dividido.

Mesmo assim, os dois Sith trabalharam incansavelmente para tirar o maior proveito da complicada situação de Naboo a fim de garantir não apenas o apoio entre os pares de Palpatine, mas também que o nome dele fosse posto para candidatura, e que ele pudesse ganhar, caso nomeado. Igualmente importante, precisavam ter certeza de que Palpatine poderia angariar votos suficientes no Senado com o intuito de ratificar sua decisão de indicar Hego Damask para a cochancelaria.

Para variar, Damask tomara a liderança – fazendo as rodadas, realizando promessas, cobrando favores e dívidas de longa data –, enquanto Palpatine, em prol das aparências, tentava diversas vezes sem êxito encontrar-se em particular com o representante da Federação do Comércio, Lott Dod. Pestage, Dorian, Janus Greejatus, Armand Isard e outros também se ocupavam nos bastidores,

plantando provas incriminadoras onde necessário e providenciando para que exemplos de fraude viessem a público.

Os esforços de todos não constituíam uma campanha política; assemelhavam-se mais a um exercício de elaborado subterfúgio.

– Bail Antilles permanece na frente – Plagueis informou a Sidious quando chegou à cobertura do Muun. – Ironicamente, a crise em Naboo atraiu os Mundos do Núcleo para um círculo mais íntimo. Embora Antilles tivesse sempre corrido o risco de recusa por ser o candidato mais provável de seguir os passos de Valorum, de repente ele se tornou o queridinho de todos que anseiam por uma autoridade forte e centralizada.

– Ele pode ser enfraquecido – disse Sidious. – E quanto a Teem?

– Além da Federação do Comércio, Teem agora conta com o apoio da Liga de Polícia Corporativa.

Sidious permaneceu indiferente.

– O Senado não está pronto para eleger um militar, muito menos um Gran militar. Aceitar o apoio da LPC é o mesmo que prometer repelir as restrições antiescravidão.

A frustração de Plagueis era evidente, mesmo com seu cenho franzido escondido.

– O interesse por Naboo está começando a diminuir, e com ele o voto de simpatia com que contávamos.

Sidious abriu a boca para responder quando seu comlink chiou, e ele levou o aparelho ao ouvido.

Plagueis observou-o com atenção.

– Mas que ótimas notícias – disse Sidious ao aparelho, como se entorpecido. – Não esperava por isso... Uma boa escolha, creio... Estou certo disso, chanceler supremo... Sim, tenho certeza de que ela quis mesmo dizer isso.

– Que foi? – Plagueis perguntou no momento em que Palpatine encerrou a chamada.

Sidious chacoalhou a cabeça, incrédulo.

– Valorum conseguiu persuadir o Conselho a mandar dois Jedi para Naboo.

Apesar de toda a fala sobre invencibilidade, Plagueis pareceu confuso.

– Sem a aprovação do Senado? Assim ele aperta a corda no próprio pescoço!

– E nos nossos – acrescentou Sidious –, caso os Neimoidianos entrem em pânico e resolvam confessar a verdade sobre o bloqueio.

Plagueis afastou-se do humano com muita raiva.

– Ele provavelmente abordou o Alto Conselho em segredo. Do contrário, Mas Amedda teria nos avisado.

Sidious acompanhou os movimentos nervosos do Muun.

– Dookan mencionou que o Conselho continuaria apoiando-o.

– Valorum disse quais Jedi foram enviados?

– Qui-Gon Jinn e seu padawan, Obi-Wan Kenobi.

Plagueis parou abruptamente.

– Isso é pior ainda. Já vi esse Qui-Gon, e ele não se assemelha em nada aos outros que Dookan treinou.

– São uma dupla muito incômoda – disse Sidious. – Os carrascos no Fronte Nebula em Dorvalla, Asmeru e Eriadu.

– Então Gunray e seus bajuladores não têm chance alguma contra eles.

Sidious tinha uma resposta pronta.

– Dois Jedi sozinhos não são páreo para milhares de droides de batalha e droidekas. Mandarei Gunray matá-los.

– E então teremos outro Yinchorr, além do risco de Gunray divulgar nossas ações, no passado e no presente. – Plagueis refletiu por um momento. – Qui-

Gon vai evadir a detecção dos droides e gerar um caos lento, porém inevitável, na espaçonave.

– Então mandarei Gunray iniciar a invasão antes do combinado. Proteger Naboo passará a ser a preocupação principal, em vez de prender os Neimoidianos. Gunray talvez não goste da ideia, mas vou garantir que a República não intervenha.

Plagueis concordou.

– Amedda pode negar qualquer pedido que Valorum faça para convocar o Senado em sessão especial. No entanto...

Os dois Sith se entreolharam em pétreo silêncio; então Sidious fez um aceno.

– Mandarei Maul ficar preparado.

Plagueis juntou as mãos.

– É a vontade do lado sombrio que nós finalmente nos revelemos – disse ele num tom solene.

Certamente não se tratava de não confiar em Darth Sidious. Mas Plagueis nunca tinha observado Maul de perto e estava curioso quanto ao relacionamento dele com Sidious. Sabia que raramente se encontravam fora d’Os Trabalhos, muito menos caminhavam juntos na sacada de uma das mônadas mais estilosas de Coruscant na calada da noite, envolvidos em mantos com capuzes erguidos. Mas fazia muito sentido que finalmente eles o fizessem. Com 11-4D sempre por perto, Plagueis observava os dois de longe, com a presença minimizada na Força.

A invasão e a ocupação de Naboo seguiam conforme o planejado, e os pântanos eram examinados na tentativa de localizar e isolar o principal habitat submerso dos indígenas Gungans, antes que pudessem representar uma ameaça. Contudo, os dois Jedi, a rainha Amidala e sua comitiva de dublês e

guardas tinham conseguido abrir caminho por entre o bloqueio. Com a ajuda de Maul, mensagens falsificadas do conselheiro da rainha, Sio Bibble, foram transmitidas para a espaçonave sumida, e uma transmissão retornara um sinal fraco de conexão vindo do mundo de Tatooine, pertencente aos Hutt. Ao saber disso, Plagueis considerara pedir a Jabba que apreendesse a rainha, mas não por muito tempo, por preocupar-se com o que o lado sombrio pudesse requisitar em troca.

– Tatooine é muito pouco populoso – disse 11-4D, repetindo o que o Zabrak Dathomiri dizia a Sidious. – Se o sinal estiver correto, vamos encontrá-los rapidamente, mestre.

– Prossiga – Plagueis disse, baixinho.

– Por isso, Sidious instruiu Maul a fazer dos Jedi sua prioridade. Assim que se livrar de Qui-Gon e Obi-Wan, Maul deve devolver a rainha Amidala a Naboo e forçá-la a assinar um tratado cedendo o controle do planeta e de suas reservas de plasma à Federação do Comércio.

O droide fez uma pausa, depois acrescentou:

– Maul diz: “Finalmente nos revelaremos aos Jedi. Finalmente nos vingaremos”.

Ao longe, Sidious virou-se para Maul.

4D aguçou suas entradas de áudio.

– Sidious diz: “Você foi bem treinado, meu jovem aprendiz. Eles não serão páreo para você”.

As palavras geraram profunda apreensão em Plagueis, e ele se esticou com a Força, sintonizado às suas correntes espiraladas. Por um momento, os portões que obscureciam o futuro se abriram e ele vislumbrou os eventos que viriam, ou que talvez viessem a ocorrer.

De todo modo, não foi nada encorajador.

Teriam ele e Sidious entendido tudo errado? Seria melhor abortar o plano e confiar que Palpatine seria eleito mesmo sem Naboo cair nas mãos da Federação do Comércio? Assim que os Jedi descobrissem a existência de um Sith, começariam uma caçada intensa pelo outro?

Sidious formara uma ligação quase paternal com Maul. Grudado no presente, falhou em captar a verdade: que aquela talvez fosse a última vez que ele e o aprendiz se veriam pessoalmente.

Os eventos convergiam com rapidez.

Apesar dos obstáculos inesperados, as habilidades de rastreamento de Maul o levaram à rainha desaparecida. Contudo, ele falhou na missão. Apesar de um breve confronto com Qui-Gon Jinn, o mestre Jedi e seu grupo conseguiram escapar pela segunda vez. O Zabrak não fora morto, como Plagueis temera inicialmente, mas identificaram sua lâmina vermelha como pertencente a um Sith, e agora os Jedi, Amidala e sua comitiva de guardas e damas de companhia seguiam para Coruscant na reluzente espaçonave da rainha. Sidious ordenara a Maul que fosse a Naboo supervisionar a ocupação dos Neimoidianos.

– Pestage e Dorian colocaram em ação um plano que enfraquecerá as campanhas de seus principais rivais – Plagueis dizia, enquanto ele e Palpatine apressavam-se para o skyhopper que os levaria até a plataforma antigravitacional na qual a Espaçonave Real iria pousar. – Coruscant logo saberá que o senador Ainlee Teem tem protegido um Dug profundamente envolvido com Gardulla, a Hutt, e a rede de distribuição de bastão da morte do Bando Gora.

– Mais um favor de Jabba? – perguntou Sidious.

– O Hutt tornou-se um aliado – respondeu Plagueis.

– Com o Sol Negro sem liderança, teremos reinado livre sobre o comércio de especiaria.

– Por um tempo – disse Plagueis. – A informação acerca do senador Teem foi enviada a Antilles, que vem tentando há anos removê-lo do Senado. Quando o inquérito de corrupção for anunciado, o apoio de Teem desaparecerá. E também o apoio a Antilles, cujas ambições o cegaram para o fato de que ninguém no Senado quer um reformador ultrazeloso na chancelaria. A Facção da Orla, então, passará para o seu lado, na esperança de ser capaz de manipulá-lo, e a Facção do Núcleo, humanocêntrica, vai apoiá-lo porque você é um deles.

Sidious fitou o Muun.

– Se não fosse por você...

Plagueis acenou para calá-lo e parou subitamente.

Sidious deu mais alguns passos e virou-se para seu mestre.

– Você não vai me acompanhar para receber a rainha?

– Não. Os Jedi ainda estão com elas, e nossa presença conjunta pode permitir que percebam nossas tendências.

– Tem razão, claro.

– Só tem mais um problema – disse Plagueis. – A crise em Naboo finalmente alcançou o olhar de Coruscant. Se pudéssemos forçar uma crise similar no Senado, a sua eleição estaria garantida.

Sidious pensou um pouco na ideia.

– Pode haver um jeito. – Ele fitou Plagueis intensamente. – Pedir voto de não confiança em Valorum.

– Se você...

– Não eu – Sidious cortou o Muun. – A rainha Amidala. Encherei a cabeça dela de dúvidas não apenas sobre a inabilidade de Valorum de resolver crises, mas também de receios do que o controle da Federação do Comércio pode significar para Naboo. Depois, vou levá-la ao Senado para que veja por si mesma quão insustentável se tornou a situação.

– Bela encenação – Plagueis ponderou. – Ela não vai apenas pedir voto de não confiança. Vai voar para casa, a fim de ficar com seu povo.

– Por onde queríamos que ela tivesse começado.

– Creio que a comida seja melhor do que a vista – Dookan comentou, sem humor, ao unir-se a Palpatine numa mesa ao lado da janela no restaurante Rango Barato do Mok, no dia seguinte. O pequeno estabelecimento que atendia aos funcionários da fábrica tinha vista para o coração d’Os Trabalhos.

– O Senado está estudando planos para desenvolver projetos de moradia nas planícies.

Dookan franziu o cenho, em sinal de repulsa.

– Por que não simplesmente construir em cima de um depósito de lixo radioativo?

– Onde há créditos a serem feitos, as vidas dos cidadãos comuns não têm a menor importância.

Dookan ergueu uma das sobrancelhas.

– Espero que você ponha um fim nisso.

– Eu preferiria que Os Trabalhos permanecessem do mesmo jeito por um tempo.

Dookan dispensou um garçom com um aceno e fitou Palpatine com interesse.

– Então, um bloqueio o impede de ir até Naboo, e o que acontece em Naboo vem até você. Como num passe de mágica.

Palpatine mostrou ao outro um sorriso minguado.

– Sim, minha rainha chegou.

– Sua rainha – disse Dookan, repuxando a barba curta. – E, pelo que ouvi, muito em breve você será o chanceler supremo dela.

Palpatine não se importou com o comentário, depois adotou uma expressão mais séria.

– Isso é, contudo, parte do motivo pelo qual pedi que me encontrasse aqui.

– Está preocupado que possa não receber apoio dos Jedi se for visto comigo em público?

– Nada disso. Mas, *se* eu for eleito, e *se* eu e você formos trabalhar juntos, convêm que façamos com que pareça que estamos de lados opostos.

Dookan cruzou os braços e encarou Palpatine.

– Trabalhar juntos no quê?

– Isso ainda está para se definir. Mas nosso objetivo em comum seria devolver a República ao que foi um dia, despedaçando-a.

Dookan permaneceu em silêncio por um bom tempo, e quando falou foi como se reunisse seus pensamentos às pressas.

– Talvez com o seu mundo natal como a faísca que tocará o incêndio? Com certeza, a crise beneficiou você politicamente, e apenas esse fato já deixa muitos seres desconfiados. – Ele escaneou o rosto de Palpatine. – Sob circunstâncias normais, o Conselho não teria subvertido a autoridade do Senado, honrando o pedido de Valorum de enviar Jedi a Naboo. Mas, para Yoda, Mace Windu e os demais, Valorum representa algo familiar, enquanto você e os senadores Antilles e Teem, têm ainda que revelar suas verdadeiras intenções. Você, por exemplo. A maioria sabe que é político de carreira e que conseguiu até hoje evitar confusões. Mas o que se sabe além da sua história de votação ou do fato de que você mora no República 500? Todos nós achamos que há muito mais sobre você do que se capta à primeira vista; algo que ainda precisa ser descoberto.

Em vez de falar diretamente sobre o raciocínio de Dookan, Palpatine disse:

– Eu fiquei tão surpreso quanto todos ao saber que o mestre Qui-Gon e Obi-Wan Kenobi foram enviados a Naboo.

– Surpreso, claro. Satisfeito também?

– Naboo é meu mundo natal. Quero ver essa crise resolvida o mais rápido possível.

– Quer mesmo?

Palpatine não desviou o olhar.

– Começo a me perguntar o que causou essa sua vontade de me confrontar. Mas, apenas para concluir a conversa, digamos que não me envergonho de tirar total vantagem da crise. Isso o faria distanciar-se de mim?

Dookan sorriu com os olhos, mas sem alegria.

– Pelo contrário, como diz você. Já que estou interessado em saber da possibilidade de uma aliança.

Palpatine adotou uma expressão mascarada.

– Está decidido a deixar a Ordem?

– Mais ainda do que quando nos falamos pela última vez.

– Por causa da decisão do Conselho de intervir em Naboo?

– Posso perdoá-los por isso. O bloqueio tem de ser rompido. Mas aconteceu outra coisa. – Dookan escolheu as palavras seguintes com cautela. – Qui-Gon retornou de Tatooine com um menino ex-escravo. De acordo com a mãe do menino, ele não tem pai.

– Clone? – Palpatine perguntou, duvidoso.

– Não é clone – respondeu Dookan. – Talvez concebido pela Força. Como crê Qui-Gon.

Palpatine sacudiu a cabeça para trás.

– Você não participa do Conselho. Como sabe disso?

– Tenho minhas artimanhas.

– Isso tem relação com a tal profecia que você mencionou?

– Tudo. Qui-Gon acredita que o menino, cujo nome é Anakin, encontra-se no centro de uma inclinação na Força e acredita ainda que seu achado foi

vontade da Força. Parece que fizeram exames de sangue, e a concentração de midi-chlorians do menino não tem precedentes.

– Você acredita que ele é esse ente profetizado?

– O Escolhido – Dookan emendou. – Não. Mas Qui-Gon aceita como fato, e o Conselho está disposto a vê-lo testado.

– O que se sabe sobre esse Anakin?

– Muito pouco, exceto o fato de que nasceu na escravidão nove anos atrás e era, até recentemente, junto da mãe, propriedade de Gardulla, a Hutt, depois de um vendedor de sucata Toydariano. – Dookan sorriu. – E também que venceu a corrida de pods Classic Boonta Eve.

Palpatine parara de escutar.

*Nove anos... Concebido pela Força... Será possível...?*

Palpatine rebobinou os pensamentos em frenética velocidade: até a plataforma de pouso na qual ele e Valorum receberam Amidala e seu grupo. Na verdade não era Amidala, mas uma de suas sócias. Contudo, o menino dos cabelos cor de areia, esse Anakin, enfaixado em roupas sujas, estivera ali, junto de um Gungan e dois Jedi. Anakin passara a noite num quartinho no apartamento de Palpatine.

*E eu não senti nada nele.*

– Qui-Gon é imprudente – Dookan dizia. – Apesar de sua fixação na Força viva, ele demonstra contradições ao crer com veemência na profecia, predição mais associada à Força unificante.

– Nove anos de idade – disse Palpatine quando chegou sua vez. – Certamente velho demais para ser treinado.

– Se o Conselho tiver bom senso.

– E o que será do menino, então?

Dookan deu de ombros.

– Embora não seja mais escravo, será provavelmente enviado para Tatooine, a fim de ficar com a mãe.

– Eu entendo sua decepção – disse Palpatine.

Dookan balançou a cabeça.

– Não contei tudo a você ainda. Como se não bastasse anunciar que encontrou o Escolhido, Qui-Gon descobriu que a Federação do Comércio pode ter tido a ajuda de poderosos aliados para planejar e executar o bloqueio em Naboo.

Palpatine endireitou-se na cadeira.

– Que aliados?

– Em Tatooine, Qui-Gon duelou com um assassino bem treinado nas artes Jedi. Mas ele recusa a ideia de que o assassino seja um Jedi vagal. Está convencido de que o guerreiro é um Sith.

Ignorando as reações de moradores apreensivos e prudentes agentes de segurança, Plagueis apressou-se por um corredor luxurioso no República 500 na direção da suíte de quartos vermelhos de Palpatine. Planejava comparecer ao Senado para escutar Amidala pedindo o voto de não confiança em Valorum, que soaria o primeiro sino de morte para a República. No último momento, contudo, Palpatine o contatara para contar a conversa tida com Dookan. O fato de Qui-Gon Jinn identificar Maul como Sith era de se esperar; mas a notícia do menino humano no centro da inclinação da Força chegara causando choque. E mais, Qui-Gon achava que o menino era o Escolhido da profecia Jedi!

Ele tinha que ver esse Anakin Skywalker por si mesmo; tinha de senti-lo por si mesmo. Tinha de saber se a Força atacara de volta, nove anos antes, concebendo um ser humano para restaurar o equilíbrio da galáxia.

Plagueis parou na entrada do apartamento de Palpatine. Após certo tempo, uma das damas de companhia idênticas à rainha Amidala apareceu na porta, uma visão num manto de capota escura. Os olhos dela fixaram-se na máscara respiratória.

– Sinto muito, senhor – disse ela –, o senador Palpatine não está aqui.

– Eu sei – disse Plagueis. – Vim aqui falar com um convidado do senador.

Um pequeno menino humano.

Os olhos dela não desgrudavam da máscara.

– Não me foi permitido...

Damask fez um aceno lento com a mão esquerda, compelindo a moça a responder.

– Você tem a minha permissão para falar com ele.

– Eu tenho a sua permissão – disse ela, num tom distraído.

– Agora, onde está o menino?

– Anakin, você diz.

– Anakin, sim – disse ele num sussurro. – Ele mesmo. Vá buscá-lo... agora!

– Ele acabou de sair, senhor – informou a dama de companhia.

Plagueis passou pela moça e espiou dentro da suíte de Palpatine.

– Acabou de sair? – Ele se endireitou, muito bravo. – Aonde foi?

– O mestre Jedi Qui-Gon Jinn veio buscá-lo, senhor. Acredito que você poderá encontrá-lo no Templo Jedi.

Plagueis deu um passo para trás, os pensamentos girando.

Ainda havia a possibilidade de o Conselho resolver que Anakin era velho demais para ser treinado como Jedi. Sendo assim, ele seria levado de volta a Tatooine...

Mas se não... Se Qui-Gon conseguisse convencer os mestres do Conselho, e eles renegassem os próprios ditames...

Plagueis passou a mão pela testa. *Estamos perdidos?*, pensou. *Você nos arruinou?*



## CAPÍTULO 30

# TIRANDO O FUTURO DO PRESENTE

O magistrado Damask ainda estava enraivecido quando chegou ao edifício do Senado e correu por entre o labirinto de corredores e turboelevadores para alcançar a estação de Naboo na exata hora do evento.

Durante um recesso anunciado após o pedido de voto para não confiança, a rainha Amidala e o par de retentores com os quais ela tinha chegado resolveram retornar ao República 500. Mas Panaka estava lá, com seu boné e calças marrons de couro, junto de Sate Pestage e Kinman Dorian. Cumprimentando-os quase sem dizer nada, Plagueis passou pelos três homens para juntar-se a Palpatine na plataforma flutuante.

– Você falou com ele? – Palpatine perguntou, enquanto a voz do senador de Kuat explodia pelos alto-falantes da Rotunda.

O Muun balançou a cabeça em negação, irado.

– Qui-Gon já tinha passado lá. Eles foram para o Templo.

– Ainda tem uma chance...

– Sim – disse Damask. – Mas se a concentração de midi-chlorians do menino for tão alta quanto Dookan insinuou, então os Jedi não vão querer deixá-lo escapar do controle deles.

– Alta contagem de midi-chlorians nem sempre equivale a talentos na Força. Você mesmo me disse isso.

– Não é isso que me preocupa – disse Damask, mas não prosseguiu. Fazendo um amplo gesto, ele perguntou: – Em que pé estamos?

– Antilles foi indicado por Com Fordoz. Teem, por Edcel Bar Gan.

– Traidores – Damask sibilou. – Fordox e Bar Gan.

Palpatine estava prestes a responder quando a voz de Mas Amedda encheu a Rotunda.

– O Senado recebe o senador Orn Free Taa, de Ryloth – disse o Chagrian, do pódio. Sei Taria estava lá também, mas Valorum, totalmente privado do poder, desaparecera ou estava sentado fora de vistas.

O grande e azul Twi'lek levantou-se, orgulhoso, na curvatura da plataforma, conforme ela flutuou até o centro da Rotunda, flanqueada por hovercams. Na traseira curva da plataforma, estava a consorte de Free Taa, uma pequena Twi'lek de pele vermelha, e o cossenador de Ryloth e distribuidor de bastão da morte, Connus Trell.

– Ryloth orgulha-se em indicar alguém que não somente devotou vinte anos de incansável trabalho para a República, enquanto seguia um galante trajeto por entre as tempestades que continuam a açoitar este corpo, mas cujo mundo natal tornou-se o último alvo da ganância e da corrupção corporativas. Seres de todas as espécies e todos os mundos, eu indico o senador Palpatine, de Naboo.

Ovações e aplausos soaram de quase todos os setores do saguão, avultando-se e ganhando entusiasmo conforme a plataforma de Naboo destacou-se da estação de acoplagem e flutuou para juntar-se à de Alderaan e Malastare.

– Você conseguiu, Darth Plagueis – Palpatine disse consigo, sem olhar para o mestre.

– Ainda não – veio a resposta. – Não descansarei enquanto não tiver certeza da *vitória*.

Era tarde da noite quando Plagueis chegou a um observatório público que fornecia vistas para o arabesco de uma plataforma de pouso privada na qual a Espaçonave Real da rainha Amidala banhava-se com a luz ambiente.

Com o capuz sobre a cabeça, dirigiu-se até um dos macrobinóculos fixos e pressionou os olhos contra os orifícios almofadados. Qui-Gon Jinn, Obi-Wan Kenobi e o menino tinham chegado à plataforma numa nave Jedi; Amidala, suas damas de companhia e seus guardas, e além de um Gungan de braços moles, num táxi aéreo hemisférico conversível. Naquele instante, o grupo subia pela plataforma de acesso da espaçonave, mas Qui-Gon e o pirralhinho do deserto de rosto redondo tinham parado fora da nave para falar de alguma coisa.

*O quê?, Plagueis perguntou-se. Que assunto poderia ter suscitado expressão tão honesta em Qui-Gon, e tão confusa e urgente no menino?*

Tirando o rosto dos macrobinóculos, ele se esticou com a Força e foi vitimizado pelo ataque de imagens perplexas: batalhas ferozes em pleno espaço; sabres de luz colidindo; raios de luz; um ciborgue de capacete preto levantando-se de uma mesa... Quando seu olhar retornou à plataforma, Qui-Gon e o menino haviam desaparecido.

Tentando desesperadamente entender algo das imagens a ele concedidas pela Força, ele permaneceu parado, vendo a espaçonave erguer-se da plataforma e subir para a luz.

Plagueis batalhou para reprimir a verdade.

O menino mudaria o curso da história.

A menos que...

Maul teria de matar Qui-Gon, para impedir que o menino fosse treinado.

*Qui-Gon era a chave de tudo.*

Plagueis e Sidious passaram o dia anterior à votação no Senado no edifício LiMerge, comunicando-se com Maul e Gunray e resolvendo outras questões. Relatos recentes de Naboo indicavam que Amidala estava mais ousada do que qualquer um dos dois previra. A moça arquitetara uma reconciliação entre

Naboo e os Gungans e os persuadira a reunir um exército nos pântanos. Inicialmente, Sidious proibira Maul e os Neimoidianos de tomar atitude. A última coisa de que os Sith precisavam era que Amidala emergisse como heroína do drama manufaturado por eles. Mas, quando o exército Gungan começou a marchar para a cidade de Theed, ele não teve escolha a não ser mandar Gunray repelir o ataque e matar a todos.

Plagueis não ofereceu conselho nem contradisse os comandos, ainda que soubesse que a batalha estava perdida e que o menino não morreria.

Em vez disso, arranhou uma conferência por comunicador com os líderes da Corporação do Comércio, a União Techno, a Aliança Corporativa e outros, e contou que, apesar da legalidade do bloqueio, a Federação do Comércio trouxera a ruína para si mesma.

– Prestem atenção ao modo como a República e a Ordem Jedi lidam com eles – disse Hego Damask para sua holoaudiência. – A Federação será desmantelada, e o precedente será posto. A menos que vocês comecem a dar passos no sentido de começar uma retirada lenta e cuidadosa do Senado, levando consigo seus sistemas natais e clientes, vocês também correm o risco de se tornarem propriedade da República.

Sob o crepúsculo que pairava sobre Os Trabalhos, Sate Pestage informou-os de que os senadores Teem e Antilles estavam estropiados, e que alguns dos comentaristas políticos de Coruscant davam o favoritismo nas eleições para Palpatine.

Com isso, faltava apenas um negócio a concluir.

Ir à ópera.

Suspensa feito um ornamento cintilante de um emaranhado de vias e rampas de pedestres, a Ópera das Galáxias pertencia ao notório jogador e *playboy* Romeo Treblanc e fora projetada para funcionar como alternativa à

abafada Ópera de Coruscant, por décadas financiada pela Casa Valorum e outras linhagens ricas do Núcleo. Com o Senado marcado para se reunir em sessão extraordinária na manhã seguinte, a empolgação dominava Coruscant, e, para celebrar a possibilidade de a eleição de um novo chanceler supremo ser capaz de trazer uma era de mudanças positivas, metade do Senado resolvera aparecer. Nunca tanto tecido veda, brocados e sedabrilho gracejaram pelos carpetes luxuosos que levavam às portas de entrada; e nunca tamanha diversidade de Coruscanti jorrava de táxis e limusines que a traziam: patrícios e decanas, magnatas e filantropos, pânditas e patronos, lotários e ingênuos, gângsteres e suas acompanhantes... muitos vestidos em costumes tão ostentosos quanto os usados pelos artistas no palco.

Valorum recusara-se a aparecer, mas tanto Ainlee Teem quanto Bail Antilles estavam entre os milhares que seguiam o fluxo para apreciar a performance de estreia de um novo trabalho criado por um mestre Mon Calamari. Apenas Palpatine e Damask, contudo, foram pessoalmente recebidos por Treblanc – Palpatine envolto por manto preto, e o Muun em verde-escuro, com chapéu combinando e máscara respiratória que deixava parte do maxilar esbranquiçado de fora.

– Dizem que ele perdeu uma fortuna na corrida de pods de Boonta Eve – disse Damask quando estavam longe de Treblanc.

– O evento que Anakin venceu – acrescentou Palpatine.

Damask parou, um tanto surpreso, e virou-se para Palpatine, querendo uma explicação.

– Ele ficou em primeiro lugar.

Damask absorveu a notícia em soturno silêncio, depois murmurou:

– As façanhas do menino já ecoam pelas estrelas.

Uma Nautolana acompanhou-os a uma cabine particular na terceira camada, perto do palco. A aparição da dupla suscitou aplausos de alguns seres

sentados lá embaixo, e resmungos de outros.

As luzes baixaram, e o espetáculo começou. Uma aquarela metafórica alternou-se com projeções simbólicas. A natureza experimental da peça parecia incrementar a atmosfera de expectativa que pairava sobre a plateia. Com os pensamentos em outro lugar, os dois Sith disfarçados permaneceram sentados em respeitoso silêncio, como se hipnotizados.

Durante o intervalo, a multidão encheu o saguão de entrada, em busca de bebida. Discretamente, Damask sorvia uma taça de vinho enquanto seres muito distintos abordavam Palpatine para desejar-lhe boa sorte nas eleições iminentes. Outros seres celebrados demonstravam admiração por Palpatine a distância; era como se um fantasma muito procurado tivesse ganhado carne e ossos para sair à noite. Holocâmeras capturavam imagens da dupla para espalhar pela mídia. Damask ingeriu uma segunda taça de vinho quando as luzes piscaram, anunciando o fim do intervalo. Pestage garantiria-lhe que alguns dos oponentes de Palpatine no Senado seriam atacados de surpresa; outros foram drogados ou embriagados demais para comparecer à sessão da manhã seguinte. Ninguém morreria, mas muitos teriam de ser ameaçados. E, no entanto, Damask continuava inquieto em relação ao resultado...

Após o fim do espetáculo, ele e Palpatine juntaram-se a um grupo seletivo de políticos que incluía Orn Free Taa e Mas Amedda para um jantar tardio numa sala particular do Manarai.

Depois se retiraram para a cobertura de Damask.

Plagueis dera a noite de folga aos guardas solares, e a única outra inteligência no amplo apartamento era o droide 11-4D, que os servia na ocasião, despejando vinho em taças caras enquanto eles retiravam os mantos.

– Sullustano – disse Plagueis, erguendo a taça para a luz e girando o conteúdo avermelhado. – Mais de meio século de idade.

– Um brinde, então – propôs Sidious. – Ao culminar de décadas de brilhante planejamento e execução.

– E ao novo significado que amanhã daremos à Regra de Dois.

Ambos secaram suas taças, e 11-4D imediatamente as reabasteceu.

– Somente você poderia ter trazido isso à fruição, Darth Plagueis – disse Sidious, ajeitando-se numa cadeira. – Conseguirei fazer jus às suas expectativas e cumprir com minha responsabilidade.

Plagueis aceitou o elogio com naturalidade, sem orgulho nem embaraço.

– Com meu direcionamento e o seu carisma, logo estaremos em posição de iniciar o ato final do Grande Plano. – Acomodando-se melhor no sofá, ele acenou para que 11-4D abrisse uma segunda garrafa do vinho *vintage*. – Já pensou no que dirá amanhã?

– Preparei alguns comentários – disse Sidious. – Devo estragar a surpresa?

– Por que não?

Sidious tomou um momento para se compor.

– Para começar, pensei em dizer que, embora nós no Senado tenhamos conseguido manter a República intacta por mil anos, nunca seríamos capazes de fazê-lo sem a assistência de uns poucos seres, bastante invisíveis aos olhos do público, cujas realizações agora precisam ser trazidas à luz do dia.

Plagueis sorriu.

– Estou gostando. Continue.

Falando de modo grave e monótono, Sidious acrescentou:

– Hego Damask é um desses seres. Foi Hego Damask o responsável por guiar o desenvolvimento da Administração de Reservas da República e por fornecer apoio financeiro aos Atos de Restabelecimento que permitiram aos seres não apenas alardear novas rotas hiperespaciais que levam hoje aos sistemas circundantes, mas também colonizar mundos distantes.

– Isso será novidade para alguns.

– De modo similar, foi Hego Damask quem transformou a Federação do Comércio...

– Não, não – Plagueis interrompeu. – Agora não é hora de mencionar a Federação do Comércio.

– Pensei que...

– Não vejo problema algum em chamar atenção para os arranjos que facilitei entre a República e a Aliança Corporativa e a União Techno. Mas devemos ter o cuidado de evitar áreas de controvérsia.

– Claro – disse Sidious, como se castigado. – Estou falando o que vem à mente.

– Tente outra abordagem.

Foi o que Sidious fez.

E, com o passar da noite, ele continuou a emendar e improvisar, mencionando a infância de Damask em Mygeeto e as contribuições do Muun já mais adulto ao Clá Bancário Intergaláctico durante seu mandato enquanto copresidente. Com a taça na mão, Sidious zanzava pelo piso luxuosamente carpetado, vacilando bastante entre a confiança e a insegurança. Mais de uma vez, Plagueis expressou satisfação com tudo o que escutou, mas urgiu a Sidious que guardasse energia para a manhã seguinte. Nesse ponto, contudo, Sidious estava animado demais para escutar o conselho e continuou retrabalhando a ordem dos comentários e a ênfase que daria a certos pontos.

O droide trouxe uma terceira e depois uma quarta garrafa do vinho Sullustano.

Agradavelmente intoxicado, Plagueis, que não desejava nada além de rejubilar-se no sabor adocicado da vitória, começava a achar exaustiva a performance de seu colaborador, e não quis nada além de fechar os olhos e vagar pelas fantasias de sua marcha até a Rotunda do Senado; os olhares de

surpresa, admiração e trepidação nos rostos dos senadores reunidos; sua tão antecipada emergência das sombras; sua ascensão ao poder galáctico...

Infelizmente, Sidious não deixava.

– Já basta por hoje – Plagueis tentou uma última vez. – Você devia voltar para casa e tentar descansar pelo menos por umas horas antes...

– Só mais uma vez, desde o começo.

– O começo?

– Lorde Plagueis, você disse que não descansaria enquanto nossa vitória não fosse fato consumado.

– Eu disse, e o farei, Darth Sidious.

– Então celebremos a isso também. – Sidious chamou 11-4D. – Encha nossas taças, droide.

Com um cansaço onírico começando a sobrepujá-lo, Plagueis só conseguiu erguer a taça até o nariz. Assim que a pousou, ela tombou, molhando a toalha da mesa. As pálpebras dele começaram a bater e fechar, e sua respiração desacelerou. Depois de vinte anos sem ter de lidar com Plagueis num estado de sono, o transpirador clicou repetidamente para ajustar-se, quase em pânico.

Alguns metros distante, Sidious parou e permaneceu observando Plagueis por um bom tempo, como se tentasse tomar uma decisão. Então, soltando o ar, ele pousou a própria taça e foi buscar o manto que largara sobre uma cadeira. Depois de envolver-se com ele, dirigiu-se para a porta, mas parou um pouco antes de alcançá-la. Virando-se e ampliando-se com a Força, ele olhou ao redor da sala, como se para fixar a memória em sua mente. Brevemente seu olhar descansou sobre o droide, com os brilhantes fotorreceptores zumbindo para contemplá-lo com evidente curiosidade.

Um olhar de sinistras intenções contorcia o rosto de Sidious.

Mais uma vez, ele passou os olhos pela sala, e então o lado sombrio sussurrou: *Sua eleição está garantida; os guardas solares, ausentes; Plagueis não*

*suspeita e dorme...*

E, então, moveu-se num borrão de luz.

Crepitando das pontas dos dedos de Palpatine, uma rede de relâmpagos azuis adentrou o aparelho respiratório do Muun. Plagueis abriu os olhos num susto, juntando a Força para si como uma tempestade, mas parou um pouco antes de poder defender-se. Esse ser que sobrevivera a assassinos e matara inúmeros oponentes apenas fitou Sidious, até que este entendeu que o mestre o desafiava! Confiante de que não poderia ser morto, e negando o fato de que lentamente sufocava, devia estar apenas experimentando consigo mesmo, cortejando a morte, de fato, para colocá-la no lugar dela. Aturdido por um momento, Sidious ficou absolutamente imóvel. Plagueis estaria assim tão iludido para crer que alcançara a imortalidade?

A pergunta demorou-se por um instante, então Sidious desprendeu mais um emaranhado de relâmpagos, sorvendo mais poder do lado sombrio do que jamais fizera.

– Vamos revisar a segunda parte do discurso, que tal? – disse ele, alisando o manto enrugado. – Seu velho tolo e inútil.

Com um rosnado, jogou o manto para trás dos ombros e inclinou-se para Plagueis, plantando as palmas das mãos na mesa baixa que agora estava coberta de vinho derramado.

– Foi Hego Damask, como Darth Plagueis, quem veio até Naboo determinado a sugar todo o plasma do planeta e colocar a Federação do Comércio como sua supervisora. Foi Hego Damask, como Plagueis, quem pôs vistas num rapaz aparentemente confuso e, com meticulosa habilidade, manipulou-o para cometer parricídio, matricídio e fratricídio. Darth Plagueis foi quem o tomou como aprendiz, compartilhou um pouco de seu conhecimento, mas guardou seus segredos mais poderosos, negando os desejos

do aprendiz como meio de controlá-lo, instigando nele um senso de raiva assassina, levando-o, assim, para o lado sombrio.

Sidious ficou totalmente ereto, encarando o mestre.

– Foi Plagueis quem criticou os esforços iniciais do aprendiz, e que certa vez o enforcou para demonstrar sua superioridade. Foi Plagueis quem o humilhou em segredo por ter contratado um assassino inapto para executar o assassinato do senador Kim, e, no entanto, permitiu-se ser enganado pelos Gran e quase morto por mercenários. Foi Plagueis quem se afastou totalmente do Grande Plano e focou-se inteiramente em si mesmo, numa jornada egoísta em busca da imortalidade. Foi Plagueis quem teve a temeridade de criticar o aprendiz por ter inculcado orgulho demais no assassino que *ele* treinara. Foi Plagueis quem tentou transformar seu aprendiz, igualmente poderoso, num mensageiro e mero intermediário. E foi Plagueis quem assistiu, em segredo, ao aprendiz mandando o verdadeiro intermediário revelar o renascimento dos Sith à galáxia.

Sidious fez uma pausa e, então, com escárnio, acrescentou:

– Plagueis, o Sábio, que na sua época o foi realmente, exceto no final, confiando que a Regra de Dois fora suplantada, e fracassou em perceber que não conseguiria escusar-se dela. Plagueis, o Sábio, que forjou o mais poderoso lorde Sith que a galáxia já viu, e, no entanto, esqueceu-se de deixar lugar para si; cujo orgulho nunca o permitiu imaginar que ele não seria mais necessário.

Ainda lutando para respirar, Plagueis conseguiu levantar-se, mas apenas para desabar de volta no sofá, derrubando uma estátua de seu pedestal. Sidious avançou, as mãos erguidas para lançar outro disparo, a expressão ártica o bastante para resfriar a sala. Uma tempestade de Força reuniu-se por cima do sofá, espalhando-se em anéis concêntricos, banhando Sidious e lançando objetos para todos os cantos. No centro da rede, a silhueta de Plagueis se

tornou anamórfica, depois recobrou o contorno quando a tempestade começou a ceder.

Os olhos de Sidious começaram a se cansar.

– Quantas vezes você disse que a antiga ordem de Bane terminara com a morte do seu mestre! Um aprendiz não precisa ser mais forte, você me disse, apenas mais esperto. A era de manter contagem, suspeita e traição tinha acabado. A força não está mais na carne, mas na Força.

Ele riu.

– Você perdeu o jogo no primeiro dia, quando escolheu me treinar para reinar ao seu lado, ou, melhor ainda, sob a sua tutela. Professor, sim, e por isso eu serei eternamente grato. Mas mestre... *nunca*.

Sidious avaliou Plagueis por meio da Força.

– Oh, sim, fique à vontade, reúna seus midi-chlorians, Plagueis. – Ele juntou o dedão e o indicador. – Tente manter-se vivo enquanto eu arranco sua vida enforcando você.

Plagueis tentou respirar e ergueu um dos braços para o aprendiz.

– Esse é o problema, entende? – disse Sidious em tom filosófico. – Todos os que você usou em experimentos, todos os que matou e trouxe de volta à vida... Não passavam de brinquedos. Só que agora você vai vivenciar o que eles sentiram, e veja o que descobrirá: num corpo privado de ar, no qual até mesmo a Força está falhando, seus midi-chlorians não podem realizar o que você pede a eles.

O ódio tomou os olhos de Sidious.

– Eu poderia salvá-lo, claro. Trazê-lo de volta da beira do abismo, como você fez com Venamis. Poderia colocar seu corpo para reparar o dano já realizado aos seus pulmões, seus corações, seu cérebro envelhecido. Mas não farei isso. A ideia aqui não é trazê-lo de volta no último instante, mas levá-lo às portas da morte e empurrá-lo para o outro lado.

Sidious suspirou.

– Uma tragédia, sim, para alguém tão sábio. Alguém que podia enxergar além das vidas e mortes de todos os seres, exceto das dele mesmo.

Os olhos do Muun começaram a esbugalhar; a pele clara, a assumir um tom acinzentado.

– Você deve estar pensando: quando ele começou a mudar? A verdade é que não mudei. Do mesmo modo que nublávamos as mentes dos Jedi, eu nublei a sua. Nunca tive intenção de dividir o poder com você. Eu precisava aprender com você; nada mais, nada menos. Aprender todos os seus segredos, os quais acreditei que você acabaria revelando. Mas o que o fez pensar que eu precisaria de você depois disso? Vaidade, talvez; seu senso de autoimportância. Você não representou nada além de um peão no jogo conduzido por um genuíno mestre. O Sith'ari.

Uma risada cruel escapou de Palpatine.

– Pense nos últimos anos... supondo que tenha capacidade. Yinchorr, Dorvalla, Eriadu, Maul, os Neimoidianos, Naboo, um exército de clones, o Jedi caído Dookan... Você acha que tudo isso foi ideia sua, quando na verdade foi minha, habilmente sugerida a você para poder devolver a mim. Você confiou demais, Plagueis. Nenhum Sith verdadeiro pode de fato gostar de outro. Isso todos sempre souberam. Não há outro jeito senão o meu próprio.

Sidious estreitou os olhos.

– Ainda está comigo, Plagueis? Sim, eu detecto que está... embora por pouco. Umas palavras finais, então. Eu poderia tê-lo deixado morrer no distrito de Fobosi, mas não podia permitir que isso acontecesse quando ainda havia tanto que eu não sabia; tantos poderes que permaneciam fora do meu alcance. E, quando aconteceu, eu agi sabiamente ao resgatá-lo. Do contrário, como estaria aqui em pé, com você morrendo? Pensei mesmo que você fosse morrer em Sojourn; e você teria, não fosse o Hutt ter dado a dica do esquema de

Veruna. E, no entanto, isso também acabou levando para o melhor, pois, mesmo depois de tudo que você me ensinou, eu provavelmente não conseguiria dar os passos finais para a chancelaria sem sua ajuda, manipulando o Senado e colocando na jogada seus diversos aliados. Se serve de consolo, estou sendo honesto quando digo que eu não poderia ter alcançado o sucesso sem você. Mas, agora que vencemos a corrida, não preciso de um cochanceler. Sua presença, ainda mais desnecessária como conselheiro, apenas confundiria tudo. Tenho Maul para fazer o que o risco de ser descoberto não me permite fazer, enquanto executo o restante do Grande Plano: criar um exército, fomentar a rebelião e fabricar uma guerra galáctica, encurralar os Jedi e pegá-los desprevenidos... Descanse em seu túmulo, Plagueis. No final, serei proclamado imperador. Os Sith terão sua vingança, e eu reinarei a galáxia.

Plagueis deslizou para o chão e rolou de bruços. A morte sacudiu seus pulmões, e ele morreu.

11-4D começou a aproximar-se, mas Sidious acenou para que parasse.

– Vamos ter de encontrar uma nova casa e um novo corpo para você, droide.

11-4D olhou para o Muun, depois para Sidious.

– Sim, mestre Palpatine.

Sidious foi até a janela, depois se virou para contemplar a cena do assassinato. Pareceria que Hego Damask morreria por um mau funcionamento no aparato respiratório. Ele mandaria o droide alertar os médicos. Mas autópsia nenhuma seria realizada, e nenhum inquérito se seguiria. Hologramas da aparição de ambos na Ópera das Galáxias percorreriam a HoloNet, e pânditas cairiam em peso. O senador Palpatine talvez ganhasse ainda mais simpatia; a satisfação de ser eleito à chancelaria diminuída pela morte súbita de um poderoso aliado financeiro.

Sidious retornou à sala para olhar Plagueis mais de perto. Então, após um longo instante, voltou à janela e abriu as cortinas.

Seu espírito vagou, mas de forma breve.

Algo deitava uma sombra por cima da sensação de triunfo: uma noção vaga de um poder maior que ele. Seria Plagueis estendendo a mão do outro lado distante da morte para vexá-lo? Ou seria essa sensação uma mera consequência da apoteose?

Lá fora, os topos dos prédios mais altos começavam a brilhar com os primeiros raios de luz do dia.

## EPÍLOGO

A eleição de Palpatine à chancelaria dominou a HoloNet. Passou longe de uma vitória de lavada, mas ele venceu com uma margem mais ampla de votos do que os comentaristas tinham previsto, graças, em parte, à ausência não explicada de diversos oponentes-chave. Com dois juízes de Cortes Supremas e o vice-chanceler Mas Amedda presidindo a sessão, ele realizou o juramento no topo do pódio do Senado, após Valorum apertar sua mão e desaparecer pelo turboelevador que levava à sala de preparação, bem lá para baixo. Em seu discurso, Palpatine prometeu devolver a República a sua glória original e purgar o Senado das práticas corruptas. Ninguém prestou muita atenção, visto que cada chanceler supremo dos duzentos anos anteriores fizera as mesmas promessas.

Os eruditos, contudo, apressaram-se para avaliar o que a eleição significaria para o futuro imediato. O fato de Naboo conseguir derrotar a Federação do Comércio sem a ajuda de mercenários ou a intervenção da República fizera muitos mundos se questionarem se não deviam seguir o exemplo daquele e estabelecer seus próprios exércitos, desafiando o poder dos consórcios galácticos. Como os eventos de Naboo acabariam modelando as novas políticas do chanceler supremo com relação à Aliança Corporativa e demais cartéis? A legislação com relação à taxação das áreas de livre-comércio e a legalidade de exércitos de droides seriam reexaminadas? Um controle mais acirrado acabaria levando os cartéis a deixar a República? E isso faria com que sistemas inteiros aderissem a esse êxodo?

Com tanta atenção focada na eleição, histórias que teriam sido vistas com maior significância passaram despercebidas. Uma destas foi a morte inespecífica do recluso financista Muun Hego Damask. Obituários arranjados às pressas continham os poucos fatos acerca da vida dele que eram de conhecimento do

público, mas quase intocados no papel exercido por ele nos bastidores ao moldar a história da República. Membros do Clá Bancário Intergaláctico recusaram-se a publicar qualquer informação sobre o enterro ou sobre a disposição das substanciosas ações de Damask em Muunilinst e em uma dúzia de outros mundos. Fora dos registros, seres diziam que os meandros dos negócios do Muun levariam décadas para ser revelados.

Com o fim da Batalha de Naboo – *perdida*, na opinião dele –, Palpatine não teve tempo de rejubilar-se da adulação nem celebrar a vitória. Sua primeira atividade na casa, de fato, sua primeira tarefa oficial, foi viajar para seu mundo natal e parabenizar a rainha Amidala e seus novos aliados, os Gungans, pela vitória surpresa.

Foi somente quando chegou a Theed e soube da derrota de Darth Maul nas mãos dos Jedi numa estação de geração de energia que entendeu, em parte, o motivo daquela sensação de perda e profunda solidão experienciada logo após a morte de Plagueis. Palpatine, embora não quisesse saber, poderia ter pressionado um dos outros Jedi que chegaram a Naboo para conseguir informações de como Maul matara um mestre da espada apenas para ser derrubado por um aprendiz e como resultado imaginar como foi a luta. Entretanto, foi bastante prazeroso estar junto de Yoda, Mace Windu e dos outros mestres vendo o corpo de Qui-Gon Jinn ser reduzido a cinzas, sabendo que o Jedi seria apenas o primeiro numa guerra que fora declarada, mas ainda não começara; uma em que 10 mil Jedi seguiriam Qui-Gon para a sepultura...

O fato de a morte de Plagueis e a derrota de Maul ocorrerem em relativa simultaneidade podia apenas ser resultado da vontade do lado sombrio da Força, assim como o fato de que, até o momento em que tomasse e treinasse um novo aprendiz, Palpatine seria o único lorde Sith da galáxia.

O desapontamento residia também no fato de o exército de droides da Federação do Comércio ter sido tão facilmente exterminado por um punhado de soldados de Naboo e um exército de primitivos. Mas Anakin Skywalker representava o maior problema. Ninguém podia negar que ele demonstrara bastante coragem e habilidade na Força ao destruir a Nave de Controle Droide da Federação do Comércio.

Como Plagueis dissera: *As façanhas do menino já ecoam pelas estrelas.*

– Que lugar é esse? – perguntou Dookan depois que Palpatine o recebeu no edifício LiMerge.

– Uma antiga fábrica. Pertencera a Hego Damask, mas ele a deixou para mim antes de morrer.

Dookan franziu o cenho.

– Com que propósito?

– Achou que eu poderia usá-la para iniciar um plano de revitalização urbana.

De volta a Coruscant havia pouco mais de um mês, Palpatine usava um manto com gola alta fechado no pescoço por um medalhão Sith, principalmente para se proteger da chuva ácida que andava caindo n'Os Trabalhos. Dookan usava roupas de cidadão: calças justas e capa curta.

O ex-Jedi contemplou a enorme sala principal da fábrica.

– Nenhum Guarda Senatorial?

– Estão a alcance de comunicador, caso precisemos deles.

– Eu pensava que você iria querer pelo menos que visse seu escritório novo – disse Dookan, limpando gotinhas de água do ombro. – Depois me lembrei do que você disse na última vez em que nos falamos, sobre não sermos vistos em público.

Palpatine fez um gesto distraído.

– O escritório é temporário. Um mais adequado à posição já está em planejamento.

Lado a lado, os dois começaram a caminhar pela sala.

– Então você já enganchou todos – disse Dookan.

Palpatine fingiu inocência.

– Nem todos. O Comitê de Apropriações me abordou com a ideia de construir um domo perto do edifício do Senado que também servirá como área de pouso.

– Você parece bem contente com a ideia.

– Bem contente.

Dookan parou para estudar o outro.

– Sua verdadeira natureza começa a revelar-se, creio eu. – Quando Palpatine não respondeu, ele acrescentou: – Parabéns, a propósito, por Naboo ter derrotado a Federação do Comércio. Uma esquisita série de eventos, não concorda?

Palpatine concordou e retomou as passadas comedidas.

– Todos os envolvidos, inclusive eu, subestimaram as habilidades da nossa rainha. Doeu saber que o mestre Qui-Gon fora assassinado. – Ele fez uma pausa breve. – Foi a morte dele que firmou sua decisão de deixar a Ordem?

– Até certo ponto – respondeu Dookan, com uma carranca. – Descobri recentemente que outro de meus padawans, Komari Vosa, está viva.

– Espero que isso sirva de consolo – Palpatine começou a dizer.

– Não serve, visto que ela disse estar liderando o Bando Gora. – Dookan fitou o chanceler. – Ela pode representar perigo à República, chanceler supremo.

– Então agradeço o aviso. Como o Conselho reagiu à sua partida?

– Nada bem. Queriam mais explicações do que eu estava disposto a dar.

– E o mestre Zaifo-Vias?

Dookan franziu o cenho.

– Ele sabia que minha partida seria apenas questão de tempo. Embora tenha dito algo que achei bastante curioso. Ele disse que, se eu tivesse alguma intenção de instigar mais dissensões, ele estaria um passo à frente de mim.

Palpatine balançou a cabeça, confuso.

– Está planejando instigar mais dissensões?

Dookan abriu um sorriso pequeno.

– Minha primeira atitude será recuperar meu título.

– Conde Dookan – disse Palpatine, avaliando como o título soava. – Combina muito mais com você do que mestre Dookan.

– Estou tentado a adotar o novo nome por completo.

– Um recomeço.

– Talvez eu deva fazer como você fez.

– Como eu fiz? – surpreendeu-se Palpatine.

– Chamar-me Dookan, como você se rebatizou Palpatine.

– Entendo. Bom, que significado tem um nome, afinal? – Novamente, ele permaneceu calado por um bom tempo. – Fiquei sabendo que Qui-Gon morreu vítima de um sabre de luz.

Dookan virou o rosto num susto.

– O mesmo Sith que ele confrontou em Tatooine. O Conselho espera que Gunray possa pôr alguma luz no assunto, já que o julgamento está em curso.

– Eu não colocaria muita fé nisso. Afinal, o Conselho sabe de alguma coisa?

– Nem mesmo o nome de Sith dele – disse Dookan. – Mas sabem que existe outro.

– Como saberiam?

– Em tese, quando os Sith foram se esconder, mil anos atrás, prometeram que haveria apenas dois deles a cada época... um mestre e um aprendiz, ao longo das gerações.

– Esse que matou Qui-Gon era o aprendiz ou o mestre?

Dookan fitou-o enquanto caminhavam.

– Meus instintos me dizem que era o aprendiz. Obi-Wan também suspeita, baseado no comportamento do Zabrak. O Conselho está sendo mais circunspecto, mas, naturalmente, querem encontrar o outro. – Ele ficou em silêncio, depois acrescentou: – O Sith revelou-se deliberadamente em Tatooine e em Naboo. Além de revelar a aliança com a Federação do Comércio, ele fez isso para mandar um recado aos Jedi. É quase uma declaração de guerra.

Palpatine parou numa janela quebrada com vistas aos encharcados Trabalhos.

– Como alguém saberia por onde começar a procurar por esse outro Sith?

– Não sei bem – respondeu Dookan, parando em frente ao chanceler. – Diversas crises na última década contêm a assinatura de uma inteligência mais sinistra do que daqueles que planejaram e perpetraram os eventos. Yinchorr, por exemplo; mas principalmente Eriadu e o assassinato do líder da Federação do Comércio. Certamente, certos seres lidaram com os Sith, talvez sem perceber, e alguns devem estar lidando com o que ainda vive, neste momento. Agora que não sou mais um Jedi, deve haver um meio de eu extrair informações dos cartéis criminosos e outras organizações. Acabarei encontrando-o... ou ela... e, com sorte, antes de os Jedi encontrarem.

– Para vingar a morte do mestre Qui-Gon – disse Palpatine, assentindo, ciente de que Dookan olhava para ele com veemência.

– Isso me preocupou por um tempo, mas não mais.

Palpatine virou um pouco o rosto.

– Então para que procurar esse Sith?

– Porque suspeito que Naboo foi apenas o começo... uma espécie de prólogo. O Sith quer ver a República derrubada. Tanto quanto você e eu.

Palpatine não respondeu por um longo momento.

– Mas aliar-se a um Sith...

– Para muitos, eles são a manifestação do mal puro, mas o Conselho pensa diferente. O que separa um Sith de um Jedi é o modo de abordar a Força. A Ordem Jedi colocou limites para si, mas os Sith nunca evitaram incorporar o poder do lado sombrio para alcançar seus objetivos.

– Você quer aprender os segredos do lado sombrio?

– Confesso que sim.

Palpatine restringiu o impulso de revelar sua verdadeira identidade.

Dookan era forte na Força e poderia simplesmente estar tentando dissuadi-lo. Por outro lado...

– Algo me diz que esse Sith escondido talvez acabe encontrando você – falou, por fim. – E se e quando o fizer, espero que a aliança que formar com ele nos ajude a restaurar a ordem na galáxia.

Sate Pestage levou Obi-Wan Kenobi e seu jovem padawan, Anakin Skywalker, para o escritório temporário de Palpatine no prédio do Senado. Os dois Jedi usavam túnicas de cores claras, mantos marrons e botas altas. Fac-símiles um do outro.

– Obrigado por aceitarem meu convite – Palpatine disse, saindo de trás de uma ampla mesa polida para recebê-los. – Sentem-se, vocês dois, por favor – ele acrescentou, acenando para cadeiras alocadas em frente à mesa e a grande janela atrás desta.

Anakin mal se sentara quando Obi-Wan o censurou, balançando a cabeça.

– Obrigado, chanceler supremo – disse o Jedi de barbas curtas –, mas ficaremos de pé. – Ele cruzou os braços em frente ao peito e esperou que Anakin se juntasse a ele antes de dizer: – Sabemos que seu tempo é valioso.

De volta à sua poltrona, Palpatine abriu um sorriso receptivo.

– Não tão valioso para não poder gastar com as duas pessoas que salvaram a vida da minha rainha e resgataram meu mundo natal das garras da Federação do Comércio. – Ele não tirava os olhos de Obi-Wan. – Sinto muito pela perda de Qui-Gon Jinn, mestre Obi-Wan.

O Jedi assentiu, por gratidão, depois disse:

– Fui nomeado cavaleiro Jedi faz muito pouco tempo, chanceler supremo. Palpatine adotou expressão de surpresa.

– E já lhe apontaram um aprendiz. Qui-Gon deve tê-lo treinado de modo brilhante.

Mais uma vez, Obi-Wan assentiu.

– Foi um professor inspirador.

Palpatine apertou os lábios e balançou a cabeça.

– Mas que desperdício de vida... – Ele passou os olhos para Anakin. – Não tive oportunidade em Naboo para agradecer-lhe, jovem Skywalker. Suas ações foram além do extraordinário. Que a Força seja sempre forte com você.

– Obrigado, senhor – disse Anakin num tom baixinho.

Palpatine juntou os dedos das mãos.

– Me disseram que você cresceu em Tatooine. Visitei o mundo, muitos anos atrás.

Os olhos do rapaz estreitaram-se por um breve instante.

– Cresci, senhor, mas não devo falar disso.

Palpatine viu-o olhar para Obi-Wan.

– E por quê?

– Minha mãe...

– Anakin – Obi-Wan ralhou, censurando o rapaz.

Palpatine reclinou-se um pouco, estudando os dois Jedi. Obi-Wan parecia não ter notado a fúria fervilhando no menino, mas por um instante Palpatine captou uma nota de si mesmo, só que mais jovem, em Skywalker. A

necessidade de desafiar a autoridade; o dom de mascarar emoções. O *poder* ainda por ser reconhecido.

– Peço desculpas se mexi em algo que não devia – disse ele, após um instante.

Obviamente incomodado, Obi-Wan mudou de posição.

– Os Jedi são treinados para viver o momento, chanceler supremo. Nossa criação tem pouquíssima relação com nossas vidas na Força.

Palpatine franziu o cenho.

– Isso é fácil para um garoto, certamente, mas para um rapaz... – Ele se interrompeu com um gesto negligente. – Bom, quem sou eu para julgar os princípios da sua Ordem, quando os Jedi mantiveram a paz na República por mil anos?

Obi-Wan não disse nada, como se encerrasse a questão.

– Mas me diga, padawan Skywalker, como se sente ao ser membro de um grupo tão reverenciado?

– É como um sonho que se tornou realidade, senhor – disse Anakin, com genuína sinceridade.

– Um sonho que se tornou realidade... Então faz muito tempo que você pensa na Ordem Jedi e na Força.

Anakin assentiu.

– Sempre quis levar justiça...

– Não cabe a você decidir o seu destino, Anakin – disse Obi-Wan. – A Força o guiará.

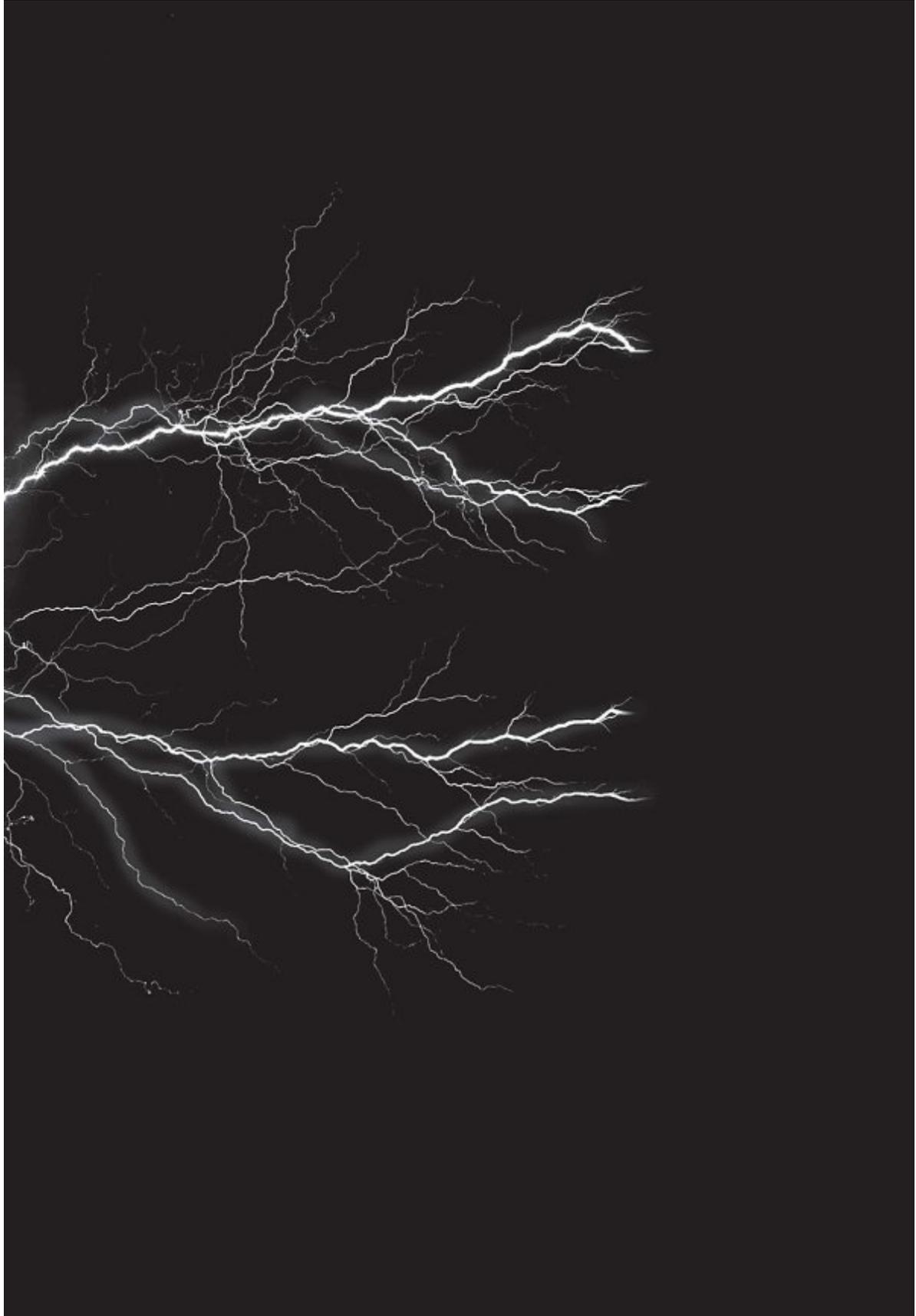
Palpatine sorriu internamente. *Guiará para mim, jovem Skywalker.*

Dookan tinha talento e podia se tornar um suplente poderoso. Mas esse menino inocente de rosto agradável, esse menino poderoso na Força, seria quem ele tomaria como aprendiz e usaria para executar o estágio final do Grande Plano. Que Obi-Wan o instruisse nos caminhos da Força, e que

Skywalker ficasse cada vez mais amargurado ao longo da década seguinte, vendo a mãe envelhecer na escravidão, a galáxia deteriorar-se ao seu redor e seus amigos Jedi caírem em conflitos inextricáveis. De qualquer modo, ele era jovem demais para ser treinado nos caminhos dos Sith, mas tinha a idade perfeita para ligar-se a uma figura paterna que daria ouvidos a todos os problemas dele e o coagiria inexoravelmente para o lado sombrio.

– Como eu falei a você em Naboo, Anakin – disse Palpatine, finalmente –, continuaremos a acompanhar a sua carreira com grande interesse.

*E garantir que ela culmine na ruína da Ordem Jedi e na ascensão dos Sith!*





ENTREVISTA COM JAMES LUCENO

POR ERIC GELLER

TRADUÇÃO POR MARCIA MEN

PUBLICADA ORIGINALMENTE NOS SITES THEFORCE.NET E SUVUDU.COM  
EM 2012, À ÉPOCA DO LANÇAMENTO DO LIVRO. LINK PARA AS

ENTREVISTAS:

[WWW.THEFORCE.NET/BOOKS/STORY/INTERVIEW\\_PLAGUEIS\\_AUTHOR\\_JA  
MES\\_LUCENO\\_142844.ASP](http://WWW.THEFORCE.NET/BOOKS/STORY/INTERVIEW_PLAGUEIS_AUTHOR_JAMES_LUCENO_142844.ASP) E [HTTP://STAR-  
WARS.SUVUDU.COM/2012/01/INTERVIEW-WITH-JAMES-LUCENO-  
AUTHOR-STAR-WARS-DARTH-PLAGUEIS.HTML](http://STAR-WARS.SUVUDU.COM/2012/01/INTERVIEW-WITH-JAMES-LUCENO-AUTHOR-STAR-WARS-DARTH-PLAGUEIS.HTML).

**Eric Geller: O que despertou seu interesse em escrever este livro?**

**James Luceno:** A ideia inicial veio, na verdade, da Lucasfilm, e me foi sugerida estritamente como uma história sobre Darth Plagueis. O livro foi cancelado durante um período, depois que esbocei a primeira versão do texto, pois ficou meio que decidido que a história seria sobre o Palpatine, no fim das contas. Assim, quando me esforcei para fazer a Lucasfilm reconsiderar a publicação do livro, a condição era que eu abandonasse um pouco a história de Plagueis, proposta originalmente, e colocasse mais Palpatine na obra.

**EG: Qual foi a proximidade com que você trabalhou com a Lucas Licensing em *Darth Plagueis*? George [Lucas] esteve muito envolvido? Que conselhos ele deu a você?**

**JL:** George esteve envolvido nos estágios iniciais. Quando o livro foi proposto, logo no começo, escrevi para ele e perguntei se havia algum motivo pelo qual Plagueis não pudesse ser um não humano. Ele respondeu que Plagueis podia ser um Muun e me enviou algumas interpretações artísticas do personagem. Desse ponto em diante, tudo foi aprovado, como dizem, “no nível mais alto”. Eu trabalhei mais próximo a Howard Roffman, o braço direito de George na Lucas Licensing. Foi um jeito estranho de lidar com o livro, porque eu precisei passar por cima tanto da Del Rey como da equipe editorial da Lucasfilm e trabalhar diretamente com Howard ao longo do que acabou sendo cerca de um ano.

Eu apresentei muitas, muitas versões do esboço até que finalmente chegamos a um consenso da direção que queríamos seguir com o livro. Não tive nenhuma reunião diretamente com George, mas parecia que muitas das aprovações vinham dele, por meio de Howard. Eu não tinha acesso a tudo o que acontecia nos bastidores.

**EG: Você menciona brevemente que o mestre Sith que treinou Darth Tenebrous, um Twi'lek, criou um “rasgo na Força”, e que os dois tentaram criar um vírus que atacasse especificamente os Jedi. A intenção era que esses dois incidentes fossem mesmo mencionados de passagem, ou você gostaria de ter se aprofundado nesses eventos?**

**JL:** O rasgo na Força, essa ideia de que algo ocorreu duzentos anos antes dos eventos em *A ameaça fantasma...* Não sei de onde tirei isso. Ou criei isso, ou li alguma referência de passagem ao fato de que a Ordem Jedi havia claramente se tornado ciente da ressurgência do Lado Sombrio duzentos anos antes. Eu sempre brinquei com isso e acho que mencionei o fato antes, talvez em *Labyrinth of Evil* ou em *Dark Lord*. O timing funcionava bem para que fosse o mestre de Tenebrous a abrir aquele rasgo. Acho que há uma história legal aí. Não dediquei muito esforço a isso e deixei muitas pequenas aberturas em *Darth Plagueis*, para possíveis histórias que poderiam se passar naquelas décadas ou nos séculos iniciais.

**EG: A jornada de Darth Plagueis para influenciar os midi-chlorians é um dos enredos primordiais no livro. O que você acha da apresentação dos midi-chlorians em *A ameaça fantasma*? Eles diluem o aspecto fantástico da Força?**

**JL:** Inicialmente, eu não gostei. Achei que seria muito limitador e, em alguns aspectos, ainda acho que a Força era mais misteriosa antes da apresentação dos midi-chlorians. Mas já que isso havia se tornado parte da saga, não havia como contornar os fatos. Com base em todas as conversas que tive com Howard e outras pessoas na Lucas Licensing, concluí que essa teria que ser uma parte primordial do livro. Todos concordavam com isso. Acho que encontrei uma boa maneira de usar os midi-chlorians, mas ainda não tenho certeza. O que gostei é que esse conceito me permitiu brincar com um modo mais racional ou

científico de investigar a Força. Pude transformar Plagueis em algo mais semelhante a um cientista, mais pesquisador do que místico, embora eu ainda o considere um místico. Ele também tem esse outro lado. Matthew Stover percebeu isso em seu conto “The Tenebrous Way”, no qual até Tenebrous, dada sua herança Bith, estava fazendo experiências de uma forma praticamente igual aos cientistas malucos dos romances de ficção científica.

Eu ficava pensando naquela história de H.G. Wells, *A ilha das almas selvagens*<sup>[1]</sup>, que foi minha inspiração para esse aspecto do personagem de Plagueis. Boa parte [da abordagem única de Plagueis ao fato de ser um Sith] veio dessas discussões que tive com Howard. A cada vez que eu fazia referência às ações dos Sith apenas inspirado nas fontes do Universo Expandido, o que sempre me voltava era: “Bem, quem contou isso? Como você sabe que funciona assim? Em que parte dos filmes é dito que os Sith operam desse ou daquele jeito?”. Então, eu ficava retornando ao que sabíamos pelos filmes como ponto de partida para muitas dessas coisas. Desde bem no início, estava claro que a relação de Plagueis com Palpatine seria bem diferente das relações que vimos entre mestres e aprendizes Sith nos livros.

**EG: Você menciona Mãe Talzin das Irmãs da Noite de Dathomir, um personagem que já vimos em *Guerra dos clones*. Você trabalhou com Dave Filoni e a equipe dele enquanto eles se preparavam para apresentá-la no ano passado? Colaborou com eles em termos de como estava lidando com Maul?**

**JL:** Houve muita troca de informações com Dave sobre Maul e seu passado. Os dois contos que escrevi para o relançamento de [*Darth Maul*:] *Shadow Hunter* e o relançamento da novelização de *A ameaça fantasma* vão falar muito mais sobre o passado e os primeiros anos de Maul. Eles quase poderiam ser capítulos retirados de *Darth Plagueis*, mas eu não queria mudar o ponto de

vista e fazer a história recontar os episódios de Maul também. A história que está em *Shadow Hunter*, em especial, vai explicar bastante sobre a transição de Maul para os Sith, e eu trabalhei muito nisso junto a Dave, porque eles tinham suas próprias ideias sobre o passado de Maul e nós fizemos muitas trocas até chegarmos a um acordo sobre como apresentaríamos o material.

**EG: Um dos melhores aspectos deste livro é que há muitos trechos que fazem o leitor sorrir e pensar: “Ah, isso é ótimo, porque se amarra certinho naquela parte da trilogia prólogo”. Um dos meus exemplos favoritos é quando o lado sombrio impede Plagueis de dizer o nome de Kamino para Zaifo-Vias enquanto Jocasta Nu se aproxima deles. Você se sentou e assistiu aos prólogos, procurando por elementos inexplicados ou intrigantes da história para se estender sobre eles no livro?**

**JL:** Sabe, assisti aos prólogos tantas vezes ao longo dos anos, desde a época que eu trabalhei com [o livro] *Cloak of Deception*, mas dessa vez eu não quis voltar e rever os filmes com muita frequência, exceto quando tinha dúvidas em relação a alguma cena. Realmente tentei me guiar por minha memória dos filmes e minha impressão sobre eles – minhas emoções sobre a atmosfera dos filmes. Tive que fazer muita pesquisa para este livro. Precisei mergulhar fundo nos aproximadamente cem anos que precedem a história para realmente ter uma noção de onde as coisas se originaram, quais eram as histórias de todos esses eventos. É claro, Kamino é uma parte importante disso, então precisei pensar em quem fez o contato inicial e de onde veio o financiamento, todos esses detalhezinhas.

**EG: Algumas pessoas mencionaram que não gostam da ideia de Palpatine recebendo uma história e um passado no Universo Expandido porque isso tira muito de seu mistério. O que você acha dessa preocupação? Acha que**

**deveriam existir assuntos em STAR WARS que pudessem ser mencionados, mas que fossem proibidos para um desenvolvimento mais extensivo?**

**JL:** Eu estava realmente preocupado com isso. Na verdade, quando o projeto foi cancelado inicialmente, fiquei aliviado. Há pouco tempo li uma citação sobre o personagem de Moriarty nos livros de Sherlock Holmes. Foi dado pouquíssimo histórico sobre Moriarty, uma vez que a ideia era que ele representasse o mal para Holmes da mesma forma que Palpatine representa o mal para a saga STAR WARS. Eu estava muito preocupado com o risco de humanizar [Palpatine] demais, dando um passado real para ele. Mas aí, comecei a pensar sobre o fato de que na série [de filmes] vemos a história de Anakin, de Vader, enquanto antes do lançamento dos prólogos Vader era o mal. Nós podemos ver a transição dele. Assim, passei a enxergar um jeito de fazer isso sem de fato diminuir o personagem que conhecemos nos filmes.

**EG: Quando você estava escrevendo a cena da primeira interação entre Plagueis e o jovem Palpatine, como teve ideia do que Palpatine deveria dizer e fazer? Você assistiu a alguma cena dos prólogos para isso?**

**JL:** Eu apenas brinquei com diferentes ideias e cenários. Esse é um cenário que passou por muita revisão. Assim que eu tive uma impressão de quem eu achava que Palpatine podia ser – esse herdeiro mimado da riqueza, crescendo em um mundo como Naboo –, as coisas começaram a se encaixar em termos do personagem e de como ele poderia ser quando jovem. Pouco a pouco, minha impressão a respeito dele começou a melhorar. Joguei fora muito mais material do que acabei usando para aquelas cenas. Eu não queria forçar a mão, não queria entregar muito sobre a história dele, porque, de novo, eu sentia que corria o risco de humanizá-lo demais. Não havia nada específico nos filmes [que eu consulte], nada além do fato de que Palpatine parecia ter vindo de um passado de riqueza e nobreza, apenas com base na forma como ele nos é

apresentado em *A ameaça fantasma*, em sua suíte escarlate e com aquela atitude aristocrata. Trabalhando a partir daí, tentei olhar cada vez mais para trás, até finalmente criar algo que senti que funcionava.

**EG: Enquanto eu lia as primeiras conversas entre Plagueis e Palpatine, fiquei impressionado pela similaridade entre o jovem Palpatine e o jovem Anakin, especialmente porque ambos sabiam estarem destinados a algo maior.**

**JL:** Essa é uma daquelas coisas que acontecem quando você está escrevendo e faz essas descobertas. Muitas vezes, um autor ou autora nem está ciente do que ele ou ela está fazendo até que o livro comece a tomar forma e que seja possível voltar e encontrar coisas que o inconsciente do escritor usou para guiá-lo adiante. Existe essa semelhança com Anakin, e eu acho que, no final do livro, Palpatine realmente vê uma versão mais jovem de si mesmo em Anakin quando o padawan lhe é apresentado com Obi-Wan.

**EG: Os Sith são os personagens principais de seus livros. O que você acha mais atraente em escrever sobre eles?**

**JL:** Isso remete à ideia de que muitos atores preferem interpretar o vilão do que o herói, porque os vilões simplesmente tendem a ser mais interessantes, a ter mais profundidade. Acho que os Sith se tornaram essa área de maior profundidade na saga STAR WARS. Eu gosto da Ordem Jedi e gosto de escrever sobre os Jedi, mas acho que, pela maneira como a Ordem foi explicada na saga, não existe tanto para se trabalhar quanto com os Sith. Originalmente, eu tinha uma impressão diferente deles quando assisti [a *Uma nova esperança*], muito tempo atrás, mas quando finalmente vimos nos prólogos a forma como

a Ordem Jedi funcionava, descobri que havia menos mistérios do que minha própria imaginação tinha criado para eles.

**EG: E me parece que, ao menos nos prólogos, os Sith agem, e os Jedi reagem. Então, existe mais oportunidade para dar a motivação aos Sith.**

**JL:** Esse é um bom jeito de pensar nisso. Os Jedi estão em uma posição na qual reagem ao que os Sith finalmente estão fazendo com seu grande plano.

**EG: Você acha que a Regra de Dois foi uma boa ideia, ou acha que Bane cometeu um erro?**

**JL:** Eu gosto da ideia da Regra. Acho que é intrigante e provavelmente funcionou para as primeiras gerações de lordes Sith que vieram depois de Bane. Mas, como o próprio Plagueis diz no livro, ela estava destinada a ser abolida em algum momento, por causa do tipo de poder gerado pelo lado sombrio. Chegaria um momento em que um lorde Sith não desejaria abdicar, nunca, ou esconderia conhecimento de seu aprendiz. Funcionou por algum tempo, e talvez tenha havido algum momento em que ela deveria ter evoluído para algo diferente. Gosto de brincar com essa ideia.

**EG: Você escreveu livros que se encaixam por toda a linha temporal do Universo Expandido. Você tem uma era favorita?**

**JL:** Acho que eu teria que dizer a era dos prólogos agora, principalmente porque estive nela durante vários livros. Acho que talvez as coisas tenham ido um pouco longe demais [na linha temporal]. Quando escrevi *The Unifying Force*, estava meio que escrevendo o fim de uma era para mim mesmo. Eu não queria mais escrever sobre Han, Luke e Leia depois daquela história – embora eu o tenha feito em *Millennium Falcon*, mas me pediram que a história daquele

livro se passasse em uma época específica. Eu simplesmente não tenho tanto interesse no que ocorre depois da série *The New Jedi Order*, então prefiro a era dos prólogos agora.

**EG: Você acha que a era dos prólogos é mais próxima dos filmes em geral?**

**JL:** Acho que você acertou em algo aí. Creio que seja mais fácil atingir o tom e a impressão dos filmes nessa era. Não sei quantas histórias mais podemos contar sobre os Sith e sua ascensão. É possível lidar com lordes Sith individualmente, mas em algum momento um ponto de saturação será atingido. Agora, eu me sinto assim sobre STAR WARS em geral – sinto que há tantos livros, games e produtos relacionados que está ficando cada vez mais difícil não repetir o que outra pessoa já fez. Eu me preocupo constantemente com isso. Leio tudo e muitas vezes tenho uma ideia, estou lendo um livro de outra pessoa e digo: “Bem, lá se vai aquela ideia, alguém já a teve”. Suponho que esse problema seja inerente a qualquer franquia; eventualmente, onde você vai buscar novas ideias?

**EG: O que você acha de Plagueis e o que espera que os leitores achem dele depois de lerem este livro?**

**JL:** Eu gostaria que os leitores terminassem sentindo que ele era um lorde Sith muito poderoso que, infelizmente, se envolveu com um humano. Sinto que humanos são os mais perigosos, devido a sua imprevisibilidade. Acho que ele, como parte de uma espécie que não é tão emotiva quanto os humanos, falhou em ler os sinais em seu aprendiz. Plagueis não compreendia falsa bajulação e manipulação no nível que Palpatine era capaz de utilizar, como arma.

**EG: É interessante que você tenha mencionado a manipulação de Palpatine, porque eu acho que o modo como Sidious matou Plagueis enquanto ele dormia é uma grande metáfora da forma como Palpatine, como político consumado, opera para conseguir aquilo que ele quer.**

**JL:** Desde o comecinho, aquilo foi algo que tentei não escrever, porque eu achava que não haveria um final poderoso o bastante com uma cena de ele sendo morto durante o sono. Por outro lado, essa foi uma daquelas vezes em que George, assim como Howard, ficou repetindo: “Não, foi *assim* que aconteceu, você não tem permissão para alterar os fatos”. Não haveria nenhum duelo de sabres de luz no final, nada disso. E isso me forçou a pensar muito sobre qual arma Palpatine usaria para aniquilar Plagueis. Se não podia ser um sabre de luz em um duelo até a morte, teria que ser algo nesse sentido que sempre captamos de Palpatine: ele é o mestre em manipulação. Acho que, por extensão, pode-se pensar que é isso o que ele faz com toda a galáxia – ele simplesmente leva todo mundo a acreditar em uma falsa sensação de segurança.

**EG: Você tem planos para mais livros de STAR WARS no futuro próximo?**

**JL:** Não tenho nenhum plano sólido. Tenho uma ideia na qual ainda estou trabalhando, e, se ela ainda ressoar comigo daqui a uns dois meses, posso tentar lançá-la.

**EG: Agora que já cuidou de Plagueis, há algum outro personagem que você acha que merece esse tipo de exploração profunda, de quem não sabemos muito a respeito ou em cuja história haja um vão que pode ser preenchido?**

**JL:** Existe, mas eu não quero falar sobre isso (risos). Eu não quero que mais ninguém agarre a ideia.

# STAR WARS / DARTH PLAGUEIS

---

**TÍTULO ORIGINAL:**

Star Wars / Darth Plagueis

**COPIDESQUE:**

Tássia Carvalho

**REVISÃO:**

Isabela Talarico

Giselle Moura

Balão Editorial

**CAPA, PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO:**

Desenho Editorial

**ILUSTRAÇÃO:**

The Two Dots

---

**DIREÇÃO EXECUTIVA:**

Betty Fromer

**DIREÇÃO EDITORIAL:**

Adriano Fromer Piazza

**EDITORIAL:**

Daniel Lameira

Katharina Cotrim

Mateus Duque Erthal

Bárbara Prince

Júlia Mendonça

Andréa Bergamaschi

**COMUNICAÇÃO:**

Luciana Fracchetta

Pedro Henrique Barradas

Renata Assis

Lucas Ferrer Alves

Ester Vitkauskas

**COMERCIAL:**

Orlando Rafael Prado

Fernando Quinteiro

Lidiana Pessoa

Roberta Saraiva

Ligia Carla de Oliveira

Eduardo Cabelo

Stephanie Antunes

**FINANCEIRO:**

Rafael Martins

Roberta Martins

Rogério Zanqueta

Sandro Hannes

**LOGÍSTICA:**

Johnson Tazoe

Sergio Lima

William dos Santos

---

COPYRIGHT © & TM 2012 LUCASFILM LTD.

COPYRIGHT © EDITORA ALEPH, 2016

(EDIÇÃO EM LÍNGUA PORTUGUESA PARA O BRASIL)

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS.

PROIBIDA A REPRODUÇÃO, NO TODO OU EM PARTE, ATRAVÉS DE QUAISQUER MEIOS.

DARTH PLAGUEIS É UM LIVRO DE FICÇÃO. TODOS OS PERSONAGENS, LUGARES E ACONTECIMENTOS SÃO FICCIONAIS.



**A** EDITORA ALEPH

Rua Henrique Monteiro, 121

05423-020 – São Paulo – SP – Brasil

Tel.: [55 11] 3743-3202

[www.editoraaleph.com.br](http://www.editoraaleph.com.br)

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**

Vagner Rodolfo CRB-8/9410

---

L935d

Luceno, James

Darth Plagueis [recurso eletrônico] / James Luceno ; traduzido por Caio Pereira. - São Paulo : Aleph, 2017.

368 p. : 2,68 MB.

Tradução de: Star Wars: Darth Plagueis

978-85-7657-359-3 (Ebook)

1. Literatura norte-americana. 2. Ficção. I. Pereira, Caio. II. Título.

2017-288

CDD: 813.0876

CDU: 821.111(73)-3

**Índice para catálogo sistemático:**

1. Literatura : Ficção Norte-Americana 813.0876

1. Literatura norte-americana : Ficção 821.111(73)-3





[ 1] Filme de 1932 baseado no romance *A ilha do dr. Moreau*. [N. de E.]